

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

VANIR DE LIMA BELO

**O ENREDO DO CARNAVAL NOS ENREDOS DA CIDADE.
DINÂMICA TERRITORIAL DAS ESCOLAS DE SAMBA
EM SÃO PAULO.**

**SÃO PAULO
2008**

Vanir de Lima Belo

**O ENREDO DO CARNAVAL NOS ENREDOS DA CIDADE.
DINÂMICA TERRITORIAL DAS ESCOLAS DE SAMBA
EM SÃO PAULO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mónica Arroyo.

**São Paulo
2008**

Para meu pai Petrócio,
Para meu amor, Gil.

*É que carrego o samba bem dentro do peito
Sem a cadência do samba não posso ficar...
(Davi Moreira e Nelson Custódio, 1972).*

*A biografia do samba é linda
Não vou narrar
Porque o tempo não me favorece
Simplesmente por alto eu digo
Ele veio do lamento
Dos escravos ao fazerem suas preces
Ô ô ô ô
São súplicas que o Brasil jamais esquece
(Talismã, 1969)*

RESUMO

O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo vem adquirindo um importante conteúdo social, político e econômico. Ao longo de seu desenvolvimento, passou por diversas transformações acompanhando o crescimento da cidade e adaptando-se aos novos conteúdos urbanos e a imposições políticas e técnicas. Todavia, ainda guarda um caráter genuíno atrelado à festa, característica de sua gênese. Diante disso, essa pesquisa se desenvolve a partir de uma periodização composta por três períodos definidos pelos eventos mais significativos observados ao longo da história dessa manifestação cultural. As variáveis-chave determinantes para a ruptura dos períodos são as normas e as políticas públicas realizadas com a finalidade de desenvolvê-las e, como consequência dessas ações, as divisões sociais e territoriais do trabalho criadas na produção dos desfiles carnavalescos em relação aos diferentes circuitos da economia urbana. O objetivo é compreender a dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo através da análise do processo de produção do carnaval que inclui a ação de diversos agentes na cidade, considerando a tendência à apropriação dessa manifestação popular pela indústria cultural. E analisar a forma como os membros das escolas de samba produzem cultura e fazem política, utilizando-se dos novos conteúdos técnicos que a cidade oferece, para se organizar e buscar formas de suprir suas necessidades.

Palavras-chave: carnaval, cidade, cultura, escolas de samba, São Paulo.

ABSTRACT

The carnival made by the Schools of Samba in the city of São Paulo has been acquiring important social, politics and economics content. Throughout its development several changes have occurred, following the city growth and adapting itself to the new urban contents and political and technical impositions. It still keeps a genuine feature related to the party, typical of its genesis. Thus, this paper has been developed, based on a three- part periodisation determined by the most significant events through the history of this cultural manifestation. The determinant events that mark the rupture of periods are the public politics and norms created with the purpose of developing this manifestation and, as a consequence of these actions, the social and territorial division of labour originated during the production of carnival parades related to different circuits of the urban economy. The objective is to comprehend the territorial dynamics of Schools of Samba in São Paulo through the analysis of the process of carnival production that includes the action of several agents in the city, considering the trend of appropriation of this manifestation by the culture industry. And to analyze the way the members of Schools of Samba produce culture and political actions, making use of new technical contents offered by the city, to organize themselves and search for new ways of fulfilling their needs.

KEYWORDS: carnival; city; culture; school of samba; São Paulo.

AGRADECIMENTOS

As dificuldades que uma pesquisa acadêmica impõe a quem se propõe realizá-la, apenas se tornam transponíveis com a ajuda, compreensão e paciência das pessoas com quem o pesquisador convive. Assim, após árdua, porém prazerosa tarefa, gostaria de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa. É certo que no decorrer do tempo que estive envolvida com este trabalho, tive a colaboração de muitas pessoas, o que torna impossível mencionar aqui todos os nomes. A esses, minhas desculpas e meus agradecimentos.

Começo agradecendo à minha família pelo apoio e o incentivo de toda a vida e aos amigos queridos que, mesmo distante, estiveram presentes ao longo do processo. Muito obrigada.

Agradeço profundamente a minha querida orientadora Mônica Arroyo que, com toda confiança e paciência, me apoiou desde o início. Sem sua ajuda, essa pesquisa, de fato, não se realizaria. Aos companheiros do Laboplan, em especial ao grupo: Laércio (Lau), Regina, Evelyn, Daniel, Carolina e Rodrigo. Aos professores do Departamento de Geografia que contribuíram para a minha formação e aos professores Maria Laura Silveira e José Guilherme Magnani que participaram de minha qualificação e trouxeram ricas contribuições para a minha pesquisa.

Agradeço imensamente à comunidade da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, companheiros de samba e avenida, em especial ao Presidente Serginho, Mestre Mi e Wanderlei, Ramos, Márcia, Elaine, Mercadoria, Seo Levil, Seo Ataliba, Seo Irineu, Gilberto, Zé Carlos e Seo Claudinho (*in memoriam*), pela abertura e pelas preciosas informações, e, também pelo convívio no mundo do samba.

Às comunidades das escolas de samba Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, Paineira do Sapopemba e Unidos do Peruche nas figuras da Presidenta Rossimara (Inhana) da Príncipe Negro, do Presidente De Paula, da Paineira, do Diretor Social Waldir Romero e especialmente ao companheiro de Samba e Geografia Márcio M. Macelino, também pelas reflexões e discussões, ambos da Unidos do Peruche.

União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) e Centro de Documentação e Memória do Samba, pelo precioso acervo de grande utilidade para minha pesquisa e, em especial, ao Marcos dos Santos, coordenador do CDMS, pelas longas e frutíferas conversas sobre samba e carnaval, e também ao Caio Pereira e ao Adriano Bejar, pelas preciosas informações. Luiz Sales e Clara Azevedo da São Paulo Turismo, Camila Patrício do Sebrae, Dona Cida (Maria Aparecida Urbano) e Instituto Moreira Sales pela concessão das fotos de Claude Lévi-Strauss.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pela bolsa concedida. Aos companheiros de trabalho da E.E. Frontino Guimarães pelo apoio no início do mestrado, e aos da Oficina Pedagógica ao longo do processo, bem como aos meus alunos e companheiros de trabalho da E.E. Buenos Aires que me apoiaram e compreenderam minha ausência no período de redação.

Agradeço também aos amigos e colaboradores imprescindíveis para a realização desse trabalho, os Geógrafos Débora Aversan, Nilo Lima e Sandro Dozena pelas leituras e reflexões acerca do trabalho, Renata Salles pela confecção dos mapas e pela disponibilidade nos mais variados momentos e Alexandre Silva pela revisão e prontidão. Valeu gente.

Por fim, agradeço ao Gil, meu amor, geógrafo, sambista e companheiro de todos os momentos, pela reflexão e, principalmente, pela compreensão nos momentos mais críticos. Te amo.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
1. Carnaval dos Cordões.....	10
1.1. Os Cordões carnavalescos no contexto das transformações urbanas.....	11
1.2. As ações das agremiações carnavalescas e a aproximação da sociedade paulistana.....	27
1.3. O interesse da iniciativa privada nos desfiles carnavalescos.....	35
1.4. A ação do poder público e o caminho para a oficialização.....	40
2. Carnaval das Escolas de Samba – oficialização e consolidação.....	43
2.1. Oficialização e reestruturação do carnaval paulistano.....	44
2.2. Novas relações econômicas no desenvolvimento das Escolas de Samba.....	52
2.3. Normas, técnicas e políticas no desenvolvimento dos desfiles oficiais.....	58
2.4. A regulamentação do Carnaval paulistano no contexto da cidade corporativa.....	76
3. Profissionalização do Carnaval e uso da cidade.....	84
3.1. As ações do poder público e da iniciativa privada no desenvolvimento do carnaval paulistano.....	85
<i>Sambódromo</i>	86
<i>Rede Globo de Televisão</i>	95
<i>Potencial turístico</i>	100
3.2. Ampliação da divisão do trabalho na produção dos desfiles carnavalescos.....	106
3.3. Distribuição espacial das escolas de samba e uso da cidade.....	125
<i>Quadras e Barracões</i>	130
<i>Os ensaios técnicos</i>	139
<i>O desfile</i>	141
<i>O bairro</i>	150
4. Ação social das Escolas de Samba – Formas e abrangências.....	154
4.1. O desenvolvimento de ações socioculturais nas Escolas de Samba.....	155
4.2. Unidos de Vila Maria.....	162
4.3. Unidos do Peruche.....	178
4.4. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes.....	184
4.5. Paineira do Sapopemba.....	193
Considerações Finais.....	198
Referências Bibliográficas.....	205

Anexos.....	210
-------------	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Área urbanizada – 1882-1914.....	13
Mapa 2. Área urbanizada – 1930-1949.....	21
Mapa 3. Área urbanizada – 1950-1962.....	22
Mapa 4. Área urbanizada – 1963-1974.....	77
Mapa 5. Área urbanizada – 1975-1985.....	78
Mapa 6. Agremiações filiadas à Associação de Bandas Carnavalescas de São Paulo – localização por distrito – 2007.....	129
Mapa 7. Escolas de Samba filiadas à UESP e à LIGA – localização das sedes – 2008.....	131
Mapa 8. Escolas de Samba por período de fundação.....	132
Mapa 9. Escolas de Samba – Município de São Paulo – 2008.....	133
Mapa 10. Salas de cinema, teatro e cinema e unidades especiais da PMSP – Município de São Paulo – 2006.....	133
Mapa 11. Salas de teatro, shows e concertos – Município de São Paulo – 2006.....	133
Mapa 12. Centros Culturais, Casa de Cultura, espaços culturais, galerias de artes e museu..	133
Mapa 13. Localização das Escolas em relação ao sambódromo – 2008.....	134
Mapa 14. Localização das Escolas em relação aos locais de desfile – 2008.....	135
Mapa 15. Localização das quadras em relação aos barracões – Escolas selecionadas.....	138
Mapa 16. Associados à Escola de Samba Unidos de Vila Maria por distrito de origem – 2008.....	170
Mapa 17. Associados à Escola de Samba Unidos do Peruche por distrito de origem – 2008.....	180

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Piquenique do Cordão Camisa Verde, 1925.....	28
Foto 2 – Músicos do Grupo Barra Funda em Piquenique, 1925.....	28
Foto 3 – Grupo da Barra Funda na Festa de Pirapora do Bom Jesus, 1915.....	31
Foto 4 – Acampamento dos Romeiros, 1937.....	31
Foto 5 – Espera pelos Desfiles na Avenida São João, 1937.....	32
Foto 6 – Desfile do Cordão Campos Elíseos, 1935.....	33
Foto 7 – Desfile da E.S. Nenê de Vila Matilde no Parque Ibirapuera, 1954.....	42
Foto 8 – Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes, 1982.....	67
Foto 9 – Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes, 1982.....	67
Foto 10 – Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes, 1982.....	68
Foto 11 – Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes, 1982.....	68
Foto 12 – Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes, 1982.....	68
Foto 13 – Sambódromo, 1991.....	83
Foto 14 – Sambódromo, 2008.....	83
Foto 15 – Fotografia Aérea da Região do Sambódromo, 1962.....	89
Foto 16 – Fotografia Aérea da Região do Sambódromo, 1994.....	90
Foto 17 – Sambódromo, 2006.....	91
Foto 18 – Sambódromo, 1996.....	97
Foto 19 – Barracão da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, 2007.....	111
Foto 20 – Profissionais de Parintins trabalhando na E.S. Unidos de Vila Maria, 2007.....	111
Foto 21 – Jovens trabalhando no barracão da E.S. Unidos de Vila Maria, 2007.....	111
Foto 22 – Barracão da E.S. Império de Casa Verde, 2008.....	137
Foto 23 – Barracão da E.S. Vai-Vai, 2008.....	137
Foto 24 – Barracão da E.S. Nenê de Vila Matilde, 2008.....	137
Foto 25 – Barracão da E.S. Leandro de Itaquera, 2008.....	137
Foto 26 – Ensaio Técnico – Sambódromo, 2008.....	140
Foto 27 – Área de Dispersão do Sambódromo em dia de Ensaio Técnico, 2008.....	140
Foto 28 – Área de Estacionamento – Sambódromo, 2008.....	140
Foto 29 – Componentes da U. V. Maria Aguardando a Saída para o Sambódromo, 2007....	146
Foto 30 – Ônibus Estacionados nos Arredores da Quadra da E.S.U. de Vila Maria..., 2008.	147
Foto 31 – Componentes da Ala das Baianas da Unidos de Vila Maria, 2007.....	147
Foto 32 – Destaque de Carro Alegórico posicionando-se para o Desfile, 2007.....	147
Foto 33 – Carro Alegórico da E.S. Unidos de Vila Maria na Concentração..., 2008.....	148
Foto 34 – Carro Alegórico da E.S. Rosas de Ouro em Desfile no Sambódromo, 2006.....	148
Foto 35 – Carro Alegórico da E.S. Vai-Vai em Desfile no Sambódromo, 2006.....	148
Foto 36 – Público Espectador Aguarda Desfile em Passarela no Autódromo..., 2008.....	149
Foto 37 – Público Espectador Aguarda Desfile em Passarela no Butantã, 2008.....	149
Foto 38 – Público Espectador Aguarda Desfile na Vila Esperança, 2007.....	149
Foto 39 – Ensaio na Quadra da E.S. Unidos de Vila Maria, 2008.....	176
Foto 40 – Ensaio Geral nas Ruas do Bairro de Vila Maria..., 2008.....	177
Foto 41 – Mostra Cultural Promovida pelo Ponto de Cultura..., 2007.....	177
Foto 42 – Projeto Clube Escola Realizado no CDM Lauro Megale..., 2008.....	177
Foto 43 – Desfile da E.S. Unidos de Vila Maria na Av. Guilherme Cotching..., 2007.....	177
Foto 44 – Ensaio da E.S. Unidos do Peruche, 2008.....	183
Foto 45 – Folia da Cidadania, 2006.....	183
Foto 46 – Sede da E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	190
Foto 47 – Ensaio. E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	191
Foto 48 – Ensaio. E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	191

Foto 49 – Produção de Fantasias na Casa da Presidenta da E.S. Príncipe Negro ..., 2008.....	191
Foto 50 – Construção de Alegorias da E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	192
Foto 51 – Desfile da E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	192
Foto 52 – Desfile da E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, 2008.....	192
Foto 53 – E.S. Paineira de Sapopemba. Ensaio, 2008.....	195
Foto 54 – E.S. Paineira de Sapopemba. Ensaio, 2008.....	195
Foto 55 – E.S. Paineira de Sapopemba. Ensaio, 2008.....	195
Foto 56 – Paineira do Sapopemba. Carnaval 2008.....	196
Foto 57 – Paineira do Sapopemba. Carnaval 2008.....	196
Foto 58 – Paineira do Sapopemba. Carnaval 2008.....	196

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Município, Região Metropolitana e Estado de São Paulo, e Brasil. Crescimento populacional 1820-1860.....	23
Tabela 2. Evolução do número médio de componentes das agremiações carnavalescas.....	41
Tabela 3. Participação do município, da Região Metropolitana e do interior do Estado de São Paulo na industrialização brasileira.....	79
Tabela 4. Município, Região Metropolitana e Estado de São Paulo, e Brasil. Crescimento populacional 1960-2000.....	80
Tabela 5. Número de componentes, alegorias e tempo de desfile exigidos das agremiações carnavalescas.....	93
Tabela 6. Audiência dos desfiles do Rio de Janeiro e de São Paulo de acordo com o Ibope...97	
Tabela 7. Número de associados por município de origem.....	169

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de Escolas fundadas por período (filiadas à UESP e à LIGA em 2008)...58	
Gráfico 2. Número de Escolas fundadas por década (filiadas à UESP e à LIGA em 2008).....59	
Gráfico 3. Número de associados à E.S. Unidos de Vila Maria por região de origem.....163	
Gráfico 4. Faixa etária dos associados à E.S. Unidos de Vila Maria.....168	
Gráfico 5. Faixa etária dos associados à E.S. Unidos do Peruche.....179	
Gráfico 6. Número de associados à Unidos do Peruche por região de origem.....179	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Escolas participantes do carnaval de 1978.....	63
Quadro 2. Intérpretes que participaram do Grupo Especial por pelo menos duas vezes – 2002-2008.....	115
Quadro 3. Divisão das Escolas de Samba por grupo – filiadas à LIGA e à UESP – Carnaval 2008.....	127
Quadro 4. Distribuição das agremiações carnavalescas por entidade representativa – Carnaval 2008.....	128
Quadro 5. Cursos desenvolvidos em parceria com o Projeto Barracão.....	160
Quadro 6. Ações da sociedade Rosas de Ouro.....	161
Quadro 7. Ações do G.R.C.E.S. Mocidade Alegre.....	161
Quadro 8. G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria – Atividades relacionadas à comunidade.....	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Informe Paulistur – Carnaval 1985.....	66
Figura 2. Montagem das arquibancadas na Av. Tiradentes.....	71
Figura 3. Fila para compra dos ingressos para os desfiles do carnaval 1986.....	71
Figura 4. CD 2002 – Capa.....	119
Figura 5. CD 2003 – Capa.....	119
Figura 6. CD 2004 – Capa.....	119
Figura 7. CD 2005 – Capa.....	119
Figura 8. CD 2006 – Capa.....	119
Figura 9. CD 2007 – Capa.....	119
Figura 10. CD 2008 – Capa.....	119
Figura 11. CD 2008 – Contra Capa.....	119

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Sambódromo de São Paulo.....	91
--	----

Introdução

O entendimento da cidade de São Paulo passa pela compreensão dos mais diversos aspectos que a caracterizam, como, por exemplo, a existência de manifestações culturais que, na atualidade, apresentam um importante conteúdo social, político e econômico, contribuindo para seu dinamismo, pois ao se realizarem geram ações e relações entre diversos agentes e objetos. Dentre essas manifestações está o carnaval que, ao longo de seu desenvolvimento, passou por diversas transformações acompanhando o crescimento da cidade e adaptando-se aos novos conteúdos urbanos e a imposições políticas e técnicas, sendo as escolas de samba uma adaptação dos cordões carnavalescos criados no início do século XX.

O carnaval das escolas de samba caracteriza-se atualmente como um símbolo da cultura brasileira e tornou-se um espetáculo que, na sua produção, movimenta milhões de reais a cada ano e cria um número significativo de postos de trabalho diretos e indiretos, além de fomentar uma série de negócios afins. Todavia, o carnaval das escolas de samba ainda guarda um caráter genuíno atrelado à festa, característica de sua gênese, e as agremiações carnavalescas promovem diversas ações sociais nos bairros que as abrigam.

O dinamismo dessa manifestação popular despertou o interesse de estudiosos de diferentes disciplinas, como historiadores, antropólogos, sociólogos, economistas, entre outros e, mais recentemente, geógrafos. Há diversos trabalhos que analisam o carnaval: a festa propriamente dita; o desfile e seu significado; as escolas de samba e o que elas representam para as pessoas envolvidas ou para os lugares onde se localizam; a forma como essas agremiações atuam no desenvolvimento de suas localidades; ou a forma como são cooptadas pelo poder público, pela mídia e pela indústria cultural¹, entre outros aspectos.

¹ A indústria cultural (Adorno e Horkheimer, 1947) atribui uma nova qualidade aos elementos culturais: cria produtos padronizados, adaptados ao consumo das massas e difundido pelos meios de comunicação de massas;

O carnaval das escolas de samba possui maior força – econômica em especial – no Rio de Janeiro, em função de um trabalho mais direcionado por parte das entidades carnavalescas e do poder público naquela cidade. Isso se reflete na bibliografia disponível, pois a maioria dos trabalhos desenvolvidos sobre essa temática tem como referência de análise o carnaval carioca. Em termos comparativos, ainda são poucos os trabalhos que analisam o carnaval paulistano.

Dentre os estudos que se dedicam ao carnaval e as escolas de samba paulistanas destacam-se: *Escolas de Samba de São Paulo* de Wilson Rodrigues de Moraes (1978); *Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural* de Iêda Marques Britto (1986); *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano – 1914-1988* de Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (1989); *Arte em desfile: escola de samba paulistana* de Maria Aparecida Urbano e Neuza Neif Nabhan (1987); *Convocação Geral: a folia está na rua: o carnaval de São Paulo tem história de verdade*, Nelson Crecibene (2000); *Carnaval & samba em evolução na cidade de São Paulo* de Maria Aparecida Urbano (2006).

Poucos são os trabalhos geográficos que analisam o samba, as escolas de samba ou o carnaval, dentre eles destacam-se: *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*, Nelson da Nóbrega Fernandes (2001); *O lugar do Bairro no Mundo do Samba* de Carlos Eduardo S. Maia (2003); *Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade São Paulo* de Marcio M. Marcelino (2007); e *O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo* de Nanci Frangiotti (2007). Os dois primeiros trabalhos focam a análise para o Rio de Janeiro e os dois últimos para São Paulo, e todos abordam questões que se aproximam do objeto de estudo da pesquisa que aqui se apresenta. É interessante observar a preocupação recente e crescente de geógrafos em relação a essa temática. Isso pode ser visto como um indicador da importância adquirida por essa manifestação na atualidade.

Há na Geografia brasileira uma retomada de temas que envolvem a relação entre espaço e cultura, fortemente baseada nas idéias da chamada Geografia Cultural². Todavia esta dissertação não se inscreve diretamente nessa perspectiva, pois, embora se atenha à análise de uma manifestação cultural, seu objetivo é compreender a dinâmica territorial das escolas de samba na cidade de São Paulo através da análise do processo de produção do carnaval que inclui a ação de diversos agentes na cidade, considerando a tendência à apropriação dessa manifestação popular pela indústria cultural. Mais especificamente pretende-se compreender como as escolas de samba se desenvolveram acompanhando o crescimento da cidade e como se organizaram para chegar ao que são hoje. Para isto busca-se analisar a forma como os membros das escolas de samba produzem cultura e fazem política, utilizando-se dos novos conteúdos técnicos que a cidade oferece, para se organizar e buscar formas de suprir suas necessidades. O ponto de partida é a compreensão do espaço geográfico como o espaço de todos os homens, de todas as instituições e de todas as empresas, independentemente de suas diferenças, de sua força e de seu poder³.

Ao longo do desenvolvimento do carnaval, as escolas de samba paulistanas estabeleceram, cada uma a seu modo, relações com os diferentes agentes dos circuitos da economia urbana⁴ com a finalidade de atender às necessidades da produção dos desfiles

² Definida como um subdomínio ou subcampo da disciplina a Geografia Cultural possui diversas linhas de pesquisa, mas, de acordo com Correa e Rosendahl (2003), procura analisar a “dimensão espacial da cultura” centrando-se nos “significados atribuídos pelos diversos grupos ao mundo real em todas as suas manifestações”. Jackson e Hudman (1990, p. 15. [Jackson, R.; Hudman, L.E. *Cultural geography: people, places and environment*. Saint Paul: West Publishing Company, 1990] Citado por Maia, 2003, p. 185) chamam a atenção para o fato que ela “examina as variações espaciais entre grupos culturais e os relacionamentos espaciais associados à sociedade (...) [e] interessa-se pela distribuição espacial e padrões de funcionamento de todos os sistemas da cultura” e sua reflexão nos fenômenos culturais. Nas palavras de Claval (2002, p. 20) o objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que esses impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica.

³ “Esse é o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social. É uma visão que incorpora o movimento do todo, permitindo enfrentar corretamente a tarefa de análise” (SANTOS, 2000, *et. al.*, p. 3). Como ensina Santos (1999, p. 51) “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

⁴ Ao estudar as especificidades dos territórios nos países subdesenvolvidos e as enormes diferenças de renda na sociedade, Santos (1979) chama a atenção para o fato que o aparelho econômico tem a necessidade de se adaptar

carnavalescos. Nessa produção foram criadas diversas divisões sociais e territoriais do trabalho que se sobrepõem e convivem na atualidade. Como ensina Santos (1999, p. 106) “a divisão do trabalho pode, também, ser vista como um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente”. A divisão territorial do trabalho é compreendida pela distribuição geográfica dos recursos, os quais constituem uma totalidade e podem ser materiais (naturais ou artificiais) ou imateriais (relações, idéias, sentimentos, valores) e se renovam a cada momento formando outra totalidade, podendo ser pensada em escala mundial, nacional ou local. Segundo o autor a divisão territorial do trabalho gera uma hierarquia entre os lugares e redefine a capacidade de ação de pessoas, firmas e instituições. As diversas modalidades do poder público e as diversas firmas e instituições agem no sentido de atender aos seus próprios interesses, criando ou induzindo divisões do trabalho, o que pode ser observado também nas escolas de samba, que se definem como organizações culturais sem fins lucrativos, cujo produto final é o desfile carnavalesco.

Embora as escolas de samba tenham como objetivo principal a produção do desfile, como entidades organizadas elas também são veículo para realização de ações sociais voltadas à comunidade. A escassez à qual é submetida boa parte da população das cidades – que não tem acesso ao consumo, aos equipamentos tecnológicos modernos e mesmo aos serviços básicos necessários a uma sobrevivência digna – impulsiona a formação de grupos

ao mesmo tempo aos imperativos da modernização poderosa e às realidades sociais. Surgem conseqüentemente dois circuitos, o circuito superior ou moderno e o circuito inferior, responsáveis não apenas pelo processo econômico, mas também pelo processo de organização do espaço. O circuito superior, originado da modernização tecnológica, é formado pelas grandes empresas nacionais e estrangeiras de produção, de finanças e de informação e pelo comércio moderno, entre outros segmentos de grande abrangência e o “essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior” (SANTOS, 1979, p. 16). Ao passo que o circuito inferior abriga as atividades de pequena dimensão e menos modernas que mantém forte ligação com o lugar onde estão instaladas. Esses circuitos são, portanto, compostos por atividades que apresentam diferentes níveis de capitalização, tecnologia e organização e criam, conseqüentemente, oportunidades de produção, de trabalho e de consumo que atendem às necessidades das pessoas de diferentes níveis econômicos. O autor atenta também para a existência de um circuito superior marginal, o qual seria constituído por formas de produção menos modernas tanto do ponto de vista tecnológico, como do ponto de vista organizacional. Esse circuito “ostenta alguns elementos genéticos comuns tanto ao circuito superior como ao circuito inferior” sendo “em grande parte resposta às necessidades de consumo localmente induzidas” (SANTOS, 1994, p. 96).

organizados e o desenvolvimento de ações no sentido de minimizar ou superar essa situação. Embora não estejam livres de contradições e interesses divergentes, as escolas de samba agem nesse sentido possibilitando a criação de redes de solidariedade e a ampliação de horizontalidades⁵ capazes de construir algo novo e promover mudanças significativas, ainda que pontuais⁶.

O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo tem forte influência do carnaval do Rio de Janeiro, onde surgiu, em 1928, aquela que ficou conhecida como a primeira escola de samba⁷ do Brasil, a Deixa Falar. O modelo carioca de festejar o carnaval se difundiu no território nacional devido à maior organização e estruturação do samba e do carnaval daquela cidade que, já na década de 1930, chegava aos diferentes rincões do Brasil através das transmissões da Rádio Nacional. Vale lembrar que há diversas formas de festejar o carnaval no Brasil e no mundo. Trata-se de uma festa de origem europeia trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses, no século XVII, onde adquiriu características particulares devido à influência de elementos das diferentes culturas dos povos que habitavam ou viriam a habitar esse território. Como consequência, em cada lugar a festa apresenta especificidades que condizem com as características, os costumes e as lendas locais. Diferenças que podem ser claramente observadas na atualidade: nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, por

⁵ De acordo com Santos (1998, p. 55), “as horizontalidades são o domínio de um cotidiano territorialmente partilhado com tendência a criar suas próprias normas, fundadas na similitude ou na complementaridade das produções e no exercício de uma existência solidária. Nesses subespaços, e graças a essa solidariedade, consciente ou não, há um aumento da produtividade econômica, mas também da produtividade política, alimentadas pela informação”.

⁶ Questionando-se sobre a possibilidade de superação da face quase exclusivamente mercantil da informação e de sua transformação em comunicação útil, bem como da reconstrução dos laços de solidariedade desfeitos pela ampliação dos mecanismos parciais de modernização da sociedade urbana, Ribeiro (1997, p.154) afirma que “a resposta a essas questões vem sendo claramente procurada pelos segmentos sociais afastados dos impulsos à modernização seja através da adoção de comportamentos ostensivos que declaram à sociedade o reconhecimento da própria exclusão, seja através de práticas culturais reforçadas de coletivos pelo menos aparentemente solidários, como exemplificam o crescimento da religiosidade pentecostal (...) e de orientação carismática (...) nos espaços metropolitanos do país e a multiplicação de grupos com práticas culturais explicitamente marcadas pela busca identitária (...). As limitações existentes nestes mecanismos de coesão não impedem o reconhecimento da potencial resistência, presente na sociedade, à vida exclusivamente pautada pelo consumo de bens e serviços ou pela projeção tecnicamente normatizada do futuro”.

⁷ Existem diversas explicações para a denominação “escola”: há quem diga que vem do fato da primeira escola de samba ter se estabelecido ao lado de uma escola primária tradicional; outros afirmam que o nome tem relação com o fato de, na época, se falar muito em reforma do ensino nacional; e outros afirmam que se deve ao fato de os fundadores da primeira escola de samba serem considerados “professores do samba”.

exemplo, há um predomínio das escolas e samba; já em Olinda e no Recife são comuns os blocos de maracatu e frevo; em Salvador os trios elétricos e blocos de afoxés; e em São Luis do Paraitinga as típicas marchinhas. Essas e outras manifestações carnavalescas existentes no Brasil se desenvolveram de forma singular num contexto histórico específico.

A análise da dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo exige, portanto, a compreensão do processo de desenvolvimento dessa manifestação na cidade, fazendo-se necessária a elaboração de uma periodização que a considere a partir de seu surgimento, o que contribui sobremaneira para a interpretação dos eventos⁸.

Destarte, essa pesquisa se desenvolve a partir de uma periodização composta por três períodos definidos pelos eventos mais significativos observados ao longo da história dessa manifestação cultural. As variáveis-chave determinantes para a ruptura dos períodos são as normas e as políticas públicas realizadas com a finalidade de desenvolvê-la e, como consequência dessas ações, as divisões sociais e territoriais do trabalho criadas na produção dos desfiles carnavalescos em relação aos diferentes circuitos da economia urbana.

O recorte temporal aqui definido inicia-se em 1914, com o surgimento do primeiro cordão carnavalesco popular paulistano do século XX, e se estende até os dias atuais, 2008. Foram definidos três períodos, são eles: *Carnaval dos Cordões* – do surgimento dos cordões carnavalescos em 1914 à oficialização do carnaval em 1967; *Carnaval das Escolas de Samba – Oficialização e Consolidação* – do carnaval oficializado em 1968 à inauguração do sambódromo em 1991; e *Carnaval das Escolas de Samba – Profissionalização e Ação Social* – do início dos desfiles no sambódromo aos dias atuais.

⁸ Como afirma Santos (1985 (1992, p. 2-3)), “(...) a análise, qualquer que seja ela exige uma periodização, sob pena de errarmos frequentemente em nosso esforço interpretativo. Tal periodização é tanto mais simples quanto maior a escala do estudo (os modos de produção existem à escala mundial) e tanto mais complexa e capaz de subdivisões quanto mais reduzida é a escala. Quanto *mais pequeno* o lugar examinado, tanto maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele. Daí a complexidade do estudo do *mais pequeno*”.

A análise dos dois primeiros períodos tem como objetivo principal levar a uma melhor compreensão do período atual, pois o centro da discussão se dá neste último, pois é a partir da regulamentação do carnaval das escolas de samba (1990), da inauguração do sambódromo (1991) e do início das transmissões dos desfiles pela Rede Globo de Televisão (1999) que o carnaval paulistano ganha novo impulso e se desenvolve fortemente, no que se refere tanto à produção dos desfiles carnavalescos como ao desenvolvimento de ações sociais voltadas ao atendimento às comunidades das escolas de samba.

É importante esclarecer que essa periodização não pretende ser exaustiva na descrição dos acontecimentos históricos; sua finalidade é pontuar e analisar algumas características e alguns eventos mais significativos para a compreensão dos aspectos que se pretende analisar na atualidade. Por isso a elaboração dos dois primeiros períodos baseia-se em fontes secundárias e entrevistas, ao passo que o terceiro período é fortemente baseado em fontes primárias, entrevistas e observações em campo. Para isso foram observadas e analisadas diversas escolas de samba, com maior atenção para Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Príncipe Negro da Cidade Tiradentes e Paineira do Sapopemba. A partir da análise dessas escolas de diferentes tamanhos e localizadas em diferentes pontos da cidade, pretende-se ter uma noção da totalidade, mas, como lembra Arroyo (1996, p. 79) sem perder de vista o fato que a totalidade não é “homogênea ou uniforme; ao contrário, ela se compõe de especificidades, de complexidades, de conflitos tanto das estruturas quanto das formas. A totalidade sem contradições é vazia e inerte; sua concreticidade está determinada pelas contradições”.

Na realização dessa pesquisa a ênfase maior foi dada aos aspectos qualitativos, porém os aspectos quantitativos não foram desprezados. Mas como ainda não houve, por parte do poder público, das entidades representativas ou das próprias escolas de samba, a realização de um estudo abrangente que quantifique e analise de forma detalhada o carnaval paulistano,

os registros disponíveis são vagos, dispersos e no geral baseados em estimativas⁹. Dentre as fontes pesquisadas para a composição deste trabalho estão os diversos livros que descrevem e analisam o carnaval das escolas de samba; materiais de imprensa, em especial jornais e revistas; material audiovisual tais como documentários, materiais fonográficos, depoimentos e imagens; entrevistas realizadas com pessoas envolvidas na produção do carnaval, representantes do poder público, das entidades representativas e das escolas de samba entre outros; e diversos anos de observação em campo. Além do longo convívio junto à Escola de Samba Unidos de Vila Maria como membro participante de sua comunidade.

O primeiro capítulo, intitulado *Carnaval dos Cordões*, se atem ao primeiro período e apresenta uma breve análise do surgimento, do desenvolvimento e da multiplicação dessa manifestação em São Paulo, com atenção à sua adaptação ao crescimento da cidade numa constante busca pelo reconhecimento por parte da sociedade e do poder público, e a forma como os agentes privados, baseados em interesses econômicos, atuaram no sentido de impulsionar esse desenvolvimento.

O segundo capítulo, intitulado *Carnaval das Escolas de Samba – Oficialização e Consolidação*, se atem ao segundo período e analisa as transformações decorrentes da oficialização do carnaval das escolas de samba, em 1967, que, por um lado, descaracterizou a manifestação popular através da imposição de normas geradas fora de seu contexto original e, por outro, levou à sua consolidação na cidade que, ao crescer e se desenvolver, impõe novos conteúdos e direcionamentos, levando à construção do Sambódromo paulistano.

O terceiro e o quarto capítulo se atém à análise do terceiro período da periodização proposta nesta pesquisa *Carnaval das Escolas de Samba – Profissionalização e Ação Social*. O terceiro capítulo intitulado *Profissionalização do Carnaval e Uso da Cidade*,

⁹ Diversos fatores podem explicar essa situação, como a falta de recursos ou mesmo de interesse, pois embora o carnaval e as escolas de samba sejam oficializados e recebam apoio do poder público, há diversas relações informais e, muitas vezes, ilegais como, por exemplo, as questões trabalhistas ou a existência de interesses paralelos por parte de alguns dirigentes.

analisa o carnaval paulistano a partir da sua regulamentação, em 1990, e do início dos desfiles no Sambódromo, em 1991, relacionando esses dois eventos com o impulso tomado por essa manifestação, que desponta como um negócio turístico, chamando a tenção para a entrada da Rede Globo de Televisão como um agente determinante das inovações; além de apresentar uma reflexão acerca da atual distribuição das escolas de samba na cidade e da forma como se utilizam dos fixos nela presentes. O quarto capítulo Intitulado *Ação Social das Escolas de Samba – Formas e Abrangências*, analisa as diversas ações de algumas escolas de samba no sentido de se utilizar dos novos conteúdos com a finalidade de atender não apenas aos interesses da produção carnavalesca, mas também aos interesses das comunidades.

Em todos os capítulos procura-se compreender as ações das agremiações carnavalescas em relação à cidade e as ações dos agentes públicos e privados em relação às agremiações. Por fim, nas considerações finais, vislumbra-se a possibilidade de emergência de um novo período de desenvolvimento do carnaval paulistano, baseado nos novos conteúdos que despontam na atualidade, como a utilização da Lei Rouanet como fonte de recursos e o projeto de construção da chamada Fábrica de Sonhos, um objeto geográfico que se pretende construir nas proximidades do Sambódromo para abrigar os barracões das escolas de samba do Grupo Especial. A efetivação desses eventos abrirá um novo leque de oportunidades para os diversos agentes envolvidos, direta e indiretamente, com as escolas de samba e com a produção carnavalesca.

1. Carnaval dos Cordões

*Minha gente saia fora
Da janela venha ver
O Grupo da Barra Funda
Está querendo aparecer!
Cantamos todos, com voz aguda
Trazendo vivas ao Grupo da Barra Funda*

*(Grupo da Barra Funda, 1914,
Dionísio Barbosa e Luiz Barbosa).*

1.1. Os Cordões Carnavalescos no Contexto das Transformações Urbanas

Na passagem do século XIX para o XX, a cidade de São Paulo registrou um acelerado processo de crescimento. Diversos fatores contribuíram para seu desenvolvimento, mas foi a expansão industrial resultante do êxito da produção cafeeira que o impulsionou de forma mais contundente. A lucrativa produção de café do Oeste Paulista¹⁰ que contava com solos férteis, clima favorável e baseava-se na utilização de máquinas de beneficiamento – o que poupava mão-de-obra¹¹ – e da ferrovia como meio de transporte – o que a tornava mais barata – transforma a economia brasileira transferindo o eixo econômico do Rio de Janeiro para São Paulo. O Porto de Santos tornou-se o mais importante do país e a cidade de São Paulo, até então sem muita força no cenário nacional, se desenvolveu tornando-se, em pouco tempo, um poderoso centro comercial.

O café, principal produto de exportação brasileiro desde a década de 1830 até as primeiras décadas do século XX, recuperou a economia deficitária brasileira¹² possibilitando crescentes superávits já a partir da década de 1860. Mas, a exemplo de outros produtos brasileiros, como cana-de-açúcar e ouro, a produção cafeeira foi marcada por um período de apogeu seguido por um processo de decadência, resultado, principalmente, da política de valorização empreendida pelo governo e agravada pela crise de 1929 que provocou a queda no preço internacional.

¹⁰ “Os últimos vinte anos do Império marcariam o início da crise em toda a Zona do Vale do Paraíba e o espetacular avanço da cafeicultura no chamado Oeste Paulista. Esta região não corresponde rigorosamente ao oeste geográfico. Ela abrange a área que vai de Campinas a Rio Claro, São Carlos, Araraquara, Catanduva, na linha férrea da Companhia Paulista; e de Campinas para Pirassununga, Casa Branca e Ribeirão Preto, na Estrada de Ferro Mogiana. Historicamente, as alusões ao Oeste Paulista referem-se à região servida por estas duas estradas e seus ramais, onde a famosa terra roxa do café paulista espalha em manchas de terreno” (Boris Fausto, 2000, p. 196-197).

¹¹ Vale lembrar que no Oeste Paulista “a utilização do escravo se tornou uma opção de emergência, enquanto as várias tentativas de trabalho livre iam sendo ensaiados até lograr forma definitiva, com a imigração em massa dos colonos europeus, a partir de meados dos anos oitenta [1880]” (Boris Fausto, 2000, p. 180).

¹² Resultante de crises na produção agrícola - como a açucareira e a algodoeira - e de sucessivas políticas econômicas que estimulavam a importação (FURTADO, 1959; PRADO JUNIOR, 1956; BECKER e EGLER, 1994).

A partir do final do século XIX os produtores de café passaram a diversificar seus investimentos e boa parte dos lucros era aplicada em outros setores econômicos, tais como no comércio, em instituições financeiras e principalmente na indústria, e a cidade de São Paulo, lugar onde diversos produtores fixaram residência, passa a ser a grande beneficiária desses investimentos. De importante centro comercial São Paulo torna-se o principal centro industrial brasileiro, já no início do século XX.

Uma consequência, talvez a mais importante, desse processo foi o surgimento da metrópole paulistana que, naquele momento, modernizava-se com a consolidação de uma base territorial composta por redes de transporte (ferrovias e posteriormente rodovias), comunicação (telégrafo e telefone) e também financeira, cujo objetivo principal era sua adequação às necessidades da incipiente indústria e dos grupos que as controlava¹³. Modernização que se deu com a utilização maciça de capital estrangeiro, notadamente inglês. Observa-se, portanto, a incorporação da técnica ao território possibilitando o desenvolvimento industrial e a integração nacional, que somente em meados do século XX começaria a se consolidar¹⁴.

A industrialização impulsionou a urbanização e a cidade cresceu acompanhando os leitos dos rios e as linhas de trem. A falta de interesse pelos terrenos marginais às ferrovias como local de residência, favoreceu a indústria que os adquiria a baixo custo para a instalação de estabelecimentos fabris (PETRONE, 1958). Mas nos terrenos à

¹³ Esse processo ocorria concomitantemente ao período da chamada segunda revolução industrial, ou revolução científico-tecnológica período em que se verifica um acelerado processo de difusão das inovações tecnológicas (ferrovias, telegrafo, telefone, eletricidade, etc.) e a necessidade dos países centrais em ampliar sua área de influência. Como afirma Sevckenko (1998, p. 12-13) “não basta, entretanto, às potências incorporar essas novas áreas [antigas e novas colônias] às suas possessões territoriais; era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica”.

¹⁴ De acordo com Santos e Silveira (2001, p. 27-28) “As técnicas pré-máquina e, depois, as técnicas da máquina – mas apenas na produção – definem o Brasil como um arquipélago de mecanização incompleta. Mais tarde, com a incorporação das máquinas ao território (ferrovia, portos, telegrafo), estaríamos autorizados a apontar um meio técnico da circulação mecanizada e da industrialização balbuciante, caracterizado também pelos primórdios da urbanização interior e pela formação da Região Concentrada. No pós-guerra sobrevém a integração nacional, graças a construção de estradas de rodagem, à continuação do estabelecimento das ferrovias e a uma nova industrialização. Dá-se uma integração do território e do mercado, com uma significativa hegemonia paulista”.

Naquele momento a população paulistana era composta em sua maioria por imigrantes de diversas nacionalidades e seus descendentes, na maior parte italianos que vieram trabalhar na indústria nascente¹⁵, muitos dos quais provenientes das fazendas de café do interior paulista. Havia também uma significativa quantidade de negros recém libertos¹⁶ que ainda sofriam as conseqüências do sistema escravocrata, tinham pouca inserção na economia urbana e se submetiam às mais diversas formas de exploração.

A aristocracia cafeeira que se urbanizou ao fixar residência nos casarões construídos em bairros nobres e agradáveis da cidade – Campos Elísios, Higienópolis e Avenida Paulista – influenciada pelo modelo europeu de comportamento, ansiava por uma cidade moderna e limpa a exemplo de Paris¹⁷, e com os predicados necessários ao desenvolvimento do mercado imobiliário¹⁸. Com a finalidade de modernizar a cidade “a todo custo” (SEVCENCO, 1998, p. 15) e adequá-la às necessidades do capital, a partir do final do século XIX inicia-se uma remodelação das vias e praças públicas – onde se concentravam a população pobre e as mais diversas atividades comerciais e profissionais – e um processo de limpeza, higienização e padronização de ruas, praças, fachadas e construções diversas. Essa ação não se restringiu aos lugares públicos, mas se estendeu também aos locais privados, direcionando-se principalmente às habitações coletivas existentes na cidade e que abrigavam os menos abastados, imigrantes e negros em sua maioria, que ali se aglomeravam devido à

¹⁵ “Em 1901 existiam na cidade de São Paulo 7.962 operários, dos quais 4.999 eram estrangeiros, em sua maioria italianos” (MATOS, 1958, p. 69).

¹⁶ Após a Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, diversos negros dirigiram-se do interior paulista para a capital em busca de oportunidades.

¹⁷ Na segunda metade do século XIX a cidade de Paris passou por uma reestruturação urbana, promovida pelo prefeito G. E. Haussmann, que transformou a antiga cidade com ares medievais na moderna e limpa Paris, com largas avenidas, parques, jardins, saneamento básico e serviços públicos. O que foi um exemplo de modernização excludente e segregadora (BERMAN, 1986). Esse modelo foi seguido em diversas cidades do mundo, inclusive em São Paulo (ROLNIK, 1999).

¹⁸ São Paulo passou por diversas reformas urbanas “que se inspiraram no que o Barão de Haussmann fizera alguns anos antes, em Paris. As cidades adquiriram importância que nunca tiveram antes, como lugar da crescente produção industrial e como mercadoria, elas próprias, por meio de um mercado imobiliário crescente importante” (MARICATO, 1996, p. 38).

falta de acesso à moradia, problema que se agravou com a conseqüente valorização dos terrenos e imóveis da região central.

O discurso da higienização e do controle de epidemias como a febre amarela justificava as diversas ações, em muitos casos violentas, do Departamento de Saúde Pública. Todavia, enquanto os cortiços eram proibidos pelo Código Sanitário de 1894, a construção de “vilas operárias higiênicas fora da aglomeração urbana” (ROLNIK, 1999, p. 47) era incentivada pelo poder público, o que mostra por um lado a necessidade de retirar a população pobre da região central e por outro a de concentrar os operários próximos às unidades fabris.

Desde o início o processo de urbanização paulistano foi intenso, violento e segregador. A cidade apresentava áreas residenciais de elite – concentradas nas regiões mais altas – que contavam com grande investimento público, infra-estrutura e saneamento básico; e áreas que concentravam bairros pobres – as várzeas e as margens das ferrovias nas proximidades dos bairros de elite ou na periferia da cidade – cuja população sofria com a quase ausência do Estado (PETRONE, 1958; SEVCENKO, 1998; ROLNIK, 1999). Era comum a população pobre fixar residência nos terrenos desvalorizados próximos aos bairros de elite, onde encontravam trabalho. Diversas mulheres residentes no Bexiga, por exemplo, prestavam serviços domésticos¹⁹ nos casarões da Avenida Paulista e nos Jardins, e as residentes na Barra Funda trabalhavam nos Campos Elísios e em Higienópolis (ROLNIK, 1999; SIMSON, 1989).

Entre os homens era comum a realização de pequenos serviços temporários, como os de carroceiro, carregadores, vendedores de rua, tropeiros, pedreiro etc., ou o trabalho como carregadores e ensacadores em armazéns, na Estrada de Ferro São Paulo Railway a Santos/Jundiaí ou na Estrada de Ferro Sorocabana. Na Barra Funda, junto à linha férrea da Sorocabana, localizava-se o Largo da Banana²⁰, lugar onde diversos negros se reuniam para

¹⁹ Diversas mulheres negras eram cozinheiras, quituteiras, lavadeiras, passadeiras, engomadeiras e amas de leite.

²⁰ Onde hoje se localiza o Memorial da América Latina.

vender as bananas que ganhavam como parte do pagamento pelo carregamento que realizavam. Esse lugar ficou conhecido como um reduto de samba da cidade de São Paulo, pois os negros ali reunidos aproveitavam os momentos de folga para fazer samba e jogar tiririca, uma espécie de luta semelhante à capoeira. Como afirma Geraldo Filme²¹

(...) o ordenado era pequeno, o soldo era pequeno, então eles ganhavam tantos cachos de banana. A cada tantos cachos carregados eles ganhavam um (...) então eles colocavam ali na praça pra comércio e na hora em que folgava um pouquinho eles armavam um samba (Programa Ensaio, TV Cultura, 1992).

Naquele contexto urbano cosmopolita a festa estava presente, em especial aquelas com motivos religiosos, mas as comemorações carnavalescas também eram comuns e realizavam-se de diversas formas, como os bailes de máscara nos salões, os corsos²² no Centro da cidade e posteriormente na Avenida Paulista, os corsos populares no Brás, as bandas e sociedades carnavalescas em bairros como Lapa e Água Branca, entre outras (SIMSON, 1989; MORAES, J., 1997; URBANO, 2006).

As festas populares tinham relação direta com as festividades religiosas, e eram nessas ocasiões que pessoas de diferentes origens se reuniam, possibilitando a integração das diferentes manifestações culturais²³, pois, por se tratar de uma das poucas formas de lazer, as festas religiosas atraíam pessoas não apenas pelos motivos divinos, mas também pelos mundanos. No entanto, as festas promovidas pelas elites ou pelas classes intermediárias excluía a população pobre e negra, que festejava a seu modo e da forma como era possível, ou, como era permitido.

Desde o século XVII os negros sofreram restrições para participar das festas religiosas, pois se temia a afirmação e a expansão de seus folguedos e suas crenças. No século

²¹ Um dos mais renomados sambistas de São Paulo – compôs sambas de enredo para diversas escolas paulistanas e foi presidente da União das Escolas de Samba Paulistanas na década de 1970.

²² Desfiles ou passeios de carruagens e automóveis enfeitados em dias de carnaval.

²³ Como afirma Moraes, J. (1997, p. 33) “negros libertos e ex-escravos, imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, trabalhadores brancos vindos do interior da província carregados de uma cultura própria, iriam produzir imprevistos encontros e confrontos culturais e determinar imprevíveis formas de experiências humanas”.

XIX foram proibidos de participar de tais festas e passaram a se reunir nos adros das irmandades católicas simpáticas à causa negra, tais como as igrejas Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora dos Remédios, São Bento, São Benedito e São Francisco. Nas reuniões que ocorriam normalmente após as procissões, os negros podiam, com a permissão do poder municipal, realizar suas festas. Dentre os objetivos dessa ação estava o de impedir a manifestação religiosa de origem africana (MORAES, J., 1997), pois nos terrenos sagrados da Igreja Católica era possível observar e controlar suas ações. Os festejos carnavalescos negros paulistanos consolidaram-se nessas ocasiões, onde o sincretismo estava presente. Isso mostra que, apesar do caráter repressor, as irmandades católicas contribuíram para a manutenção das manifestações negras na cidade.

A São Paulo cosmopolita do início do século XX, era repleta de contradições e experiências culturais diversas. Sua população pobre, no geral negra e imigrante, buscava na cidade em desenvolvimento formas de sobreviver e, com pouco ou nenhum acesso aos bens sociais e culturais, criava e recriava nas ruas, quintais e festas populares, suas manifestações culturais²⁴. De um modo geral, eram destinados aos negros os piores trabalhos e as piores condições de vida. Uma boa parte dessa população concentrava-se em habitações coletivas nos bairros deteriorados próximos ao centro – Bela Vista (Bexiga), região do Lavapés, Liberdade, Baixada do Glicério e Barra Funda – onde conviviam com um grande número de imigrantes²⁵. Havia concentração de negros também em bairros como Brás, Belém, Mooca, Penha, Jabaquara e Saúde. No entanto, embora negros e imigrantes habitassem o mesmo bairro, no geral as relações não iam muito além de uma convivência cotidiana pacífica. Scarlato (1988) chama a atenção para o fato que negros e italianos formavam a maior parte da

²⁴ José Geraldo Vincci de Moraes, em seu estudo “Sonoridades Paulistanas: final do século XIX e o início do século XX” (1997) faz uma bela apresentação das festas que ocorriam na cidade naquele período.

²⁵ Como afirma Moraes, J. (1997, p. 67) “segregados em seus territórios, os negros procuravam manter vivas suas tradições através da releitura de suas memórias nas experiências cotidianas proporcionadas pelo novo conjunto urbano social internacionalizado, e que se expressavam nas festas populares, nos batuques, nas pernadas e capoeiras, nos times de futebol, nos sambas de roda, nas rodas de macumba e jongo”.

população do Bexiga, mas em raras ocasiões eles partilhavam o mesmo espaço; os negros formavam seus próprios cortiços e somente em caso de necessidade os italianos mais pobres aceitavam morar em cortiços junto a eles.

Nesse contexto surge, em 1914, o Grupo Carnavalesco da Barra Funda²⁶, primeiro cordão carnavalesco paulistano²⁷, fundado por Dionísio Barbosa e alguns membros de sua família. Tratava-se de algo genuíno, mas influenciado pelos folguedos negros interioranos como o samba rural (ANDRADE, 1950) ou samba de bumbo (MANZATTI, 2005), trazidos por negros que chegavam de cidades como Araraquara, Piracicaba, Sorocaba, Tietê, Campinas, Capivari, entre outras; e também pelas manifestações carnavalescas populares cariocas, como os ranchos²⁸. Teve início uma nova forma de festejar o carnaval, o desfile de cordões, manifestação que possibilitou à população negra uma maior participação na vida cultural da cidade, ainda que de forma marginal.

O Grupo Carnavalesco da Barra Funda era formado por um grupo de homens que desfilavam uniformizados pelas ruas da Barra Funda ao som de marchas²⁹, cantando e tocando instrumentos de percussão e harmonia. No início as mulheres participavam apenas da organização e da montagem (URBANO, 2006). No primeiro ano desfilaram oito componentes, mas já em 1918 eram aproximadamente cinquenta pessoas (SIMSON, 1989). Esse cordão se desenvolveu e estimulou o surgimento de diversos cordões na cidade, como

²⁶ O Grupo Carnavalesco da Barra Funda, parou de desfilhar em 1936, mas dezessete anos depois, em 1953, Inocêncio Tobias reúne os sambistas e funda o Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco que, em 1972, torna-se oficialmente uma escola de samba.

²⁷ Vale lembrar que já no século XVIII havia grupos de negros e caboclos que se fantasiavam de índios e tocavam uma música de base percussiva, formando uma espécie de cordão, e acompanhavam as procissões religiosas. Eram os “Caiapós”. Em meados do século XIX essa manifestação foi proibida durante as procissões, sendo permitida apenas nos adros das igrejas ao término dos eventos religiosos. Entre 1890 e 1910 esses grupos passaram a se apresentar nos festejos carnavalescos. Além dos Caiapós havia o “Zuavos”, uma espécie de cordão, criado entre 1857 e 1860, formado por funcionários públicos, políticos e outros representantes da elite, mas esse grupo não tinha uma produção musical (VON SINSOM, 1989; URBANO, 2006; MARCELINO, 2007).

²⁸ Uma espécie de cordão carnavalesco surgido na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, no qual os componentes desfilavam fantasiados, no geral de índios, ao som da mercha-rancho (QUEIROS, 1987, p. 56).

²⁹ De acordo com Geraldo Filme (Programa Ensaio, TV Cultura, 1992) os cordões carnavalescos paulistanos faziam um ritmo chamado “marcha sambada”, no qual a percussão tocava um “bataque pesado” e a divisão do canto era em ritmo de marcha.

Campos Elísios (Barra Funda), Geraldinos (Barra Funda), Desprezados (Barra Funda), Flor da Mocidade (Barra Funda), Vai-Vai (Bexiga), Esmeraldino (Pompéia), Moderado da Água Branca (Água Branca), as Caprichosas (Casa Verde), Marujos Paulistas (Cambuci), Baianas Paulistas (Baixada do Glicério), entre outros.

Em 1935 Elpídio de Faria fundou no bairro da Pompéia a primeira agremiação a denominar-se “escola de samba”, a Escola de Samba Primeira de São Paulo. Em 1937 Deolinda Madre (Madrinha Eunice), seu marido Francisco Papa (Chico Pinga) e seu irmão José Madre (Zé da Caixa) fundaram na Baixada do Glicério a Escola de Samba Lavapés, a mais antiga em atividade, que, com pouco mais de trinta foliões percorria as ruas do bairro e seguia em direção à Praça da Sé tocando sambas de rádio. Embora fosse inspirada nas escolas de samba do Rio de Janeiro essa agremiação possuía características de cordão³⁰.

Assim como os cordões, as escolas de samba proliferaram na cidade. As diferenças entre as duas formas de manifestação eram pouco significativas ou inexistentes, e em ambos os casos a organização era de base familiar³¹. No início, os desfiles se realizavam nas ruas dos bairros de origem das agremiações, pois seus integrantes temiam a repressão policial; e para que tudo corresse de forma tranqüila buscavam constantemente o apoio dos demais moradores. Em poucos anos essa manifestação ganha relevo entre a população negra e também a simpatia de parte da população branca de seus bairros, dentre eles alguns comerciantes que contribuíam com doações em dinheiro ou em produtos (SIMSON, 1989; URBANO, 2007), mas ainda era pouco aceita e muitas vezes rechaçada, pela sociedade de um modo geral, em especial pelas elites e pelo poder público, sofrendo por isso forte repressão.

A partir da década de 1920, alguns comerciantes e órgãos de imprensa passaram a incentivar essa manifestação por enxergarem nela uma oportunidade de

³⁰ A Lavapés viveu seu auge entre as décadas de 1940 e 1960, mas após a oficialização do carnaval paulistano em 1967, não acompanhou as inovações entrando em processo decadência. No carnaval de 2008 desfilou no Grupo II, ficou em décimo quarto lugar e foi rebaixada para o Grupo III da UESP.

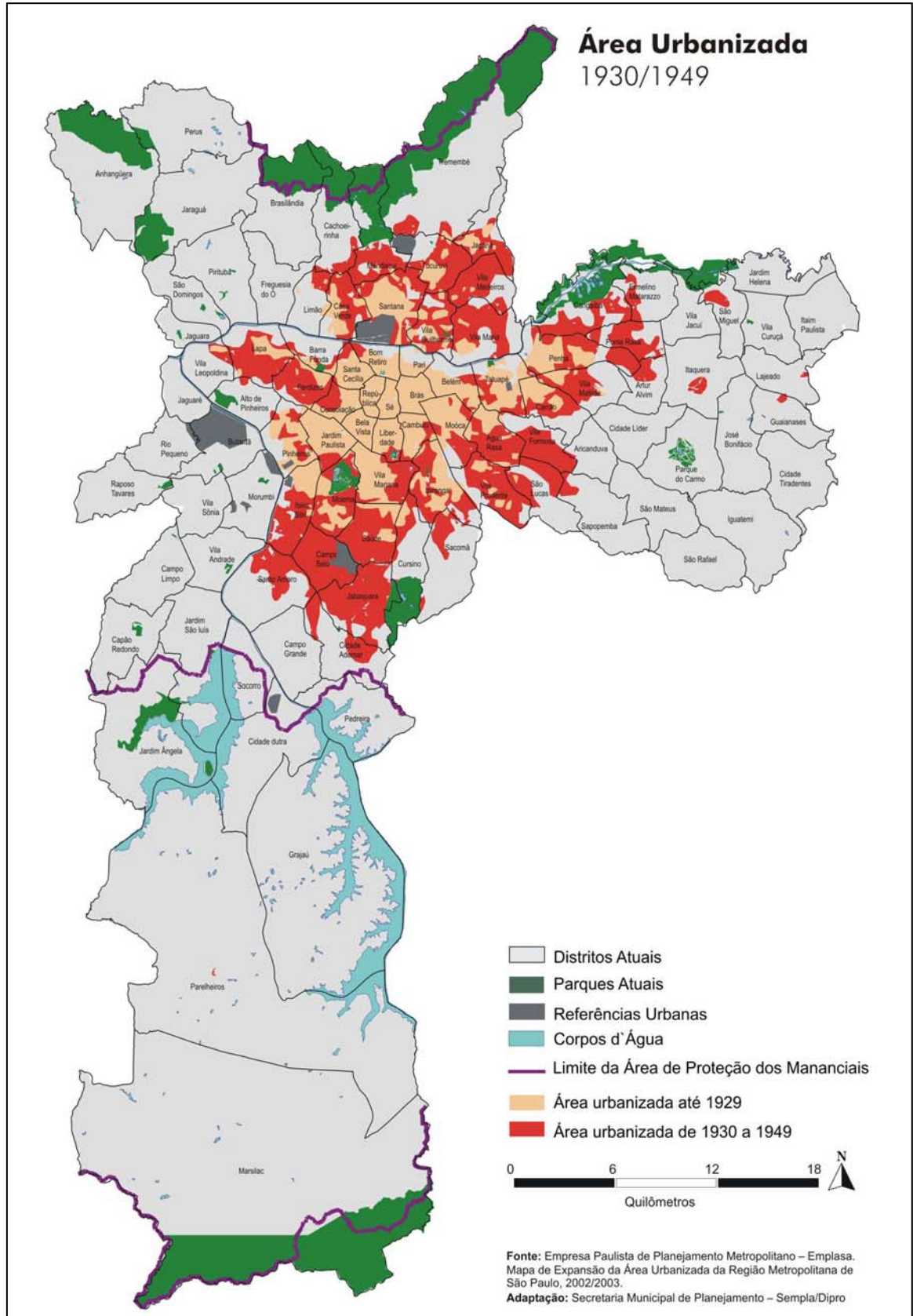
³¹ “(...) as Escolas de Samba assim como os Cordões, sempre traziam a marca do sistema familiar (...) e esta característica era tão importante que dela dependia o sucesso ou o fracasso da Escola” (FESEC, s/d).

incrementar seus negócios e, como consequência, os desfiles se estenderam para o centro e para outros bairros. Assim se inicia o processo de desenvolvimento e adaptação dessa manifestação à cidade, o qual este trabalho procura analisar.

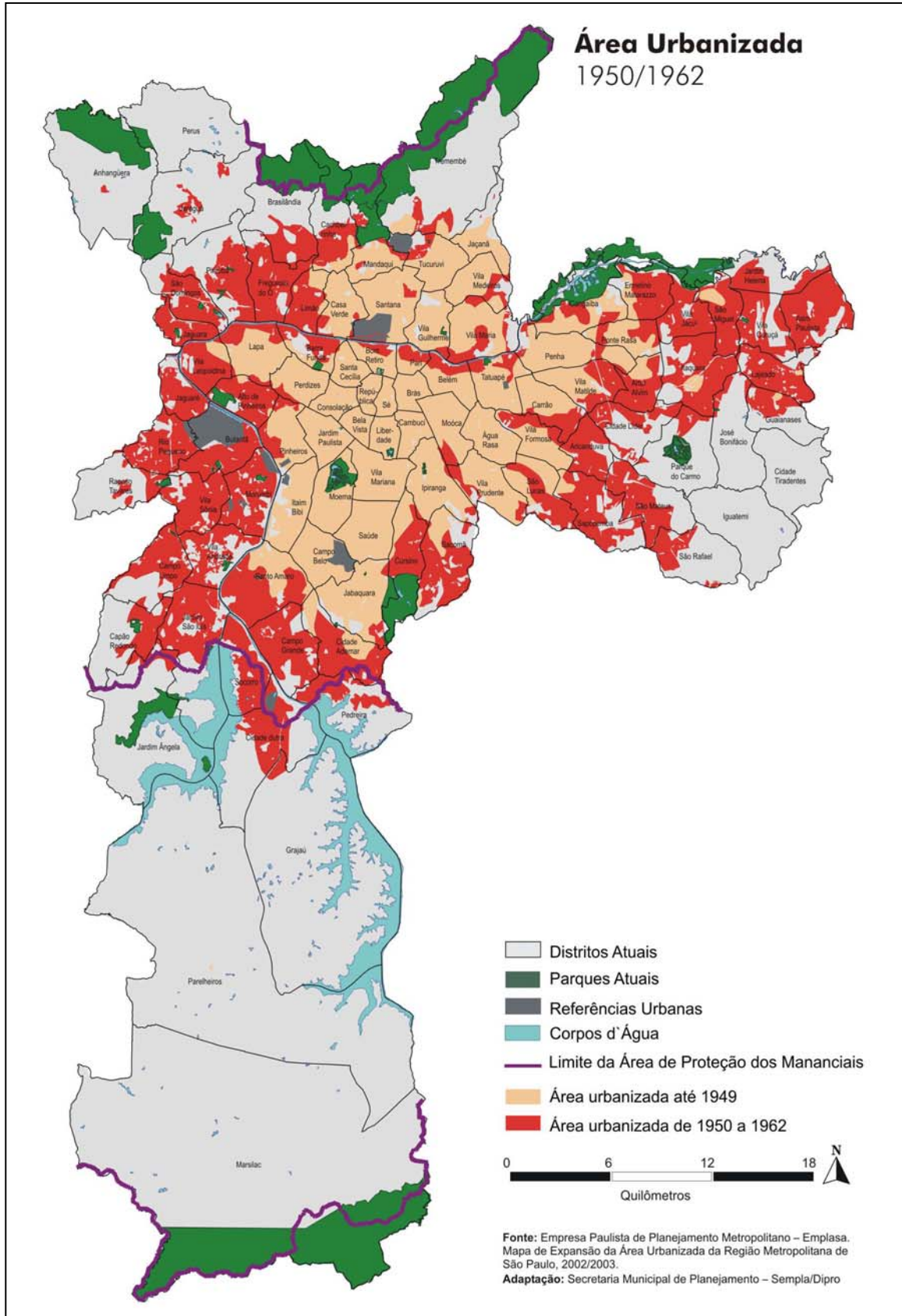
As agremiações carnavalescas contribuíram fortemente para a manutenção das manifestações negras na cidade, pois embora fossem o resultado de uma mescla de traços da cultura paulista com fortes influências cariocas, era através delas que essa população colocava-se publicamente e, de certa forma, reivindicava e reafirmava seu lugar como agente produtor de uma manifestação cultural paulistana.

Na primeira metade do século XX a cidade de São Paulo passou por diversas transformações devido às necessidades impostas pelo seu crescimento urbano industrial, tais como: construção de largas avenidas e viadutos; retificação e canalização de córregos e rios para o posterior aproveitamento de suas várzeas; desenvolvimento dos meios de transporte; e implantação de infra-estrutura urbana, sobretudo energia elétrica e abastecimento de água e esgoto. A consequente valorização de terrenos e imóveis nos bairros centrais, inviabilizou a permanência da população menos abastada nessa região obrigando-os a buscar lugares mais acessíveis economicamente. Verificou-se, portanto, uma dispersão da população pobre em direção à periferia. A mancha urbana paulistana cresceu velozmente (Mapas 2 e 3) com a implantação de diversos loteamentos distantes do centro e com a manutenção de grandes áreas vazias a espera de valorização (PETRONE, 1958; ROLNIK, 1999), uma estratégia de especulação imobiliária que orientou a expansão da cidade³².

³² Em relação aos loteamentos Petrone (1958, p. 156) afirma que “uns são oferecidos a baixo preço, através de prestações módicas, quando não acompanhados por uma quantidade de tijolos. Naturalmente, o paulistano de escassos recursos, atormentado pelo pagamento dos aluguéis e pelo desconforto da pequena casa ou do “cortiço” situados na cidade, não tem dúvida em adquirir o seu lote, no justificado anseio de possuir sua casa própria, embora grandes distâncias venham a separá-lo do local em que trabalha. Daí o rápido crescimento de uma infinidade de “vilas”, que surgem como cogumelos nos arredores e nos subúrbios da metrópole. De outro tipo são os loteamentos de preços altos, com terrenos de maior área e dotados de comodidades que os anteriores citados não conhecem; encontram-se no próprio perímetro urbano ou em sua periferia e não tardam a transformar-se em bairros residenciais de classe média ou mesmo rica. Embora ocupem áreas maiores, sua densidade demográfica é, evidentemente, muito menor que a do tipo atrás citado”.



Mapa 2. Área Urbanizada – 1930-1949



Mapa 3. Área Urbanizada – 1950-1962

O crescimento populacional da cidade de São Paulo também foi bastante elevado desde o final do século XIX. De 1890 a 1900 a população quase quadruplicou, e de 1900 a 1940, o crescimento foi de aproximadamente cinco vezes e meia (Tabela 1). Isso foi uma consequência da consolidação e do desenvolvimento de seu parque industrial, pois além de estrangeiros e interioranos, há uma chegada maciça de migrantes provenientes dos mais diversos lugares do país, em especial da região Nordeste e do estado de Minas Gerais, atraídos pela crescente oferta de emprego³³.

TABELA 1. MUNICÍPIO, REGIÃO METROPOLITANA E ESTADO DE SÃO PAULO, E BRASIL. CRESCIMENTO POPULACIONAL – 1820-1970				
Anos	São Paulo (Município)	RMSP	São Paulo (Estado)	Brasil
1872	31.385	-	837.354	10.112.061
1890	64.934	-	1.384.753	14.333.915
1900	239.820	-	2.282.279	17.318.556
1920	579.033	-	4.592.188	30.635.605
1940	1.326.261	1.568.045	7.180.316	41.236.315
1950	2.198.096	2.622.786	9.134.423	51.944.397
1960	3.781.446	4.739.406	12.974.699	70.119.071
1970	5.924.615	8.139.730	17.771.948	93.139.037

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.
Elaboração da Autora.

O censo de 1950 mostra que aproximadamente 12% da população residente em São Paulo eram naturais de outros estados brasileiros, ao passo que o percentual de estrangeiros era de 13,7%. Isso revela que a população estrangeira ainda era muito significativa, embora inferior ao registrado no início do século, 35,4% em 1920. O mesmo censo mostra que 10,2% dos habitantes eram negros e mestiços, enquanto 87,78% eram brancos³⁴.

³³ Como afirma Petrone (1958, p. 104) “o surto industrial ainda influi sobre a cidade, concorrendo para o aumento da população (em virtude da crescente necessidade de mão-de-obra e impulsionado pela “miragem” que vive a atrair, para a metrópole, a população da zona rural e do interior, em geral) e, sobretudo, modificando a paisagem urbana e acabando por concretizar a existência do “Grande São Paulo””.

³⁴ Embora os negros representassem o segundo grupo mais populoso, apareciam em número bem inferior a outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro (29,8%), Recife (50,3%) e Salvador (66,1%). Isso se deve à pouca utilização da mão-de-obra escrava no estado de São Paulo, que passou a ser utilizada em larga escala

Em meados do século XX, a população negra, de um modo geral, ainda vivia em casas humildes ou habitações coletivas, pertencia às classes menos favorecidas, exercia, em sua maioria, serviços domésticos e pesados, e tinha como principais formas de lazer o futebol e as escolas de samba, ou cordões carnavalescos. Ao analisar esse grupo étnico, Araújo Filho (1958) afirma que

as mulheres trabalhavam em fábricas e, principalmente, como empregadas domésticas; os homens aparecem como operários em fábricas e construções, nos serviços ligados ao transporte e às comunicações, nas categorias inferiores do funcionalismo público, etc. O futebol, as sociedades de dança (“gafieiras”) e as “escolas de samba” constituem, juntamente com o cinema, os principais derivativos para as horas de folga. Os preconceitos de cor, agravados pela predominância de brancos de origem européia recente, fazem do negro paulistano um marginal, embora lhe caiba uma parcela de inegável importância na vida e no progresso da grande metrópole.

Importante lembrar que a partir da década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, houve um grande incentivo à industrialização e à urbanização em território nacional, acompanhado de uma legislação trabalhista direcionada à mão-de-obra urbana-industrial (SINGER, 1998), o que contribuiu para atrair trabalhadores para as cidades, estimulando o êxodo rural e, conseqüentemente, o processo de urbanização. Mas boa parte da mão-de-obra disponível na cidade de São Paulo, independentemente da etnia a qual pertencia, não foi absorvida pela indústria, o que levou ao desenvolvimento de uma série de atividades econômicas e formas de produção não-modernas, e de pequena dimensão, para atender às necessidades mais imediatas dessa parcela da população, ampliando assim o circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1979). Como lembra Silveira (2004, p. 60), quem não é moderno também tem lugar na grande cidade, e São Paulo “ao longo de sua história tem sido atraente para pobres do país inteiro e também de outros países. E, assim, seu tamanho

apenas no século XIX em função da produção cafeeira; e também devido a grande imigração estrangeira, pois em 1836 o percentual de negros e mestiços no município era de 52,5%, em 1872 de 39,9% e em 1886 de 23,8%. No entanto de 1940 a 1950 houve um aumento no percentual de negros de 8,2% para 10,2%, muito provavelmente devido ao movimento migratório nacional (ARAUJO FILHO, 1958, p. 201).

aumenta não apenas pela concentração de riqueza mas, sobretudo, de pobreza”. E a população migrante concentrava-se, em sua maioria, nos bairros periféricos que se multiplicavam nas franjas da cidade e já nasciam com diversos problemas habitacionais e de infra-estrutura, desprovidos dos serviços básicos, de cultura e de lazer.

A dispersão da população em direção à periferia provocou a extinção de diversas agremiações carnavalescas. Apenas algumas mais antigas e mais consolidadas sobreviveram, pois mesmo distantes os integrantes mantiveram suas relações. O Cordão Carnavalesco Vai-Vai, por exemplo, possuía alas inteiras em bairros afastados do centro. Por outro lado, o crescimento populacional nas periferias contribuiu para a ampliação do número de participantes nas entidades carnavalescas existentes e para a criação de diversas outras, o que colaborou para o desenvolvimento do carnaval paulistano³⁵.

Nos bairros periféricos a população buscava soluções para os diversos problemas existentes, o que estimulava o desenvolvimento de ações e relações entre os grupos, fomentando a integração e a criação de solidariedades. Dentre essas ações, inclui-se o surgimento de entidades carnavalescas que satisfaziam as necessidades de diversão e festa³⁶. Dentre as escolas fundadas nesses bairros em meados do século estão Nenê de Vila Matilde, no bairro de mesmo nome em 1953, Unidos de Vila Maria, no bairro de Vila Maria em 1954, Unidos do Peruche, do Parque Peruche em 1956. Nesse momento as escolas de samba já representavam para a cidade um símbolo do bairro onde se originaram³⁷.

³⁵ Como afirma Simson (1989, p. 166) “(...) as novas “filiais” periféricas, além de aglutinadoras dos antigos membros dos cordões, muito cedo passaram a funcionar como centros motivadores e receptores de novos elementos que, vindo enriquecer as alas das agremiações, provocaram um significativo crescimento numérico das entidades negras”.

³⁶ De acordo com Magnani (1982, p. 14) “(...) os deslocamentos de população para os grandes centros não envolvem apenas questões de ordem econômica, demográfica ou urbanística; para o próprio migrante, a mudança não se esgota no problema de uma maior ou menor capacidade de adaptação às exigências do trabalho urbano, mas significa alterações profundas no seu modo de vida, na forma de satisfação de suas necessidades. Implica, em suma, um reordenamento de todo seu estoque simbólico. Urge, na grande cidade, reconstruir uma nova identidade, reconstruir laços de parentesco e vizinhança, acostumar-se aos equipamentos urbanos. Nesse processo junta-se o velho ao novo, tradições rurais com valores próprios da sociedade industrial; algumas coisas permanecem, muitas se transformam, outras ainda desaparecem”.

³⁷ Como afirma Simson (1989, p. 113) “com o passar dos anos, devido ao sucesso obtido por algumas agremiações nas disputas de Momo, elas foram se tornando para a sociedade mais ampla uma espécie de símbolo

No geral as agremiações carnavalescas paulistanas tinham como base um grupo familiar que se ampliava agregando vizinhos e amigos. Nas palavras de Maria Aparecida Urbano³⁸:

sempre vai ter a relação com família. É o bairro, mas dentro do bairro uma casa que se destaca, e essa casa que se destaca é que movimenta, e vai movimentando. Como se fosse um ramo vai crescendo pelo bairro todo.

Os laços de vizinhança e o sentimento de pertencimento ao lugar de moradia eram muito significativos, tanto que diversas escolas antigas e recentes fazem, em seus nomes, uma referência aos seus bairros, como, por exemplo, Nenê de Vila Matilde, Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde, Acadêmicos do Tucuruvi, Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, Paineiras do Sapopemba, Império de Casa Verde, entre outras. Nas primeiras décadas de desenvolvimento dessa manifestação, mesmo quando os desfiles já ocorriam em outros pontos da cidade, a relação com o bairro era muito forte. Desfile por suas ruas e para sua gente era um ponto alto dos desfiles carnavalescos.

do próprio bairro de origem, reforçando novamente a íntima ligação entre os folguedos carnavalescos populares e os grupos de vizinhança da grande cidade”.

³⁸ Entrevistada em 17/12/2007. Estudiosa do carnaval paulistano, que foi carnavalesca por diversos anos em diferentes escolas de samba de São Paulo.

1.2. As Ações das Agremiações Carnavalescas e a Aproximação da Sociedade Paulistana

A maior parte das atividades das agremiações carnavalescas paulistanas concentrava-se em época de carnaval. No entanto era comum a realização, ao longo do ano, de ações que proporcionavam momentos de lazer para seus membros. Ao analisar o conjunto de atividades, Simson (1989) as classifica em três tipos: atividades pré-carnavalescas, atividades carnavalescas e atividades de meio de ano.

Dentre as atividades pré-carnavalescas havia as batalhas de confete realizadas em diferentes bairros da cidade como Lapa, Penha, Brás, Pinheiros, Bela Vista e Água Branca. Eram concursos organizados pelos comerciantes locais e por órgãos de imprensa – jornais e emissoras de rádio – cuja finalidade residia no incremento do comércio sazonal relacionado ao carnaval.

Dentre as atividades carnavalescas estavam os desfiles propriamente ditos, que ocorriam nos bairros dos cordões e, posteriormente, em direção ao centro ou em outros pontos da cidade, como a Cidade da Folia, no Parque Antártica, e o Parque do Ibirapuera, entre outros. Além dos desfiles, alguns cordões promoviam atividades em suas sedes – as casas dos dirigentes – ou em salões alugados, como bailes de carnaval, concursos internos ou refeições coletivas.

Dentre as atividades de meio de ano, havia os bailes que ocorriam periodicamente, ou sempre que possível, no geral em salões alugados, com a finalidade de manter o vínculo entre os membros dos cordões e arrecadar fundos para o desfile de carnaval. Até meados do século XX eram comuns os passeios com piqueniques, realizados em São Paulo e em algumas cidades próximas, como Rio Claro, Tietê, Campinas, Jundiaí e Santos, que proporcionavam momentos de lazer (Fotos 1 e 2), bem como as serenatas (SIMSON,

1989) que, embora não envolvessem toda a agremiação, eram muito representativas, assim como os jogos de futebol.



Foto 1

F.S. Photo
Piquenique do Cordão Camisa Verde. Zezinho da Casa Verde ao clarinete e sua mãe ao violão.
Santos – SP
1925
Centro de Documentação e Memória do Samba



Foto 2

Autor desconhecido
Músicos do Grupo Barra Funda em piquenique.
Santos – SP
1925
Centro de Documentação e Memória do Samba

Importante ressaltar que os times de futebol de várzea tiveram, desde o início, forte ralação com as agremiações carnavalescas. As partidas e campeonatos realizados nas várzeas eram momentos de encontro onde se tocava samba, e a partir desses encontros

surgiram diversos cordões ou escolas de samba como, por exemplo, a Vai-Vai que tem sua origem relacionada a um time de futebol chamado Cai Cai³⁹. E vale lembrar que “o futebol foi, em São Paulo, a primeira festa do povo fora da perspectiva da Igreja” (SEABRA, 2004, p. 293).

Também eram comuns as idas a Pirapora do Bom Jesus por ocasião da Festa de Bom Jesus, realizada no mês de agosto⁴⁰. Essa festa tem grande importância para o samba paulistano, pois lá se reuniam pessoas de diversas cidades do Estado (Fotos 3), embora os negros participassem de forma marginal, acampados (Foto 4) ou reunidos nas Casas dos Romeiros – barracões às margens do Rio Tietê. Esses encontros promoviam o diálogo entre as diversas manifestações populares negras de São Paulo – os Batuques⁴¹ – que influenciaram fortemente o samba paulistano. Explicando as origens do samba de São Paulo e comparando-o com o do Rio de Janeiro, Geraldo Filme afirma que

o samba paulista é mais pesado, ele é mais valente. Vem do batuque, na base de bumbo, caixas de guerra, repique, aquelas coisas todas, ganzás. Sendo que o deles [referindo-se ao samba do Rio de Janeiro] é mais da origem do candomblé, é mais balançado. É mais balançado devido justamente aos instrumentos miúdos. Para a gente montar uma bateria aqui em São Paulo é um negócio gozado. Você chega lá: Fulano o que você toca? Surdo, surdo, surdo, surdo... Entende? (Geraldo Filme, Sampa, Estúdio Eldorado, 1980).

³⁹ O Cordão Carnavalesco Vai-Vai surgiu a partir da iniciativa de um grupo de amigos que não jogava futebol mas acompanhava os jogos do Cai-Cai. “Eles eram considerados por muitos como um grupo de penetras e arruaceiros, que só eram lembrados quando tocavam na beira do campo nos jogos do Cai-Cai, (time de futebol que tinha em seu uniforme as cores branco e preto) para satirizarem este time de futebol, e as gozações que surgiam eles se denominaram de a turma do VAE-VAE. A fama desta turma cresceu na região, e em quase 2 anos não havia uma festa boa em que eles não estavam e a folia do carnaval no bairro, já não poderia acontecer sem eles (...) em 01/10/1930, foi instituído legalmente o CORDÃO CARNAVALESCO E ESPORTIVO VAE VAE” posteriormente chamado Vai-Vai (www.vaivai.com.br, acesso em 26/04/2006).

⁴⁰ A Festa de Bom Jesus de Pirapora, ocorria todos os anos entre os dias 3 e 6 de agosto. Pirapora do Bom Jesus teve sua origem a partir da aparição de uma imagem do “Bom Jesus” nas margens do rio Tietê, em 1724 no local onde hoje se localiza a cidade. De acordo com relatos populares, a referida imagem foi levada diversas vezes para Santana do Parnaíba, a vila mais próxima, mas, sem explicações sempre aparecia no mesmo local. Fato que levou à construção de uma Capela e, posteriormente, do núcleo urbano.

⁴¹ Há diversos trabalhos que analisam os Batuques e como essas manifestações influenciaram o samba paulistano em sua origem, dentre eles: ANDRADE, 1950; SIMSON, 1989; MORAES, J., 1997; MANZATTI, 2005; MARCELINO, 2007.

Geraldo Filme relata, na letra do samba “Batuque de Pirapora” de 1972, um acontecimento que retrata um pouco do cotidiano da Festa de Pirapora e da marginalização dos negros que, mesmo religiosos, sofriam restrições:

Eu era menino	Mamãe mulher decidida	Os bambas da Paulicéia
Mamãe disse vamo' embora	Ao santo pediu perdão	Não consigo esquecer
Você vai ser batizado	Jogou minha asa fora	Fredericão na sabumba
No samba de Pirapora	Me levou pro barracão	Fazia a terra tremer
Mamãe fez uma promessa	Lá no barraco tudo era	Cresci na roda de bamba
Para me vestir de anjo	alegria	No meio da alegria
Me vestiu de azul-celeste	Negro batia na zabumba	Eunice puxava o ponto
Na cabeça um arranjo	e o boi gemia	Dona Olímpia respondia
Ouviu-se a voz do festeiro	Iniciado o neguinho	Sinhá caia na roda
No meio da multidão	No batuque de terreiro	Gastando a sua sandália
Menino preto não sai	Samba de Piracicaba	E a poeira levantava
Aqui nessa procissão	Tietê e campineiro	Com o vento das sete saias!

Em 1937 a Prefeitura de Pirapora do Bom Jesus, preocupada com a crescente importância que os festejos negros vinham adquirindo em relação à festa religiosa, proibiu a realização dos sambas nos barracões, os quais foram demolidos na década de 1940. Como consequência observou-se um empobrecimento da festa religiosa que deixou de ser referência para o samba paulista⁴².

⁴² Atualmente há uma preocupação por parte da Prefeitura de Pirapora em resgatar as raízes do samba local e incentivar sua produção através de um projeto cultural desenvolvido no Espaço Samba Paulista Vivo, localizado nessa cidade e inaugurado em dezembro de 2003, o qual procura reunir sambistas paulistas de diferentes gerações. Além disso, há um apelo turístico, pois como informa o sítio oficial da cidade “buscamos estreitar o relacionamento entre as mais diversas instituições voltadas ao samba de forma a difundir Pirapora do Bom Jesus como referência das origens do Samba Paulista. Para tanto priorizamos enriquecer o acervo histórico, transmitir a cultura do Samba de Roda para os jovens do município e aprimorar o Espaço do Samba Paulista Vivo como atrativo Cultural e Turístico, para isso buscamos parcerias” (www.piraporadobomjesus.com.br, acesso em 12/05/2008).



Foto 3

Autor desconhecido
 Grupo Barra Funda na festa de
 Pirapora do Bom Jesus – SP
 c. 1915
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba.

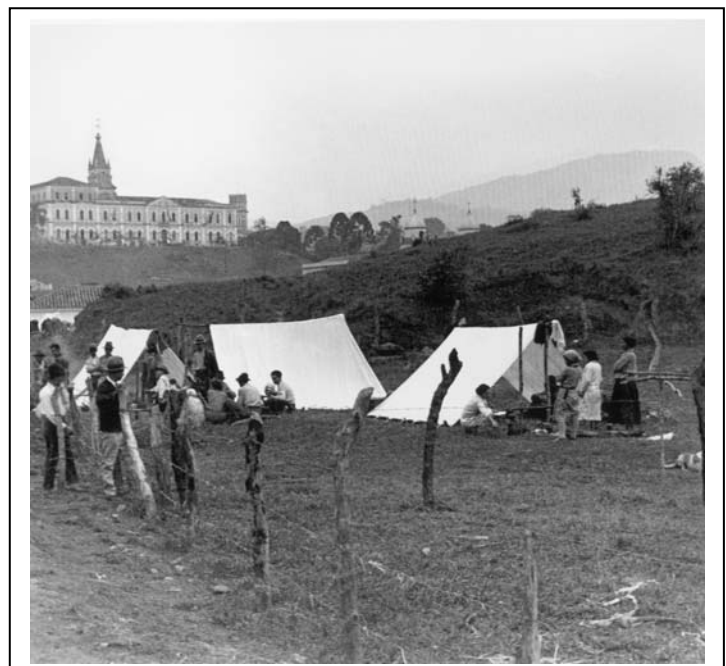


Foto 4

Claude Lévi-Strauss
 Acampamento do Romeiros
 Pirapora do Bom Jesus – SP
 Agosto de 1937

Com base na classificação de Simson (1989), em relação às atividades das agremiações carnavalescas e também nos depoimentos dos sambistas que viveram as primeiras décadas dessa manifestação popular, é possível constatar que as atividades não se restringiam apenas ao período carnavalesco. As agremiações agregavam sua comunidade ao longo do ano, o que fortalecia o grupo e possibilitava uma série de ações. Essa característica não é uma exclusividade do primeiro período, mas com o desenvolvimento econômico da festa, ela se torna menos intensa nos períodos seguintes.

No que se refere à relação da sociedade paulistana com as agremiações carnavalescas, observa-se uma progressiva aproximação. Nas primeiras décadas, quando os cordões começaram a realizar desfiles fora de seus bairros, o público espectador era mais contido. Mas já a partir da década de 1930, o público apresentava-se de forma mais participativa, cantando, dançando e por vezes acompanhando os cordões (SIMSON, 1989), o que mostra uma maior aceitação por parte da sociedade e uma maior liberdade de uso da cidade por parte dos cordões, embora fosse algo restrito aos dias de carnaval (Fotos 5 e 6).



Foto 5

Claude Lévi-Strauss
Espera pelos desfiles na
Av. São João.
São Paulo – SP
1935
Instituto Moreira Salles

**Foto 6**

Claude Lévi-Strauss
Desfile do Cordão
Campos Elíseos, no
trecho provável entre as
ruas João de Barros e
Cons. Brotero.
São Paulo – SP
1935
Instituto Moreira Salles

O fato de ser uma festa realizada pela população negra sem dúvida contribuía para o distanciamento entre os foliões e o público e restringia a participação da população branca – o que a princípio era mal visto tanto por brancos como por negros – embora ela participasse assistindo e, em alguns casos, contribuindo financeiramente ou com materiais utilizados na produção do desfile. Com a consolidação dessa manifestação na cidade, os homens brancos começaram a participar mais efetivamente. No entanto, no caso das mulheres brancas, a participação foi mais tardia, o que reflete não apenas uma questão étnica, mas também a situação da mulher naquele contexto social.

Além disso, a partir da década de 1930, com o surgimento de cordões em diferentes bairros da cidade, a rivalidade entre eles torna-se mais acirrada, o que provocava conflitos muitas vezes violentos. Esse fator, além de intimidar a população que deles não participava, servia como justificativa para a ação repressora da polícia, que também agia de forma violenta. Os conflitos podiam acontecer pelos mais diversos motivos, dos quais muitos tinham origem fora da época de carnaval (SIMSON, 1989). Mas essa situação conflituosa não se estendeu por muito tempo devido ao maior interesse pelos concursos propriamente ditos, que já a partir da década de 1930 passaram a ser organizados e patrocinados por empresas

privadas e, eventualmente, pelo poder público. E, como afirma Maria Aparecida Urbano⁴³, na década de 1940 a situação de repressão fez com que os componentes dos cordões atraíssem pessoas brancas para o desfile com a finalidade de atenuar a ação policial. Segundo ela:

uma forma que eles [cordões e escolas] encontraram para poder se organizar para sair, foi começar a colocar o branco junto. E de que forma? Na frente. Cada bairro começou a pensar, quem? Ah! Eu vou pegar o filho do delegado, porque ele vivia nos ensaios e ele gostava, ele samba também, então eu vou convidar. O dentista o dono da padaria o dono da mercearia alguns guardas da polícia que também gostavam e estavam de folga. E aí então chegava a polícia via aquela turma na frente, e conhecia todo mundo. Deixa passar.

As agremiações desfilavam com um grupo de músicos que tocavam instrumentos de percussão, harmonia e sopro. A utilização de instrumentos que originalmente não faziam parte da cultura negra, também tinha relação com a necessidade de buscar uma maior aceitação por parte da sociedade de um modo geral (SIMSON, 1989; MORAES, J., 1997). De acordo com Simson (1989), isso também ocorria com outros elementos típicos desse folguedo, como a dança gingada, pois no desfile, a ênfase era dada à melodia e à evolução, ficando a percussão e a dança em segundo plano. Situação que se altera com a maior organização devido à promoção de comerciantes, jornais e emissoras de rádio, com local previamente definido, prêmios em dinheiro e, conseqüentemente, uma maior aceitação.

⁴³ Entrevistada em 17/12/2007.

1.3. O Interesse da Iniciativa Privada nos Desfiles Carnavalescos

A forma de produzir os desfiles carnavalescos se altera ao longo do desenvolvimento dessa manifestação. Até a sua oficialização, em 1967, a produção das fantasias e alegorias era realizada de forma artesanal e, de um modo geral, o trabalho era voluntário e realizado pelos membros das agremiações, pois as escolas não contavam com recursos próprios significativos e tampouco com incentivos públicos constantes. No entanto, também havia relações de trabalho remunerado, pois em alguns casos, como o dos sapateiros e algumas costureiras, o pagamento pelo serviço prestado era necessário, embora o valor fosse negociado.

Os poucos recursos também impunham a necessidade do improviso. Diversos relatos descrevem a precariedade do primeiro desfile do Grupo Carnavalesco da Barra Funda cujos membros saíram com roupas simples e remendadas (SIMSON, 1989, p. 89) e instrumentos improvisados, como chocalhos confeccionados com tampinhas de garrafas de cerveja (BRITTO, 1986, p. 74), o que não desqualifica artística e musicalmente os cordões, apenas retrata a situação naquele momento. Seria um equívoco supervalorizar os instrumentos musicais industrializados e largamente utilizados pelas escolas de samba na atualidade em detrimento daqueles que, embora improvisados, cumpriam sua função.

Para obter os recursos, os materiais necessários e arcar com os custos da produção das fantasias e alegorias, os dirigentes dos cordões buscavam diferentes formas de arrecadar fundos. Os membros que possuíam condições financeiras contribuía mensalmente, mas como essa arrecadação não era suficiente, os organizadores dos cordões recolhiam donativos entre os comerciantes do bairro. Isso podia se dar sem um registro formal ou com a passagem do chamado *Livro de Ouro*, no qual se registrava os nomes dos doadores e os valores doados, prática essa que se prolifera nas décadas de 1940 e 1950.

Alguns comerciantes apoiavam os cordões de outras formas, como, por exemplo, os da Rua Barra Funda que deixavam as luzes dos comércios acesas para iluminar a passagem do Grupo Carnavalesco da Barra Funda (SIMSON, 1989), ou aqueles que doavam tecidos e outros artigos para a confecção das fantasias. As agremiações costumavam retribuir o apoio com lazer e entretenimento, ou seja, durante os desfiles passavam pelas ruas onde se localizavam os comércios dos contribuintes e ali realizavam apresentações especiais. Essas formas de solidariedade, muito comuns até meados do século XX, foram muito importantes para a manutenção e para o desenvolvimento dos cordões carnavalescos na cidade. Além disso, mostram que as relações entre seus membros e entre eles e outros sujeitos, como os comerciantes do bairro, embora baseadas em relações de troca, vão além dos interesses exclusivamente econômicos.

Outra fonte de renda comum entre as agremiações carnavalescas era a realização de bailes, festas e leilões, entre outras atividades, nos salões alugados – quando os cordões já tinham uma maior organização e um maior número de componentes – para os quais eram cobrados ingressos e vendiam-se comidas e bebidas. A partir da década de 1930, algumas agremiações já contavam com estatuto e associados que contribuía financeiramente, o que se refletia em suas ações⁴⁴. Havia também os concursos e batalhas de confetes realizados em outros bairros – comuns na Lapa e na Penha – em especial a partir da década de 1930 organizados por comerciantes que viam nessas atividades a possibilidade de incrementar o comércio de seus produtos, nos quais eram premiadas as agremiações com melhor desempenho. No caso das competições realizadas na Cidade da Folia montada no Parque Antártica, no Bairro da Água Branca, cuja finalidade era animar o carnaval interno do parque de diversões, todas as entidades participantes eram premiadas. Quando essa

⁴⁴ Como afirma Brito (1986, p. 81) “os cordões mais organizados como o Camisa Verde e o Campos Elíseos tinham criado uma estrutura administrativa, haviam se constituído em sociedade, regidos por estatutos, e os sócios tinham acesso aos bailes e demais atividades festivas, bastando apresentar o recibo da mensalidade em dia”.

manifestação já tinha certa aceitação, algumas agremiações, como o Vai-Vai, realizavam apresentações ou ensaios nas ruas do centro para arrecadar doações (SIMSON, 1989).

Os eventos carnavalescos da cidade eram cobertos pela imprensa, mas no início os folguedos negros não recebiam muita atenção, ou eram citados apenas nas páginas policiais. Posteriormente, a partir da década de 1930, alguns concursos passaram a ser cobertos e até promovidos pela imprensa local e, muitas vezes, também pelos meios de comunicação mais abrangentes, normalmente jornais e emissoras de rádio. Em 1935, uma reportagem do jornal Correio Paulistano relata o ensaio da Escola de Samba Primeira de São Paulo às vésperas de sua apresentação em 31/12/1935

(...) Ao seu último ensaio geral estivemos presentes, admirando a rapaziada de Elpidio de Faria. Era no salão Itália Fausta, à rua Florêncio de Abreu. Natural que não podíamos encontrar ali uma demonstração igual a do “terreiro” soberano do morro carioca. Mas aquela cadência angustiosa do ronco das cuícas, o estrepitar alvissareiro dos pandeiros e o tam-tam gingado dos tamborins, admiravam-se presentes de corpo e alma. Depois, a escola fazia antes um ensaio para a passeata do dia 31 e as “alumnas” e “cadetes” deviam ser substituídos pelas pastorinhas e balisas. As suas evoluções, porém, revelam, desde logo, que eram sambistas de valor. (Jornal Correio Paulistano, 29/12/1935, p. 7, apud URBANO, 2006, p. 110).

Esta notícia compara a Escola de Samba Primeira de São Paulo com as agremiações cariocas, as quais são vistas como superiores ou melhores, ou seja, embora o jornal tivesse interesse em noticiar fatos relacionados às entidades carnavalescas desta cidade, o fazia apresentando como algo inferior ao que era produzido no Rio de Janeiro.

Em 1936 o carnaval contou com o apoio da Prefeitura e teve como uma de suas atrações o “Dia dos Cordões dos Negros” do qual participaram a Escola de Samba Primeira de São Paulo, o bloco Baianas Paulistas, o rancho Mimoso Príncipe Negro e os cordões Mocidade do Lavapés, Marujos Paulistas, Geraldinos e o Grupo Carnavalesco da Barra Funda. Esse evento foi organizado pelo jornal Correio Paulistano, que teve a colaboração de

diversos parceiros, tendo também publicado diversas notícias sobre o evento (URBANO, 2006).

Em 1937 o jornal Diário Popular publicou a seguinte notícia sobre o carnaval, a qual possui um tom mais informativo e refere-se ao desfile como um evento importante e organizado:

O torneio dos cordões uma das mais interessantes práticas carnavalescas alias de cunho nitidamente nacional, foi marcado para *amanhan*, domingo as 20 horas (...). Os cordões deverão entrar pela praça do Patriarca, e *sahir* pela rua José Bonifácio, passando também, duas vezes diante do *jury* (...). Disputarão a competição de cordões os seguintes clubes: Campos Elysios, Barra Funda, Flor da Mocidade, Geraldinos, Mocidade do Lavapés, Marujos Paulistas, Nacionalistas, Rugerone, Juventos Nacional, Grupos das Baianas, União Bom Retiro, Escola de Samba 1ª de São Paulo, Cravos Vermelhos e *Vae Vae* e Diamante Negro, rancho extra-concurso (Diário de São Paulo, 06/02/1937, p. 12, apud URBANO, 2006, p. 113, grifo nosso).

O carnaval de 1939 foi promovido pelo jornal Correio Paulistano e o de 1940, realizado na Avenida São João e transmitido pela rádio Cosmos, pelo Centro Paulista dos Cronistas Carnavalescos e pela rádio São Paulo, os quais promoveram também o carnaval de 1941 na Cidade da Folia, no Parque Antártica (URBANO, 2006). Em 1967 os desfiles realizados na Lapa foram transmitidos pela TV Paulista, por iniciativa dos lojistas do bairro, mas já na década de 1950 a TV Record transmitia notícias e imagens dos desfiles (SIMSON 1989).

Esses fatos mostram o crescente interesse de diversos agentes da iniciativa privada no carnaval paulistano que no final do primeiro período, década de 1960, já era visto como um evento de grande potencial econômico. A partir da década de 1930, as agremiações carnavalescas populares relacionavam-se com agentes dos diferentes circuitos da economia urbana, tanto do circuito inferior – sapateiros, costureiras, artesãos e pequenos comerciantes –

como do circuito superior e superior marginal – poder público, empresas diversas, diferentes ramos comerciais, imprensa escrita, emissoras de rádio e TV.

Embora não houvesse uma normatização oficial e as ações fossem baseadas nos interesses dos envolvidos num determinado momento, sem regularidade, a relação das entidades carnavalescas com esses agentes, em especial os da iniciativa privada que promoviam e patrocinavam os desfiles mesmo na ausência do poder público, foi um dos fatores decisivos para a manutenção da festa na cidade⁴⁵. Baseadas nessas relações, as agremiações carnavalescas buscavam formas de consolidar sua inserção, mesmo que isto resultasse em alterações necessárias à sua adaptação à cidade.

⁴⁵ Ciente da importância dessa relação, Simson (1989, p. 157) afirma que “(...) a atuação da iniciativa privada criou pois condições para que as agremiações negras pudessem manter seus folguedos em funcionamento, possibilitando a emergência do atual carnaval paulistano com sua maior criatividade, todo ele praticamente baseado nos folguedos negros”.

1.4. A Ação do Poder Público e o Caminho para a Oficialização

Na primeira metade do século XX, a relação entre as entidades carnavalescas e o poder público era inconstante e frágil. No início, anos 1910 e 1920, os desfiles não eram muito bem vistos, mas diante de seu desenvolvimento surge a necessidade da regulamentação, o que se traduziu nos seus registros na Seção de Divertimentos Públicos da Prefeitura Municipal, com a necessidade de preenchimento de fichas, definição das cores da agremiação e pagamento de taxas (SIMSON 1989). No entanto, a tranquilidade dos foliões dependia, ainda, da boa vontade da autoridade responsável no momento que podia, informalmente, permitir ou não a manifestação. A permissão para a realização dos desfiles rendia homenagens às autoridades em frente à Delegacia Central no Pátio do Colégio (SIMSON, 1989; URBANO, 2006) com apresentações especiais, assim como ocorria com os comerciantes que contribuíam financeiramente. Mas essa manifestação era tolerada apenas em dias de carnaval.

As primeiras ações do poder público no sentido de incentivar o desfile de cordões ocorreram nos anos 1935 e 1936, quando o prefeito Fábio Prado promoveu o carnaval paulistano em todas as suas manifestações, incluindo os cordões carnavalescos. Desses carnavais participaram quarenta e seis cordões filiados à Federação das Pequenas Sociedades Carnavalescas (SIMSON, 1989). Em 1936 o “Dia dos Cordões Negros” foi organizado pelo jornal Correio Paulistano em colaboração com a Companhia Antártica, e o percurso do desfile foi “avenida São João, rua Libero Badaró, largo e rua São Bento, rua Direita, rua 15 de Novembro, rua João Bricolla, rua Bôa Vista, largo São Bento, viaduto Santa Efigênia, rua Antônio de Godoy, largo Paissandú, avenida São João, rua Líbero Badaró, largo São Bento e dispersão” (URBANO, 2006, p. 111).

Com o aumento do número de agremiações carnavalescas organizadas pela população negra e, conseqüentemente, do número de foliões – um crescimento lento, mas

ininterrupto (Tabela 2) – a repressão policial também aumentou tornando-se mais violenta. Situação que se estendeu até a oficialização do carnaval em 1967. Lamentando a repressão policial que ainda ocorria nas décadas de 1950 e 1960 e comparando com os dias atuais, Seo Irineu⁴⁶ afirma que

Naquela época a escola saía e a viatura saía atrás. Quando chegava lá em cima eles acabavam com o nosso samba. Pode parar! Pode parar! Hoje a polícia faz a segurança para nós.

TABELA 2 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO MÉDIO DE COMPONENTES DAS AGREMIÇÕES CARNAVALESCAS					
Décadas	1910 -1920	1930	1940	1950	1960
Componentes*	60 a 70	80 a 100	100 a 150	100 a 150	150 a 200

* Dados referentes ao Camisa Verde e Branco, ao Vai-Vai, à Nenê de Vila Matilde

Fonte: Simson (1989) e Urbano (2006).

Elaboração da Autora.

O carnaval de São Paulo não era definitivamente oficializado e dependia do interesse dos governantes, do prefeito em especial, e da disponibilidade de verbas, para obter alguma subvenção. A oficialização se dava anualmente, podendo, portanto, ficar um ou mais anos sem apoio do poder público. O carnaval de 1950, por exemplo, não recebeu nenhum tipo de incentivo da Prefeitura – sequer houve uma iluminação diferenciada no centro da cidade onde se realizaram as festividades carnavalescas⁴⁷ – mas foi promovido pelo Jornal de Notícias em colaboração com o Centro Paulista de Cronistas Carnavalescos, e contou com a participação de vinte e cinco agremiações entre escolas de samba e cordões. O desfile teve como ponto de partida o Vale do Anhangabaú e seguiu pela Avenida São João até a Praça Julio Mesquita (CRECIBENE, 2000).

Em 1954, ano do IV Centenário da cidade de São Paulo, o prefeito Jânio Quadros decidiu oficializar o carnaval e, com grande investimento, realizou o Concurso Estadual de Desfile Carnavalesco no Parque do Ibirapuera (Foto 7), também inaugurado para

⁴⁶ Componente da Velha Guarda da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, entrevistado em junho de 2002.

⁴⁷ Em seu estudo sobre a história do carnaval paulistano, Crecibene (2000, p. 26) afirma que “(...) no início da década de cinquenta, o centro da cidade sem qualquer iluminação ou decoração especial mais parecia esperar um cortejo fúnebre e não o carnaval. Não foi só a animação que deixou de existir: a ornamentação também desapareceu, evidenciando o descaso da Prefeitura”.

as comemorações do IV Centenário, o qual, nos anos seguintes, passou a ser utilizado para a realização dos desfiles.



Foto 7

Autor desconhecido
Desfile da E. S. Nenê de Vila Matilde no Parque Ibirapuera durante o IV Centenário de São Paulo
São Paulo – SP
1954
Centro de Documentação e Memória do Samba

Na década de 1960 os desfiles carnavalescos das agremiações negras já eram uma atração do carnaval paulistano. Mas elas ainda enfrentavam diversas dificuldades, e o próprio carnaval não contava com investimentos significativos. Diante disso, em 1967 os sambistas Inocêncio Tobias (Mulata) do Cordão Mocidade Camisa Verde e Branco, Deolinda Madre (Madrinha Eunice) da Escola de Samba Lavapés, Alberto Alves da Silva (Seu Nenê) da Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, Sebastião Eduardo Amaral (Pé Rachado) do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, Carlos Alberto Alves Caetano (Carlão) da Escola de Samba Unidos do Peruche e Benedito Nascimento (Xangô) da Escola de Samba Unidos de Vila Maria reuniram-se e, com o apoio dos radialistas Moraes Sarmiento, Evaristo de Carvalho, Vicente Leporace e Ramon Gomes (URBANO, 2006) solicitaram auxílio ao poder público. Essa ação provocou a uma verdadeira revolução no carnaval popular paulistano, pois resultou em sua oficialização e, conseqüentemente, em diversas inovações nas agremiações carnavalescas, como mostrará o segundo capítulo.

2. Carnaval das Escolas de Samba – Oficialização e Consolidação

Tradição (Geraldo Filme)

*Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver, vai no Bexiga pra ver
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
E não se vê mais a luz da lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É Tradição e o Samba continua.*

Último Sambista (Geraldo Filme)

*Adeus,
Tá chegando a hora
Acabou o samba
Adeus, Barra Funda, eu vou-me embora
Veio o progresso
Fez do bairro uma cidade
Levou a nossa alegria
Também a simplicidade
Levo a saudade lá do Largo da Banana
Onde nós fazia samba
Todas noites da semana
Deixo esse samba
Que eu fiz com muito carinho
Levo no peito a saudade
Nas mãos, o meu cavaquinho
Adeus, Barra Funda...*

2.1. Oficialização e Reestruturação do Carnaval Paulistano

Diante da situação em que se encontrava o carnaval paulistano no final da década de 1960 – falta de um local definido, de infra-estrutura e de apoio financeiro – uma comissão formada por representantes de diferentes agremiações carnavalescas reivindicou apoio junto à Prefeitura. Ciente do potencial dessa manifestação em relação ao mercado e à indústria do turismo, visto o que já ocorria na cidade do Rio de Janeiro⁴⁸, a Prefeitura de São Paulo, na figura do Prefeito Faria Lima, decide apoiar a festa oficializando-a, mas impõe como condição a reorganização de toda a estrutura do carnaval e das entidades participantes. Imposição prontamente aceita pelas agremiações carnavalescas, pois a oficialização significava apoio, infra-estrutura e subvenção⁴⁹.

O carnaval foi oficializado através da Lei N. 7.100 de 29 de dezembro de 1967, a qual dispõe sobre a promoção das festas na cidade e deixa clara a intenção da Prefeitura em utilizar o carnaval para incrementar o turismo, o que fica explícito em seu primeiro artigo:

Art. 1º – Fica a Prefeitura autorizada a promover festas de cunho popular e festejos carnavalescos no município de São Paulo, visando incrementar o turismo, conservar e desenvolver as tradições folclóricas brasileiras e contribuir para a recreação popular [podendo] conceder auxílio, instituir e outorgar prêmios.

A partir da oficialização, foi criada uma comissão⁵⁰ vinculada à Secretaria de Turismo e Fomento – Decreto N° 7348/68 – com a finalidade de organizar o carnaval de 1968, cujo desfile oficial ocorreu no Vale do Anhangabaú e contou com a participação de

⁴⁸ A oficialização do carnaval carioca ocorreu em 1932, quando as escolas de samba passaram a desfilar na Praça Onze. Em 1935 as escolas começaram a receber subvenção do poder público (MAIA, 2003).

⁴⁹ Como afirma Penteado (2003, p. 69) a oficialização “representava a liberdade que até então os sambistas não tinham fora do carnaval, pois nos ensaios eram perseguidos pela polícia como se fossem bandos de marginais”.

⁵⁰ “Para que tudo saísse a contento, o Prefeito Faria Lima, pelo decreto 7.348 de 11 de janeiro de 1968, instituiu e constituiu a primeira Comissão Organizadora do Carnaval Paulistano, presidida pelo Dr. Paulo Augusto Memberg, contando com nomes respeitáveis nos meios de comunicação e poderes públicos (...) bem como representantes as Força Pública, Corpo de Bombeiro, Guarda Civil, Juizado de Menores e Polícia Feminina” (URBANO, 2006, p. 119).

dezoito agremiações divididas em grupos. São elas: Escola de Samba Nenê de Vila Matilde; Sociedade Esportiva, Recreativa e Beneficente Unidos do Peruche; Sociedade Recreativa, Beneficente e Esportiva do Lavapés; Grêmio Recreativo Mocidade Camisa Verde e Branco; Cordão Carnavalesco e Esportivo Vai-Vai; Cordão Carnavalesco Fio de Ouro da Bela Vista; Escola de Samba Acadêmicos do Ipiranga; Grêmio Recreativo Mocidade Alegre; Sociedade Príncipe Negro de Vila Prudente; Grêmio Recreativo Estrela Brilhante; Escola de Samba Império do Cambuci; Grêmio Recreativo Unidos de Vila Maria; Grupo Folclórico Irmãs Ibejy; Escola de Samba Acadêmicos do Peruche; Grêmio Recreativo Acadêmicos do Tatuapé; Folha Azul dos Marujos; Sociedade Carnavalesca Morro da Casa Verde; e Escola de Samba Primeira de Santo Estevão.

A oficialização, que se traduziu na organização do carnaval, exigiu a criação de normas para a regulamentação, através das mais diversas regras de ação e comportamento, as quais, conseqüentemente, levaram à sua uniformização. Criou-se a necessidade de estabelecer um estatuto para o carnaval paulistano, mas a inexistência de uma organização ativa levou o prefeito Faria Lima – um carioca que valorizava as manifestações carnavalescas, mas desconhecia suas características nessa cidade – a contratar um carnavalesco do Rio de Janeiro para escrever o regulamento do desfile e do concurso. E, por exigência do poder público, as agremiações se organizaram em uma instituição representativa, a Federação das Escolas de Samba, Blocos e Cordões Carnavalescos, a qual havia sido fundada em 1958, mas até então não tinha muita representatividade. Analisando esse momento, Evaristo de Carvalho⁵¹ faz a seguinte afirmação:

ouvimos em 1968 do saudoso prefeito Brigadeiro Faria, a exclamação de não conhecer as escolas de samba de São Paulo e nem mesmo saber se tínhamos sambistas. A Federação buscava condições de realizar então o carnaval paulistano. Porém tivemos que mostrar que tínhamos entidades que

⁵¹ Radialista e colunista do Jornal A Gazeta Esportiva, que fez parte da comissão de sambistas que reivindicou a oficialização do carnaval paulistano em 1967.

praticavam a nobre arte popular sem qualquer recurso oriundo dos poderes públicos. Foi exatamente no dia 9 de fevereiro de 1968 que realizamos um grande desfile das escolas de samba na Praça da Sé justamente numa sexta-feira. Nessa ocasião, participaram 18 entidades, quase todas sem fantasias. Foi um sucesso e na semana seguinte o então prefeito liberava uma verba no valor de 78 mil cruzeiros. Conseguimos provar que tínhamos em São Paulo Escolas de Samba (A Gazeta Esportiva, 24/08/1977).

Diante da normatização, as agremiações carnavalescas paulistanas foram privadas de suas características genuínas, originadas das relações próprias do lugar, e submetidas a uma nova realidade, nesse caso importada do Rio de Janeiro, onde o carnaval das escolas de samba já tinha uma significativa inserção na mídia e era considerado um símbolo do carnaval nacional, além de gerar lucros crescentes às indústrias do turismo e fonográfica. Para participar do carnaval oficial, os cordões foram condicionados a enquadrar-se no regulamento voltado às escolas de samba e, como consequência, houve uma série de mudanças na estrutura do desfile, o que levou ao desaparecimento dessa manifestação típica do carnaval paulistano. Diversos cordões deixaram de existir e outros tornaram-se escolas de samba, como o Camisa Verde e Branco e o Vai-Vai, na década de 1970. O modelo do carnaval carioca foi imposto às agremiações paulistanas que sofreram diversas transformações. Como relata Moraes, W. (1978, p.70)

(...) a partir do Carnaval de 1968, as Escolas de Samba paulistanas passaram a ser estruturadas de acordo com o modelo carioca. Os balizas foram relegados em favor da Comissão de Frente; o estandarte, definitivamente substituído pela bandeira acompanhada por Mestre-sala, e tornou-se obrigatória a presença das “baianas”. O enredo assumiu importância capital, passando a definir toda montagem do desfile. A expressão “ala” torna-se corrente para designar grupo de componentes representando parte do enredo ou não e a denominação de “bateria” passa a substituir a de “batuque” para o conjunto instrumental. Ficou definitivamente abolida a participação de qualquer instrumento de sopro na parte musical.

Em continuidade ao processo de normatização em 1970, foi instituído, através do Decreto N° 9.051/70, o Calendário Oficial de Eventos para a cidade, que contemplaria os eventos com potencial econômico eminente e incluía os festejos carnavalescos. O carnaval das escolas de samba passou a ser visto como um negócio e, embora seja uma manifestação cultural popular, esteve desde o primeiro momento vinculado à Secretaria de Turismo. O artigo primeiro desse decreto deixa clara a intenção da Prefeitura.

Art. 1º. - A Secretaria de Turismo e Fomento organizará, em cada ano, o “Calendário Oficial de Eventos” no qual serão incluídos aqueles que, de qualquer modo e a juízo da mesma secretaria contribuam para atingir os seguintes objetivos: a) incremento do turismo; b) conservação e desenvolvimento das tradições folclóricas brasileiras; c) recreação popular; d) desenvolvimento das atividades econômicas, da indústria e do comércio; e) estímulo à exportação de produtos nacionais.

O direcionamento dado ao carnaval paulistano exigiu uma maior organização por parte das agremiações carnavalescas, cujos representantes fundaram, em 1973, a União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo era organizar e trabalhar para o desenvolvimento das escolas de samba e dos blocos carnavalescos da cidade e representá-los junto ao poder público⁵². No primeiro momento a UESP não tinha voz ativa, e a Secretaria Municipal de Turismo e Fomento definia as normas para o carnaval sem a intervenção da entidade.

Nos primeiros anos de oficialização as escolas de samba já contavam com o apoio da Prefeitura que providenciava a infra-estrutura e concedia-lhes anualmente uma verba de subvenção, mas somente em 1973 os desfiles passaram a se realizar em um local definido,

⁵² De acordo com a instituição “pouca gente sabe que foi o surgimento desta maravilhosa entidade que marcou o início do desenvolvimento e reconhecimento público das escolas de samba de São Paulo. A sua data de fundação é 10 de setembro de 1973. Na época, era preciso ajudar as escolas de samba e agremiações carnavalescas a regularizarem seus estatutos e profissionalizar o processo de preparação dos desfiles de carnaval” (www.uesp.com.br, acesso em 2007). Em 1975 havia três entidades representativas: a UESP, a Associação das Escolas de Samba de São Paulo e a Coligação Regional das Escolas de Samba do Município de São Paulo. Durante os preparativos para o carnaval de 1976, a Secretaria de Turismo e Fomento exigiu a fusão das três entidades; no processo de fusão optou-se pela permanência da UESP.

embora não definitivo, a Avenida São João. Situação que durou por apenas quatro anos, pois o número de componentes e principalmente de espectadores crescia significativamente, o que exigia um local mais adequado. Em 1977 os desfiles foram transferidos para a Avenida Tiradentes, onde permaneceu até 1990. Ambas as avenidas estão localizadas na região central da cidade.

Devido às inovações e ao crescimento gradual dos investimentos em infraestrutura e subvenção, as escolas, que haviam sido perseguidas e reprimidas, obtiveram conquistas significativas junto ao poder público, dentre elas a concessão de terrenos para a construção de suas sedes, as chamadas quadras, tendo como contrapartida o desenvolvimento de atividades junto à comunidade, como a própria ação cultural das agremiações carnavalescas. A primeira escola de samba paulistana a possuir uma quadra foi a Nenê de Vila Matilde através da ocupação, em 1967, de um terreno público sem a autorização da Prefeitura que, por sua vez, abriu um processo de despejo em 1970. O líder dessa agremiação, Seo Nenê, protelou a saída da escola e, ainda no início da década de 1970, construiu uma quadra de ensaios. Após anos de luta judicial, em 1978, a Prefeitura concedeu a posse da quadra à escola a título precário por noventa anos (SIMSON, 1989). A escola de samba Camisa Verde e Branco inaugurou sua quadra em 1973 e outras entidades seguiram o mesmo caminho. Na década de 1980 a Prefeitura incentivou a ocupação de terrenos junto à via Marginal Tietê e diversas escolas localizadas em bairros próximos a essa via estabeleceram ali suas quadras, tais como Unidos do Peruche, Rosas de Ouro e Gaviões da Fiel.

Todavia, diversas escolas não contavam com esse benefício e realizavam suas atividades nas ruas dos bairros, nas residências dos componentes, ou em locais alugados. Eventualmente tais escolas recebiam apoio de sua entidade representativa, a UESP, que, por exemplo, em 1976 providenciava locais e condições para que todas as escolas pudessem

realizar a escolha de seus sambas, além de promover a divulgação do samba vencedor, conforme mostra a notícia do jornal Recado do Samba

(...) o calendário de atividades da UESP está em preparação, o objetivo é dar cobertura completa à escolha dos sambas-enredo. Para isso, as escolas que não têm quadra terão, por empréstimo, salões e quadras com sistema de som e letras dos sambas impressos, além de ampla divulgação. Depois da escolha, os sambas serão apresentados em “shows” na capital e no interior (UESP, Recado do Samba, n. 02, abril de 1976).

As inovações do carnaval paulistano levaram à ampliação do interesse dos meios de comunicação pelas escolas de samba e suas atividades, o que contribuiu para seu desenvolvimento e impulsionou novas mudanças, pois a crescente divulgação chama a atenção de sujeitos que a princípio não tinham relação com essa manifestação, mas que passaram a ver nela uma série de oportunidades. Surge, por exemplo, o interesse da indústria fonográfica em comercializar os sambas-enredo das escolas de São Paulo. Em 1976, foi lançado o primeiro LP com os sambas das escolas do Grupo I, embora haja registros de gravações em fitas cassete desde 1969. O LP de 1976 foi produzido pela UESP e pela gravadora Crazy, e promovido pela Revista Amiga e pelas rádios Nacional, Record, Gazeta, Capital e a Rede das Emissoras Coligadas, que contava com 16 rádios no interior de São Paulo (UESP, Recado do Samba, n.º 2, abril, 1976). No mesmo ano foi lançado um compacto duplo com os sambas dos blocos carnavalescos.

A oficialização e a adequação do carnaval paulistano ao modelo carioca de desfile elevaram seu prestígio em relação ao Rio de Janeiro e, como consequência, houve um estreitamento das relações entre as escolas de samba e as entidades organizadoras das duas cidades. Em 1969 a escola de samba carioca Acadêmicos do Salgueiro foi convidada a realizar um desfile em São Paulo com o argumento de que as agremiações dessa cidade

necessitavam conhecer melhor a manifestação à qual deveriam se enquadrar⁵³. Em 1976, no momento da filiação da UESP à Confederação Brasileira de Escolas de Samba (CBES), estiveram presentes em sua sede, em São Paulo, o presidente da CBES, Rui Pereira da Silva, acompanhado de seu vice-presidente executivo, Amauri Jório, também presidente da Federação das Escolas de Samba do Estado do Rio de Janeiro e da Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro, e do editor da revista *Rio, Samba e Carnaval* e também chefe da Ala dos Estudantes da Portela, Maurício Matos. Nesse evento Rui Pereira da Silva e Amauri Jório fazem as seguintes afirmações:

(...) viemos para nos congratularmos com os sambistas paulistanos e oferecer nosso apoio à entidade, porque a finalidade principal da CEBS é levar avante este magnífico movimento que é o das Escolas de Samba do Rio e do Brasil, com vistas a fortalecê-lo cada vez mais e impedir que tão valioso patrimônio cultural desapareça. Por outras palavras, facilitar o entrosamento para que todos, unidos, consigamos fazer com que as escolas de samba, de qualquer parte do Brasil, representem o que de melhor se tem feito até agora (Rui Pereira da Silva, In. UESP, Recado do Samba, n.º 2, abril, 1976).

(...) as 44 escolas de samba que participam do desfile das Escolas de Samba da cidade do Rio de Janeiro estão dispostas a servir à UESP e colocam-se a disposição para oferecer tudo o que for preciso. Queremos também expressar a nossa alegria de ver mais uma grande entidade filiada à CBES. Sabemos que vocês irmanados conosco, darão uma contribuição maior ao Carnaval Brasileiro e a todas as escolas de Samba. Acreditamos que a nossa experiência somada com a vossa boa vontade poderá realizar muito em termos de escolas de samba (Amauri Jório, In. UESP, Recado do Samba, n.º 2, abril, 1976).

⁵³ Como afirma Simson (2007, p. 218) “em geral, porém, foi grande a dificuldade encontrada pelas entidades carnavalescas paulistanas para se transformar em escolas de samba segundo o estilo carioca, pois naquele período quase não havia transmissões televisivas do desfile do Rio de Janeiro, e o contato entre os agrupamentos sambistas das duas cidades praticamente inexistia. Daí a solicitação dos líderes do samba de São Paulo ao prefeito Faria Lima para que promovesse a vinda de uma agremiação carioca de renome, de forma que os sambistas pudessem ver de perto o tipo de manifestação carnavalesca que lhes competia apresentar na avenida. Assim o desfile de 1969, na Avenida São João, contou com a escola carioca campeã naquele ano, o Salgueiro, o que promoveu uma influência mais direta do carnaval do Rio sobre o de São Paulo”.

Isso mostra uma crescente necessidade das escolas de samba paulistanas em se aproximar e se enquadrar cada vez mais ao modelo carioca que se caracterizava como um carnaval espetacular e um importante produto das indústrias cultural e do turismo, uma vez que havia um claro interesse em transformar o carnaval paulistano em um evento atrativo e lucrativo, a exemplo do que ocorria no Rio de Janeiro.

2.2. Novas Relações Econômicas no Desenvolvimento das Escolas de Samba

A partir da década de 1970, devido à oficialização, ao apoio do poder público e ao crescente interesse da iniciativa privada, as manifestações carnavalescas negras passaram a ter uma maior aceitação por parte da sociedade paulistana, o que levou a um aumento na participação da população mais abastada e instruída, no geral branca. Houve uma aproximação de pessoas ligadas às artes, que contribuíam com seus conhecimentos culturais e técnicos, fomentando mudanças estéticas no desfile. Os postos de comando passaram a ser ocupados também por pessoas não necessariamente ligadas ao samba, como comerciantes e pequenos empresários, interessados nas oportunidades econômicas e políticas que as agremiações ofereciam. Mas, de acordo com Simson (1989), nas escolas mais antigas, apesar da superioridade técnica, os “elementos brancos” eram subordinados às lideranças negras, e é somente na década de 1970 que despontam as primeiras escolas de samba lideradas por brancos, como a Mocidade Alegre – fundada em 1967 – e Rosas de Ouro – fundada em 1971⁵⁴.

Essas e outras escolas surgiram no contexto do carnaval oficializado e estruturaram-se desde o início de acordo com as normas vigentes e, justamente por isso, possuíam certa vantagem em relação às agremiações fundadas no primeiro período, as quais passavam por processos de transformação e adaptação ao novo modelo. Uma exceção foi a escola de samba Nenê de Vila Matilde que, embora fundada em 1953, devido a um maior

⁵⁴ Segundo Simson (1989, p. 120) “(...) essas novas agremiações sambistas contando com um significativo capital inicial e com a ajuda financeira de algumas empresas comerciais, além de contatos valiosos na burocracia municipal, se estruturaram num esquema completamente novo, trazendo para o mundo do samba uma visão mercadológica que buscava objetivamente o sucesso na avenida. Para isso buscavam seguir muito de perto o bem sucedido modelo carioca, pois do sucesso do desfile carnavalesco decorria uma boa frequência aos ensaios, realizados nos fins de semana, na quadra da escola, que logo se tornaram outra fonte considerável de renda para essas agremiações”.

acesso ao carnaval carioca e a uma maior organização, teve uma adaptação mais rápida, sendo campeã dos três primeiros desfiles oficiais – 1968, 1969 e 1970.

Tornou-se interessante atrair para as escolas de samba pessoas mais instruídas ou de classes mais abastadas, pois dessa forma ampliavam-se as possibilidades de investimento para o incremento dos desfiles. Uma crítica comum a essa realidade é a condição do negro que de liderança passa a liderado, exercendo funções essenciais, como ritmistas, passistas, entre outras, mas subjugados. Situação criticada por Rodrigues (1984) em seu livro *Samba Negro Espoliação Branca*, no qual analisa o carnaval carioca e afirma:

(...) insisto em que houve e continua a haver ainda, um processo de branqueamento daquelas festas porque considero a chegada do elemento branco dominante às escolas de samba como mais uma tentativa de anulação do grupo negro, enquanto detentor de formas espontâneas de associação. Essa inserção, embora seja vista por muitos como um meio de integração na nossa tão decantada “democracia racial”, funciona como mais uma forma de branquear esses eventos, retirando, como já foi dito no passado, através de uma transformação brusca e imperfeita, campos de ação do grupo negro (RODRIGUES, 1984, p. 6-7).

No que se refere às entidades carnavalescas negras paulistanas, a análise não pode se restringir à discussão étnica. Por um lado é possível questionar: até que ponto, seja em São Paulo ou no Rio de Janeiro, a participação da população chamada branca nos folguedos carnavalescos de origem negra não é também uma consequência do desenvolvimento da festa e da própria sociedade, e não necessariamente uma forma de espoliação deliberada? Ao menos não por parte de todos os componentes brancos, dirigentes ou não, pois, seja como for, as escolas de samba tornam-se representativas dos bairros onde se localizam, forjando uma identidade e fortalecendo o sentimento de pertencimento e, muitas

vezes, servindo como local de mediação das relações entre sujeitos com os mais diversos interesses⁵⁵.

Por outro lado, embora a discussão acerca de questões étnicas seja pertinente, talvez os aspectos econômico e social sejam, nesse caso, mais esclarecedores, pois as ações do poder público e da indústria cultural sobre essa manifestação popular, as quais a massificam, e as conseqüências do processo de inovação na produção da festa, exigem ações e conteúdos cada vez mais normatizados, tecnicizados e financeirizados⁵⁶. Conseqüentemente os mais pobres e menos letrados, em sua maioria negros, são subjugados. Trata-se, portanto, de uma questão social profunda. Além disso, as possibilidades de negócios, e mesmo as relações de poder, relacionadas às escolas de samba eram crescentes, o que atraía uma série de oportunistas brancos e negros⁵⁷.

Após a oficialização, as escolas de samba seguiam com sua função de sociabilidade, realizando atividades como piqueniques, campeonatos de futebol entre as escolas, festas, festivais e rodas de samba entre outras atividades, mas os interesses econômicos por parte das escolas, da UESP e da Prefeitura se sobressaiam e, como conseqüência, muitas agremiações deixavam de exercer aquela função social tão comum no primeiro período, atendo-se prioritariamente à produção do desfile. E, muitas vezes, quando

⁵⁵ Ao analisar as escolas de samba do Rio de Janeiro Da Matta (1997, p. 134-135) chama a atenção para o fato que “a proposta das escolas de samba nunca é a de transformar-se numa instituição fechada (...) mas a de poder “seduzir” o maior número de pessoas, sobretudo as da classe dominante. Então elas ficam presas num paradoxo social e político, pois, na medida em que realmente poderiam ser instrumentos políticos, dado o seu alto poder de penetração, têm de se abrir para todos os grupos da sociedade. Dessa forma, seu sucesso e popularidade fazem com que deixem de ser realmente populares. Essas associações de baixo contêm em sua ordem interna dividida os valores que acabam por fazer com que se atrelem às altas camadas da sociedade e nelas se difundam. E isso sem o risco de perder o seu centro inicial. A conciliação se torna o ponto central da dinâmica social desses grupos e da sociedade inclusiva. Por causa disso, a escola de samba (e tantas outras instituições populares) serve de mediação entre segmentos sociais com interesse social e politicamente contrários”.

⁵⁶ Como chamou a atenção a professora Maria Laura Silveira durante o processo de qualificação realizado em junho de 2007.

⁵⁷ Há uma série de exemplos referentes a pessoas que se aproximam das escolas de samba com a finalidade de obter vantagens e benefícios econômicos e políticos, ou de impor sua autoridade junto à comunidade, tais como os banqueiros do Jogo do Bicho que se tornam patronos de agremiações carnavalescas, muito comum no Rio de Janeiro; políticos que se aproximam, em especial em época de eleição, para utilizar a comunidade como massa de manobra; pessoas ligadas às mais diversas formas de contravenção e crime, tais como o Jogo do Bicho ou o tráfico de drogas, para camuflar suas ações, “lavar dinheiro” e manter seu poder local.

realizavam alguma atividade, tinham como objetivo final o lucro que seria investido na produção. A oficialização que por um lado foi muito importante para a permanência e para o crescimento dessa manifestação na cidade, por outro trouxe mudanças que transformaram o cotidiano das escolas de samba, o que foi muito criticado, como é possível observar nas seguintes afirmações

O número de escolas de samba em São Paulo tem crescido de forma assustadora, todos sabem. Mas apesar da Capital contar com mais de quarenta escolas de samba, o povo paulista, os integrantes das escolas, a população do bairro não tem opção de divertimento, pois apenas duas ou três agremiações mantêm suas atividades na entre safra, depois do carnaval. As escolas de samba que surgem perderam a função comunitária, que se não chegou a se definir, pelo menos se esboçou nas antigas. Mesmo as antigas vão perdendo aquela função, deixando de congregar a população de seus bairros, deixando de servir como ponto de encontro espontâneo de pessoas de uma mesma comunidade. (...) Já não se pode querer que a escola de samba volte a ter a função de congregação de um grupo de pessoas, às quais oferece segurança e identidade grupal (Notícias Populares, 06/07/1976)

“Do ritual hoje – afirma Ciro [Ciro Nascimento, vice-presidente da UESP] –, restam o palco, o microfone e o partido alto, que não tem nada de improvisação. A roda de samba transformou-se num misto de baile, programa de auditório e muito pouco do ritual africano, embora as escolas tenham surgido dela”. Para ele perderam-se as raízes das escolas de samba e seu lado cultural. A opinião de alguns diretores de escolas confirmam esse ponto de vista. O presidente da Unidos do Peruche, Walter Guarílio, argumenta, por exemplo, que a roda existe e serve para criar o clima de Carnaval. Os demais preocupam-se mais em salientar a representatividade econômica de tal empreendimento, responsável, em média, por 20% dos gastos necessários para se colocar uma escola na rua. Juarez da Cruz, presidente na Mocidade Alegre, estabelece uma relação tripla: roda de samba, cultura e dinheiro: “Em termos de cultura, a roda de samba é fundamental. Se as pessoas frequentam as quadras, com sua família, de duas a três vezes por semana aprendem a gostar da nossa música, e isso influi na formação das crianças” (Folha da Tarde, 28/09/1985).

A massificação não fez das escolas de samba uma manifestação isenta de questionamentos e gerou problemas que até então não existiam, pois apesar das inovações e da normatização, a falta de uma estrutura adequada ao carnaval gerava transtornos na cidade. A infra-estrutura disponível para os desfiles oficiais realizados na Avenida São João – de 1973 a 1976 – não comportava o crescente número de componentes e espectadores que se concentravam na região central durante o evento. As reportagens a seguir chamam a atenção para os problemas enfrentados pelo público no carnaval de 1976, bem como dos transtornos causados aos moradores

o “empurra-empurra” durante os desfiles de ontem a tarde na av. São João, próximo à praça Julio Mesquita, foi violento. Eram mulheres e crianças que, no meio da multidão, gritavam aos policiais, pedindo ajuda. A confusão ocorria principalmente nas proximidades do edifício Andraus, onde foram colocados cordões de isolamento muito próximos às calçadas, deixando apenas um pequeno corredor no passeio para os passantes. Moradores do edifício São José, na av. São João, 856, reclamavam das autoridades, afirmando que não conseguiram sair para fazer compras, pois a porta do prédio ficou totalmente congestionada. Do alto dos edifícios os moradores vaiavam, enquanto a multidão, embaixo, se comprimia assustada, todos com medo de cair ao chão e de serem pisoteados. Também ao lado do Cine Oásis, onde existia um estacionamento, foi colocado um grande tapume sobre a calçada, deixando apenas um metro de passeio para os populares. Ali chegaram mesmo a acontecer algumas brigas entre passantes que tentavam utilizar-se daquele pequeno corredor (Folha de São Paulo, 03/03/76).

(...) seria conveniente entregar-se o Carnaval a uma outra pasta: a Secretaria da Cultura. Afinal, o Carnaval paulista, pobre imitação do Carnaval carioca, perdeu as suas raízes. Portanto, nem atrai turista, nem diverte o povo. Ao contrário, afugenta um e outro (Última Hora, 04/03/1976).

Destarte, para evitar maiores problemas e uma possível desestruturação do desfile carnavalesco como um possível negócio lucrativo para a cidade, surge a necessidade de encontrar um local mais adequado para a realização da festa, o que ocorre em 1977 quando os desfiles foram transferidos para a Avenida Tiradentes, mudança que foi cuidadosamente

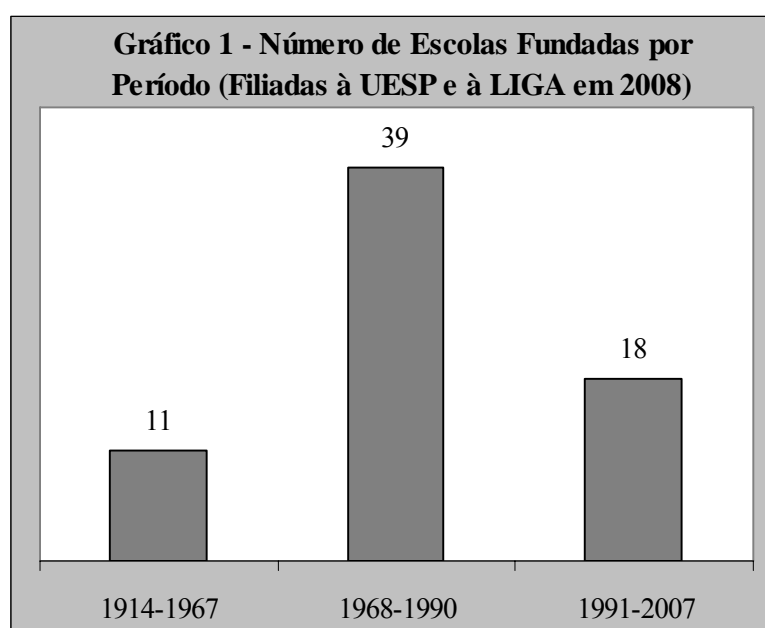
preparada. Em 1976 houve desfiles de escolas de samba na Avenida Tiradentes em duas ocasiões. No dia primeiro de maio, trinta agremiações, entre escolas de samba e blocos carnavalescos, desfilaram em comemoração ao dia do trabalho; e no dia quatro de setembro foram trinta e três agremiações em comemoração ao dia da independência, que contou também com um concurso para escolher o samba-enredo sobre o tema. De acordo com os jornais da época este último desfile teve a função de testar aquela que seria a nova passarela do samba paulistano, a qual contaria com uma maior infra-estrutura para sambistas e espectadores, bem como para a imprensa e demais empresas que tivessem interesse em investir nesse evento.

Esperam os sambistas que no novo local sejam resolvidos alguns dos problemas crônicos do carnaval paulistano: melhor acomodação para o público, criação de arquibancadas reservadas para quem deseja pagar e ter mais conforto e atender aos turistas que desejam ter locais reservados. Por ser a área livre de postes e fios [os carros alegóricos] poderão ultrapassar o limite de três metros de altura e os quatro de largura. Por outro lado espera-se que a iluminação seja bastante melhorada, com a colocação de transformadores e maior quantidade de lâmpadas, que irão melhorar o brilho das fantasias, além de facilitar o trabalho da televisão e dos cinegrafistas (Folha da Tarde, 06/09/1976).

Esses acontecimentos revelam a insatisfação dos sambistas e da população em relação aos desfiles carnavalescos, bem como a intenção das escolas e do poder público em transformá-los em um negócio mais viável economicamente.

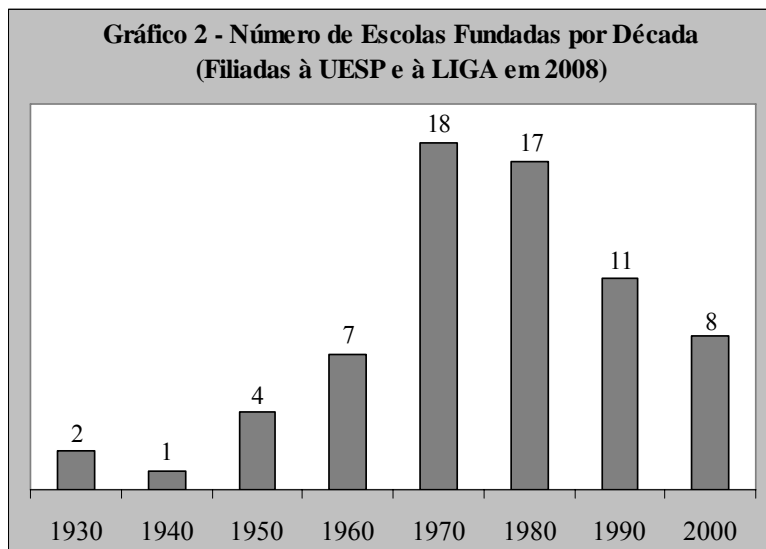
2.3. Normas, Técnicas e Políticas no Desenvolvimento dos Desfiles Oficiais

Os eventos que ocorreram após a oficialização, em 1967, provocaram mudanças estruturais no carnaval paulistano. O aumento no número de participantes e o maior investimento público e privado, por exemplo, levaram ao desenvolvimento das agremiações existentes e ao surgimento de várias outras.



Elaboração da Autora.

Ao analisar o número de escolas de samba fundadas por período, dentre as 68 filiadas à Liga e à UESP em 2008, é possível verificar que 58 surgiram após a oficialização do carnaval, sendo 39 no segundo período e 18 no terceiro; apenas 11 se originaram no primeiro período (Gráfico 1). Considerando que 18 agremiações participaram do primeiro desfile oficial (1968), os dados demonstram que parte dessas escolas podem não ter se adequadado ao novo modelo, não sobrevivendo, portanto, às inovações. E é notável o número de agremiações fundadas nas décadas de 1970 e 1980 (Gráfico 2), aproximadamente 51%. Apenas duas escolas foram fundadas na década de 1930 e uma na década de 1940.



Elaboração da Autora.

O surgimento de um grande número de escolas após a oficialização revela que, além das questões relacionadas ao crescimento populacional nos bairros periféricos desprovidos de infra-estrutura de cultura e lazer, houve um estímulo à fundação de escolas de samba devido ao reconhecimento, à permissão e também ao aspecto financeiro, pois elas passaram a ser subvencionadas pela Prefeitura e caracterizavam-se como um negócio em potencial.

Havia, na década de 1970, uma preocupação por parte do poder público e da UESP em desenvolver o carnaval paulistano, mas para eles o número de escolas de samba existentes na cidade, considerado excessivo, impedia esse desenvolvimento. Questionava-se, por exemplo, a participação, nos desfiles oficiais, de escolas que não possuíssem uma estrutura adequada ao que se esperava do carnaval oficializado. Diante disso, visando incrementar os desfiles carnavalescos a UESP e a Secretaria de Turismo e Fomento criavam mecanismos para desestimular as pequenas escolas, bem como o surgimento de novas agremiações, como, por exemplo, a definição de um número mínimo de componentes. Em 1976, a grande quantidade de escolas no Grupo III, associado ao número mínimo de duzentos componentes e à falta de organização, provocou atrasos e, conseqüentemente, a

desclassificação de diversas agremiações. “Das 23 escolas inscritas apenas 13 se classificaram e, destas, seis foram promovidas para o Grupo II” (UESP, Recado do Samba, n.º 2, abril, 1976). Situação que se repete em 1977, primeiro ano dos desfiles na Avenida Tiradentes. Mas como afirma Maria Aparecida Urbano⁵⁸, as escolas também encontravam formas de burlar as imposições, em suas palavras:

se fazia até truque pra aumentar [o número de componentes]. Por exemplo, quem estava lá no começo mudava a camiseta e ia lá para trás e era contado. Tinha uma série de coisas assim, engenhocas para que a escola saísse.

Para o carnaval de 1978, na administração do Prefeito Olavo Setúbal, surge por parte da Empresa Paulista de Turismo S/A (Paulistur) – empresa de economia mista que, em 1977, substituiu a extinta Secretaria Municipal de Turismo e Fomento – a proposta de incentivar a fusão entre pequenas e grandes escolas com o objetivo de reduzir o número de agremiações carnavalescas e potencializar o uso da verba investida, sem necessariamente aumentá-la. Conforme consta em documento da UESP,

a Paulistur pretende dar mais apoio para as escolas que vêm se destacando nos desfiles, porque elas terão mais responsabilidade no próximo carnaval. As pequenas escolas de samba serão absorvidas pelas maiores, tendo em vista a localização nos bairros e a simpatia dos componentes pelas cores das agremiações que exercem maiores influências em cada região da capital. A primeira medida prática será a extinção do Grupo IV, que foi criado no carnaval passado, mas não correspondeu às expectativas, pois as escolas de samba se apresentaram mal nos desfiles (UESP Informa, 12/09/1977).

É claro o interesse em compactar o carnaval paulistano e desenvolvê-lo de modo a aproximá-lo cada vez mais do modelo carioca, cuja influência crescia devido à maior organização e estruturação das escolas de samba e do carnaval daquela cidade, o qual, difundido pela indústria cultural brasileira, se impunha ao território como marco da cultura e

⁵⁸ Entrevistada em 17/12/2007.

da identidade nacionais⁵⁹. O foco no desfile e na competição, em detrimento do samba e da festa propriamente dita, era motivo de críticas por parte de diversos sambistas e pessoas ligadas ao samba:

há na cartolagem do samba paulistano uma corrente que tem por objetivo a integração da escola de samba no ritmo da sociedade em que vivemos, reduzindo-a à competição. A ES é transformada em mercadoria vendida no mercado nascente do turismo. A essência da escola de samba se perde. Elas passam a ser agremiações esportivas, que se confrontam, derrotando-se mutuamente e só (José Muniz Junior, *Jornal Notícias Populares*, 26/10/76).

Nesse contexto, o carnaval de 1978 foi um marco do segundo período, pois foi naquele ano que o desfile das escolas de samba começou a se consolidar como um espetáculo da indústria cultural, pois diversas ações da Prefeitura – na figura da Paulistur – endossadas pela UESP, inseriram esse evento em um âmbito mais mercadológico.

Por não ser uma unidade orçamentária da Prefeitura – como era a Secretaria de Turismo e Fomento – a Paulistur teve a possibilidade de antecipar a verba para subvenção das escolas com a finalidade de “melhorar o nível dos desfiles” (UESP Informa, 26/12/1977), pois, dessa forma, as escolas poderiam adquirir o material necessário para a produção de fantasias e alegorias com maior antecedência e, conseqüentemente, a um preço mais acessível. Naquele ano também foram cobrados ingressos para os desfiles: parte da arquibancada era gratuita – oitocentos metros de assentos – e parte paga – seiscentos metros de lugares cobertos e numerados. E a Prefeitura concedeu isenção de impostos para as agremiações, as quais deveriam solicitá-la mediante a apresentação da documentação necessária.

⁵⁹ Ortiz (1994) chama a atenção para o fato que “é por meio de mecanismos de reinterpretação que o Estado, através de seus intelectuais, se apropria das práticas populares para apresentá-las como expressão da cultura nacional. O candomblé, o carnaval, os reisados, etc. são, desta forma, apropriados pelo discurso do Estado, que passa a considerá-los como manifestação da brasilidade” (p. 71). Além disso, “com a consolidação de um mercado de bens culturais, também a noção de nacional se transforma” (p. 164). “A indústria cultural adquire (...) a possibilidade de equacionar uma identidade nacional, mas reinterpretando-a em termos mercadológicos; a idéia de “nação integrada” passa a representar a interligação dos consumidores potenciais espalhados pelo território nacional” (p. 165).

A Paulistur contratou a empresa Jaraguá Produções, através de licitação, para produzir o carnaval de 1978, a qual se comprometeu a arcar com cinquenta por cento do orçamento e ficou responsável pelo plano dos desfiles, interdição do trânsito, montagem e desmontagem das arquibancadas e palanques para a imprensa, locação de cabinas para os jurados, ornamentação, iluminação, sistema de som, entre outras coisas necessárias para a realização do evento; em contrapartida, pôde explorar os serviços de bar e publicidade nos locais de desfile (Gazeta Esportiva, 16/02/1977). Para trabalhar na área restrita, os vendedores ambulantes foram cadastrados, mediante pagamento de taxas, e usaram credenciais.

O então presidente da Paulistur, Armando Simões Neto, frisando que nesta cidade o carnaval era uma festa “promovida para o povo” ao passo que no Rio de Janeiro era “montado para turista”, afirmou, contraditoriamente, que o carnaval paulistano seria “promovido em termos empresariais” e que embora não visasse lucro teria que “ter um retorno das despesas, o que não era possível nos anos anteriores em que o carnaval era promovido por uma Secretaria municipal” (Folha da Tarde, 10/01/1978). E a UESP, acreditando ser esse o melhor caminho a ser tomado, deixou clara sua posição em relação ao contrato de prestação de serviços que firmou com a Paulistur. Segundo a entidade esse contrato

(...) vem libertar as escolas de samba da aflição das verbas e das subvenções, que geravam intranquilidade, crises nas liderança e especulações políticas. No contrato as escolas de samba passam a ser tratadas com os mesmos direitos e responsabilidades das empresas comerciais. O regulamento prevê penalidades, que vão desde a suspensão até a extinção das escolas de samba que não cumprirem as cláusulas do contrato. A remuneração, embora insuficiente para o gastos reais das escolas de samba, não terá mais as deduções de impostos que atingiriam a 35%, porque a UESP orientou as suas filiadas na obtenção da isenção do imposto de renda e do imposto de serviços (UESP Informa, 26/12/1977).

Para justificar tal investimento era necessária a realização de desfiles cada vez mais ricos e grandiosos. Além da rigorosa organização, com tempo de desfile previamente definido, belas fantasias e carros alegóricos cada vez maiores, era fundamental garantir um número mínimo de componentes – oitocentos para o Grupo I, seiscentos para o Grupo II e duzentos para o Grupo III (UESP Informa, 26/12/1977) – como uma forma de filtrar as escolas de samba e assegurar a permanência apenas daquelas que se enquadrassem no modelo exigido.

No carnaval de 1978 desfilaram na Avenida Tiradentes trinta e oito escolas de samba⁶⁰, divididas em três grupos (Quadro 1), e oito blocos carnavalescos, são eles: O Pessoal da Zona Sul, Independente da Vila Esperança, TUSP (Torcida Uniformizada do São Paulo), Meninos do Rio Pequeno, Cacique da Vila Gomes, Jóia Rara, Sovaco de Cobra e Gaviões da Fiel (UESP Informa, 26/12/1977).

QUADRO 1. ESCOLAS PARTICIPANTES DO CARNAVAL DE 1978	
Grupo I	Império Lapeano, Império do Cambuci, Unidos do Peruche, Nenê de Vila Matilde, Paulistano da Glória, Mocidade Alegre, Tom Maior, Rosas de Ouro, Pérola Negra, Vai-Vai, Barroca Zona Sul e Camisa Verde e Branco.
Grupo II	Unidos de Vila Maria, Imperador do Ipiranga, Folha Azul dos Marujos, Acadêmicos do Ipiranga, Flor de Vila Dalila, Falcão do Morro Itaquerense, Lavapés, Morro da Casa Verde, Primeira do Itaim Paulista, Príncipe Negro, Cabeções de Vila Prudente e Acadêmicos do Tatuapé.
Grupo III	Águia de Ouro, Aristocrata do Tucuruvi, Passo de Ouro, Cachoeira Império do Samba, Filhotes da X9, Colorado do Brás, Unidos da Galvão Bueno, Garotos da Chácara Santo Antônio, Fio de Ouro, Meninos Lá de Casa, Primeira de Vila Carolina, Renascença da Lapa, Prova de Fogo e Corujas de Vila Esperança.

Elaboração da Autora.

⁶⁰ Os desfiles se realizaram entre os dias quatro e seis de fevereiro. No sábado (04/02) desfilaram as escolas do Grupo III, no domingo (05/02) do Grupo II e na segunda (06/02) do Grupo I. Participaria do Grupo III a Escola de Samba Plenário de Santo Amaro, mas ela foi excluída por não apresentar a documentação exigida (UESP Informa, 26/12/1977).

O Grupo IV foi excluído dos desfiles oficiais e, sem apoio do poder público, suas treze escolas buscaram formas alternativas de participar do carnaval. Apoiadas pela UESP e em parceria com a associação comercial realizaram o desfile no bairro do Ipiranga. Apesar dessa situação, o trânsito de escolas entre os grupos permaneceu, ou seja, as últimas colocadas do Grupo III caíram para o Grupo IV e as primeiras colocadas do Grupo IV subiram para o Grupo III, e o mesmo ocorreu com os demais grupos⁶¹. Além desses desfiles houve festejos carnavalescos em diferentes bairros da cidade: Cangaíba, Penha, Santo Amaro, Tucuruvi e Vila Esperança, onde havia o tradicional concurso de carros alegóricos. Nesses festejos era obrigatória a participação das escolas de samba do primeiro grupo. Isso mostra que embora houvesse uma preocupação em desenvolver o carnaval das escolas de samba transformando-o em um espetáculo, ainda havia, e eram estimulados, festejos de rua com blocos, bandas e outras formas de manifestação.

Nos anos seguintes a Paulistur e a UESP trabalharam no sentido de desenvolver ainda mais o carnaval paulistano realizando diversas mudanças na estrutura e na organização das escolas e dos desfiles, como, por exemplo, a contratação de diferentes empresas para as diferentes funções necessárias à produção do evento, a busca por uma maior inserção na mídia e a ampliação dos investimentos para a gravação e a difusão dos sambas-enredo e a ampliação do número de espectadores na avenida. Em 1979 foram construídas arquibancadas com capacidade para aproximadamente onze mil pessoas e em 1980 para trinta mil (Notícias Populares 23/11/1979), o que revela a velocidade do crescimento do carnaval paulistano a partir de sua oficialização, embora ainda houvesse uma grande inconstância no que se refere aos investimentos e à organização da festa.

Na década de 1970 o carnaval das escolas de samba já tinha uma certa inserção na mídia e contava com colunas periódicas – permanentes ou eventuais – em jornais como A

⁶¹ Há atualmente um grupo de escolas que não recebe subvenção, é o Grupo de Acesso da UESP. No carnaval de 2008 as escolas desse grupo deveriam ter no mínimo quatrocentos componentes e um carro alegórico, e as duas primeiras colocadas subiram para o Grupo III da UESP, que equivale à quinta divisão do carnaval paulistano.

Gazeta Esportiva (*Assim Tocam os Tamborins* – Evaristo de Carvalho), *Notícias Populares* (*Quadra de Ensaios* – Edmundo Andrade; *NP no Samba* – José Muniz Junior), *Última Hora* (*UH no Samba* – Jangada) e *Folha da Tarde* (*Roda de Samba* – Edmundo Andrade; Paulo Valentim). Nessas colunas eram divulgadas diversas notícias e informações relacionadas ao carnaval e às escolas de samba, como os bastidores da produção dos desfiles e as festas, rodas de samba e outros eventos promovidos pelas agremiações em suas quadras, os quais se caracterizavam como uma importante fonte de renda para as escolas. A UESP divulgava para a imprensa as informações referentes à organização e à estrutura do carnaval através do informativo *UESP Informa*.

Também havia programas específicos de samba em diversas rádios paulistas que traziam informações sobre as agremiações e sobre o carnaval. Porém, devido à falta de expectativa de retorno financeiro, na televisão a inserção foi mais tardia. Apenas na década de 1980 os desfiles passaram a ser transmitidos, na íntegra, para São Paulo e outras localidades pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Em 1986, questionado sobre a possibilidade de transmitir o carnaval paulistano, Otávio Florisbal, então diretor de marketing da Rede Globo de Televisão, afirma: “o desfile de São Paulo é muito regional e apenas nos interessaria transmitir para o próprio Estado. Não teríamos como ganhar na publicidade o que iríamos gastar” (*Gazeta Mercantil*, ADM, 02/1986).

Na década de 1980 observa-se uma maior organização dos desfiles carnavalescos e um significativo aumento na participação de empresas privadas patrocinando e divulgando o evento que passa a ser televisionado (Figura 1). Nesse momento a passarela montada na Avenida Tiradentes já oferece uma melhor estrutura, tanto para as escolas como para os demais agentes envolvidos – público espectador, órgãos de imprensa, jurados etc. – tais como arquibancadas, iluminação, sistema de som, entre outros equipamentos básicos (Fotos 8 a 12).

SUA FOLIA NÃO CUSTA CARO.

São Paulo



Carnaval 85

Desfiles Oficiais - Av. Tiradentes

DIAS	SÁBADO	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA
Setor Coberta Lateral 2 Cr\$		15.000	3.000	10.000
Setor Coberta Lateral 1 Cr\$		20.000	5.000	15.000
Setor Coberta Central Cr\$		30.000	10.000	20.000
Setor Nobre Cr\$		80.000	20.000	40.000

De 16 a 19 de fevereiro.

Ingressos à venda nas Agências do Banespa:

Aeroporto - Av. Washington Luiz, s/nº e Faria Lima - Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.000 e Borba Gato - Av. Adolfo Pinheiro, 2.660 e Lapa - Rua Afonso Sardinha, 237 e Paulista - Av. Paulista, 2.086 e Penha - Rua Dr. João Ribeiro, 194 e Santana - Rua Voluntários da Pátria, 1.638 e Vila Prudente - Av. Paes de Barros, 3.441 e Agência Central - Praça Antônio Prado, 06.

Atenção: Em 11 bairros da Capital o Carnaval é inteiramente grátis. Leia os jornais para saber hora e local.



AVISO IMPORTANTE:

Não será permitida a entrada com garrafas, latas e caixas de isopor.








Figura 1. Informe Paulistur – Carnaval 1985.

A partir da análise deste informe da Paulistur para o carnaval de 1985 é possível observar a maior organização do evento com ingressos sendo vendidos em diferentes pontos da cidade, a participação de grandes empresas patrocinando, a transmissão televisiva pelo Sistema Brasileiro de Televisão e a apresentação do croqui com a estrutura montada na Avenida Tiradentes. Estrutura que pode ser também observada nos detalhes das fotos da página seguinte.

**Foto 8**

Autor Desconhecido

Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes

São Paulo – SP – 1982

G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria

**Foto 9**

Autor Desconhecido

Desfile da Unidos de Vila Maria na Avenida Tiradentes

São Paulo – SP – 1982

G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria



Foto 10

Autor Desconhecido
Desfile da Unidos de Vila Maria
na Avenida Tiradentes
São Paulo – SP – 1982
G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila
Maria



Foto 11

Autor Desconhecido
Desfile da Unidos de Vila Maria na
Avenida Tiradentes
São Paulo – SP – 1982
G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria



Foto 12

Autor Desconhecido
Desfile da Unidos de Vila Maria
na Avenida Tiradentes.
São Paulo – SP – 1982.
G.R.C.S.E.S. Unidos de
Vila Maria.

Outro momento marcante no desenvolvimento do carnaval paulistano foi durante a gestão do Prefeito Jânio Quadros, de 1986 a 1988, quando diversas questões relacionados ao poder público, que pretendia reduzir os gastos com o carnaval, e aos interesses divergentes dos diferentes grupos de escolas, levaram a uma série de mudanças na organização dos desfiles.

Em 1986 a Paulistur passou a se chamar Anhembi Centro de Feiras e Congressos S/A⁶² e o carnaval foi responsabilidade da Secretaria de Cultura. Sem licitação e faltando menos de um mês para o evento, a empresa Habitacional e Hotelaria Respaldo Ltda foi contratada para promover os festejos, a qual ficaria responsável pela exploração da bilheteria, comercialização de produtos diversos, inclusive material promocional, e por toda a contratação publicitária, além de algumas responsabilidades como a infra-estrutura de segurança e atendimento médico. À Prefeitura caberia a montagem e desmontagem das arquibancadas e a instalação e funcionamento da aparelhagem de som e da iluminação, o que representava a maior parte dos gastos.

Com a finalidade de possibilitar a transmissão dos desfiles do Grupo I por emissoras de televisão de todo o país, houve uma pressão para alterar a data de seu desfile de domingo para sábado – proposta recorrente já há alguns anos – e, dessa forma, não concorrer com os desfiles das escolas do Rio de Janeiro, pois, sendo no mesmo dia, a preferência das emissoras era pela transmissão dos desfiles cariocas. Essa exigência não agradou ao conjunto das agremiações paulistanas, pois a alteração da data pouco tempo antes do carnaval acarretaria em prejuízos devido aos seus demais compromissos. Contudo, diante da possibilidade de transmissão, a empresa contratada se comprometeu a pagar uma significativa quantia para minimizar tais prejuízos.

⁶² Essa empresa ficaria responsável apenas pela administração do Parque Anhembi e pelos eventos ali promovidos, mas já em 1987 passou a ser responsável pela organização do carnaval.

A indefinição estendeu-se até uma semana antes do carnaval, quando a empresa Respaldo rescindiu o contrato assinado com a Prefeitura alegando a “impossibilidade de conciliar o novo calendário com o compromisso das escolas de samba, de se apresentarem em outras cidades. Se esses contratos fossem cancelados haveria grande perda de receita, o que não poderia ser compensado pelos patrocinadores” (Diário Popular, 01/02/1986). Por fim, a Prefeitura reassumiu a organização do carnaval e não houve alteração na data dos desfiles, permanecendo o Grupo I no domingo. Por ordem do prefeito houve uma mobilização entre todas as Secretarias com a finalidade de levantar uma verba suficiente para a realização dos festejos carnavalescos (Notícias Populares, 02/02/1986). Os ingressos para a arquibancada foram postos à venda faltando apenas quatro dias para o início dos desfiles (Figuras 2 e 3). A reportagem a seguir revela a situação do público espectador diante da desorganização do carnaval naquele ano.

Com relação aos ingressos, centenas de paulistanos compareceram durante a madrugada e início da manhã de sábado [02/02/1986] no Anhembi e Galeria Prestes Maia para garantir uma vaga. E, frustrados, pela quinta vez, não conseguiram comprar os bilhetes. Apenas um papel informava a transferência da data e dos locais de venda. Agora, parece que a coisa é séria e tanto na Galeria Prestes Maia, Anhembi como nas Administrações Regionais, a venda será realizada e o paulistano poderá garantir seu ingresso nos festejos de Momo na avenida Tiradentes (Notícias Populares, 03/02/1986).

Durante os desfiles de 1986 o prefeito Jânio Quadros levantou a possibilidade de construir um Sambódromo em São Paulo a exemplo do que havia sido inaugurado no Rio de Janeiro em 1984. Alguns secretários, como o de Negócios Extraordinários (Alex Freua Neto), se manifestaram favoravelmente atentando para o barateamento do carnaval, uma vez que, com a existência do Sambódromo, não seria necessário armar e desarmar arquibancadas e demais equipamentos anualmente; outros, como os de Governo (João Carlos Freitas de Camargo) e dos Transportes (Roberto Salvador Scaringela) manifestaram-se contrários

afirmando não ser prioritário ou necessário. No entanto, durante aquele governo essa idéia não se desenvolveu.

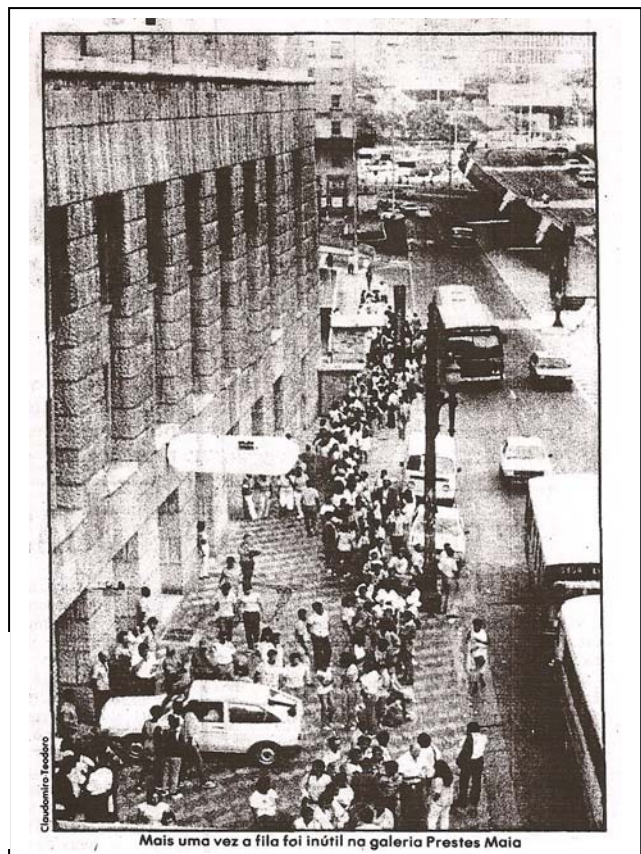


Figura 2

Montagem das arquibancadas na Avenida Tiradentes.
Notícias Populares,
12/02/1986

Figura 3

Fila para a compra dos ingressos para os desfiles do carnaval 1986.
Folha da Tarde, 31/01/86.



Diante dos diversos problemas observados naquele carnaval, em 19 de junho de 1986, diretores de nove agremiações fundaram a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (Liga). Foram elas: Camisa Verde Branco; Vai-Vai; Rosas de Ouro; Águia de Ouro; Mocidade Alegre; Unidos do Peruche; Imperador do Ipiranga; Acadêmicos do Tucuruvi; e X-9 Paulistana⁶³. Essa entidade tinha o objetivo de congregar as escolas de samba do Grupo I, que passou a se chamar Grupo Especial, representando-as junto ao poder público e às entidades particulares e participar da organização dos desfiles a partir de 1987. Posteriormente passou a representar os dois primeiros grupos: Grupo Especial e Grupo I, cujo nome foi alterado para Grupo de Acesso. A UESP continuou representando as demais escolas.

A Liga foi fundada com o objetivo de atender aos interesses das chamadas grandes escolas e trabalhar para o desenvolvimento do carnaval paulistano de modo a aproximá-lo do modelo espetacular e lucrativo que já se realizava no Rio de Janeiro.

A não passagem do desfile do Grupo I para o sábado no último carnaval, a perda de dinheiro surgida com esta medida, uma série de outros problemas e finalmente a abertura dos envelopes contendo as notas dadas pelos jurados às escolas desfilantes na Av. Tiradentes acabou por decretar o surgimento da Liga Independente das Escolas de Samba Paulistanas (...) (Popular da Tarde, 15/02/1986).

De acordo com Marcos dos Santos⁶⁴, sambista e atual coordenador do Centro de Documentação e Memória do Samba, a fundação da Liga tem relação direta com os interesses econômicos ligados às transmissões televisivas. Segundo ele, as escolas fundadoras eram favoráveis à transferência do dia de desfile do Grupo I para sábado, com a finalidade de possibilitar a negociação com a Rede Globo de Televisão, pois um contrato de transmissão

⁶³ Na Ata de Fundação constam como sócios fundadores: Carlos Alberto Tobias, Camisa Verde Branco; Eduardo Basílio, Rosas de Ouro; Sidnei Carrioulo Antônio, Águia de Ouro; Juarez da Cruz, Mocidade Alegre; José Jambo Filho, Vai-Vai; Hermínio Bergamo, Imperador do Ipiranga; Horácio Bailão Mello, Acadêmicos do Tucuruvi; Laurentino Borges Marques, X-9 Paulistana; Raimundo Pereira da Silva, Rosas de Ouro; Walter Guariglio, Unidos do Peruche; Vera Lucia da Silva Dias, Rosas de Ouro; e Fernando Sérgio Pereira Campos (www.ligasp.com.br, acesso em 02/2007).

⁶⁴ Entrevistado em março de 2007.

geraria receita e divulgaria o carnaval dessa cidade nacionalmente e, conseqüentemente, promoveria novos negócios. Porém, isso não interessava às demais escolas, pois seus desfiles não seriam transmitidos e elas tampouco seriam beneficiadas financeiramente. Diante disso exigiam que, no caso da efetivação de um contrato, o valor obtido com os direitos de transmissão fosse repassado a todas as escolas filiadas à UESP, o que, evidentemente, não estava nos planos daqueles cujos desfiles seriam transmitidos. De acordo com Marcos dos Santos, esse tema gerou um impasse e resultou na fundação da Liga. Em suas palavras,

foi um tremendo impasse. Começaram a reclamar da ditadura das pequenas, e resolveram fundar a Liga para negociar direto com a Globo. Na época nós tínhamos cento e vinte entidades filiadas aqui [UESP]. A Globo prefere conversar com dez do que com cento e vinte. É mais fácil. E provocou esse racha. A gente produz carnaval até hoje, a UESP, carnaval de bairros, mas a gente não sai na mídia.

O desmembramento das escolas em duas entidades representativas deu novo impulso ao carnaval paulistano. Representando apenas os interesses das maiores escolas, a Liga pôde iniciar um processo de trabalho no sentido de incrementar os desfiles e potencializar os negócios a eles relacionados.

O carnaval de 1987 contou com a participação da Liga na organização e, sob a coordenação da Anhembi Centro de Feiras e Congressos S/A, um consórcio formado por diversas empresas assumiu o patrocínio dos desfiles carnavalescos na Avenida Tiradentes, ficando a prefeitura responsável apenas pelos festejos nos bairros. As consorciadas obtiveram retorno financeiro através da venda dos espaços de propaganda e publicidade na avenida. De acordo com Epaminondas José da Cunha, então presidente da Anhembi, a intenção dessa medida foi reduzir os gastos da Prefeitura, acabar com o “paternalismo da subvenção pública”, e aumentar a sofisticação, o conforto e o profissionalismo do carnaval, além de ampliar as oportunidades de exploração turística (Diário do Grande ABC, 16/01/1987). Naquele ano a arquibancada, que ocupou setecentos metros de avenida e foi dividida em vinte

e três módulos, possuía seis metros de altura e capacidade para vinte e cinco mil pessoas. Em cada módulo havia telefone público, sanitários e postos de alimentação. Outra novidade foi a construção de cinquenta camarotes, cada um com capacidade para quinze pessoas. A estrutura montada na Avenida Tiradentes contou com equipes de apoio das polícias Militar e Feminina, Juizado de Menores, pronto-socorro, manutenção, e postos da CMTC, da Eletropaulo, da Telesp e da Liga Independente das Escolas de Samba (Diário do Grande ABC, 16/01/1987).

As inovações do carnaval paulistano podem ser observadas também no interior das escolas de samba que contavam com diversas fontes de renda. Além da subvenção que não era suficiente para arcar com as despesas, havia: o Livro de Ouro que, em especial nas grandes escolas, já não era muito utilizado, mas ainda rendia alguma receita e doações de materiais diversos; os ensaios, para os quais eram cobrados ingressos e faturava-se também com o bar; e, eventualmente, era possível verificar formas de patrocínio. A Escola de Samba Rosas de Ouro, por exemplo, em 1986 fazia propaganda da empresa Tapetes Bandeirantes em sua quadra (Gazeta Mercantil, ADM, 02/1986).

Essa receita possibilitava às escolas uma maior estrutura para a produção das fantasias e alegorias. Ao contrário do primeiro período, era muito comum a contratação de trabalhadores especializados para as diferentes funções do barracão⁶⁵, como escultores, ferreiros, marceneiros, costureiras, aderecistas, entre outros, e o próprio carnavalesco que idealizava as fantasias e alegorias, a partir do enredo proposto, e organizava todo o processo produtivo, o qual muitas vezes não fazia parte da comunidade, sendo contratado para desenvolver essa função e, em alguns casos, vindo de outras cidades. Em 1986 a Escola de Samba Rosas de Ouro contratou Carlos Eduardo Colabono, professor de artes do Colégio Canadense e a Escola de Samba Camisa Verde e Branco contratou o carioca Augusto Henrique, que veio a São Paulo para essa finalidade. Já a Escola de Samba Mocidade Alegre

⁶⁵ Local onde, no geral, as escolas produzem as fantasias, as alegorias e onde são montadas partes dos carros alegóricos.

optou por entregar essa função a uma comissão de diretores (Gazeta Mercantil, ADM, 02/1986). Também era comum a terceirização de parte dessa produção através da contratação dos serviços de ateliês especializados na confecção de fantasias mais sofisticadas.

Observa-se nesse período uma diversificação do material utilizado na produção, como tecidos diversos, materiais sintéticos, plástico, ráfia, acetato, isopor, lantejoulas, plumas, ferragens, madeira entre outros. Todo esse material, assim como os equipamentos de som e os instrumentos musicais, era adquirido em lojas especializadas ou diretamente do produtor. Os carros alegóricos já eram montados sobre chassis de caminhões com estrutura metálica para sustentar as alegorias feitas normalmente de madeira e isopor.

Essas características revelam a existência de uma divisão social e territorial do trabalho específica da produção das escolas de samba diferente daquela observada anteriormente. Mas essas novidades não são a realidade de todas as escolas, pois diversas pequenas escolas não se enquadravam no novo contexto e mantinham as características anteriores. Verifica-se, portanto, uma sobreposição de divisões do trabalho.

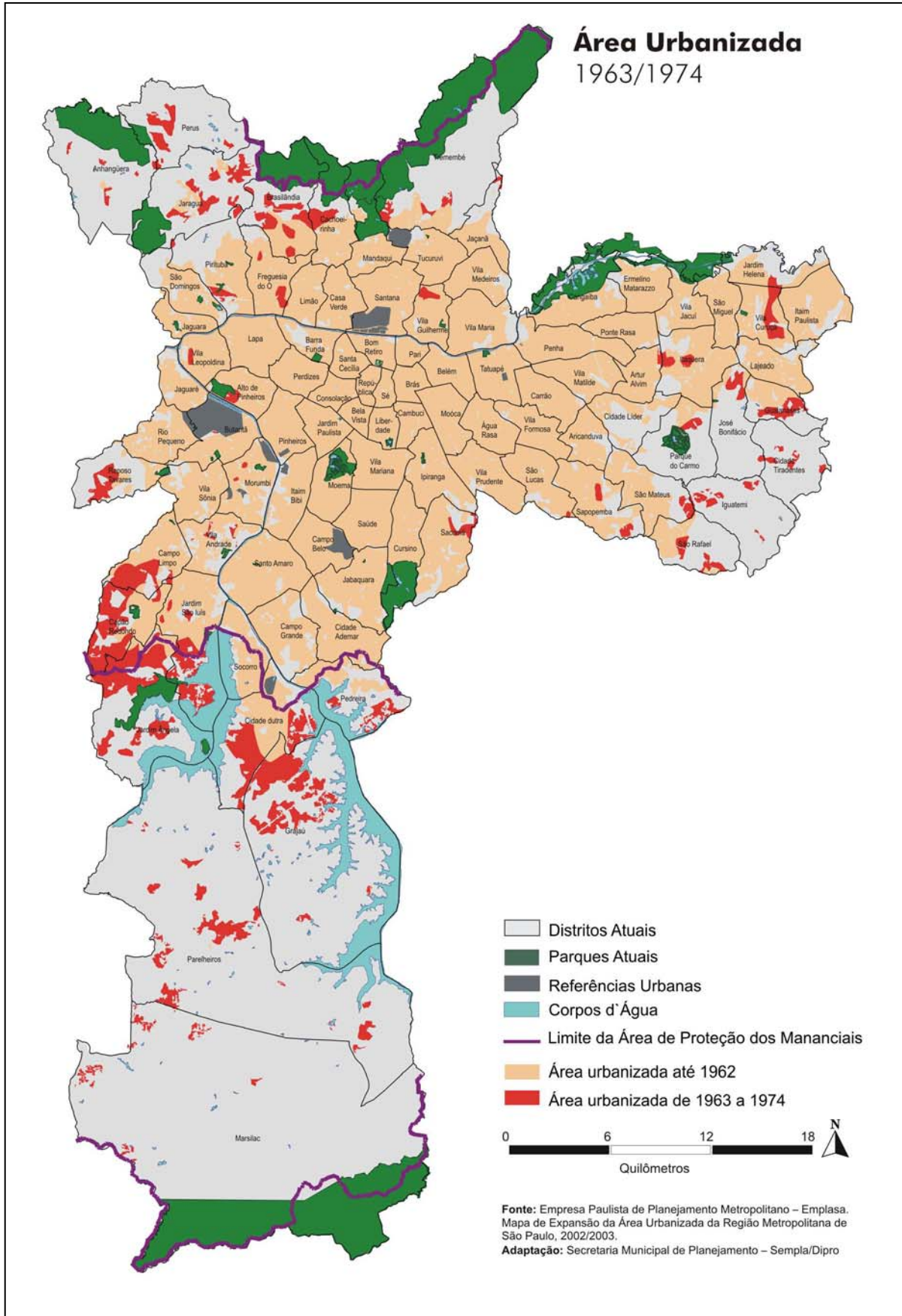
Com relação à organização interna, muitas escolas ainda mantinham uma base familiar e de vizinhança, mas algumas já possuíam uma estrutura institucionalizada e baseada em estatutos mais rigorosos com funções definidas como presidente, secretário, tesoureiro, diretores e conselheiros, além da participação de pessoas não necessariamente ligadas à família e ao bairro, como é o caso de funções chave tal como a de carnavalesco. Essa institucionalização é um reflexo da oficialização e da normatização do carnaval paulistano que exigiu uma maior organização e embasa sua crescente profissionalização.

Esses últimos eventos que provocaram inovações estruturais no carnaval paulistano marcam o início do processo de transição para o terceiro período.

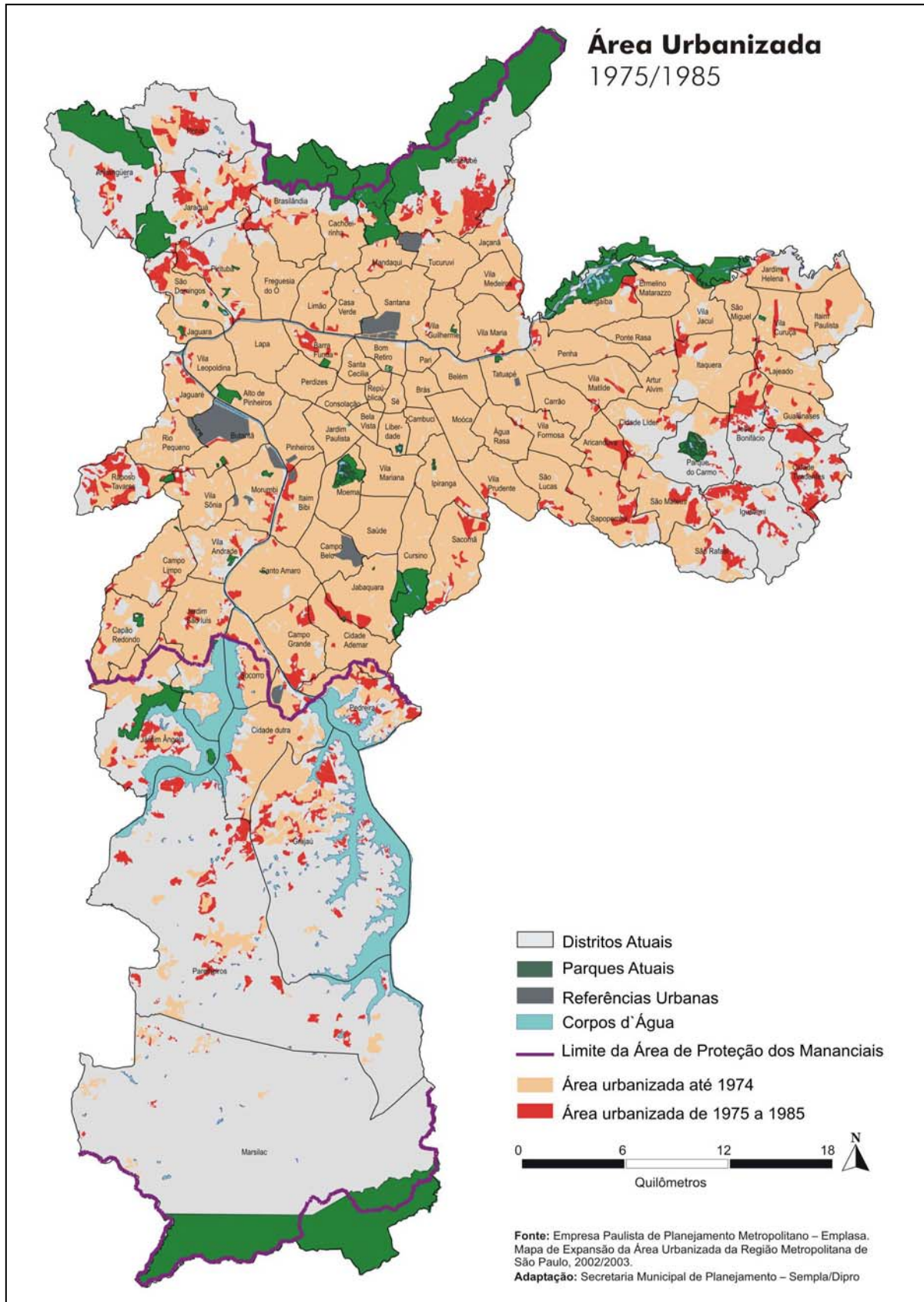
2.4. A Regulamentação do Carnaval Paulistano no Contexto da Cidade Corporativa

A partir do pós-guerra diversas ações e regulamentações estatais possibilitaram uma crescente integração territorial e a dispersão da modernidade. Naquele contexto várias cidades consolidaram-se como metrópoles, e a cidade de São Paulo passou a desempenhar um papel hegemônico no cenário nacional. Trata-se de uma verdadeira “metrópole onipresente” (SANTOS, (1993) 2005) que concentra os vetores da modernidade e que, naquele momento, vivenciava a consolidação do meio técnico-científico-informacional, ou seja, “o momento histórico em que a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência, de técnicas e de informação” (SANTOS, (1993) 2005, p. 37). A instalação dessa infra-estrutura cria as condições necessárias para o estabelecimento dos conteúdos do período atual, que inserem São Paulo no contexto da globalização como o “mais importante elo entre a economia nacional e a economia internacional” (SOUZA, 1999, p.37).

Porém, a modernização não atinge a tudo e a todos da mesma forma, pois trata-se de uma modernização incompleta e seletiva que apresenta uma série de contradições e conflitos, além de gerar uma profunda desigualdade social. Cria-se uma pobreza estrutural, e não residual, que aumenta à medida que a cidade cresce e se moderniza pois verifica-se a construção de uma cidade corporativa (SANTOS, 1990) que se faz, com investimento de recursos públicos, para atender aos interesses das grandes firmas em detrimento do social. E a população pobre segue deslocando-se em direção às periferias mais distantes, o que provoca a ampliação da mancha urbana da cidade (Mapas 4 e 5).



Mapa 4. Área Urbanizada – 1963-1974



Mapa 5. Área Urbanizada – 1975/1985

A São Paulo industrial torna-se uma cidade informacional com prevalência dos setores de comércio e serviços, como consequência do processo de desconcentração industrial que leva à criação de novas territorialidades, embora a centralidade do comando permaneça, pois o que se desconcentra é, no geral, a atividade fabril (BERNARDES 2001; SANTOS, (1993) 2005). E foi justamente a base industrial que permitiu essa transformação, pois “somente a metrópole industrial tem condições para instalar novas condições de comando, beneficiando-se dessas precondições para mudar qualitativamente” (SANTOS, (1993) 2005, p.103). Em vinte anos, de 1970 a 1990, houve uma redução significativa no número de estabelecimentos e no valor da transformação industrial da cidade de São Paulo, em relação ao total nacional, ao passo que a Região Metropolitana e o Estado de São Paulo apresentaram crescimento (Tabela 3).

TABELA 3 - PARTICIPAÇÃO DO MUNICÍPIO, DA REGIÃO METROPOLITANA E DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO NA INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA						
ANOS	Estabelecimentos Industriais (%)			Transformação Industrial (%)		
	São Paulo	RMSP	Interior	São Paulo	RMSP	Interior
1970	28,94	36,09	6,95	28,39	45,29	13,13
1990	9,23	21,95	15,26	16,01	31,13	21,70

Fonte: SANTOS e SILVEIRA, 2001.

Elaboração da Autora.

A cidade de São Paulo continuou apresentando crescimento populacional, porém em processo de desaceleração (Tabela 4). De 1960 a 1970, o percentual de crescimento foi de 36,18%, de 1970 a 1980 de 30,25%, de 1980 a 1991 de 11,96% e de 1991 a 2000 de 7,56%. De 1960 a 2000, a cidade cresceu 63,76%, enquanto o Estado de São Paulo cresce 64,96% e a Região Metropolitana 73,50%. Esses dados são, também, um reflexo do processo de desconcentração industrial que possibilitou o desenvolvimento de outras cidades do estado e da própria RMSP.

TABELA 4 – MUNICÍPIO, REGIÃO METROPOLITANA E ESTADO DE SÃO PAULO, E BRASIL. CRESCIMENTO POPULAÇÃO – 1960-2000				
Anos	São Paulo (Município)	RMSP	São Paulo (Estado)	Brasil
1960	3.781.446	4.739.406	12.974.699	70.119.071
1970	5.924.615	8.139.730	17.771.948	93.139.037
1980	8.493.226	12.588.725	25.040.712	119.002.706
1991	9.646.185	15.444.941	31.588.925	146.825.475
2000	10.434.252	17.878.703	37.032.403	169.799.170

Fonte: IBGE – Censos Demográficos.

Elaboração da Autora.

A estrutura e a dinâmica da cidade corporativa já não comportavam uma festa carnavalesca da forma como ocorria, e a realização dos desfiles na Avenida Tiradentes, na região central da cidade, passa a ser um transtorno no já caótico trânsito paulistano. Trata-se de uma importante via de tráfego que além de ser a principal ligação da Zona Norte ao Centro, faz parte de um imenso corredor de vias expressas que compreende as avenidas Santos Dumont, a própria Tiradentes, Prestes Maia, Vinte e Três de Maio, Rubem Berta, Moreira Guimarães, Washington Luís e Interlagos, e corta a cidade de um extremo ao outro no sentido Norte – Sul. Além disso, parte do fluxo de veículos que chegam ao município pelas rodovias Presidente Dutra, Fernão Dias, Ayrton Senna⁶⁶, Anhanguera/ Bandeirantes e até mesmo a Castelo Branco, para acessar a parte central da cidade utilizam as marginais e posteriormente a Avenida Tiradentes. Vale lembrar que essa malha viária tem como finalidade potencializar a fluidez com o objetivo maior de atender à demanda e aos interesses das grandes empresas⁶⁷.

Percebe-se facilmente a importância dessa artéria para o fluxo de veículos na cidade e os problemas que a realização dos desfiles carnavalescos provocava, tanto nos períodos de montagem e desmontagem da estrutura – as arquibancadas e as cabines dos jurados e da imprensa (feitos de madeira numa estrutura tubular de ferro) e o isolamento da

⁶⁶ Na época denominada Rodovia dos Trabalhadores.

⁶⁷ Como afirma Balbim (2003, p. 385) “dentro das estratégias de deslocamento a velocidade é um dos parâmetros fundamentais na escolha modal. A única maneira conhecida de converter a velocidade em valor financeiro, comparável entre indivíduos distintos, é através do intermediário tempo”.

área (feito de madeirite) – o que poderia levar semanas, como nos dias de carnaval quando parte da avenida ficava interditada e havia uma grande concentração de carros alegóricos na região. Por outro lado, a passarela na Avenida Tiradentes já não comportava a crescente estrutura das escolas de samba paulistanas.

Os excessivos gastos anuais com infra-estrutura reduziam o investimento em outros setores da festa, o que contribuía para manter o carnaval paulistano em um patamar inferior ao carioca no que se refere ao potencial de desenvolvimento e criação de possibilidades econômicas. Diante disso, a Prefeitura de São Paulo dá início a uma política de reestruturação do carnaval. Em 04 de janeiro de 1990, na gestão da prefeita Luiza Erundina, o carnaval paulistano foi regulamentado através da Lei Nº. 10.831 (Anexo 1), a qual responsabiliza à Prefeitura pela organização e apoio ao carnaval, pois afirma:

Art. 1º. – O Carnaval paulistano bem assim as manifestações artístico-populares que o compõem, constitui-se em evento oficial da cidade, com o apoio e sob a gestão da Prefeitura.

Dentre as manifestações carnavalescas que recebem subvenção está o desfile das escolas de samba. Esta lei, que revoga a Lei Nº. 7.100 de 29 de dezembro de 1967, responsabiliza à Prefeitura pela execução da administração do carnaval paulistano através da *Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo S/A*, empresa que substituiu a *Anhembi Centro de Feiras e Congressos S/A*. A nova lei deixa mais clara a responsabilidade da Prefeitura em relação ao carnaval paulistano e às escolas de samba. A legislação anterior, de 1967, ao afirmar que a Prefeitura pode conceder auxílio, a desobriga de tal concessão, o que não ocorre na lei de 1990.

Dando continuidade à política de reconhecimento das manifestações carnavalescas, como algo importante para a cidade, em 1º de fevereiro de 1991, ainda na

gestão da Prefeita Luiza Erundina foi inaugurado no Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo⁶⁸ o Sambódromo da cidade de São Paulo, onde se realizam os desfiles desde então (Fotos 13 e 14). A inauguração foi muito criticada, pois na realidade, naquele momento, havia apenas uma passarela sem pavimentação e houve a necessidade de construir arquibancadas como ocorria na Avenida Tiradentes. As obras do Sambódromo continuaram pelos anos seguintes e, a cada carnaval, surgiam novas propostas de aperfeiçoamento de acordo com as necessidades dos sambistas e das escolas de samba. Com as obras finalizadas, o Sambódromo, utilizado desde 1991, foi novamente inaugurado em 12 de fevereiro de 1996, na gestão do Prefeito Paulo Maluf.

Esses dois eventos – regulamentação (1990) e inauguração do Sambódromo (1991) – criaram condições para a realização de um terceiro, o início das transmissões dos desfiles para todo o Brasil pela Rede Globo de Televisão (1999). Juntos, os três eventos criam uma rede de relações cujos agentes determinam o rumo das escolas de samba e do carnaval paulistanos e marcam o início do terceiro período.

⁶⁸ Na época denominado Pólo Cultural e Esportivo. A mudança de nome para Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo data de 1994.



Foto 13

Autor: Miguel
Boyayan
Sambódromo
São Paulo – SP
1991

Fonte: http://www9.prefeitura.sp.gov.br/semp la/historico/img/1991/sambodromo_grande.jpg



Foto 14

Autora: Vanir Belo
Sambódromo
São Paulo – SP
2008
Coleção Particular

3. Profissionalização do Carnaval e Uso da Cidade

*Super Escolas de Samba S/A super alegorias
Escondendo gente bamba, que covardia
(Bum-Bum Paticumbum Prugurundum –
Beto sem Braço e Aluizio Machado – 1982).*

*Não suporto mais o samba perdendo a tradição
No morro começaram a dizer que o carnaval é produto exportação
Mas o Vai- Vai na avenida diz no pé e dá um show de empolgação
Mostrando que o samba verdadeiro é o que se faz com tamborim
e surdo de marcação. (E se a moda pega – Vai-Vai – 1983).*

*“Mais relevante que lamentar a perda de uma suposta autenticidade, no entanto,
é tentar analisar as crenças, costumes, festas, valores, e formas de entretenimento
na forma em que se apresentam hoje, pois a cultura, mais que a soma de produtos,
é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado”
José Guilherme Cantor Magnani (1982, p. 15).*

3.1. As Ações do Poder Público e da Iniciativa Privada no Desenvolvimento do Carnaval Paulistano

O início do terceiro período é marcado por dois eventos políticos que formaram a base para a estrutura atual do carnaval paulistano, ambos realizados na gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992): a regulamentação, através da Lei Nº. 10.831 de 1990, que normatiza o carnaval paulistano revogando a Lei Nº 7.100 de 1967; e a inauguração do Sambódromo no Parque Anhembi, na Zona Norte da cidade, em 1991.

A regulamentação do carnaval manteve o desfile das escolas de samba como um evento oficial da cidade, o qual, juntamente com outras manifestações – concurso de Rei Momo e Rainha de Carnaval, desfiles de bandas e blocos carnavalescos, carnavais de bairros e outros como concursos, festas, bailes etc. – passou a ser considerado uma “manifestação artístico-popular”. De acordo com o decreto Nº 29.472 de 1991, que modificou o campo de atuação da Secretaria Municipal de Cultura, “considera-se atividade de natureza cultural e artística tudo o que deriva da atividade humana como resultado de sua criação cultural, sob todas as formas de expressão” e “a Secretaria Municipal de Cultura deverá apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Todavia, as diversas ações do poder público em relação aos desfiles das escolas de samba deixam evidente sua visão sobre essa manifestação que, embora cultural, ou artística, e popular, desde a sua oficialização foi vista como um evento de grande potencial econômico e, portanto, submetido à pasta municipal do turismo.

Sambódromo

O espetáculo anual que se pretendia realizar na cidade de São Paulo exigia uma passarela adequada com infra-estrutura moderna, que não provocasse transtornos na cidade e não gerasse gastos excessivos aos cofres públicos. Diante disso, a inauguração do Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo, o Sambódromo, em 1991, com a finalidade primeira de abrigar os desfiles das escolas de samba, veio corroborar essa exigência oficial. Durante todo o período de idealização e construção desse objeto técnico de uso específico – que possui uma pista com quinhentos e trinta metros de comprimento e capacidade para aproximadamente trinta mil pessoas – houve uma série de críticas em relação à localização, ao projeto arquitetônico doado por Oscar Niemeyer, às licitações e pelo fato dos sambistas não terem participado desse processo.

As críticas ao Sambódromo permanecem e diversos autores o definem como o local de confinamento do samba na cidade construído com a finalidade de atender às necessidades do espetáculo. Analisando o processo semelhante que ocorreu no Rio de Janeiro, Queiroz (1987) refere-se à construção de um Sambódromo como a “domesticação da massa urbana”. E os recentes trabalhos produzidos na Geografia paulistana (MARCELINO, 2007; FRANGIOTTI, 2007) também apontam para esse sentido. Segundo Marcelino (2007, p. 155)

(...) cabe (...) apontarmos que tais mudanças [referindo-se às transformações do samba na cidade] foram fundamentais para construir espaços virtuais voltados ao espetáculo e à fetichização tão comuns à sociedade consumista em que vivemos e vazios em valores no que diz respeito às relações primárias, tão importantes para a construção e manutenção de espaços de sociabilidade dos moradores da metrópole, como também para o sentimento de pertença dos mesmos àqueles espaços.

De todo modo, diante da situação encontrada anteriormente, diversos sambistas envolvidos com as agremiações carnavalescas, embora carregados de nostalgia e críticas,

viam a construção do Sambódromo como uma proposta oficial que poderia ser aproveitada pelas escolas de samba paulistanas. Nas palavras de Maria Aparecida Urbano⁶⁹

o samba foi jogado lá no Anhembi. Porque ali era uma várzea. Era um terreno vazio que não tinha valor nenhum. Era um terreno excluído. Marginal. E nessa Marginal foi feito aquele prédio enorme para fazer exposições, só, pra frente ali não tinha nada. Então vamos jogar toda a negrada lá. Aí o que fizeram? Fizeram uma passarela. Isso foi no governo da Erundina. Ainda bem! Porque a gente pleiteava tanta coisa. Quando foi renovado o Anhangabaú a gente pretendia que fosse ali, que tivesse um espaço grande para que as escolas no carnaval desfilassem e depois ficasse livre esse vão todo. Não, mas no centro da cidade vai atrapalhar, vamos jogar lá. Ninguém pensou que lá não tem ônibus, não tem transporte mesmo, de jeito nenhum, é difícil mesmo o acesso. Não tem um bar, não tem uma lanchonete, não tem um nada ali. Mas ainda bem que conseguimos esse espaço.

A regulamentação do carnaval e a inauguração do Sambódromo fazem parte de uma política da Prefeitura cujo objetivo, mais do que promover a manifestação cultural, é desenvolver seu potencial turístico. Essas ações não se caracterizam como políticas isoladas, pois ocorreram num momento em que surgiam diversas ações de incentivo à cultura por parte do poder público em suas diferentes esferas – municipal, estadual e federal – tais como a inauguração do Memorial da América Latina (1989) pelo Governo do Estado de São Paulo, e a aprovação das leis federais Rouanet (1991) e do Audiovisual (1993)⁷⁰. Em âmbito municipal, a construção do Sambódromo fez parte de uma política de reformulação do Parque Anhembi que, juntamente com a volta da Fórmula I ao autódromo de Interlagos, potencializou as áreas de turismo e lazer em São Paulo. Nesse mesmo período foram aprovadas duas leis referentes à regulamentação do turismo na cidade, a Lei N° 29.509/91 que criou o Conselho Municipal de Turismo, e a Lei N° 11.198/92 que implantou o Plano de Turismo Municipal e criou o Fundo Municipal de Turismo.

⁶⁹ Entrevistada em 17/12/2007.

⁷⁰ Analisando essas ações Oliveira, C. (2007, p. 74) afirma que “em nenhum momento tais leis serviram ao empreendimento carnavalesco, num processo de total ausência de sintonia com a justificativa de democratização do acesso cultural aos recursos financeiros”.

A construção do Sambódromo no Parque Anhembi é, também, parte de um processo de reformulação urbana pela qual a cidade vem passando nas últimas décadas e para sua realização foi necessário rever a Lei de Zoneamento e Uso para aquela região⁷¹ (Anexo 2). A partir da análise de fotografias aéreas é possível observar as transformações pelas quais passou essa área nas últimas décadas. No período anterior à construção da Marginal Tietê, do complexo Center Norte e do Parque Anhembi (Foto 15) ainda havia na várzea do Tietê alguma cobertura vegetal, diversas lagoas e campos de futebol, e ela era utilizada como área de lazer gratuito e de acesso democrático à população da região. Após a instalação desses objetos específicos que fazem parte do meio construído urbano (Fotos 16) a área já apresentava uma densa mancha urbanizada com a quase inexistência de áreas vazias. Vale lembrar que o Parque Anhembi e o Complexo Center Norte também são áreas de lazer, mas de caráter menos democrático (Imagem 1 e Foto 17).

Símbolo do carnaval paulistano, o Sambódromo é o local de desfile para algumas agremiações carnavalescas da cidade, pois desfilam ali apenas as escolas do Grupo Especial (sexta-feira e sábado), Grupo de Acesso (domingo) e Grupo I (segunda-feira), além do Grupo Especial de Blocos (terça-feira)⁷². As demais agremiações filiadas à UESP – Grupo II, Grupo III, Grupo de Acesso e Grupo I de Blocos – realizam seus desfiles em passarelas montadas em diferentes bairros da cidade. Em 2008 foram realizados desfiles no Autódromo de Interlagos, Zona Sul (Grupo II), na Avenida Alvinópolis na Vila Esperança, Zona Leste (Grupo III) e na Avenida Politécnica no Butantã, Zona Oeste (Grupo de Acesso e Grupo I de Blocos). Nos três lugares houve desfiles no domingo e na segunda-feira de carnaval.

⁷¹ A através da publicação do Projeto de Lei N° 220/90 que serviu de base para a nova Lei N° 11.156/91 que substituiu a Lei N° 7805/75 e dispõe sobre a Zona de Uso Z8-006.

⁷² Informações referentes ao carnaval de 2008.

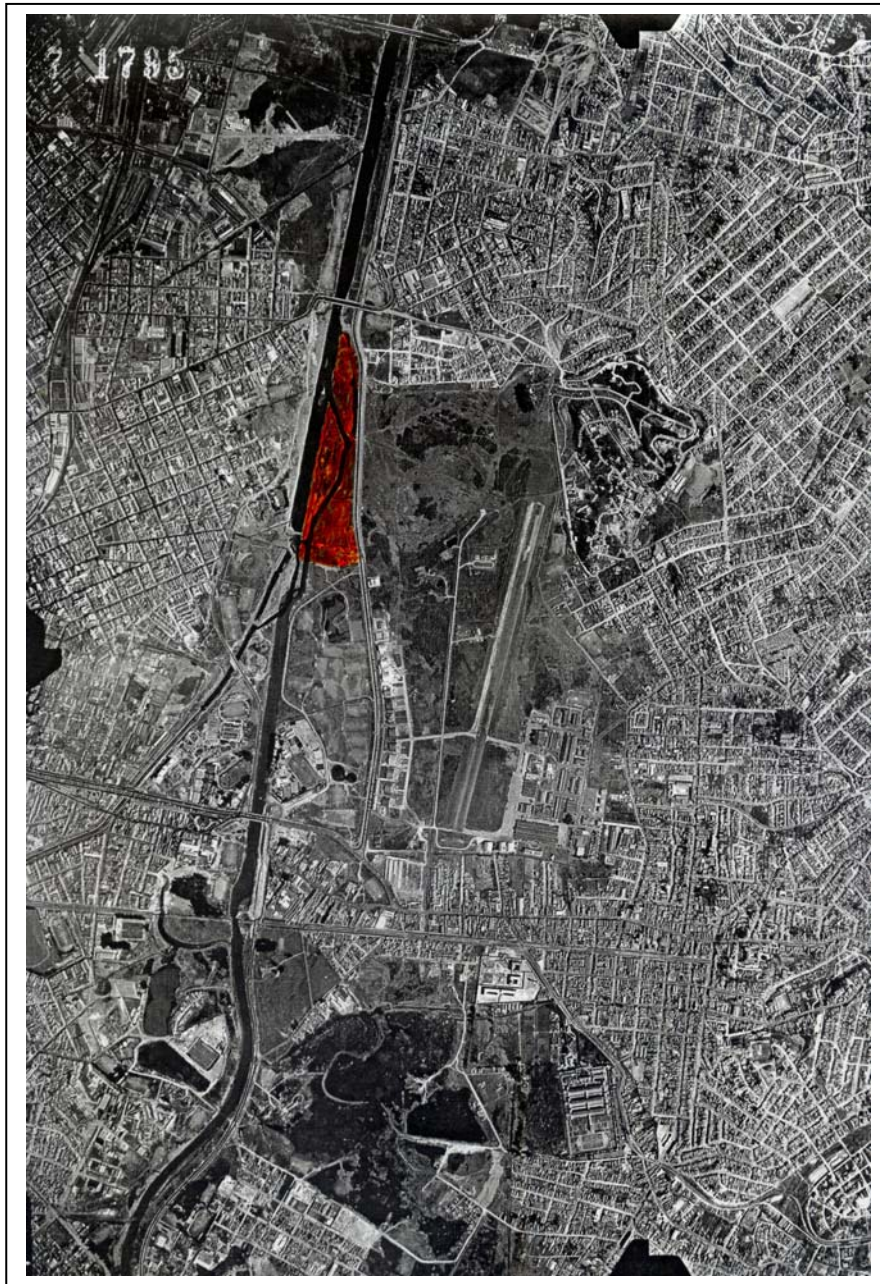


Foto 15

Fotografia Aérea da Região do Sambódromo, 1962.

Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo – Instituto Agrônômico.

Escala aproximada 1:25.000 – aT – Região 7 – Foto 1795.

Aerofoto Naticidade Ltda – 1962.

Ao centro da fotografia observa-se o Aeroporto Campo de Marte e à esquerda a área onde hoje se localizam o Parque Anhembi e o Sambódromo (em vermelho). Apesar da densidade urbana ainda é possível verificar a existência de alguma cobertura vegetal, lagoas e campos de futebol na várzea do rio Tietê – que cruza a imagem de cima a baixo – sem a presença das vias marginais.

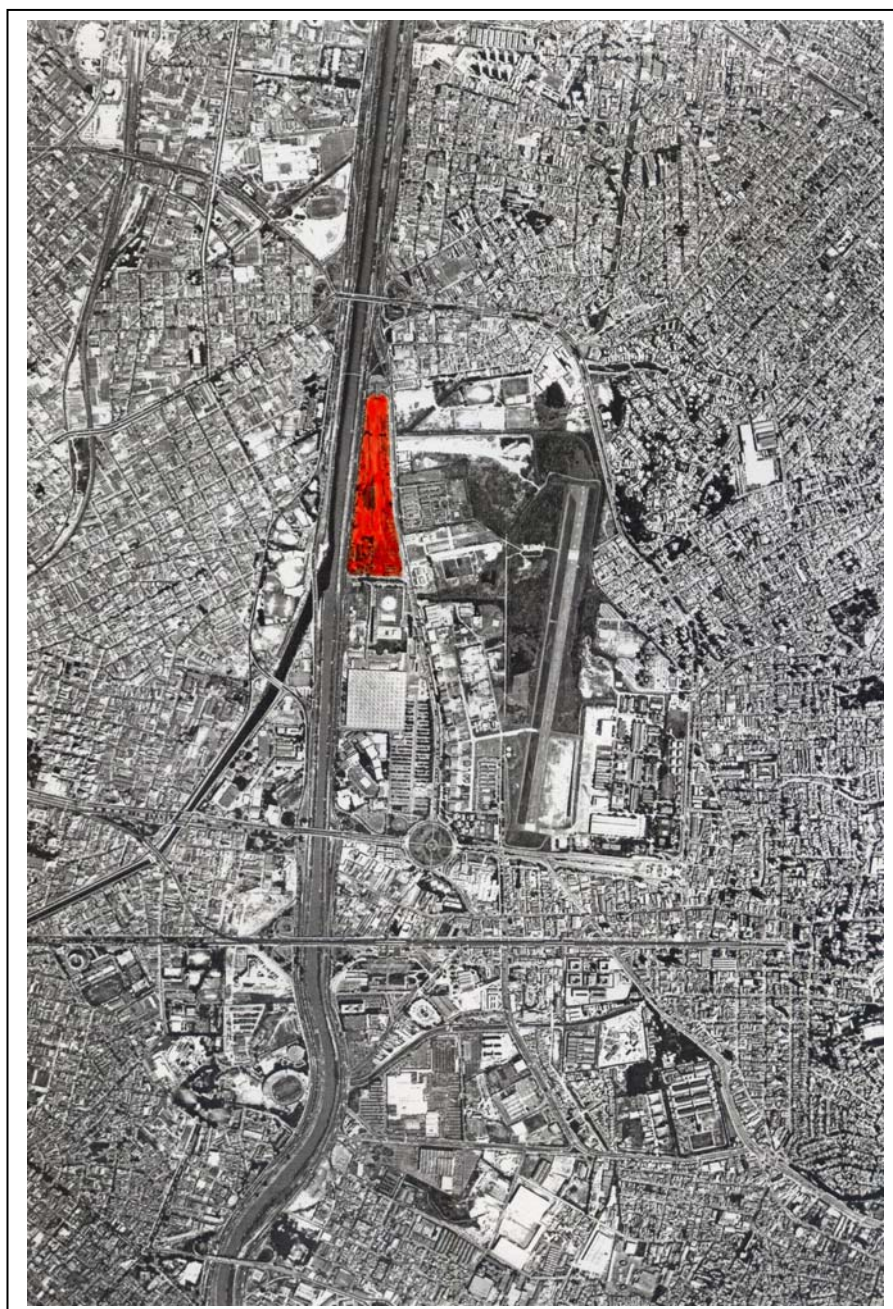


Foto 16

Fotografia Aérea da Região do Sambódromo, 1994.

BASE S. A. – 0-550 – 1:25.000 – MAR/1994 – FX. 11 – N.º. 33.

Ao centro da foto observa-se o Parque Anhembi, entre o Aeroporto Campo de Marte e o rio Tietê, e o Sambódromo (em vermelho) que na época já estava com as obras praticamente concluídas. Observam-se também as vias marginais ao rio Tietê e o grande adensamento urbano.



Imagem 1 – Sambódromo de São Paulo
Digital Google, 2008.



Foto 17

Autor: Ideilson Ferreira
Sambódromo
São Paulo – SP
2006.
Coleção Particular

Mais do que uma conquista das escolas de samba ou dos sambistas, o Sambódromo é uma concessão e parte de uma política de desenvolvimento do carnaval paulistano realizada pelo poder público. Ele é usado pelas escolas de samba para a realização dos desfiles oficiais de algumas agremiações, que ocorrem nos dias de carnaval, para o desfile das campeãs que ocorre na sexta-feira seguinte, e para a realização dos ensaios técnicos, que ocorrem normalmente do início de janeiro até as vésperas da festa.

Em termos quantitativos, o uso que as agremiações carnavalescas fazem do Sambódromo é muito pouco significativo. Isso revela que a relação das agremiações com esse objeto se restringe ao período carnavalesco. No restante do ano o Sambódromo é utilizado para outras atividades (Anexo 3) evidenciando o objetivo de sua construção, bem como o uso desse objeto na atualidade, o qual é locado para a realização de outros eventos, conforme pode ser observado no seguinte texto da São Pulo Turismo S/A (SP Turis)⁷³.

O Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, é um dos maiores espaços para grandes eventos ao ar livre da cidade de São Paulo. Também conhecido como Sambódromo, tem abrigado em média 30 grandes eventos por ano, além da maior festa popular paulistana, o Carnaval. Inaugurado em 1991, nos últimos anos uma diversificação da utilização dos seus espaços fez do Pólo um local para eventos de diferentes estilos, tanto esportivos como apresentações artísticas. O local possui 10 módulos de arquibancadas ao longo de uma pista de 530 metros de comprimento por 14m de largura, com acomodação para 26.246 mil pessoas sentadas. Distribuídos pelos diversos setores/arquibancadas estão instalados 138 camarotes, com tamanhos variados, que acomodam grupos de 10 a 50 pessoas. Todos os setores possuem infra-estrutura completa para bares. A arquibancada monumental do Pólo, com capacidade para 7.749 mil pessoas sentadas, fica situada em frente a um palco de 900m². Além das arquibancadas, a monumental possui 10 amplos camarotes em frente ao palco, com ótima visibilidade. Nos bastidores do palco, estão disponíveis três grandes camarins e amplas áreas de serviço. Local ideal para shows de médio porte, como foi o caso do Sampafestival, que abrigou mais de 10 mil

⁷³ Empresa que substituiu a Anhembi Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo S/A.

espectadores nesse espaço. O Pólo também possui duas grandes áreas abertas, denominadas concentração e dispersão (denominações extraídas do mundo do samba), ideais para grandes shows musicais. No espaço da concentração foi construída a ARENA SKOL ANHEMBI, o primeiro espaço para mega-eventos com estrutura fixa do país. A São Paulo Turismo aplica uma política de comercialização de seus espaços para ações de Marketing Promocional. O Pólo Cultural e Esportivo Grande Otelo é um espaço que pode ser comercializado de forma exclusiva, nos seus 93 mil m², considerando-se os espaços da Arena, Dispersão e Pista. Ou ainda é possível a utilização de espaços específicos, adequado às necessidades de construção do seu evento. (<http://spcarnaval.com.br/sambodromo.php>, acesso em 07/02/2008).

A estrutura do Sambódromo fomentou inovações no desfile, pois as escolas passaram a contar com um espaço físico maior e mais adequado, em relação ao encontrado na Avenida Tiradentes, o que levou a um aumento no número de componentes e no tamanho dos carros alegóricos, que chegam a medir cem metros de comprimento e doze de altura, com a finalidade de tornar o evento maior e mais atrativo para o público espectador (Tabela 5).

TABELA 5. NÚMERO DE COMPONENTES, ALEGORIAS E TEMPO DE DESFILE EXIGIDOS DAS AGREMIÇÕES CARNAVALESCAS – 2008			
Grupos de Agremiações	Número Mínimo de Componentes	Número Mínimo e Máximo de Carros Alegóricos	Tempo Mínimo e Máximo de desfile (em minutos)
Especial	2000	4 – 5	55 – 65
Grupo de Acesso (Liga)	1000	3 – 4	50 – 60
Grupo I	600	2	45
Grupo II	500	2	40
Grupo III	400	1	40
Grupo de Acesso (UESP)	400	1	40
G. Especial de Blocos	600	1	40
Grupo I de Blocos	350	1	40

Fonte: Regulamentos da Liga e da UESP.
Elaboração da Autora.

Embora exista uma exigência mínima, as escolas do Grupo Especial costumam desfilar com um número de componentes bem acima do exigido, com cerca de três mil e quinhentas a quatro mil e quinhentas pessoas, mas em 2008 a Escola de Samba Unidos de

Vila Maria levou para a avenida cinco mil pessoas, o que foi considerado um recorde na história do carnaval paulistano. Algumas agremiações, dos diferentes grupos, têm muita dificuldade para atingir o número mínimo de componentes, o que, caso ocorra, leva à perda de pontos. Boa parte das pequenas escolas enfrenta esse problema mesmo distribuindo suas fantasias gratuitamente, e algumas grandes, para evitá-lo, vendem a baixos preços ou doam fantasias que seriam vendidas.

A definição de um local para a realização dos desfiles levou a uma nova forma de uso da cidade por parte das escolas de samba, pois muitas transferem seus barracões para áreas mais próximas e de melhor acesso ao Sambódromo, com a finalidade de facilitar o transporte das alegorias, em especial para as escolas localizadas em bairros mais afastados. Por outro lado, o distanciamento da produção de alegorias da sede da escola, distancia também a comunidade de parte da produção material do carnaval, que fazia parte do cotidiano do bairro.

O Sambódromo é um objeto geográfico⁷⁴ que teve seu valor definido ao se instalar e se realizar na cidade de São Paulo que também se modificou, uma vez que teve naquele lugar seu valor redefinido, pois como assevera Santos (1999, p. 48) “os lugares (...) redefinam as técnicas. Cada objeto ou ação que se instala se insere num tecido preexistente e seu valor real é encontrado no funcionamento concreto do conjunto. Sua presença também modifica os valores preexistentes”. Juntos, o Sambódromo – como uma novidade do período – os barracões e as quadras das escolas de samba, formam um sistema de fixos que, na atualidade, contribuem para a continuidade dos desfiles carnavalescos e, conseqüentemente, da festa, e demonstra o interesse do poder público no seu potencial econômico.

⁷⁴ Como ensina Santos (1999, p.59) “os objetos que interessam à Geografia não são apenas móveis, mas também imóveis, tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. (...) Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou”.

Rede Globo de Televisão

A oficialização do carnaval, a realização dos desfiles no Sambódromo e o investimento por parte da Prefeitura e das próprias escolas de samba, possibilitaram a realização de diversos negócios. Em 1998 a Liga Independente das Escolas de Samba firma com a Rede Globo de Televisão um contrato de concessão de imagem dos desfiles das escolas do Grupo Especial, a partir do carnaval de 1999. O contrato com vigência até 2015 concede à emissora a exclusividade das transmissões dos desfiles oficiais e dita as novas regras do carnaval paulistano⁷⁵

Uma consequência dessas mudanças foi a ampliação dos investimentos nessa manifestação devido à maior possibilidade de lucro. E as escolas começaram a trabalhar no sentido de obter recursos através de patrocínios para os enredos, que versam sobre os mais variados temas voltados à propaganda e, em muitos casos, encomendados. Sobre isso Mercadoria⁷⁶ afirma

as escolas de samba procuraram de uns anos para cá fazer enredos que dêem uma margem para você trabalhar no marketing. Se você analisar de uns dez anos para cá a escola de samba quando faz um enredo está focando alguma coisa, uma cidade, um estado; são direcionados para que se possa trabalhar no marketing e obter um ganho financeiro. Então isso é profissionalização também, é por aí que a coisa vai.

Os patrocinadores das escolas de samba têm suas marcas ou produtos expostos por aproximadamente setenta minutos na emissora de maior audiência do país, ainda que de forma camuflada ou subliminar, pois o contrato de transmissão não permite que as escolas façam propaganda de nenhum tipo, pois apenas os patrocinadores da emissora podem ser veiculados na televisão. Tópico que fica explícito no regulamento da Liga:

⁷⁵ Os desfiles das campeãs e do Grupo de Acesso são normalmente transmitidos pela TV Cultura e, eventualmente, a Rede Bandeirantes transmite os desfiles das campeãs. Mas, desde o ano 2000 a Rede Globo não concede a outra emissora o direito de transmitir os desfiles oficiais do Grupo Especial.

⁷⁶ Raimundo Pereira da Silva, diretor de harmonia da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, entrevistado em outubro de 2003.

Art. 12º. As escolas de samba na fiscalização /concentração estarão sujeitas à aplicação de penalidade de 02 (dois) pontos em cada uma das infrações abaixo, a perda poderá aumentar dependendo da natureza da infração (...).

Art. 13º - A Escola que fizer e/ou apresentar-se com qualquer tipo de “merchandising” (explícito), em enredo, alegoria, adereços, alas, destaques, samba-enredo ou ainda quaisquer outros meios, perdendo também, 50% (cinquenta por cento) da cota referente ao próximo direito de transmissão, a que fizer jus, exceto: Em prospecto de samba de enredo; Uniforme de merendeiros [pessoas que empurram os carros alegóricos], desde que respeitada a medida máxima de 18 cm (horizontal) por 8,5 (vertical), uma veiculação na frente e outra atrás, ou ainda uma veiculação em cada manga. Nos instrumentos musicais da bateria, desde que sejam as marcas de seus respectivos fabricantes, e que a logomarca não seja superior a 20 (vinte) cm de comprimento por 8 (oito) cm de largura. (Regulamento Específico dos Desfiles do Grupo Especial da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo para o Carnaval 2006).

Devido a essa restrição, muitas escolas optam por investir em temas ligados a instituições, cidades ou estados, pois dessa forma é possível falar mais explicitamente do homenageado. O contrato com a emissora também restringe o patrocínio do carnaval negociado pela SP Turis, cuja exposição ocorre apenas nas áreas onde não há captação de imagem, no interior dos camarotes e na parte externa do Sambódromo (Foto 18). O que a partir de 2007 também vem sendo dificultado devido à Lei Cidade Limpa (Lei N°14.223/06) que proíbe a propaganda nas ruas da cidade.

Mesmo sendo o Sambódromo um lugar público e administrado por uma empresa municipal, a negociação do patrocínio para o carnaval, que a Prefeitura por seu lado busca realizar, submete-se às normas impostas por uma empresa privada de televisão que, ao firmar contrato com as escolas de samba, acaba impondo seus interesses⁷⁷.

⁷⁷ Ao analisar essa situação Franciotti (2007, p.87) afirma, “ganha a rede de televisão, ganham as escolas de samba, ainda que pelo informado pareça muito aquém dos ganhos da Rede Globo, mas o ônus financeiro da manutenção do espaço [Sambódromo] e da preparação do espetáculo cabe ao poder público, que não tem nenhum direito de comercialização durante o evento”.

**Foto 18**

Autora: Vanir Belo,
Sambódromo
São Paulo – SP
1996
Coleção Particular

Exposição das marcas Casas Bahia (boneco inflável) e Banco Nossa Caixa (balão de ar) em lugares do sambódromo, onde não há captação de imagem para a televisão.

Os patrocinadores da emissora, por sua vez, têm suas marcas expostas intensamente durante todos os dias de desfile para todo o país e diversos outros países. Para a Rede Globo o carnaval de São Paulo vem se mostrando bastante lucrativo, pois embora os desfiles do Rio de Janeiro sejam mais divulgados, mais ricos e transmitidos há mais tempo, a audiência dos desfiles paulistanos – que desde o ano 2000 passaram a se realizar em dois dias (sexta e sábado) – vem aumentando significativamente. De acordo com o Instituto de Opinião Pública e Estatística (Ibope) já em 2003 o carnaval paulistano teve maior audiência que o carioca (Tabela 6). No entanto, alguns analistas afirmam que isso se dá devido ao interesse dos paulistas pelo seu próprio carnaval uma vez que a audiência é medida na Grande São Paulo. Seja como for, no momento de definir um patrocínio esses números são levados em consideração.

TABELA 6. AUDIÊNCIA DOS DESFILES DO RIO DE JANEIRO E DE SÃO PAULO DE ACORDO COM O IBOPE*						
Ano	2003**		2004**		2008***	
SP (sex./sab.)	14,2	13,7	13,2	14,4	13	13,3
RJ (dom./seg.)	10,9	12,8	13,6	14,6	11,5	13,1

* Cada ponto do Ibope equivale a aproximadamente 48,5 mil domicílios.

Fonte: ** www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada

*** <http://audiencia.tv.wordpress.com/2008/02/06>.

Elaboração da Autora.

Diversas inovações ocorreram no sentido de adaptar os desfiles a um formato mais adequado à televisão. Novamente o carnaval paulistano se espelha no modelo carioca que, nesse momento, já está devidamente adaptado ao molde televisivo, o qual exige das escolas de samba agilidade, riqueza, beleza, tempo definido e rigorosamente controlado, além da adequação à programação da emissora. Os desfiles do Grupo Especial, agora divididos em dois dias, não são concorrentes diretos dos desfiles cariocas e, realizados na sexta-feira e no sábado de carnaval, se iniciam após a programação básica da Rede Globo, normalmente com atraso. Mesmo que os organizadores do evento permitam seu início, as escolas preferem aguardar o início das transmissões, pois não querem perder a oportunidade de ter seus desfiles televisionados. Diante disso, os foliões – público e componentes – aguardam no Sambódromo o término da programação para dar início ao espetáculo que, nesse caso, é também uma grande festa, pois apesar de todas as transformações, da transmissão televisiva superficial e do que alguns autores chamam de “confinamento da manifestação popular”, a festa ainda se faz presente no Sambódromo⁷⁸.

Uma análise mais cuidadosa dos desfiles revela uma série de pequenas e grandes alterações, tais como a aceleração no andamento dos sambas-enredo, o que está relacionado com a estipulação de um tempo máximo de desfile, que não deve ser ultrapassado sob a pena de perda de pontos, a maior exposição de corpos nus e também uma preocupação por parte das escolas em ter nos desfiles pessoas famosas, no geral da própria emissora, com a finalidade de atrair a atenção da mídia. Marcos dos Santos⁷⁹ chama a atenção para algumas mudanças desde o início das transmissões da Rede Globo. Segundo ele

acabou de desfigurar o carnaval. Não que eu seja purista, mas você vai assistir o desfile de uma escola de samba [na televisão] eles pegam metade da coreografia da Comissão de Frente e daí... Mulher pelada. [o que segundo ele

⁷⁸ E como afirma Oliveira, K. (2002, p. 103) “o desfile estabelece uma lógica própria, onde o coletivo se impõe sobre o individual, a alegria rompe com a seriedade imposta pelas obrigações cotidianas (...) além de representar um espaço de afirmação do poder das agremiações populares”.

⁷⁹ Sambista e coordenador do Centro de Documentação e Memória do Samba, entrevistado em março de 2007.

havia muito pouco antes do início das transmissões] E também não tinha artista. Aliás, tinha. Nós éramos os artistas. A gente perdeu essa condição. Nós não somos mais, somos apenas coadjuvantes. Não sei se você sabe que esse negócio de artista a Globo impôs. E eu sou testemunha, porque na minha escola foi imposto. Muitos presidentes negam essa história. Eu vi. Mas o samba mesmo... a essência não acabou.

Marcos dos Santos afirma ainda que “o preço de um comercial de trinta segundos é o que eles pagam para a escola, o que é uma coisa vergonhosa”. Mas alguns dirigentes acreditam na importância do contrato de concessão com a Rede Globo, embora reconheçam a necessidade de redefini-lo. De acordo com Paulo Sérgio Ferreira⁸⁰ existe

o outro lado que não é a verba, mas se você for contar também é dinheiro. A divulgação. E se você fosse pagar? Você não iria pagar também? Mais ou menos, trinta segundos na Globo são oitenta e cinco, noventa e cinco mil reais. E mesmo antes do carnaval você vê as vinhetas, você vê a divulgação do Carnaval de São Paulo. Então eu acho que o pessoal tem que começar a olhar por esse lado. Que também custa e não é repassado para nós. Então de alguma maneira eles têm que tirar esse custo deles também. E aí entra o patrocínio deles, eles vendem as cotas deles. Que é de direito também, você entendeu? Então é isso que acopla tudo. E também se você for pôr no papel, nem a Liga nem as escolas teriam condições de fazer. E aí como ficaria o produto? Sem rentabilidade para os dois lados. Como é que você vai vender lá fora? Você passa para quarenta e sete países. Como é que você vai atrair turista se o turista não viu lá fora? Então é repensar na parceria, não é atirar no parceiro. É ver o que pode melhorar para ambas as partes.

Essas falas revelam duas visões muito comuns entre as pessoas envolvidas no carnaval paulistano. Cada um desses agentes concebe as escolas de samba e os desfiles carnavalescos de uma forma e, portanto, atribuem valores diferentes à relação com a Rede Globo, com o poder público, com o mercado e com outros agentes. No segundo caso é evidente a definição dos desfiles das escolas de samba como um produto, em pleno acordo com os conteúdos do terceiro período.

⁸⁰ Presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, entrevistado em 10/04/2006.

Potencial Turístico

O crescimento da cidade e do evento carnavalesco levou à construção do Sambódromo que, por sua vez, impulsiona o crescimento do carnaval e leva a uma série de novos eventos para a cidade, possibilitando o desenvolvimento de projetos turísticos relacionados ao carnaval. No estudo intitulado *Geografia do Turismo na Cultura Carnavalesca*, Oliveira, C. (2007) faz uma crítica ao uso inadequado do Sambódromo que, para ele, se traduz em uma estrutura turística de atrativo efêmero “exclusivamente destinado às espetaculares competições dos desfiles carnavalescos” (p. 21), destituído de simbolismo e com o qual as escolas e os sambistas não guardam uma identificação efetiva. O autor critica também a ausência de um projeto político-cultural para o Sambódromo e propõe a elaboração de uma política para transformá-lo em um local com “densidade simbólica” e “funcionalidade cultural permanente”, com a finalidade de “articular as demandas culturais e turísticas” (p. 24).

Os objetivos do poder público para o carnaval paulistano desde sua oficialização em 1967, ou seja, transformá-lo em um forte atrativo turístico da cidade, e o atual interesse de algumas escolas em explorar o setor turístico como mais uma fonte de receita aproximam-se, de certa forma, da proposta de Oliveira, mas são menos pretensiosos no que se refere às questões culturais e simbólicas.

Na atualidade as próprias escolas de samba passaram a ser vistas como algo de grande potencial econômico não apenas nos dias de carnaval. Diante disso, em 2004, foi criado o G5, um grupo formado por cinco escolas da Zona Norte – Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Mocidade Alegre, Rosas de Ouro e X-9 Paulistana – que, em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) regional norte e a SP Turis, desenvolvem ações com a finalidade de fomentar o turismo receptivo em suas

quadras ao longo do ano. De acordo com Camila Patrício,⁸¹ o objetivo do grupo é transformar o atrativo, no caso as escolas de samba, em um produto turístico e incluir suas quadras nos roteiros da cidade através de parcerias com hotéis e agências de turismo. As agremiações participantes desse grupo oferecem serviços como apresentações em suas quadras, ou em locais definidos pelo comprador, e recepção de turistas nos ensaios ou outros eventos típicos de uma escola de samba, tal como a escolha do samba-enredo. O G5 define-se como

(...) um grupo profissional em samba e carnaval com a responsabilidade de difundir a cultura e proporcionar entretenimento aos turistas e visitantes. Com uma visão inovadora desenvolve negócios no segmento do turismo cultural utilizando a rica cultura brasileira e alegria popular para atrair turistas domésticos e estrangeiros, oferecendo-lhes interação, diversão, descontração e cultura. (...) O G5 compreende o turismo como um mecanismo de crescimento econômico ajudando no desenvolvimento local. Acredita que seu trabalho pode ajudar na preservação do patrimônio cultural, na promoção da inclusão social e na geração de riquezas. Por isso, os objetivos definidos são construir relações de sociabilidade, formas de trabalho e geração de renda, criações artísticas e práticas culturais produtoras de interação, diversão e conhecimento (G5 Samba Receptivo, folheto informativo 2006/2007).

O objetivo inicial do projeto era englobar todas as escolas de samba do Grupo Especial, mas não houve interesse da Liga e tampouco do grupo de escolas. As cinco agremiações que hoje fazem parte do grupo foram as únicas que demonstraram interesse pela proposta e a desenvolveram. Mas o G5 não está livre de conflitos internos e de interesses individuais por parte das escolas que o compõem.

O foco do G5, em parceria com hotéis e agências de turismo, é atrair para as escolas de samba os turistas que vêm a São Paulo a negócios e para participar de congressos e feiras, uma vez que na atualidade essa é a cidade que recebe o maior fluxo de pessoas com

⁸¹ Representante do Sebrae e Coordenadora do Projeto SP Samba, do qual o G5 faz parte. Entrevistada em 05/05/2006.

essa finalidade⁸². A propaganda do negócio é realizada através de várias frentes, como a divulgação nos sítios das escolas participantes e a elaboração de folhetos informativos que são distribuídos em pontos estratégicos, tais como agências de turismo, hotéis, feiras, congressos e outros eventos.

O Sebrae e a SP Turis assessoram e dão apoio logístico ao G5 que utiliza uma sala no Parque Anhembi, onde uma secretária (sambista e membro de uma das cinco escolas envolvidas no projeto) se responsabiliza pela organização e pela agenda do grupo. E as escolas realizam reuniões periódicas, eventualmente com a participação de consultores do Sebrae, e desenvolvem ações no sentido de tornar o produto mais atrativo e de viabilizar as condições necessárias para a recepção do turista em suas quadras, tais como a melhoria dos equipamentos e o treinamento de pessoal. Na Unidos de Vila Maria, por exemplo, foi criado o Departamento Receptivo, cujos membros têm aulas de inglês para melhor receber o turista estrangeiro, bem como para melhorar sua formação pessoal e ampliar seu leque de oportunidades. É interessante observar que os membros desse departamento e o professor de inglês são da própria agremiação e todos trabalham em caráter voluntário, pois o objetivo, nesse caso é contribuir para o desenvolvimento da escola.

Paulo Sergio Ferreira⁸³, presidente da Unidos de Vila Maria, define a importância do turista para sua escola e alerta para a forma como a comunidade deve tratá-lo.

Segundo ele:

ele [componente] tem que ser educado. Eu canso de falar, quem está no camarote tem que pagar a conta de quem está embaixo do camarote. Você imagina se você consegue fazer uma rentabilidade de turista aqui na quadra. Então a comunidade tem que maltratar o turista? Tem que por ele pra fora? Ao contrário. Ele [componente] tem que ser educado, tratar bem, para ele

⁸² Almeida (2001, p. 396) ao analisar a refuncionalização da metrópole no período técnico-científico-informacional, chama a atenção para a hegemonia de São Paulo, a partir da década de 1990, no que se refere ao recebimento desses eventos, feiras e congressos, que “têm movimentado outros setores, como o de hotéis que (...) não têm crescido apenas em função do turismo de lazer”.

⁸³ Entrevistado em 10/04/2006.

[turista] trazer mais pra pagar as regalias. Porque o turista vem aqui no dia do ensaio e vai embora. A regalia fica pra quem usa o espaço. Então deixa ele entrar na ala, tirar a foto. É uma cultura que ele nunca viu. Às vezes o cara vai entrar na ala e é empurrado. Então é nessa parte que tem que ser educado. E saber a importância dos dois para a escola, um pela raiz e o outro para ajudar a pagar os custos.

A atenção ao turista está presente também no Sambódromo que, além dos camarotes que oferecem serviços especiais, possui, por iniciativa do G5, uma área com aproximadamente quatro mil lugares, destinada a esse público, a “arquibancada do turista”, na qual são oferecidos serviços diferenciados, tais como recepcionistas bilíngües, apresentações de grupos de samba e passistas, e serviço de massagem; além disso, são distribuídos folhetos informativos e *kits* com almofada, boné e capa de chuva. Tudo isso com a finalidade de proporcionar conforto ao visitante e estimular a sua volta nos anos seguintes.

Há diversos pacotes turísticos destinados a São Paulo em época de carnaval, os quais incluem diárias em hotéis, passeios turísticos pela cidade, ensaios de escolas de samba, ingressos para a arquibancada do turista ou fantasias para desfilarem em alguma agremiação. Em relação à visitação à cidade no período de carnaval, Oto Gomes, Diretor Comercial da Receptivo Brasil, afirma que

é interessante para o turista aproveitar esta época, porque é de baixíssima temporada e os hotéis estão com preços até 6 vezes mais baratos do que no Rio de Janeiro, por exemplo (...). Como a cidade não está muito cheia é ótimo para o transporte, os preços da arquibancada são baratos e o carnaval de São Paulo está cada ano mais bonito, as escolas estão investindo mesmo (<http://www.jornalpequeno.com.br/2006/2/10/Pagina28601.htm>, acesso em janeiro de 2007).

Paulo Sergio Ferreira⁸⁴, compara os carnavais paulistano e carioca e chama a atenção para a necessidade de desenvolver o mercado do turismo em época de carnaval. Para tanto se posiciona valorizando o carnaval de São Paulo em relação ao do Rio de Janeiro, o que

⁸⁴ Presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, entrevistado em 10/04/2006.

embora não reflita a opinião da maioria das pessoas pode ser entendido como algo compreensível visto que seu objetivo é vender seu “produto”. Em suas palavras:

eu conheço os dois carnavais, do Rio e de São Paulo. É um carnaval totalmente inferiorizado ao nosso, já perde tranquilamente para nós em torno de trinta a quarenta por cento de beleza de fantasia, de carro alegórico, de tamanho. Eles só são mais “marketeiros”. E é uma outra situação, o Rio de Janeiro depende do carnaval pra sustentar a hotelaria, o gari, o próprio cara da praia, o camelô o ambulante. Que não é o que acontece com São Paulo, que tem uma renda *per capita* totalmente diferente. Se tiver carnaval ou não tiver a renda *per capita* vem do mesmo jeito. Então, parte muito da administração que está. De tentar atrair esse turismo do interior, que é rico demais, pra São Paulo em promoções de hotelaria e isso depende muito de interesses da hotelaria participar, do turismo participar. E eles estão acordando para isso.

A SP Turis publicou em 2006 uma pesquisa sobre o perfil turístico do carnaval paulistano, realizada entre os espectadores presentes no Sambódromo nos dois dias de desfile do Grupo Especial. De acordo com a pesquisa, os turistas representam 25,65% do público, dos quais 63,39% vieram com a finalidade de assistir aos desfiles; 77,67% não estiveram presentes no carnaval 2005 e 89,01% tinham a intenção de voltar em 2007; 18,60% eram estrangeiros, dos quais 40% de origem européia; dentre os 81,40% brasileiros 90,29% eram residentes no Estado de São Paulo (São Paulo Turismo, 2006). De acordo com as notas da SP Turis divulgadas na imprensa, em 2007 e 2008, houve um aumento em torno de 20% no número de turistas.

As ações do G5 e de outros agentes no sentido de desenvolver o turismo relacionado ao carnaval paulistano são pontuais, e embora o número de visitantes tenha aumentado nos últimos anos é muito pouco significativo se comparado a outras cidades que têm no carnaval um atrativo turístico. Em dados absolutos, de acordo com a SP Turis em 2008

estiveram no Sambódromo cerca de 30 mil turistas, num total de 105 mil pessoas⁸⁵, com uma movimentação de R\$41,5 milhões. São Luiz do Paraitinga, uma cidade de 10 mil habitantes, no Vale do Paraíba, recebeu 130 mil turistas, com uma movimentação de R\$5 milhões⁸⁶. A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, recebeu, no mesmo período, 750 mil visitantes com uma receita de US\$510 milhões⁸⁷. Internamente o carnaval também perde, em número de turistas, para outros eventos, como Parada Gay, Fórmula I e São Paulo Fashion Week.

Os eventos que marcam o terceiro período criam as condições necessárias para a reestruturação do carnaval paulistano que ganha nova dimensão na cidade como consequência da ampliação da abrangência dos fluxos, da escala de eventos, bem como da redistribuição de alguns barracões para áreas mais próximas ao Sambódromo. Através da Liga e da UESP as escolas tornam-se mais atuantes na organização dos desfiles, negociando com o poder público e com os demais agentes envolvidos os detalhes da produção e agindo no sentido de adequá-los aos novos conteúdos. Nesse contexto, e com a finalidade de ampliar seus negócios, as escolas procuram estruturar-se internamente com base no modelo empresarial de organização e de produção. Característica que se convencionou chamar de “profissionalização do carnaval”.

⁸⁵ Incluindo os quatro dias de desfile: Grupo Especial, Grupo de Acesso e Desfile das Campeãs. De acordo com Luis Salles, assessor técnico da SP Turis, entrevistado em 07/12/2006, é muito comum a vinda de turistas do interior que não se hospedam em hotéis o que inviabiliza o cálculo exato do número de turistas no carnaval.

⁸⁶ www.g1.globo.com, acesso em junho/2008.

⁸⁷ www.sindegtur.org.br, acesso em junho/2008.

3.2. Ampliação da Divisão do Trabalho na Produção dos Desfiles Carnavalescos

Os novos conteúdos exigem das escolas uma maior organização interna e um maior investimento, pois os desfiles se tornam mais luxuosos e, conseqüentemente mais caros. Isso aumenta a disputa entre as agremiações que, mais fortemente inseridas no contexto econômico da cidade, passam a adotar novas estratégias de crescimento, desenvolvimento e obtenção de recursos, ganhando uma estrutura cada vez mais empresarial. O organograma de uma grande escola de samba é composto normalmente por presidente, vice-presidente, diretor de carnaval, carnavalesco, coordenador geral, assessor da presidência, secretários, coordenadores de projetos, relações públicas, tesoureiro e diretores geral, financeiro, social, cultural, de marketing, de patrimônio, de barracão, de bateria, chefe de ala, entre outros. Percebe-se a necessidade de dividir o trabalho, que, nos períodos anteriores, ainda era centralizado na figura do presidente.

Algumas escolas adaptam-se melhor a essa nova forma de produzir a festa, obtendo recursos e contratando profissionais, estrategicamente, para as diferentes funções, havendo inclusive uma rotatividade de profissionais entre as agremiações. Outras, no entanto, mesmo com grande tradição⁸⁸ no samba paulistano, não acompanham as inovações, o que se torna evidente nos dias de desfile, quando é possível notar uma grande diferença de investimento, que se revela na qualidade dos produtos utilizados e na organização dos desfiles. Isso faz com que algumas escolas, sem muita tradição no samba paulistano, mas com

⁸⁸ É comum no “mundo do samba” a utilização do termo tradição, e seus derivados, para se referir aos costumes dessa manifestação e às agremiações mais antigas. Mas diante das transformações do carnaval paulistano ao longo de desenvolvimento, a idéia de tradição se aproxima mais do que Hobsbawn chama de tradição inventada que, segundo ele, “inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e localizado no tempo – as vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (...) Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade como um passado histórico apropriado” (1997, p. 9).

recursos e um desfile técnico, adaptado ao regulamento, obtenham melhores resultados em relação às mais tradicionais, porém menos organizadas e com menos recursos⁸⁹.

Diversos dirigentes posicionam-se favoravelmente a essa nova estrutura interna, enxergando-a como um fator preponderante para o sucesso da agremiação nesse novo contexto. Segundo Márcio M. Marcelino⁹⁰, diretor cultural da Escola de Samba Unidos do Peruche:

você não tem como colocar uma escola pra frente centralizando tudo, se você não tem os diretores, se você não tem muito bem definido a hierarquia. Mesmo que seja presidencialista, mesmo que a última palavra seja do presidente, o presidente tem que ter uma equipe para poder delegar poderes.

Mais enfático na questão empresarial, Paulo Sergio Ferreira⁹¹, presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Maria afirma que

hoje, a escola que não virar uma empresa não vai chegar a lugar nenhum. Você vê as escolas do molde antigo que não se adaptaram, estão todas aí. Que por resistência e por hierarquia não quiseram fazer as adaptações, estão pagando esse preço, saindo da mídia.

Embora se realize uma vez por ano, o carnaval conta com uma produção que se dá ao longo de todo o ano, iniciando-se logo após o término do carnaval, com a escolha do tema, elaboração do enredo e de sua sinopse destinada aos compositores que concorrerão nas eliminatórias de escolha do melhor samba-enredo⁹². Nesse momento a produção de fantasias e alegorias já está em andamento, e os ensaios gerais iniciam-se logo após a escolha do samba e seguem até as vésperas do carnaval, ao longo dos quais são vendidas as fantasias.

⁸⁹ Ao analisar a evolução das escolas de samba do Rio de Janeiro, Cavalcanti (1996-1997, p. 95) chama a atenção para o fato que “a inovação nunca ocorre de forma isolada, mas sempre se sobressai em algumas escolas de samba. Ela é também apenas um dos lados da moeda: bem sucedidas em seu desfile, essas escolas atraem para si a atenção do público e das demais escolas, tornando-se logo uma referência para o rápido processo de imitação que dissemina rapidamente a novidade”.

⁹⁰ Entrevistado em 18/12/2007.

⁹¹ Entrevistado em 10/04/2006.

⁹² Na escolha do samba os critérios não são, necessariamente, apenas musicais, há uma série de fatores envolvidos, tais como a fidelidade ao enredo ou a melhor contrapartida oferecida pelos compositores. Mas em algumas escolas não há eliminatórias, a ala de compositores ou um compositor responsabiliza-se pela composição do samba enredo.

A nova forma de organização das agremiações resulta na criação de diversos postos de trabalho. Surge a necessidade de redefinir a forma de produzir o desfile com a utilização de uma mão-de-obra especializada nas diferentes etapas dessa produção. O que se caracteriza como uma das vertentes da chamada “profissionalização do carnaval”. Analisando essa situação, Mercadoria, Diretor Geral de Harmonia da Unidos de Vila Maria⁹³, faz a seguinte afirmação:

houve uma evolução do carnaval. Porque tudo evolui. E o carnaval, o desfile das escolas de samba também evoluem, as escolas de samba também evoluem. Se você pegar uma fantasia de hoje e uma fantasia de vinte anos atrás ela é completamente diferente. Houve uma evolução na confecção. Antigamente você tinha costureira que fazia em casa. Juntava as famílias das pessoas que iam desfilar e fazia em casa a fantasia. Hoje não, hoje você tem um figurinista, tem uma costureira profissional para fazer a fantasia e um cortador profissional para fazer o corte das peças para a fantasia. Então mudou aquilo. Não é mais artesanal o carnaval, porque todas as pessoas que trabalham no carnaval são profissionais, a não ser os componentes das escolas de samba, mas quem trabalha no carnaval, quem faz a montagem do carnaval são profissionais. Então é por isso que nós dizemos que o carnaval das escolas de samba de São Paulo se profissionalizou.

No entanto, isso não reflete a totalidade do período atual, pois há uma série de escolas de samba que apresentam características semelhantes às aquelas dos períodos anteriores. São as escolas menores que não têm acesso aos mesmos recursos e conteúdos das maiores, e por isso ainda dependem fundamentalmente do trabalho voluntário e da utilização das casas dos componentes para produzir e armazenar as fantasias e adereços e realizar suas atividades.

Essa profissionalização, característica comum entre as chamadas grandes escolas, que se traduz na reestruturação da produção dos desfiles, cria uma divisão do trabalho própria, que atende às suas necessidades no que se refere especialmente a produtos e mão-de-

⁹³ Entrevistado em dezembro de 2003.

obra. Analisar o desenvolvimento das escolas de samba a partir da divisão do trabalho, social e territorial (SANTOS, 1999) é esclarecedor, pois trata-se de uma instituição que a partir de uma receita produz um evento de grandes proporções, o desfile carnavalesco – que pode ser entendido como seu produto final – e para sua realização são contratados trabalhadores de diferentes especialidades e envolvidas firmas de diferentes tamanhos – para contratação de serviços ou aquisição de produtos – ambos provenientes de diversos lugares e, no caso das firmas, inclusive do exterior. O desfile de uma escola de samba, por sua vez, faz parte de um evento maior, o carnaval, que amplia a escala de relações de trabalho e prestação de serviços.

Neste terceiro período de desenvolvimento do carnaval paulistano – marcado pela regulamentação, pela existência do Sambódromo e pela transmissão televisiva – é possível verificar uma sobreposição de divisões do trabalho, cada qual criada num determinado momento, mas relacionando-se na atualidade. Interessante observar que as divisões do trabalho não se distribuem entre as escolas de acordo com a sua força, pois mesmo nas maiores escolas há essa sobreposição. Tanto nas pequenas como nas grandes agremiações é possível observar por um lado as relações de trabalho voluntário de pessoas da própria comunidade, a utilização de mão-de-obra pouco qualificada, com fornecimento de matérias-primas de pequenas firmas do próprio bairro ou de bairros vizinhos e, por outro, a utilização de mão-de-obra remunerada, qualificada ou altamente qualificada, sendo uma boa parte dela proveniente de outras cidades, e mesmo de outros estados, com a utilização de produtos importados e adquiridos em grandes firmas que fornecem para todo o Brasil e para outros países. Verifica-se, portanto, a existência de diferentes formas de cooperação na produção carnavalesca. Essa situação é um reflexo do que ocorre na cidade de São Paulo, onde há uma sobreposição de divisões do trabalho que convivem e se combinam. Como ensina Santos (1999) são temporalidades diversas e combinadas relacionando-se num determinado lugar.

A contratação de profissionais provenientes de diversas cidades do estado de São Paulo e de outros estados brasileiros é um bom exemplo dessa divisão territorial do trabalho no âmbito da produção carnavalesca. É comum a contratação de profissionais do Rio de Janeiro, como carnavalescos, aderecistas, costureiras, intérpretes, entre outros. Bem como a contratação de profissionais de Parintins (AM) para a construção dos carros alegóricos, os quais permanecem em São Paulo cerca de sete meses, de agosto a março, e trabalham a partir de uma técnica que chamam de “engenharia artesanal” (Foto 19 e 20). Esses trabalhadores são especializados na construção de alegorias com movimentos – devido ao *know-how* desenvolvido na festa do Boi de Parintins, que, por ocorrer em junho, não compete com o carnaval na contratação da mão-de-obra – e são muito requisitados pelas escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro.

De acordo com a Liga e com a SP Turis, o carnaval paulistano gera anualmente cerca de vinte e cinco mil postos de trabalho diretos⁹⁴ (Foto 21), e são diversos os profissionais que atuam na produção do desfile com algum tipo de remuneração. Cada escola do Grupo Especial gera entre cem e duzentos postos de trabalho direto nos meses próximos ao carnaval, número que varia de acordo com o tamanho da escola e com o valor investido. As relações de trabalho também variam bastante e, no geral, são baseadas em contratos informais. Mas algumas escolas mantêm trabalhadores permanentes com registro formal, como a Unidos de Vila Maria que mantém de oito a dez funcionários, com registro e recolhimento de impostos⁹⁵.

⁹⁴ Devido à sua complexidade, os dados referentes ao carnaval são, no geral, baseados em estimativas.

⁹⁵ De acordo com Paulo Sergio Ferreira, presidente da escola, em entrevista dia 10/04/2006.



Foto 19. Barracão da Escola de Samba Unidos de Vila Maria
 Autora: Vanir Belo, 2007
 São Paulo – SP – Coleção Particular.



Foto 20

Autora: Vanir Belo
 Profissionais de Parintins
 trabalhando na Escola de Samba
 Unidos de Vila Maria.
 São Paulo – SP
 2007
 Coleção Particular

Foto 21

Autora: Vanir Belo
 Jovens trabalhando no
 Barracão da Escola de Samba
 Unidos de Vila Maria.
 São Paulo – SP
 2007
 Coleção Particular



Santos (2000b), analisando a produção de emprego nas diversas formas de lazer popular, chama a atenção para o fato que não são apenas as formas organizadas e burocratizadas de lazer praticadas pelas classes médias e superiores que geram trabalho. Segundo o autor “há também um lazer popular, rebelde às estatísticas, produzindo de baixo para cima, formas ingênuas de distração coletiva, provindas do exercício banal da existência, criadas na emoção e geradoras de solidariedade e de trabalho” (p. 34). Dentre as formas de lazer Santos distingue as formas puras e as formas impuras, ou mistas, mais industrializadas, nas quais inclui as escolas de samba. Mas, segundo ele, “todos são, entretanto, animados por músicas importadas e adaptadas ou por ritmos criados nos próprios lugares, representativos do povo fazendo cultura e, por isso mesmo, fazendo política” (p.34).

A análise mais próxima das relações de trabalho geradas numa escola de samba revela o caráter solidário e político das ações. Alguns dirigentes, inclusive, orgulham-se ao afirmar que não há nenhum tipo de preconceito e que contribuem para minimizar as dificuldades de muitos desempregados. Segundo Marcelo Miller⁹⁶, ex-presidente da Unidos de Vila Maria “(...) a escola de samba é um dos poucos lugares da cidade que recebe ex-presidiário, que recebe gente sem informação. A escola de samba é, não só um gerador de emprego direto e indireto, ela movimenta milhões”.

Um estudo realizado em 2006 pela Prefeitura da Cidade de São Paulo em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego intitulado *Estudo prospectivo da cadeia produtiva do samba da Zona Norte da cidade de São Paulo* apresenta um levantamento dos profissionais e atividades envolvidas na produção do carnaval, e relaciona as seguintes profissões: carnavalesco, figurinista, costureira, bordadeira, cortador, aramista, adrecista, sapateiro, engenheiro de alegoria, eletricista, mecânico, borracheiro, soldador/serralheiro, marceneiro/carpinteiro, escultor, pintor, decorador de carro alegórico, técnico de iluminação,

⁹⁶ Entrevistado em dezembro de 2001.

motorista, embalador, guincheiro, segurança, coreógrafo, teatrólogo, bailarino, músico, merendeiro, caseiro, vigia, secretária, tesoureiro, relações públicas, assessor de imprensa, balconista, técnico de som, cozinheiro e laminador. O estudo afirma também que há geração de empregos indiretos em “(...) 52 setores da economia como: turismo, hotelaria, alimentação, segurança, transporte, indústria, varejo, entre outros” (2006, p. 19).

A importância desse estudo – afeto ao Plano Territorial de Qualificação Profissional (PlanteQ-05)⁹⁷ – reside no fato de revelar o interesse do poder público no potencial econômico das escolas de samba no que se refere à geração de emprego. Seu objetivo foi

detectar os gargalos da cadeia produtiva do samba, tendo como foco as escolas de samba da zona norte da cidade: identificar oportunidades de geração de empregos, de renda e de qualificação de mão-de-obra usada na construção do carnaval de cada uma das escolas pesquisadas, e também oferecer ao poder público informações que possam orientar o desenvolvimento das políticas públicas (PREFEITURA, 2006, p. 6).

Mas esse estudo não atendeu plenamente ao objetivo de qualificar os problemas e identificar os profissionais, uma vez que não foi possível obter as informações com a riqueza de detalhes pretendida, o que é compreensível, pois embora as escolas sejam oficializadas e tenham apoio da Prefeitura há receios por parte dos dirigentes em expor sua agremiação, inclusive para o próprio poder público, pois, mesmo realizado uma significativa atuação social, há diversos problemas no que se refere às questões trabalhistas, tais como segurança e número de horas trabalhadas.

⁹⁷ “Os Planos Territoriais de Qualificação (PlanTeQs) são os instrumentos elaborados pelos Estados, Municípios e Consórcios Municipais que servem de base para a execução das ações de qualificação profissional nas diversas regiões do País. Em convênio com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), são repassados recursos financeiros para a realização de cursos profissionalizantes e estudos relacionados à área de qualificação. No caso específico do Município de São Paulo a Secretaria Municipal do Trabalho (SMTrab) é o órgão responsável pela execução do PNQ (2004-2007) e conseqüentemente, do PlanTeQ” (PREFEITURA, 2006, p. 6).

No artigo *O samba e sua mão-de-obra*, Penteado (2003) chama a atenção para os diversos profissionais e empresas contratados pela Liga e pela UESP para trabalhar na produção do carnaval no Sambódromo e nos bairros. Segundo ele,

(...) trata-se de um verdadeiro exército de profissionais e empresas do mais alto padrão de qualidade: empresas de som, iluminação, equipamentos de filmagem, andaimes, buffets, cenografia, telefonia, rádio-comunicadores, transportes, guindastes, empilhadeiras, bombeiros, assessoria de imprensa, marketing, palestristas (sic) para os cursos de jurados, cozinheiras, cronometristas, coordenadores de alegorias e transporte de componentes, secretárias, seguranças, locutores, fotógrafos, camareiras. Podemos observar sim que o carnaval é hoje uma grande fonte de renda para pessoas de diversas empresas (PENTEADO, 2003, p. 21).

Além das profissões apresentadas, as escolas de samba atraem uma série de trabalhadores do circuito inferior. Nos ensaios e em outras atividades realizadas nas quadras, nos ensaios técnicos realizados no Sambódromo e no próprio desfile, observa-se um grande número de vendedores ambulantes comercializando bebidas, alimentos, capas de chuva, ou qualquer outro produto que possa ter alguma saída, além de guardadores de automóveis. No dia dos desfiles há também um grande movimento de pessoas e instituições que viabilizam sua realização, tais como Guarda Civil Metropolitana, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Juizado de Menores, Companhia de Engenharia de Tráfego, São Paulo Transporte, Eletropaulo entre outras.

A produção do carnaval gera também um mercado de trabalho dinâmico em relação aos cargos centrais das escolas, tais como carnavalesco, intérprete, mestre de bateria, mestre-sala, porta-bandeira, entre outros profissionais que circulam de uma escola para outra em busca de status e melhores remunerações. E aqueles considerados mais competentes ou qualificados na função que executam são disputados pelas agremiações. Eventualmente, algumas escolas contratam intérpretes de agremiações cariocas para participar de seus desfiles como, por exemplo, a Unidos de Vila Maria que nos últimos anos contou com a participação

do intérprete Quinho, da Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. A partir de um levantamento entre os intérpretes que participaram das escolas de samba do Grupo Especial nos últimos sete anos (Quadro 2) é possível observar que boa parte deles cantou em mais de uma escola.

QUADRO 2. INTÉRPRETES QUE PARTICIPARAM DO GRUPO ESPECIAL AO MENOS DUAS VEZES – 2002-2008							
Intérprete	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Ernesto Teixeira	Gaviões	Gaviões	Gaviões	Gaviões	Gaviões	Gaviões*	Gaviões
Fred Viana	Tucuruvi	Tucuruvi	Tucuruvi	Tucuruvi	Tucuruvi	Tucuruvi	Tucuruvi
Daniel Colete	Mocidade	Mocidade	Mocidade	Mocidade	Mocidade	Mocidade	X9
Baby	Nenê	Nenê	Nenê	Nenê	Nenê	V. Maria	V. Maria
Royce	X9	X9	X9	X9	T. Maior	Nenê	Nenê
Carlos Junior	Camisa	Camisa	Império	Império	Império	Império	Vai-Vai
Serginho do Porto	Águia	Águia	Águia	-	Águia	Águia	Águia
Vaguinho	-	Leandro	Leandro	Mancha	Mancha	Vai-Vai	Mancha
Douglinhas	Águia	Águia	Águia	-	X9	Pérola	Pérola
Renê Sobral	-	Vai-Vai	-	T. Maior	T. Maior	T. Maior	T. Maior
Darlan	-	-	V. Maria	Rosas	Rosas	Rosas	Rosas
Pantera	V. Maria	V. Maria	-	Barroca	-	-	V. Maria
Agaldo Amaral	-	Barroca	Vai-Vai	Vai-Vai	Vai-Vai	-	-
Beto Muniz	Leandro	-	-	Leandro	Leandro	-	-
Fernandinho SP	-	-	-	-	V. Maria	V. Maria	V. Maria
Leandro Alegria	-	-	Peruche	-	Peruche	Peruche	-
Edson Dino	-	X9	X9	-	X9	-	-
Polengui	Rosas	Rosas	-	-	-	-	-
Nilsinho	Rosas	-	-	Tatuapé	-	-	-
Eliana de Lima	Peruche	Peruche	-	-	-	-	-
Pê	-	Tucuruvi	-	-	-	-	Mocidade
Gilsinho	-	-	Barroca	V. Maria	-	-	-
Juscelino Alves	-	-	-	Camisa	Camisa	-	-
Celsinho	-	-	-	Camisa	-	Mancha	-
Celson Mody	-	-	-	-	Tatuapé	-	Camisa

Fonte: CDs de Samba-Enredo.

* Em 2007 a Gaviões da Fiel desfilou no Grupo de Acesso.

Elaboração da Autora.

Essa situação, embora movimente um mercado de trabalho específico e crie condições para que os profissionais ampliem seus ganhos, gera muitas críticas no sentido de que as pessoas que exercem funções-chave nas escolas de samba perdem a identidade e o apego por uma agremiação e as relações tornam-se exclusivamente trabalhistas.

Para a produção dos desfiles as escolas contam com a subvenção da Prefeitura⁹⁸ e com diversos investimentos privados, tais como a venda do direito de imagem para a Rede Globo de Televisão; o patrocínio de empresas ou outras entidades para os enredos anuais⁹⁹; os patrocínios dos comerciantes e empresários locais para a manutenção da agremiação; além dos patrocínios públicos e privados para a promoção e manutenção das diversas atividades sociais desenvolvidas nas agremiações.

O patrocínio de enredos como forma de publicidade rende benefícios significativos para as empresas, pois trata-se de um investimento barato uma vez que é possível atingir um público elevado nos ensaios, no Sambódromo e através das transmissões televisivas. Já para as escolas, embora sejam fundamentais, reduzem, de certa forma, as possibilidades de temas a serem desenvolvidos.

De acordo com Paulo Sérgio Ferreira, presidente da Escola de Samba Unidos de Vila Maria¹⁰⁰, o carnaval 2006, cujo tema foi “transporte de cargas”, custou R\$2 milhões. Segundo ele foram aproximadamente R\$350 mil da Prefeitura, R\$100 mil da televisão e R\$100 mil de bilheteria, o restante do dinheiro veio dos patrocinadores: o Sindicato das Empresas de Transporte de Cargas de São Paulo e Região e a Scania-Vabis do Brasil Motores Diesel. Em 2007, com o tema a cidade de “Cubatão”, a escola contou com patrocínios e

⁹⁸ Em 2008 a Prefeitura destinou para o carnaval uma verba no valor de R\$19 milhões, em 2007 R\$17,5 milhões, em 2006 R\$16 milhões, em 2005 R\$15 milhões e em 2004 R\$ 18,3 milhões (ano em que se comemorou o aniversário de 450 anos da cidade de São Paulo). Esse valor é investido em toda a infra-estrutura e em todos os eventos relacionados ao carnaval. Todas as escolas de samba recebem uma subvenção da Prefeitura, cujo valor varia de acordo com o grupo ao qual a escola pertence. Nesse período a verba destinada para cada escola do grupo especial variou de 300 a 450 mil reais.

⁹⁹ No geral com valores bastante elevados, pois os investimentos das escolas do Grupo Especial na produção dos desfiles ultrapassam, em sua maioria, R\$1,5 milhão.

¹⁰⁰ Entrevistado em 10/04/2006.

parcerias provenientes daquela cidade. Já em 2008, com o tema “Cem anos de imigração Japonesa”, teve um gasto de R\$2,3 milhões, mas não contou com o patrocínio esperado do empresariado nipo-brasileiro. Em 2006 a escola ficou em terceiro lugar, em 2007 em segundo e em 2008 novamente em terceiro.

A Escola de Samba Rosas de Ouro, no carnaval de 2008, ousou ao lançar no mercado um novo perfume através do enredo *Rosaessência – o Eterno Aroma*, cuja fragrância foi elaborada pela Symrise¹⁰¹ e, para o mesmo tema, obteve patrocínio da Parfums de France que contou com um carro alegórico para divulgar seus produtos, dentro do regulamento estipulado pela Liga. Também é comum as escolas obterem patrocínio para parte do enredo e fazerem a divulgação em uma ala ou em um carro alegórico. Ou seja, há várias formas de obter patrocínios.

Nos últimos anos algumas escolas passaram a buscar patrocínios através da Lei Rouanet, mediante a submissão de projetos ao Ministério da Cultura, que possibilita aos patrocinadores o abatimento do valor investido no imposto de renda e às agremiações a ampliação da possibilidade de temas e de patrocinadores. Como foi o caso da Escola de Samba Vai-Vai, campeã do carnaval 2008 com o enredo *Vai-Vai Acorda Brasil*, que aborda a educação como uma forma de luta contra a pobreza. Mas, embora crescente, essa ainda é uma prática pouco utilizada pelas escolas paulistanas. Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, (06/02/2008) Edmar Thobias da Silva, presidente da Vai-Vai, afirmou que

a Vai-Vai gastou cerca de R\$ 2 milhões no Carnaval deste ano – R\$ 470 mil pagos pela prefeitura, R\$ 500 mil por patrocinadores por meio da Lei Rouanet, R\$ 240 mil da Rede Globo, que tem a exclusividade da transmissão, e R\$ 180 mil de bilheteria. "Daí, temos mais uns R\$ 20 mil aqui e ali de gente que paga os fogos ou patrocina uma fantasia".

¹⁰¹ Empresa multinacional especializada no desenvolvimento de produtos químicos para a indústria de higiene, alimentos, limpeza e bebidas, com filial em São Paulo.

O carnaval possibilita também a comercialização de uma série de produtos relacionados a ele e às escolas de samba: o comércio de diversos artigos, nacionais e importados, para a confecção de alegorias, fantasias e adereços; o comércio alimentício durante os ensaios e dias de desfile; os CDs dos sambas-enredo produzidos pela Liga e pela UESP; e os artigos produzidos com a “marca” das escolas, como camisetas, uniformes, bonés, adesivos, chaveiros, CDs, entre outros.

Em 2008 os CDs do Grupo Especial e de Acesso foram produzidos de forma Independente pela Liga, com auxílio de patrocinadores, e distribuídos pelas agremiações. Já em 2007 e 2006, também com produção da Liga, foram distribuídos através do jornal Diário de São Paulo. Nos anos imediatamente anteriores toda a produção foi da Som Livre – empresa do Sistema Globo de Gravações Audiovisuais Ltda. As capas dos CDs do Grupo Especial nos últimos sete anos ilustram a importância de seus patrocinadores, que têm lugar de destaque (Figuras 4 a 11).

No caso da UESP, normalmente os CDs são vendidos pelas próprias escolas, mas em 2008 contou com um patrocínio do Governo Federal, através da Secretaria Especial de Políticas e Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), e foi distribuído gratuitamente acompanhado por duas revistas, uma contendo as sinopses dos enredos de todas as agremiações filiadas e outra com informações referentes ao carnaval 2008. Neste ano a UESP determinou um tema único “120 Anos de Abolição Inacabada 1888-2008”, a partir do qual as escolas desenvolveram temas a ele relacionados.

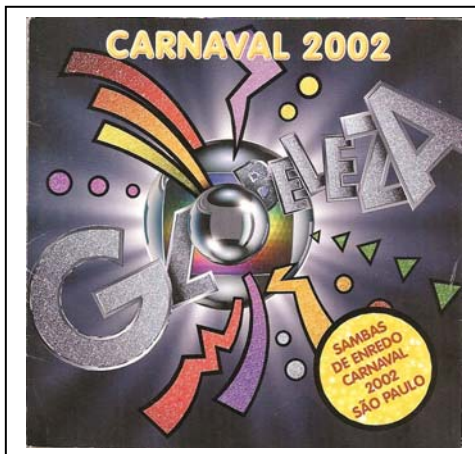


Figura 4
CD 2002
Capa

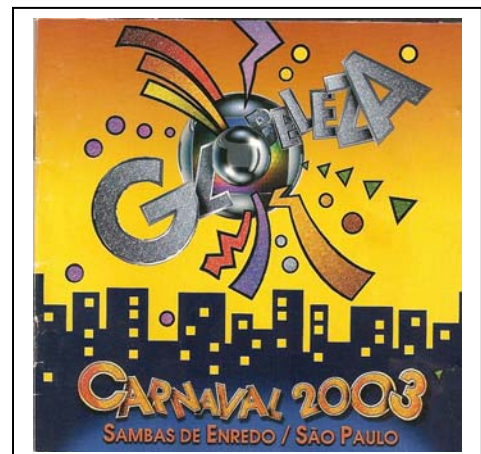


Figura 5
CD 2003
Capa



Figura 6
CD 2004
Capa

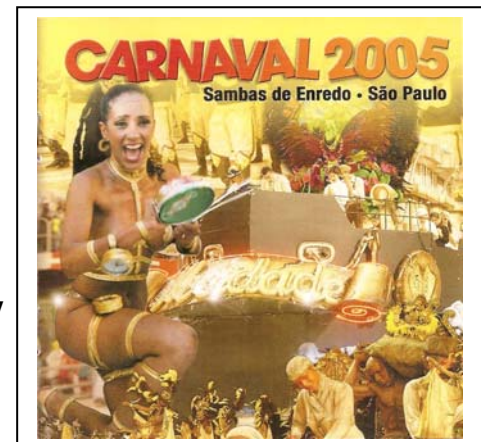


Figura 7
CD 2005
Capa

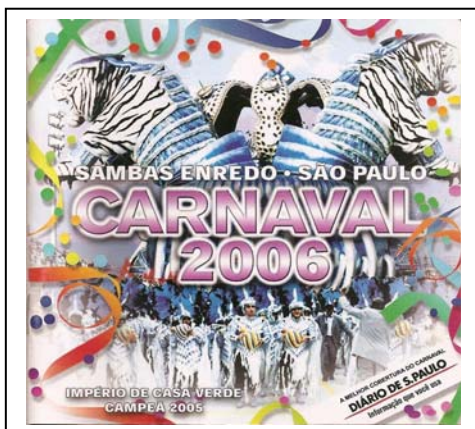


Figura 8
CD 2006
Capa



Figura 9
CD 2007
Capa

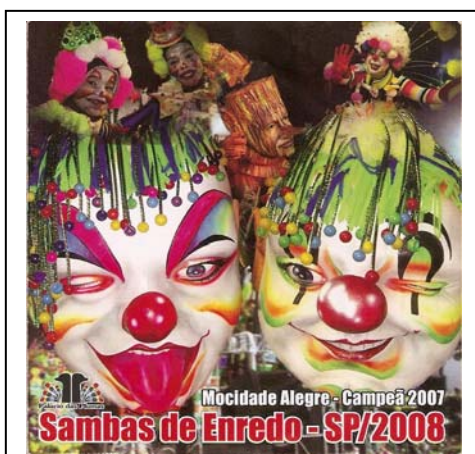


Figura 10
CD 2008
Capa



Figura 11
CD 2008
Contra Capa

O rumo tomado pelo carnaval paulistano nas últimas décadas possibilita uma série de negócios e ele próprio se caracteriza como um negócio promissor. Desde o início do século XX, com o surgimento dos cordões, as agremiações carnavalescas sofreram diversas inovações, muitas vezes condicionadas por fatores externos, acompanhando as transformações da metrópole. Como foi possível verificar nos períodos anteriores, ao longo do processo de adaptação aos novos conteúdos urbanos bem como na produção dos desfiles, as escolas de samba relacionaram-se em diferentes graus, com os circuitos superior e inferior da economia urbana. Relação que se intensifica na atualidade, pois o carnaval tornou-se um espetáculo da indústria cultural com local específico para sua realização, cobertura da mídia com transmissão dos desfiles para diversos países e elevados investimentos públicos e privados, além de criar um grande número de postos de trabalho diretos e indiretos, movimentar um mercado de produtos específicos e ter grande potencial de incremento ao turismo.

Estima-se que nos últimos anos o carnaval paulistano tenha movimentado, anualmente, entre trinta e cinco e quarenta milhões de reais na economia da cidade nos dias de festa. E de acordo com a Prefeitura de São Paulo (12/12/2006) o carnaval “(...) anualmente recebe investimentos da ordem de R\$ 80 milhões, que envolvem patrocinadores, direito de transmissão, Prefeitura e leis de incentivo à cultura”.

Embora Santos (1979) tenha proposto a análise das cidades a partir dos circuitos da economia urbana no final da década de 1970, ela se mostra atual, pois os conteúdos do novo período permitem a reprodução desses circuitos, que “se desenvolveram tanto na metrópole industrial como na informacional-financeira, na forma de vasos comunicantes”, pois são “ambos um resultado da modernização” (SILVEIRA, 2004, p. 66). Nesse contexto, a análise da dinâmica territorial das escolas de samba na cidade de São Paulo possibilita a compreensão do processo de transformação de uma manifestação de origem

popular em um negócio atraente e com diferentes possibilidades de exploração e lucro para os agentes que compõem os diferentes circuitos da economia urbana.

Por um lado, as escolas de samba mantêm relações com o circuito superior e superior marginal, ou seja, com grandes empresas e órgãos públicos e privados, como por exemplo, a Prefeitura de São Paulo na figura da SP Turis, o Sebrae, a Rede Globo, os demais veículos de comunicação e as diversas empresas que patrocinam a festa ou os enredos temáticos; por outro lado, as escolas mantêm relações com o circuito inferior, ou seja, as pequenas e micro empresas, e as mais diversas categorias de trabalhadores deste circuito. Para a produção das fantasias e alegorias, por exemplo, as escolas adquirem matérias-primas de empresas de diferentes tamanhos. Para melhor compreender as divisões territoriais do trabalho das escolas de samba face aos circuitos da economia urbana, torna-se válido compreender as ações de empresas de diferentes tamanhos envolvidas nesse processo, como, por exemplo, o Palácio das Plumas e a Intermáquinas Comércios e Reformas.

O Palácio das Plumas¹⁰², que patrocinou o CD do carnaval 2008, é uma empresa que produz e comercializa diversos tipos de tecidos, plumas, aviamentos, acessórios entre outros artigos, nacionais e importados, necessários à produção de fantasias, alegorias e adereços. Com duas lojas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro, fornece para as mais diversas agremiações carnavalescas brasileiras e, não se restringindo ao mercado carnavalesco, vende inclusive para outros países. Essa empresa que produz artigos exclusivos, concorre com outras que comercializam os mesmos tipos de produtos como a Casa Costa ou a Carnaval Store Tecidos, ambas localizadas em São Paulo.

A maior parte das plumas utilizadas no carnaval – de peru, faisão e em especial de avestruz – são importadas da África do Sul, maior fornecedor mundial de penas de avestruz. Esses produtos, como quaisquer outros, estão sujeitos às oscilações do mercado

¹⁰² Empresa especializada em produtos carnavalescos que cresceu junto com o carnaval paulistano (URBANO, 2006).

internacional. Em 2007 houve uma queda nas importações devido à gripe aviária e a exigência da certificação sanitária internacional, por parte do Ministério da Agricultura, diminuindo sua oferta no mercado. Embora o Brasil possua o segundo plantel de avestruz do mundo, suas plumas não atendem às necessidades do carnaval, pois são pequenas devido à destinação das aves ao abate. De acordo com Luís Robson Muniz, presidente da Associação dos Criadores de Avestruz do Brasil (O Estado de São Paulo, 14/01/2008), a produção brasileira de plumas atende apenas entre dois e três por cento da demanda do carnaval paulistano e carioca, que juntos consomem em torno de vinte e cinco toneladas por ano. Para o carnaval 2008, o Palácio das Plumas importou sete mil quilos de plumas, trinta por cento a menos que no ano anterior, diferença compensada com a aquisição no mercado nacional.

A Intermáquinas Comércios e Reformas é uma pequena empresa localizada no bairro da Parada Inglesa, na Zona Norte da Cidade, que produz e comercializa artigos em arame – carnavalescos, arranjos natalinos, decorações, artesanato entre outros – cuja matéria-prima – arames de diferentes espessuras – é adquirida da empresa Macapé, localizada no Jardim Brasil, um bairro vizinho. Segundo seu proprietário, Genilson Durval¹⁰³, são os produtos carnavalescos que sustentam a empresa. A Intermáquinas conta com a mão-de-obra de três a quatro pessoas, mas nos seis meses em que se dedica à produção das encomendas carnavalescas são necessárias doze pessoas para produzir cerca de dezessete mil fantasias – armações de arame para chapéu, costeiro, roupas de assistas etc. – e nos dois meses que antecedem o carnaval produz por cerca de vinte horas, diariamente.

Essa empresa possui uma pequena área produtiva, conta com dois galpões para estocar os produtos e fornece para diversas escolas de samba paulistanas, tais como X9 Paulistana, Gaviões da Fiel, Vai-Vai, Nenê de Vila Matilde, Rosas de Ouro, Império de Casa Verde, Unidos do Peruche entre outras, grandes e pequenas, localizadas em diferentes bairros

¹⁰³ Um dos dois sócios da empresa, entrevistado em 04/06/08.

da cidade e, inclusive para a Escola de Samba Grande Rio, de Duque de Caxias no estado do Rio de Janeiro. De acordo com o proprietário, seus produtos já foram levados inclusive para o Japão e para a Coréia. Porém, a empresa não se responsabiliza pelo transporte, sendo necessário que o comprador retire a mercadoria: “eles se viram pra vir buscar. Nos só produzimos (...) e também não temos responsabilidade nenhuma pelo transporte (...) é só produção”.

Apesar da abrangência, a empresa conta apenas com a propaganda boca a boca.

Nas palavras de Genilson Durval:

um vai perguntando pro outro e acaba chegando aqui. É meio boca a boca. Se nós colocarmos isso daí [sítio na internet] vai atrapalhar bastante, por que nós já produzimos uma média de dezessete mil fantasias por ano. Se nós colocarmos isso daí vai dobrar, e você viu que o espaço aqui é pequeno. E pra dobrar nos vamos ter que dobrar os funcionários. E outra, para você arrumar profissional para trabalhar nessa área aqui é complicado “pra caramba”. Eu mesmo estou aqui há dez anos, e nesses dez anos, soldador bom mesmo eu consegui formar três. Entendeu? Os meninos estão começando agora, estão aprendendo, mas até eles pegarem a profissão mesmo, para ser mais rápido, vai demorar mais uns cinco anos.

Ele explica ainda o processo produtivo de sua empresa.

Os carnavalescos chegam aqui com o protótipo do desenho. Eu tiro do desenho e faço o protótipo primeiro. Eu tiro todas as medidas e passo para o menino que corta. Aí, do menino que corta vai pro outro que vai entortar. E volta para eu montar o gabarito. No caso eu faço uma, mas na reprodução vai fazer cem. Eu monto o gabarito para eles montarem as cem. E essas cem vão para o soldador. O soldador solda tudo. E tem os meninos que carregam também, porque vai dando muito volume, se a pessoa não souber carregar, encaixar direitinho, pode comprar uma vida inteira pra guardar, se não, não cabe nada.

Segundo ele o motivo de tanta procura por seus serviços reside na qualidade e também na falta de profissionais no ramo, sendo necessário negar serviço nas proximidades

do carnaval, atitude comum entre as empresas que trabalham com aramagem e ferragem, devido à grande demanda.

A profissionalização do carnaval paulistano, a superposição das divisões do trabalho e os diversos negócios gerados a partir daí, caracterizam-se como elementos marcantes do período atual. E embora por um lado contribuam para geração de emprego, renda, além da formação de diferentes profissionais, por outro, como em todos os setores produtivos, criam um mercado de profissionais e empresas que são rotativos. Para alguns essa situação descaracteriza o carnaval como manifestação cultural, pois a produção artesanal, típica dos períodos anteriores, invocava o amor pela agremiação, o que muito pouco, ao menos nas grandes escolas, se verifica na atualidade.

3.3. Distribuição Espacial das Escolas de Samba e Uso da Cidade

Em cada período de desenvolvimento do carnaval das escolas de samba de São Paulo – tanto no Carnaval dos Cordões como no Carnaval das Escolas de Samba – é possível observar diferentes dinâmicas e formas de abrangência das agremiações na cidade. No período de surgimento e desenvolvimento dos cordões carnavalescos e das primeiras escolas de samba, suas ações restringiam-se, no primeiro momento, aos bairros aos quais pertenciam, estendendo-se posteriormente ao centro da cidade e a outros bairros onde ocorriam desfiles e concursos em dias de carnaval, o que levou ao aumento do número de espectadores e à ampliação de sua rede de relações que passou a envolver comerciantes e órgãos de imprensa, com uma intervenção cada vez maior do poder público.

Após a oficialização em 1967, a atuação da Prefeitura torna-se decisiva para a realização dessa manifestação na cidade, a qual passa a regular e definir as normas de atuação das agremiações carnavalescas. Nesse período as ações e as relações dessas entidades não mais se restringem às pessoas diretamente envolvidas em seu cotidiano e na produção e organização dos desfiles, e seus espectadores. Oficializadas e presentes em diferentes bairros da cidade, elas tornam-se entidades promotoras de lazer e entretenimento para um público cada vez maior. E o desfile carnavalesco, como um evento da cidade, organizado e subvencionado pela Prefeitura, passa a atrair investidores e parceiros até então distantes dessa manifestação.

Com o crescimento impulsionado pela regulamentação e pela construção do Sambódromo, as escolas de samba ampliaram e consolidaram sua atuação e sua rede de relações que, no terceiro período, extrapolam os limites da cidade, do estado e mesmo do país. Com maior autonomia, as agremiações definem os direcionamentos de boa parte de suas ações, mas ainda submetem-se a uma série de imposições externas tanto do poder público

como dos agentes privados envolvidos na produção do evento carnavalesco. Mas, por outro lado, têm uma grande possibilidade de realizar ações cada vez mais abrangentes nos bairros onde se localizam.

Com base, principalmente, nos dados referentes ao carnaval de 2008, este tópico apresenta a distribuição das escolas de samba na cidade e o uso que fazem do meio construído para realizar a produção dos desfiles carnavalescos. As possibilidades e a qualidade da atuação dessas entidades na cidade e, mais especificamente, no bairro onde se localizam, dependem de diversos fatores, tais como sua força econômica, sua capacidade de intervenção social, aspectos que se relacionam diretamente com sua organização interna e externa.

As duas entidades representativas permanecem na atualidade: a Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (Liga), fundada em 1986, responsável pelas 24 escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso; e a União das Escolas de Samba Paulistas (UESP), fundada em 1973, responsável pelas 44 escolas dos demais grupos (Quadro 3)¹⁰⁴. Essas entidades, cujos cargos estratégicos são compostos por membros das escolas, têm como função normatizar e organizar as agremiações, além de representar seus interesses, no que se refere ao carnaval, junto ao poder público e à iniciativa privada, tais como o recebimento e a distribuição da verba de subvenção e da verba proveniente da concessão de imagem, no caso da Liga¹⁰⁵; além da organização e da produção do carnaval em parceria com a SP Turis.

¹⁰⁴ Dados referentes ao carnaval de 2008.

¹⁰⁵ Em 2007 e 2008 a verba da Prefeitura destinada às agremiações filiadas à Liga foi repassada diretamente para as escolas devido a pendências jurídicas e financeiras da entidade representativa.

QUADRO 3. DIVISÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA POR GRUPO FILIADAS À LIGA E À UESP – CARNAVAL 2008	
Grupo Especial (Liga)	Vai-Vai, Mocidade Alegre, Unidos de Vila Maria, Águia de Ouro, Império de Casa Verde, Rosas de Ouro, Nenê da Vila Matilde, Tom Maior, Acadêmicos do Tucuruvi, X-9 Paulistana, Perola Negra, Mancha Verde, Gaviões da Fiel, Camisa Verde e Branco.
Grupo de Acesso (Liga)	Unidos do Peruche, Leandro de Itaquera, Barroca Zona Sul, Dragões da Real, Acadêmicos do Tatuapé, Imperador do Ipiranga, Unidos do Vale Encantado, Prova de Fogo.
Grupo I (UESP)	Flor de Vila Dalila, Portela da Zona Sul, Flor de Liz, Primeira da Aclimação, Camisa 12, Combinados do Sapopemba, Imperial, Colorado do Brás, Morro da Casa Verde, Unidos de São Lucas.
Grupo II (UESP)	Lavapés, Estação Invernada, Iracema Meu Grande Amor, Explosão da Zona Norte, Passo de Ouro, Príncipe Negro, União Independente da Zona Sul, Só Vou se Você For, Uirapuru da Mooca, Valença Perus, Império Lapeano, Torcida Jovem, Estrala do Terceiro Milênio, Brinco da Marquesa.
Grupo III (UESP)	Folha Azul dos Marujos, Primeira da Cidade Lider, Unidos de São Miguel, Dragões de São Miguel, Dom Bosco, Malungos, Estrela Cadente, Unidos de Guaianazes, Mocidade Unida da Mooca, Sai da Frente, Mocidade Rubroense, Acadêmicos do Jaraguá, Os Bambas, Imperatriz da Paulicéia, Tradição da Zona Leste, Tradição Albertinense.
Grupo de Acesso (UESP)	Paineiras do Sapopemba, Acadêmicos do Ipiranga, Flor do Morro, Ermelinense, União da Vila Albertina, Cachoeira Império do Samba.

Elaboração da Autora

Vale lembrar que, embora este trabalho atenda-se às escolas de samba filiadas à Liga e à UESP, o carnaval paulistano não se restringe a elas, pois existem diversas agremiações carnavalescas – blocos, bandas e escolas de samba – independentes ou filiadas a essas e outras entidades, como a Associação de Bandas e Blocos Carnavalescos (ABBC) e a Associação de Bandas Carnavalescas de São Paulo (ABASP), as quais desfilam em diferentes pontos da cidade (Quadro 4). Algumas agremiações optam por participar de ABBC por preferirem um desfile mais lúdico e menos rigoroso, ou por não se adequarem às exigências da UESP.

Dentre as agremiações independentes é possível citar o bloco Carnavalesco Ilú Oba de Mim, cuja bateria é formada exclusivamente por mulheres e os temas são predominantemente afro-brasileiros. Esse grupo ensaia e desfila no centro da cidade

proporcionando momentos de lazer; e na sexta-feira de carnaval desfila pelas ruas do centro velho arrastando atrás de si uma pequena multidão, que prefere curtir a festa de forma espontânea e livre.

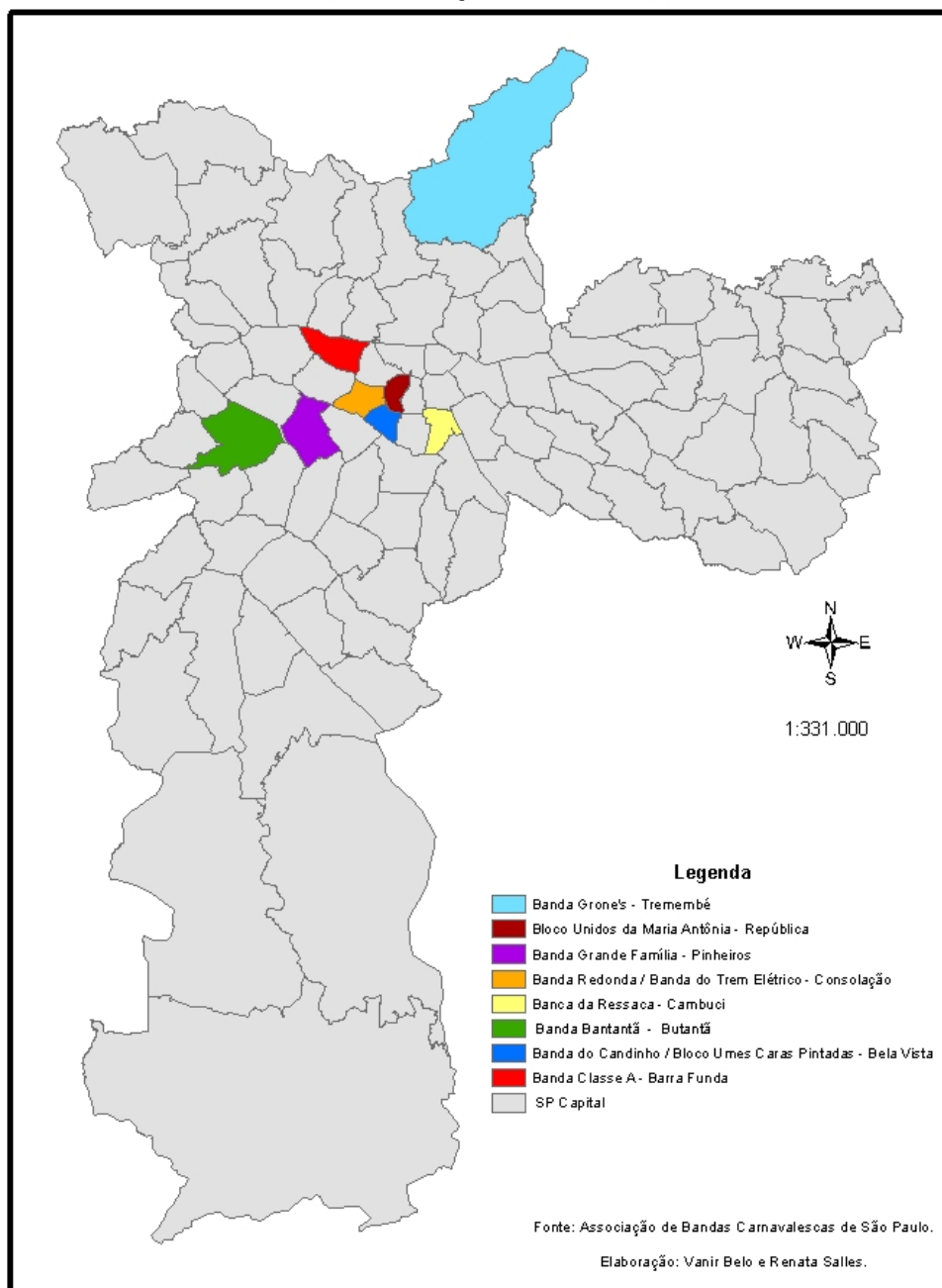
QUADRO 4. DISTRIBUIÇÃO DAS AGREMIÇÕES CARNAVALESCAS POR ENTIDADE REPRESENTATIVA – CARNAVAL 2008	
Liga	Afoxés: Filho da Coroa de Dadá e Iya Ominubu
UESP	Grupo Especial de Blocos: Caprichosos da Zona Sul, Caprichosos do Piquerí, T.U.P., Unidos do Guaraú, Chorões da Tia Gê, Unidos de Santa Bárbara, Garotos da Vila Santa Maria, Pé Grande, Pavilhão 9, Amizade da Zona Leste, Mocidade Independente da Zona Leste, Vovô Bolão. Grupo I de Blocos: União da Trindade, Unidos de Vila Carmosina, Não Empurra Que é Pior, Mocidade Amazonense, Me Engana Que Eu Gosto.
ABBC	Escola de Samba Só Alegria, Bloco Black Pholia, Unidos do Abaeté, Escola de Samba Quilombo, Bloco A Bruxa Tá Solta, Acadêmicos de São Paulo, Bloco Periquitos na Pholia, Bloco da Comunidade Boliviana, Escola de Samba Alegria da Área Clube do Partido Alto, Bloco Unidos da Melhor Idade, Bloco Salve Simpatia, Bloco Carnavalesco Inajar de Souza.
ABASP	Bloco Unidos da Maria Antônia, Banda Bantantã, Banda Classe A, Bloco da Ressaca, Banda Grande Família, Banda Grone's, Banda Redonda, Banda do Candinho, Bloco Umes Caras Pintadas, Banda do Trem Elétrico

Elaboração da Autora.

Os Afoxés desfilam no Sambódromo abrindo os desfiles das escolas de samba do Grupo Especial. O Grupo Especial de Blocos filiados à UESP desfilam no Sambódromo, e o Grupo I em uma das passarelas montadas nos bairros. As escolas e blocos filiados à ABBC desfilam em uma passarela montada no Memorial da América Latina, na Barra Funda, no final de semana que antecede o carnaval, com entrada gratuita, no evento denominado Pholia no Memorial¹⁰⁶. As bandas carnavalescas associadas à ABASP desfilam em diferentes dias nas ruas de seus bairros e bairros vizinhos, normalmente nos dias que antecedem o carnaval. Podendo ser seguidas por todos gratuitamente, possuem uma característica mais lúdica. É interessante notar que há uma concentração de bandas nos bairros centrais da cidade (Mapa 6), diferentemente do que ocorre com as escolas de samba.

¹⁰⁶ Esse evento realizado há alguns anos no Memorial da América Latina, teve início em 1991 e realizava-se na Avenida Brigadeiro Faria Lima com o nome de Pholia na Faria.

**Mapa 6. Agremiações Filiadas à Associação de Bandas
Carnavalescas de São Paulo – Localização por Distrito – 2007**



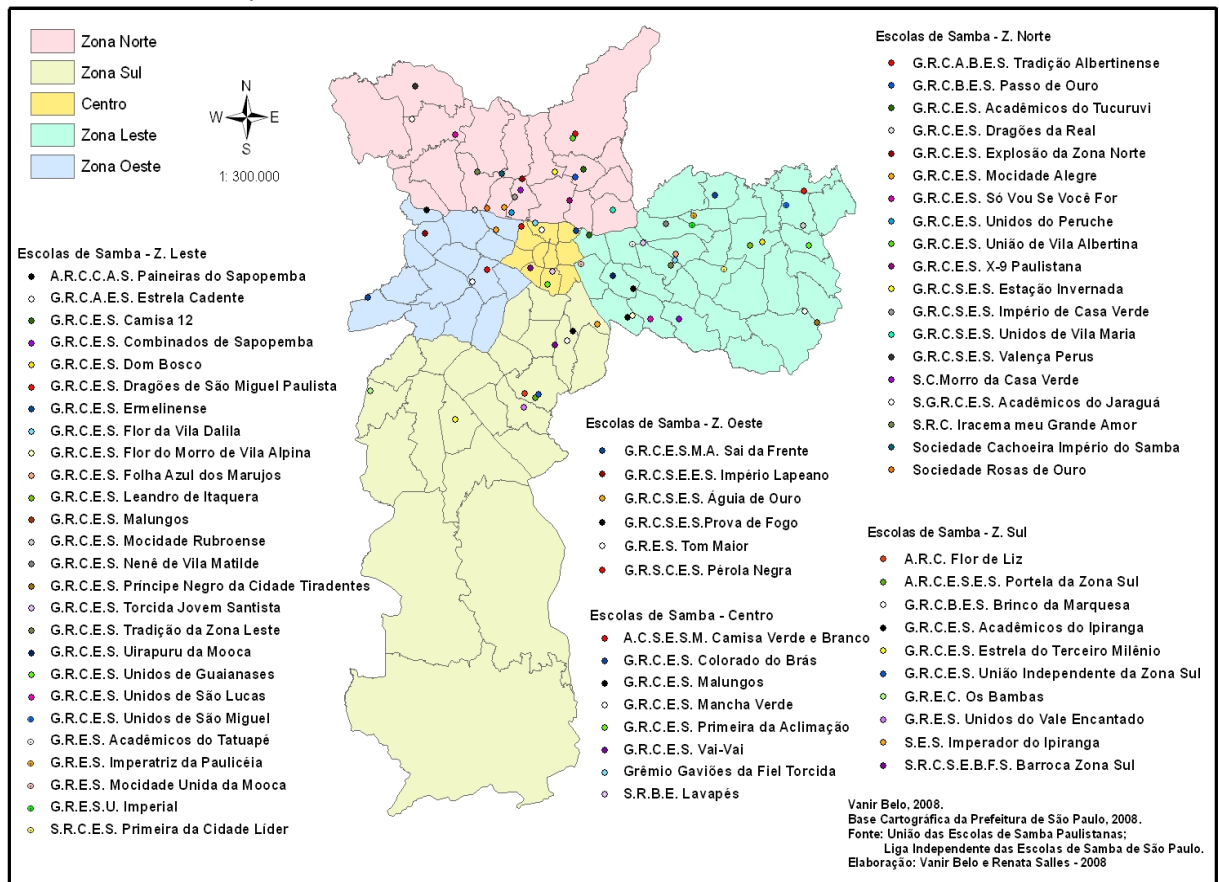
Quadras e Barracões

As 68 escolas filiadas à Liga e à UESP estão distribuídas por toda a cidade, mas há uma concentração nas zonas Leste, com 26 escolas, e Norte, com 19. A maioria das agremiações localizadas na Zona Leste são as chamadas pequenas escolas, filiadas à UESP e que trabalham com capital reduzido, ao passo que na Zona Norte localizam-se 6 das 14 escolas presentes no Grupo Especial em 2008. Nas demais zonas da cidade a concentração é menor, sendo 10 na Zona Sul, 7 no Centro e 6 na Zona Oeste (Mapa 7).

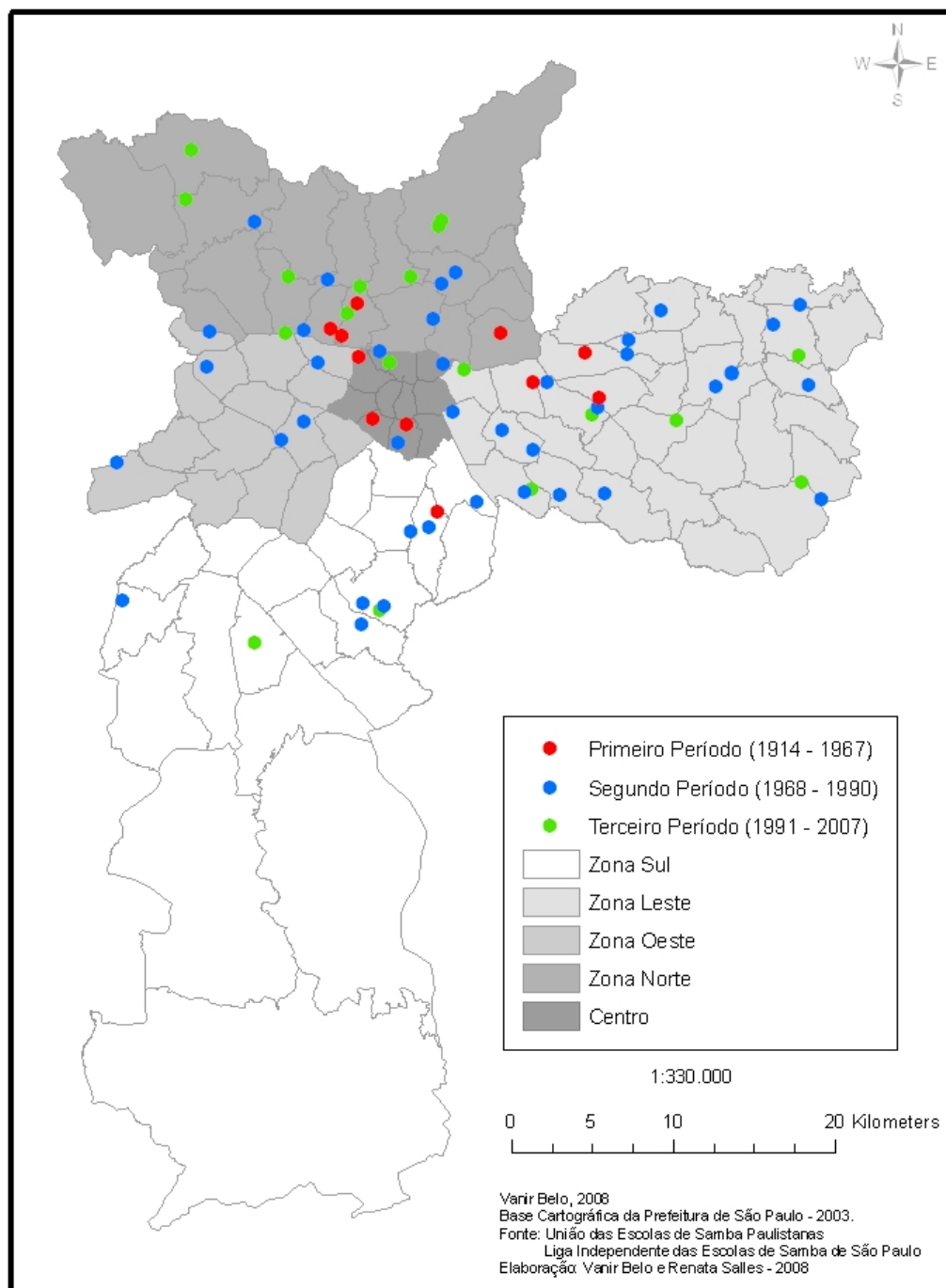
O espraiamento das escolas na cidade foi uma consequência da expansão urbana, observada ao longo do século XX, que concentrou nos bairros periféricos a população menos abastada e estimulou o surgimento de agremiações carnavalescas nessas regiões (Mapa 8), o que é importante no sentido de proporcionar lazer e cultura para uma população com acesso restrito aos equipamentos disponíveis na cidade. Ao comparar a localização das escolas de samba na cidade com a localização de outros equipamentos culturais e de lazer, sejam eles públicos ou privados, observa-se uma concentração de escolas nas regiões onde há escassez desses equipamentos, comprovando que as agremiações carnavalescas, independentemente do seu tamanho, da sua força e das possibilidades econômicas, caracterizam-se, juntamente com outras manifestações populares, como alternativas, criadas pelos habitantes dessas regiões a essa escassez (Mapas 9 a 12).

Mas, por outro lado, no que se refere à realização dos desfiles carnavalescos, essa situação se traduz em uma grande dificuldade, pois o crescimento da cidade, associado à atuação da municipalidade, levou à construção do Sambódromo para a realização dos desfiles carnavalescos de parte das escolas de samba, bem como à definição de locais para a realização dos desfiles das demais escolas. Diante disso, diversas agremiações são obrigadas a se deslocar por longas distâncias (Mapas 13 e 14) para transportar os carros alegóricos e se locomover até o local de desfile.

Mapa 7: Escolas de Samba Filiadas à UESP e à LIGA - Localização das Sedes - 2008



Mapa 8: Escolas de Samba por Período de Fundação



Mapa 9: Escolas de Samba - Município de São Paulo - 2008



Mapa 9

Salas de Cinema, Teatro e Cinema e Unidades Especiais da PMSB
Município de São Paulo
2006



Mapa 10

Salas de Teatro, Shows e Concertos
Município de São Paulo
2006

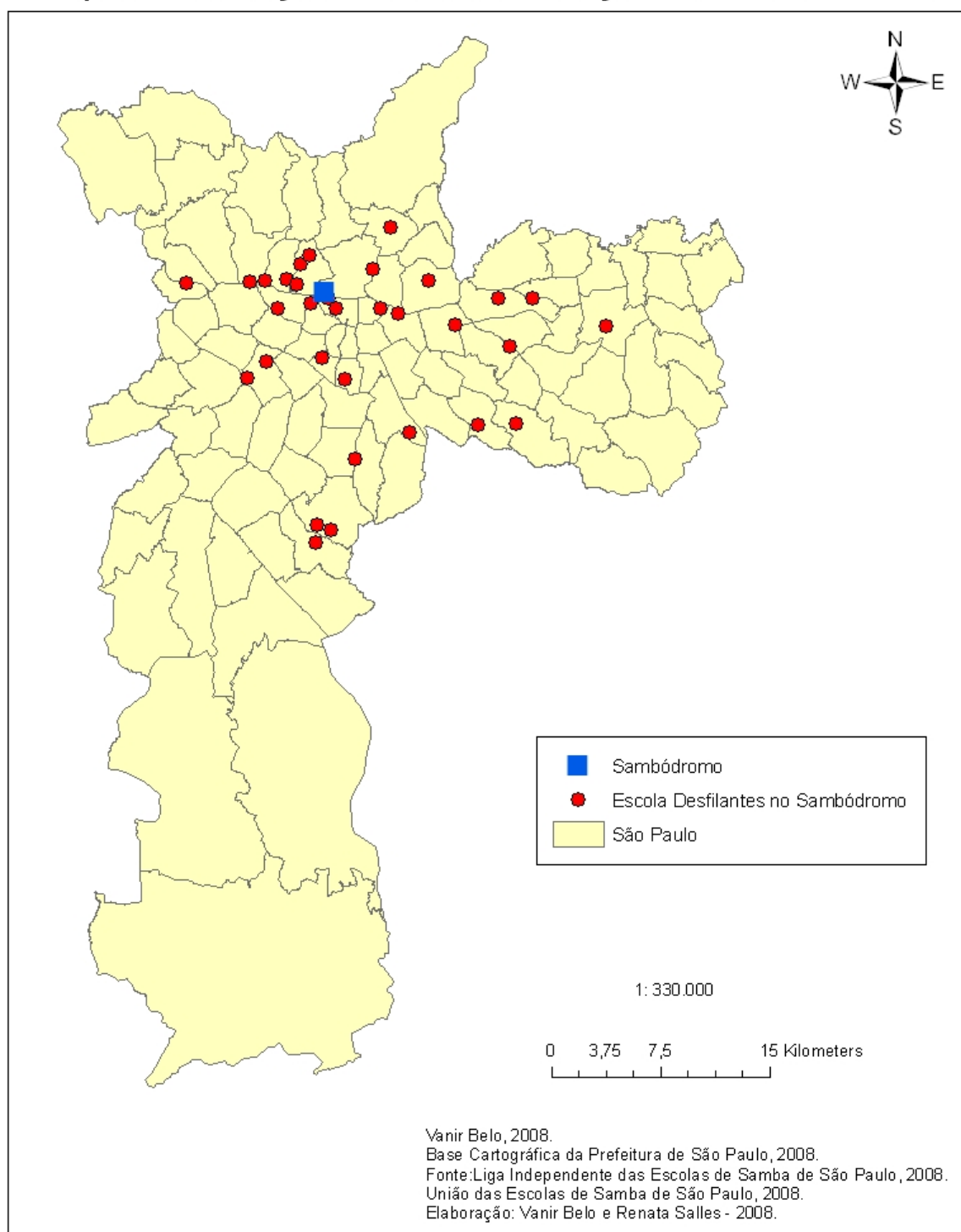


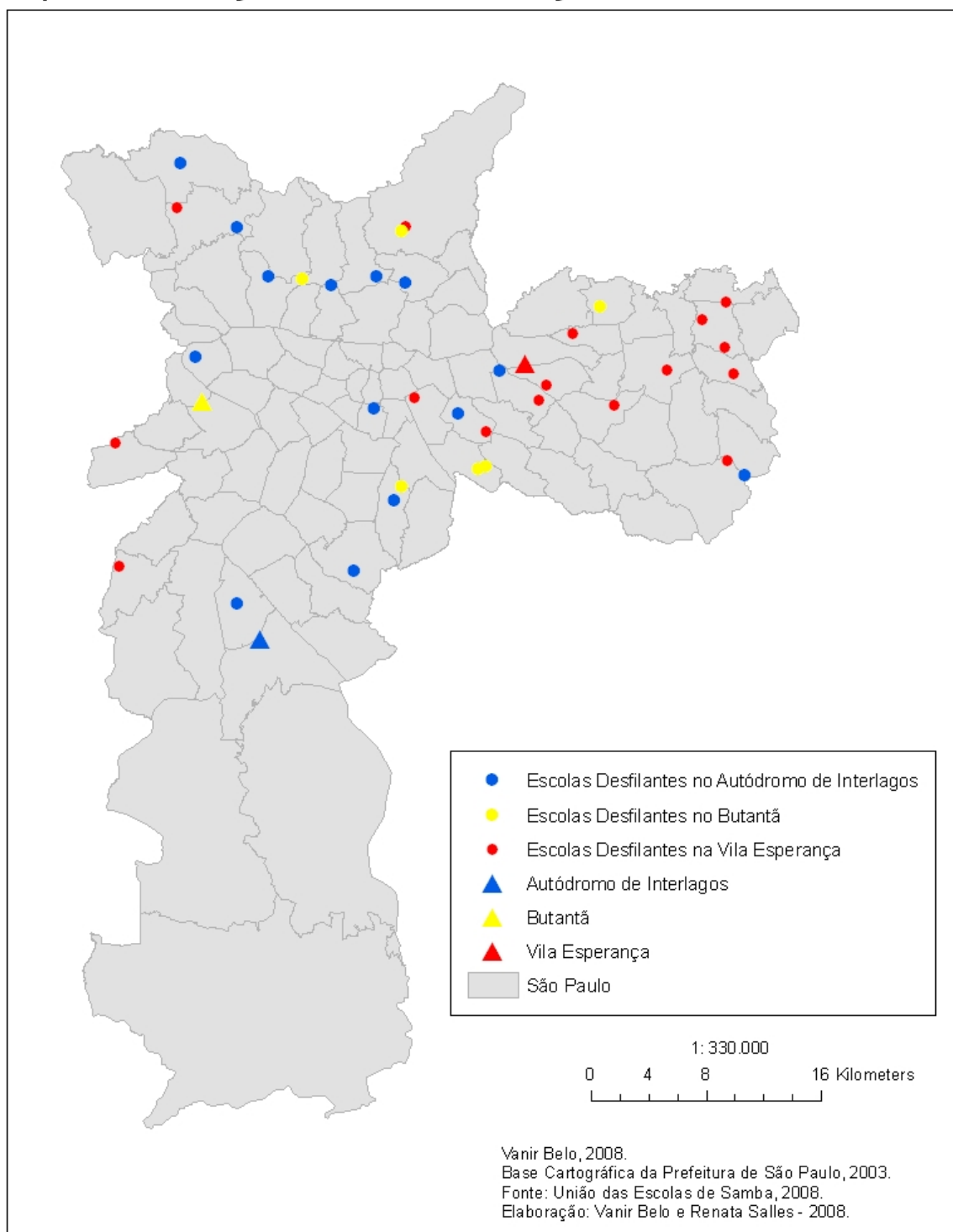
Mapa 11

Centros Culturais, Casa de Cultura, Espaços Culturais, Galerias de Artes e Museu
Município de São Paulo
2006



Mapa 12

Mapa 13: Localização das Escolas em Relação ao Sambódromo - 2008

Mapa 14: Localização das Escolas em Relação aos Locais de Desfile - 2008

Por mais próximo que o barracão seja do Sambódromo, o deslocamento dos carros alegóricos torna-se um transtorno para o trânsito, mesmo que ocorra durante a madrugada, pois devido às suas grandes proporções precisam ser guinchados com o auxílio de pessoas empurrando, em alguns momentos, e controlando para que não sejam danificados. E necessitam do acompanhamento de técnicos da Companhia de Engenharia de Tráfego para interditar ruas e da Eletropaulo para remover parte da fiação elétrica quando necessário. Algumas agremiações, mesmo com carros mais modestos, sofrem devido às distâncias. A Escola de Samba Príncipe Negro da Cidade Tiradentes, por exemplo, de acordo com sua presidenta Rossimara Aparecida Vieira Isaias¹⁰⁷, para chegar ao Autódromo de Interlagos em 2007 percorreu cerca de setenta quilômetros, num percurso que durou cerca de cinco horas.

Com a finalidade de amenizar esses problemas, as escolas maiores, que possuem melhores condições financeiras, instalam seus barracões em terrenos próximos ao Sambódromo, facilitando sobremaneira o trabalho de deslocamento dos carros alegóricos, mas distanciando sua produção da sede da escola e conseqüentemente dos componentes. Dentre as escolas que instalaram barracões em locais mais próximos ao Sambódromo estão Império de Casa Verde, Vai-Vai, Nenê de Vila Matilde e Leandro de Itaquera (Fotos 22 a 25). Outras escolas possuem seus barracões distantes, ora no próprio bairro ora em bairros vizinhos, devido unicamente à disponibilidade de terrenos ou financeira (Mapa 15). Outras escolas, com menos recursos, não possuem barracão e sequer uma quadra de ensaios, reunindo-se nas casas dos componentes e ensaiando em locais gentilmente cedidos por algum vizinho ou instituição pública, ou mesmo nas ruas, e constroem seus carros alegóricos em galpões emprestados, embaixo de viadutos ou em terrenos baldios, muitas vezes a céu aberto, submetendo-se às intempéries e revelando o grande contraste existente entre as escolas paulistanas.

¹⁰⁷ Entrevistada em 27/01/2008.

**Foto 22**

Autora: Vanir Belo
 Barracão da E.S. Império
 de Casa Verde
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

**Foto 23**

Autora: Vanir Belo
 Barracão da E.S. Vai-Vai
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

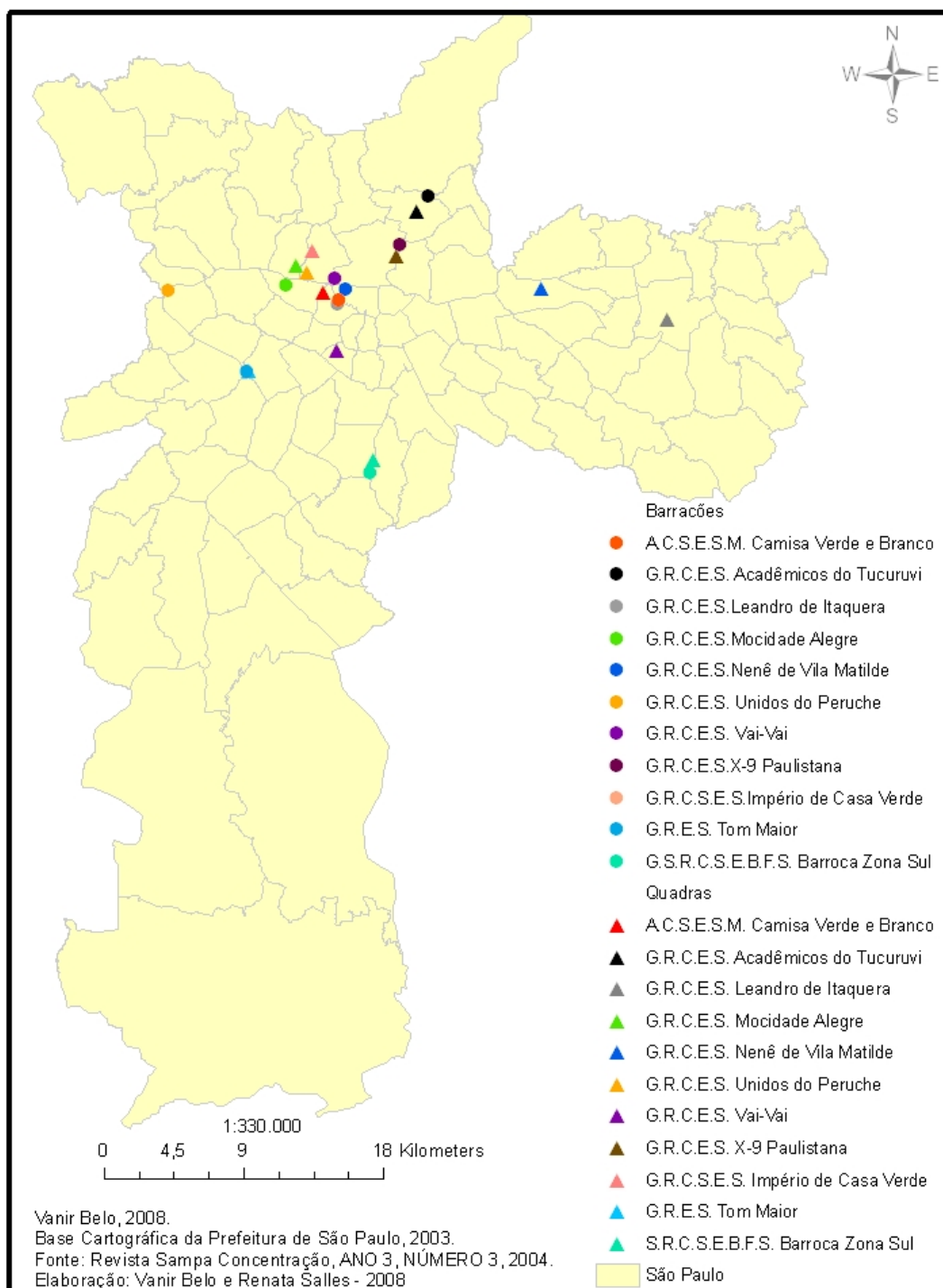
**Foto 24**

Autora: Vanir Belo
 Barracão da E.S.
 Nenê de Vila Matilde
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

**Foto 25**

Autora: Vanir Belo
 Barracão da E.S.
 Leandro de Itaquera
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

Mapa 15: Localização das Quadras em Relação aos Barracões - Escolas Seleccionadas



Os Ensaios Técnicos

As escolas que desfilam no Sambódromo realizam ensaios técnicos gerais, com a participação do maior número possível de pessoas. Nesses ensaios o objetivo é fazer com que o componente tenha contato com o Sambódromo e todo o processo pelo qual passará no dia do desfile e, também, para ter uma noção do tempo de desfile em relação ao tamanho dos carros alegóricos e do número de componentes e, portanto, um maior controle. Para isso, monta-se a escola o mais próximo possível do que será o desfile oficial, reservando com fitas de isolamento os espaços físicos que serão ocupados pelos carros alegóricos, observando o canto, a harmonia, a evolução e todos os detalhes necessários. No Sambódromo também ocorrem ensaios parciais, de bateria, comissão de frente e casais de mestre-sala e porta-bandeira. Os ensaios técnicos que ocorrem no mês que antecede o carnaval são momentos de grande animação para os componentes. E, quando abertos ao público, são uma opção de lazer para a população; em muitos casos, a única possibilidade que algumas pessoas têm de ver as escolas de samba desfilando no Sambódromo, pois o acesso é livre. Esses ensaios podem ocorrer durante a semana ou nos finais de semana, e diversas escolas ensaiam no mesmo dia. Esse fato costuma levar um grande público às arquibancadas do Sambódromo, em alguns dias com certo desconforto porque são poucos os setores abertos. Há certa divulgação dos ensaios técnicos gerais, mas ainda restrita. Diferentemente do que ocorre no Rio de Janeiro, onde os ensaios técnicos são largamente divulgados e contam com a presença de dezenas de milhares de espectadores. No contexto atual do carnaval paulistano esses eventos poderiam ser mais explorados no sentido de divulgar os desfiles das escolas de samba e possibilitar um acesso mais democrático ao Sambódromo, mesmo que houvesse a cobrança de uma pequena taxa para garantir a infra-estrutura, o que de certa forma já ocorre, uma vez que é cobrado o estacionamento. Porém, aparentemente não há interesse por parte dos organizadores nesse sentido (Fotos 26 a 28).



Foto 26

Autora: Vanir Belo
 Ensaio Técnico
 Sambódromo
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular



Foto 27

Autora: Vanir Belo
 Área de dispersão do
 Sambódromo em dia de
 ensaio técnico.
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular



Foto 28

Autora: Vanir Belo
 Área de estacionamento
 Sambódromo
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

O Desfile

Para transportar os componentes, as escolas de samba contam com ônibus cedidos pela Prefeitura. São os ônibus das empresas que realizam diariamente o transporte coletivo na capital, os quais se dirigem até a quadra, ou ao local de onde sairá a ala, levam os componentes ao local de desfile e, após a apresentação, de volta ao local de origem (Foto 29 e 30). Nesse caso, apesar das distâncias, a viagem é no geral muito animada, pois os componentes estão se dirigindo para uma passarela com a finalidade de participar da realização do momento máximo de uma escola de samba, o desfile carnavalesco, quando a agremiação leva a público o resultado de um ano de trabalho, pois, embora muitas pessoas presentes não tenham participado de todas as etapas de produção desse evento e o desfile oficial seja o momento de maior nervosismo e tensão de todo o processo, a emoção está presente e o sentimento é contagiante¹⁰⁸.

A chegada do comboio de ônibus das escolas de samba ao Parque Anhembi é sempre bastante tumultuada devido ao grande fluxo de veículos na região que está próxima à Marginal Tietê, importante via de acesso às rodovias que partem de São Paulo em direção ao interior e ao litoral norte do estado, sobretudo no período de carnaval. Apenas os veículos diretamente ligados à produção do evento são permitidos na Avenida Olavo Fontoura que dá acesso ao Sambódromo. Os ônibus do comboio têm a permissão para entrar nessa avenida e logo em seguida na grande área de estacionamento do Pavilhão das Exposições, no interior do qual são orientados, por pessoas da organização do evento, onde devem estacionar para que os integrantes das escolas possam descer e iniciar o processo de montagem das alas (Foto 31), processo de certa forma facilitado uma vez que os comboios já partem das quadras organizados dessa forma, ou seja, cada carro transporta os integrantes de uma ala específica e seguem, ao menos em tese, na seqüência em que formarão a escola na avenida. No entanto, há

¹⁰⁸ A autora teve a oportunidade de participar do processo de produção e dos desfiles carnavalescos da Escola de Samba Unidos de Vila Maria no Grupo Especial, de 2002 a 2008, como componente da bateria. E também dos desfiles da Escola de Samba Passo de Ouro de 2003 a 2005.

de se levar em consideração que o deslocamento até o Sambódromo muitas vezes acaba com essa ordem, porém na medida do possível há essa tentativa.

Dentro dessa área que, de certa forma, ainda está relativamente distante do Sambódromo, os coordenadores de desfile, ou harmonias, juntamente com os chefes de ala, iniciam a montagem da escola na seqüência correta. No trajeto daí até o Sambódromo, algumas alas como a bateria ou elementos de destaque, tais como assistas, se juntam ao cortejo. Enquanto uma escola inicia sua montagem, ainda no estacionamento, há ao menos mais três escolas se movimentando nesse complexo: uma desfilando na passarela, outra pronta aguardando sua entrada nos portões da concentração e uma terceira escola acertando os detalhes finais de sua montagem enquanto se aproxima da concentração. É possível perceber o grande fluxo de pessoas visto que integrantes de ao menos quatro escolas estão no Parque Anhembi simultaneamente, bem como os trabalhadores na organização, vendedores ambulantes, policiais, seguranças e agentes da Companhia de Engenharia de Tráfego, além de curiosos ou pessoas que, pelas mais variadas razões, assistem à concentração e não ao desfile.

A montagem da escola é sempre muito tensa, pois não pode haver erros e tampouco atraso, o que penaliza a escola. Ao longo desse processo é possível observar diversas manifestações coletivas como orações e gritos de guerra. Após a montagem no estacionamento os integrantes caminham lentamente em direção ao Sambódromo percorrendo todo o estacionamento do Pavilhão das Exposições, passando por um pequeno túnel, saindo em frente ao Palácio das Convenções (Teatro Elis Regina) e entrando à esquerda na rua Professor Milton Rodrigues que dá acesso à área da concentração das escolas, onde ficam estacionados os carros alegóricos aguardando o desfile (Foto 33). Dentro dessa área restrita aos integrantes das escolas, da organização do evento e da imprensa, a escola acerta os detalhes da apresentação e se prepara para inserir os carros alegóricos em sua posição correta dentro do desfile, na seqüência que o enredo pede. Alguns integrantes que desfilarão como

destaques sobre os carros têm a permissão de entrar na área de concentração antecipadamente, mesmo com outra escola se preparando, para que os bombeiros, com a ajuda de guindastes e escadas, os alcem aos seus lugares (Foto 32).

Finalmente a escola posiciona-se diante do portão que dá acesso a passarela Adoniran Barbosa¹⁰⁹ e aguarda a chamada do locutor do evento para que adentre e inicie seu desfile. Enquanto aguardam o término do desfile da escola anterior, os componentes, em estado de grande emoção, fazem o que chamam de “esquenta”, uma espécie de aquecimento para o desfile no qual canta-se e toca-se o hino da escola e alguns sambas; é também o momento em que o presidente, o carnavalesco ou o diretor de harmonia pronunciam algumas palavras de estímulo e incentivo para a realização de um grande e impecável desfile. Quando o locutor pronuncia o nome da escola e afirma: “a passarela é de vocês”, inicia-se o momento mais esperado, quando a escola mostrará na avenida o trabalho desenvolvido no decorrer do ano, num misto de tensão devido à necessidade de fazer um bom desfile, emoção por fazer parte da festa e divertimento que, ao final, é o objetivo maior, ao menos de grande parte dos integrantes (Fotos 34 e 35).

Ao longo do desfile, que tem um tempo mínimo e um tempo máximo, a escola deve cumprir à risca o regulamento. Para que isso ocorra, os coordenadores de desfile, ou harmonias, e boa parte dos diretores, se empenham para evitar qualquer tipo de problema que possa prejudicar a escola, utilizando-se, por exemplo, de modernos equipamentos de comunicação, para, dessa forma, controlar cada detalhe do desfile. Com exceção dos cantores, de alguns passistas e dos componentes da bateria que permanecem na passarela por praticamente todo o tempo de desfile, uma vez que são uns dos primeiros a adentrar a passarela, entram no recuo – espaço reservado para a bateria no meio da passarela, e onde ficam também o carro de som com os cantores e os passistas pertencentes à corte (rainhas de

¹⁰⁹ A passarela do Sambódromo foi batizada em 2003 com o nome Adoniran Barbosa em homenagem a um dos maiores sambistas paulistanos.

bateria, princesas, madrinhas e assistas de honra) – de onde saem apenas após a passagem de praticamente toda a escola e seguem tocando, cantando e dançando até alguns minutos após o término do desfile, quando o último componente atravessa a faixa amarela e os portões são fechados.

Na dispersão, ao saírem da passarela, os componentes são orientados a abrir espaço para que os demais integrantes e carros alegóricos possam sair tranquilamente. Imediatamente após o término do desfile, quando os componentes em estado de êxtase vibram aos gritos de “é campeã”, são orientados a buscar os ônibus que os trouxeram, os quais, após deixá-los na área de montagem da escola, coordenados pela Companhia de Engenharia de Tráfego e pela Polícia Militar, saem do complexo, contornam a Praça Campo de Bagatele, entram na via local da Marginal Tietê, que está bloqueada para o tráfego de veículos que não sejam parte do evento, e aguardam os integrantes da escola nos portões de saída da dispersão.

No outro extremo da dispersão, imediatamente após a saída de cada carro alegórico da passarela, a escola mobiliza-se para retirá-lo e levá-lo a uma área na Avenida Olavo Fontoura, onde os carros de todas as escolas ficam após o desfile. Essa urgência se deve ao fato das grandes dimensões dos carros na atualidade não permitirem que estes fiquem na dispersão uma vez que podem atrapalhar a chegada dos demais carros da escola e também porque quando uma escola está terminando seu desfile, outra já está a postos para iniciar o seu, o que significa que alguns minutos depois o carro abre-alas da escola seguinte já estará na dispersão. Todo esse movimento de desmontagem da escola, embora consideravelmente mais desorganizado, deve ser também bastante rápido, pois há penalidades para as agremiações que prejudicarem o desfile das demais.

De volta à quadra, nos ônibus as pessoas estão exaustas, ora reclamando da fantasia incômoda, ora deslumbradas com as alegorias que só puderam ver naquele momento, ora lamentando a fugacidade do desfile, ora exaltando um determinado momento, mas, caso

não tenha havido nenhum problema comprometedor, extremamente satisfeitas por terem cumprido o seu papel.

A realização dos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial, subvencionados pela Prefeitura, baseados em regulamentos rigorosos, realizados no Sambódromo – mediante cobrança de ingressos – e transmitidos ao vivo, pela televisão, para diversos países, caracteriza-se como um espetáculo, um produto, e, como tal exige essa logística, pois é necessário que tudo corra de acordo com o planejamento, não sendo admitida nenhuma possibilidade de erro.

Diferentemente do que ocorre no Sambódromo, os desfiles nos bairros não se realizam em locais definitivos, podendo mudar de um ano para o outro de acordo com o interesse da administração local (Subprefeitura) vigente. Em 2008 os desfiles ocorreram na Vila Esperança (Zona Leste), no Butantã (Zona Oeste) e em Interlagos (Zona Sul) (Fotos 36 a 38). Mas já ocorreram desfiles na Cidade Tiradentes, em Itaquera e na Vila Prudente (Zona Leste), na Vila Maria e em Pirituba (Zona Norte), na Cidade Ademar (Zona Sul) entre outros. Em todos os casos a passarela é montada em alguma avenida importante do bairro, com exceção de Interlagos onde é montada no Autódromo; este fato provoca transtornos como, por exemplo, a restrição no número de espectadores, o que não ocorre nas passarelas de rua, pois mesmo que as arquibancadas estejam lotadas – quando há arquibancadas – é possível acompanhar os desfiles.

As passarelas nos bairros têm um ar mais lúdico, em especial para os espectadores que têm acesso gratuito e uma maior possibilidade de circulação, mas todo o processo organizacional é muito semelhante ao que ocorre no Sambódromo, mesmo porque as escolas também participam de um concurso com apoio da Prefeitura, regulamentos e critérios de julgamento. E as primeiras colocadas passarão para o grupo superior ao passo que as últimas colocadas cairão para o grupo inferior. Diante disso, embora apresentem um desfile

mais simples, no que se refere à riqueza e à grandiosidade das fantasias e dos carros alegóricos, muitas vezes demonstrando claramente a falta de recursos, o rigor se faz presente.

Toda essa dinâmica, necessária à realização da festa na atualidade, gera uma série de críticas, por parte de alguns sambistas, em especial da velha guarda, e de estudiosos, que afirmam haver uma supervalorização do desfile em detrimento do carnaval propriamente dito, uma vez que o desfile é confinado e os componentes das escolas são impedidos de permanecer no local após sua apresentação, sendo obrigados a voltar imediatamente para a quadra da escola, de onde, no geral, se dispersam rapidamente, a menos que assumam o papel de espectadores e se dirijam à área reservada para tal.

No entanto boa parte da velha guarda, mesmo tomada por um sentimento de nostalgia e com críticas ao que se faz na atualidade, permanece na escola empenhando-se para o seu sucesso. E a cada ano o número de jovens aumenta nas escolas de samba, os quais por não terem vivenciado o carnaval do passado adaptam-se facilmente ao novo modelo e, mesmo submetidos a uma série de normas e regras, têm o desfile como a grande festa que proporciona momentos de prazer e emoção e que não se reduz ao espetáculo e às transmissões televisivas. Em especial para aqueles que vivenciam o processo ao longo do ano.



Foto 29

Autora: Vanir Belo
Componentes da
Unidos de Vila Maria
aguardando a saída
para o Sambódromo
São Paulo – SP
Carnaval 2007
Coleção Particular

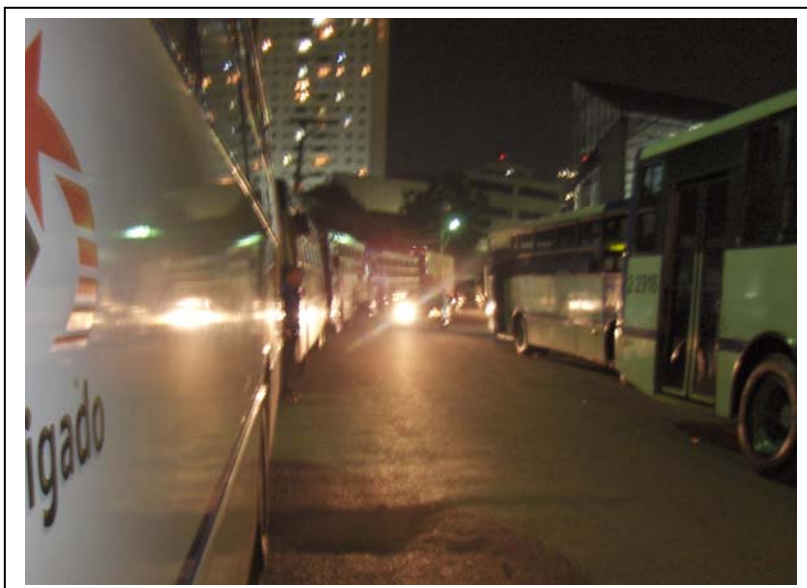


Foto 30

Autora: Vanir Belo
 Ônibus estacionados nos
 arredores da Quadra da E.S.
 Unidos de Vila Maria ,
 aguardando componentes
 para levá-los ao
 Sambódromo
 São Paulo – SP
 Carnaval 2008
 Coleção Particular

Foto 31

Autora: Vanir Belo
 Componente da ala das
 baianas da E.S. Unidos de
 Vila Maria, se preparando
 para o desfile ainda no
 estacionamento do Parque
 Anhembi.
 São Paulo – SP
 2007
 Coleção Particular



Foto 32

Autora: Vanir Belo
 Destaque de carro alegórico
 posicionando-se para o
 desfile no Sambódromo. E.S.
 Unidos de Vila Maria
 Paulo – SP
 Carnaval 2007
 Coleção Particular



**Foto 33**

Autora: Vanir Belo
Carro Alegórico da E.S.
Unidos de Vila Maria na
concentração do
Sambódromo
São Paulo – SP
Carnaval 2008
Coleção Particular

Foto 34

Autora: Vanir Belo
Carro Alegórico da E.S.
Rosas de Ouro em desfile no
Sambódromo.
São Paulo – SP
Carnaval 2006
Coleção Particular

**Foto 35**

Autora: Vanir Belo
Carro Alegórico da E.S.
Vai-Vai em desfile no
Sambódromo.
São Paulo – SP
Carnaval 2006
Coleção Particular





Foto 36

Público espectador
 aguarda desfile em
 passarela no Autódromo
 de Interlagos
 Carnaval 2008
 São Paulo – SP
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba



Foto 37

Público espectador
 aguarda desfile em
 passarela no Butantã
 Carnaval 2008
 São Paulo – SP
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba



Foto 38

Público espectador
 aguarda desfile em
 passarela na Vila
 Esperança
 Carnaval 2007
 São Paulo – SP
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba

O Bairro

O vínculo de algumas escolas de samba com o bairro onde se originaram ainda é muito forte. Muitas delas, independentemente de seu tamanho, necessitam largamente das relações ali presentes, embora sua comunidade – as pessoas diretamente envolvidas com ela – em muitos casos extrapole os limites do bairro e inclusive da cidade. Mas isso não é uma exclusividade das escolas de samba, pois, como afirma Seabra (2000, p.17)

na metrópole, as identidades estão sendo libertadas dos enraizamentos territoriais dos quais o bairro foi na história urbana o nível mais elementar. Por isso, os pertencimentos tendem a ser eletivos, fundados em auto-reconhecimentos. As identidades são mobilizadas para outras esferas da vida e de outras escalas portadoras de outros conteúdos.

No caso de algumas escolas de samba, as relações se dão no bairro, mas a identidade e o sentimento de pertencimento são dados pela própria agremiação, reforçados ou não por laços de vizinhança. O que se aproxima daquilo que Magnani (2002) chama de pedaço, ou seja, o segmento do espaço no qual as pessoas têm relação de pertencimento e de reconhecimento, o qual seria formado por dois elementos básicos um de ordem física (território demarcado) e outro de ordem social (simbólico, rede de relações). Nessa concepção, o pedaço pode ser a própria quadra da escola de samba, ou o local onde suas atividades se dão.

As escolas de samba originadas de torcidas organizadas, por exemplo, praticamente não mantêm vínculos com a comunidade local. Como é o caso da Escola de Samba Gaviões da Fiel cujo elo fundamental é o Sport Club Corinthians Paulista e, embora possua uma grande estrutura em sua sede no bairro do Bom Retiro, onde se localizam a quadra, o barracão e um centro social e esportivo, como torcida possui sub-sedes em diferentes cidades e setenta mil associados pagantes. Características que a diferenciam absolutamente das escolas que não têm sua origem vinculada a uma torcida de futebol. Esses

e outros fatores levaram a uma tentativa, sem sucesso, no interior da Liga de criar um grupo separado de escolas esportivas.

Já a Escola de Samba Unidos de Vila Maria conta com uma comunidade de bairro muito presente, evidenciando relações de parentesco e vicinato, tem forte atuação social e muitas parcerias com empresários e comerciantes não apenas do distrito de Vila Maria, mas também de distritos vizinhos como Vila Medeiros e Vila Guilherme, além de uma relação muito próxima com a Subprefeitura. Como afirma Seo Levil¹¹⁰

o que cooperou muito com o carnaval da Vila Maria, com a história, tudo foi a comunidade, os empresários, os pequenos lojistas. Todo mundo cooperou.

Seo Irineu¹¹¹ chama a atenção para a importância do bairro para a escola e o seu reconhecimento em relação a isso, referindo-se ao samba exaltação.

Você pode ver que todas as escolas têm um hino, mas ninguém fala do bairro deles (...). Mas nós falamos do nosso bairro. Esse é o nosso samba:

Vila Maria é um bairro de tradição.

Vila Maria, você mora no meu coração,

Foi lá que eu me criei e aprendi a batucar

Quanta saudade que eu sinto de você

Oh! Minha Vila Maria

Eu não posso te esquecer.

É comum as escolas de samba, mesmo aquelas que possuem quadra, realizarem ensaios nas ruas dos bairros com a finalidade de vivenciar uma situação com características mais próximas daquelas que encontrarão na passarela oficial, o que o formato da quadra não permite. Isso, por sua vez, contribui para a manutenção de um vínculo mais próximo com a sua comunidade local e com o seu lugar, o que ainda é muito importante para o sucesso da escola.

¹¹⁰ Presidente da Velha Guarda da Unidos de Vila Maria, entrevistado em junho de 2002.

¹¹¹ Componente da Velha Guarda da Unidos de Vila Maria, entrevistado em junho de 2002.

Apesar das rígidas características do desfile na atualidade, algumas escolas também desfilam em seus bairros após cumprirem sua obrigação na passarela oficial, em especial aquelas que ainda mantêm forte ligação com o seu lugar de origem. Em muitos casos, isso já é algo predeterminado, fazendo parte do calendário da agremiação, como no caso da Escola de Samba Unidos de Vila Maria, que desfila na Praça Santo Eduardo e na Avenida Guilherme Cotching, e da Escola de Samba Unidos do Peruche, que desfila na Rua Zilda.

O desfile no bairro é um momento de grande descontração e, embora não conte com os carros alegóricos utilizados no Sambódromo, são carregados de beleza e muita animação. Márcio M. Marcelino¹¹² afirma que

é o desfile para a comunidade na Rua Zilda. Isso acontece todo ano, e isso é uma cobrança da comunidade. E aí se não acontece! É legal, porque você consegue matar um pouco da melancolia do carnaval, porque você vê as pessoas com liberdade. Não tem aquela coisa do nervosismo da avenida, é o samba pelo samba, isso não tem competição.

No entanto, a Escola de Samba Unidos do Peruche é um exemplo de entidade que já não possui sua quadra no bairro de origem e, portanto, sofre com certo distanciamento de sua comunidade local, que busca no bairro lugares alternativos para realizar suas ações cada vez mais desvinculadas da escola. Além disso, no distrito de Casa Verde há outras agremiações como as escolas de samba Morro da Casa Verde e Império de Casa Verde, esta última exercendo forte atração sobre os moradores por ser grande, luxuosa, ter sido bicampeã nos carnavais 2005 e 2006 e ter a possibilidade de doar fantasias. Nas palavras de Waldir Romero¹¹³:

a Peruche é daqui do bairro, mas foi lá para a Ponte do Limão. Mas as pessoas conseguem ir facilmente para a quadra? É longe. Tem ônibus? É difícil. Tem dinheiro para pagar o ônibus? É complicado. Então há uma ruptura, há um corte dessa relação.

¹¹² Diretor Cultural da Unidos do Peruche, entrevistado em 18/12/2007.

¹¹³ Diretor Social da Escola de Samba Unidos do Peruche, entrevistado em 31/01/2008.

De todo modo, esses exemplos comprovam que, mesmo entre as grandes escolas, ainda verifica-se a continuidade dessa manifestação nas ruas dos bairros independentemente da existência do Sambódromo e das transmissões da Rede Globo de Televisão, ainda que de forma residual, pois, apesar da imposição externa de formas e valores relacionados à realização do desfile carnavalesco, as relações criadas no lugar, possibilitadas pela contigüidade e pelos laços de vizinhança, se fortalecem criando a necessidade de reproduzir a manifestação no bairro. Isso evidencia uma outra territorialidade e a existência de horizontalidades, ou seja, de uma rede de relações criadas no cotidiano e fortemente ligadas ao lugar e, como afirma Santos (1996, p. 228) “as forças oriundas do local, das horizontalidades, se antepõem às tendências meramente verticalizantes”. Mas trata-se da manifestação renovada, não cabendo a comparação simples com o que se verificava no primeiro período – Carnaval dos Cordões – bem como não pode ser analisada fora do contexto de adaptação à cidade em crescimento¹¹⁴.

¹¹⁴ Como afirma Oliveira, C. (2007, p. 45) “(...) o discurso de “tradição”, de “raiz”, não serve de modelo à prática cotidiana das grandes agremiações. É um discurso estético, reivindicatório, mas inconsistente. O samba não só perderia espaço social por seu intermédio, como se reduziria a manifestação folclórica de velhos carnavais. A extinção dos cordões, como padrão dos cortejos carnavalescos, nos anos 70 – embora marcassem o carnaval popular, em meados do século XX – denota a necessidade dessa permanente readaptação cultural”.

4. Ação Social das Escolas de Samba – Formas e Abrangências

“Com a evolução do mundo não dá para voltar atrás. E elas [escolas] não podiam ficar paradas mesmo. Uma grande pena na parte cultural. Nós perdemos muito, perdemos muito da nossa raiz da nossa simplicidade. Por mais que você fale que hoje a escola ainda é uma família tudo, mas não é como antigamente. A própria pessoa de hoje é modificada. Não é pela escola, é o comportamento de hoje. Se foi melhor ou pior... nós acompanhamos as mudanças. Interessa que a gente guarde muito bem essa nossa história. Como eu sempre falo: um país sem história não existe, e o nosso país é o samba, se ele não tiver história ele não vive”.

(Maria Aparecida Urbano, em entrevista 17/12/2008)

“(...) As cidades crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem fim”.

(Milton Santos, 1999)

4.1. O Desenvolvimento de Ações Socioculturais nas Escolas de Samba

O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo apresenta-se como um espetáculo da indústria cultural, mas é também uma festa popular, produto de uma comunidade unida em torno de um objetivo: a produção do carnaval em todas as suas minúcias. De um modo geral as escolas de samba desempenham diversas funções para sua comunidade e reconfiguram, de certa forma, o lugar onde se localizam, além de fomentar uma série de relações sociais em suas atividades cotidianas¹¹⁵. Ou seja, as inovações que, por um lado alteraram a estrutura organizacional e produtiva das escolas, por outro, criaram novas possibilidades no que se refere à atuação e às relações das comunidades em suas agremiações.

Embora o foco das entidades seja a produção dos desfiles carnavalescos, é possível observar uma tomada de consciência, por parte alguns dirigentes e componentes, da importância social e cultural dessas agremiações e, como consequência surge uma preocupação em utilizá-las também com a finalidade de desenvolver ações no sentido de suprir as necessidades mais imediatas da comunidade. O conjunto dessas ações é o chamado trabalho social desenvolvido nas escolas de samba, o qual pode ocorrer de diversas formas.

As ações em si não são uma novidade do período atual, pois já nas décadas de 1980 as escolas desenvolviam ações assistencialistas, tais como a distribuição de cestas básicas, campanhas com a finalidade de obter recursos ou objetos que seriam revertidos ou doados à comunidade, médico, dentista entre outras coisas. Essas ações permanecem e vêm adquirindo força, o que por um lado é muito interessante, em especial no que se refere àquelas voltadas à área da saúde, uma vez que existe uma parcela significativa da população que não

¹¹⁵ Como afirma Bosi (1992, p. 329) “a exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da comunidade, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos”.

tem acesso universal a esse serviço, mas por outro lado essas ações não têm força alguma no sentido de alterar a situação geradora do problema.

A novidade do período reside no conteúdo das novas ações desenvolvidas no sentido de promover a formação e a geração de renda para a comunidade e, dessa forma, criar possibilidades de superação do problema. A nova estrutura das escolas de samba – quadra, barracão, equipamentos internos, recursos financeiros – embora atenda aos interesses da indústria cultural, uma vez que se estabelece para a produção do desfile transmitido pela televisão, cria condições para que a comunidade a utilize como meio de inserção e de superação da escassez a que é submetida¹¹⁶. Multiplicam-se os trabalhos desenvolvidos com a finalidade de atender às necessidades da comunidade, preenchendo, de alguma forma, as lacunas deixadas pelo poder público que, mais atento aos interesses hegemônicos e do mercado, desampara a grande massa da população, pois o desenvolvimento da cidade de São Paulo não levou à superação da desigualdade e da pobreza, pelo contrário, as intensificou.

Nesse contexto desenvolvem-se diferentes projetos de fomento à cultura e ao lazer, formação e capacitação profissional, geração de trabalho e renda, atendimento a saúde, acessória jurídica, entre outros. Vale lembrar que algumas dessas atividades têm relação direta com a produção do carnaval como, por exemplo, os cursos profissionalizantes que visam atender a este mercado. Mas essas ações não se realizam em todas as escolas de samba e, devido ao maior acesso aos recursos materiais, são as maiores escolas que realizam as ações mais abrangentes. De acordo com Waldir Romero¹¹⁷

A maioria das escolas de samba não são escolas de samba. O que é escola? O que é samba? O que é escola de samba? No nosso entendimento a escola de

¹¹⁶ Como lembra Almeida (1997, p. 37), “a materialidade, isto é, todos os objetos que povoam o nosso dia-a-dia desempenham um importante papel na condução das ações humanas e são estas que contém o dinamismo e a força da mudança. É no lugar que essa materialidade interfere diretamente nas vidas dos homens, nos seus desejos, paixões, comportamentos, valores. O entendimento de um cotidiano conformado ou transgressor passa, também, necessariamente pelos viés das práticas espaciais”.

¹¹⁷ Diretor Cultural da Escola de Samba Unidos do Peruche, entrevistado em 31/01/2008.

samba tinha que ser um quilombo de resistência, de valorização, de arte, de cultura, de formação, de ética, de cidadania, de princípios de valores etc.

Mas além de atender às necessidades da comunidade essas ações são desenvolvidas com a finalidade de melhorar a imagem das agremiações ante sua comunidade, à população do bairro e à sociedade paulistana de um modo geral, pois apesar das inovações e do desenvolvimento das agremiações carnavalescas, muitos vizinhos ainda as vêem, em especial as menores, como entidades pouco familiares freqüentadas por pessoas de índole duvidosa. Além disso, as ações sociais são vistas como um diferencial no momento da obtenção de patrocínios, pois os possíveis patrocinadores, seja através do tema do enredo ou da Lei Rouanet, optam por associar sua marca a uma instituição notadamente idônea que oferece uma contrapartida à sociedade.

A partir da análise das ações realizadas nas escolas de samba é possível classificá-las em dois grupos: ações externas que se originam a partir de instituições que buscam a parceria das escolas de samba para efetivar seus projetos de atendimento social mesmo que o curso oferecido seja definido pela agremiação; e ações internas que se originam nas escolas de samba que, por sua vez, também buscam parceiras externas em especial para a obtenção de recursos financeiros.

Dentre as ações externas é possível citar o Projeto Sampa Samba, desenvolvido desde 2003 pelo Sebrae, regional norte, em parceria com a Prefeitura e com as escolas de samba da Zona Norte. De acordo com Camila Patrício¹¹⁸, coordenadora do projeto, seu objetivo geral é “a organização dos processos de utilização responsável dos espaços das escolas de samba, gerando oportunidade de trabalho e melhoria na qualidade de renda para a comunidade do samba”. Mas, segundo ela, o objetivo principal não é a capacitação, e sim a melhoria dos processos de trabalho já existentes, pois as escolas de samba geram diversos

¹¹⁸ Entrevistada em 05/05/2006.

negócios, e a capacitação no âmbito desse projeto visa à gestão de negócios, com temas voltados ao empreendedorismo.

Nesse contexto, o Projeto Barracão criado em 2002 pela Secretaria de Estado da Cultura, com a finalidade de criar parcerias com escolas de samba e blocos carnavalescos para possibilitar o acesso da população às atividades culturais através de cursos voltados em especial para atender à população jovem (Quadro 5), visa “utilizar as estruturas das escolas de samba e blocos carnavalescos, que ficam ociosas durante grande parte do ano, para oferecer à população atividades de bateria mirim, cavaquinho, dança afro, teatro, balé, canto e coral etc.”¹¹⁹.

Outro exemplo de atuação externa são os cursos de formação nas áreas de estética, tais como cabeleireiro, corte artístico e manicura, oferecidos pela ONG Cosmética e Beleza e desenvolvidos em diversas escolas de samba, tais como Unidos de Vila Maria, Rosas de Ouro, Camisa Verde e Branco, Mocidade Alegre, entre outras. Nesse caso a agremiação interessada cede o espaço físico e providencia os alunos. Na prática as ações internas e externas se complementam, pois em ambos os casos há o estabelecimento de parcerias desenvolvidas com a finalidade de atender às necessidades da comunidade, da produção dos desfiles carnavalescos e, no caso de algumas instituições externas, seus ganhos financeiros.

Em alguns casos, devido à carência de equipamentos culturais e de lazer, a própria existência da escola de samba, seja grande ou pequena, se caracteriza como uma ação social, pois ela oferece aos moradores opções de lazer e entretenimento. Mas as escolas maiores, que contam com uma quadra e pessoas trabalhando exclusivamente na elaboração e no desenvolvimento desses projetos, desenvolvem ações mais abrangentes e em maior número (Quadros 6 e 7).

¹¹⁹ www.cultura.sp.gov.br, acesso em janeiro de 2007.

Nesse contexto, as ações sociais desenvolvidas pela escola de samba se constituem como elementos importantes e contribuem para a criação e manutenção dos vínculos entre a população do entorno e a entidade. Essa aproximação leva à compreensão de que a escola de samba como entidade organizada pode ter múltiplas funções.

As ações sociais realizadas pelas escolas de samba, revelam a criação de solidariedades e a ampliação de horizontalidades, tanto no bairro como a cidade, onde é possível observar uma rede de relações horizontais formada pelo conjunto das agremiações que agem nesse sentido (Quadro 5, 6 e 7), as quais se utilizam dos novos conteúdos, materiais e imateriais, para promover essas ações que se caracterizam como contra-racionalidades ou racionalidades paralelas (SANTOS, 1999).

Para compreender as ações das escolas de samba nos bairros e ter uma noção da totalidade, foram estudadas quatro agremiação, de diferentes tamanhos e localizadas em diferentes pontos da cidade, são elas: Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Príncipe Negro da Cidade Tiradentes e Paineiras do Sapopemba.

QUADRO 5. CURSOS DESENVOLVIDOS EM PARCERIA COM O PROJETO BARRACÃO			
Escola de Samba	Curso	Vagas	Idade
Unidos de Vila Maria	Circo	15	7-17
	Teatro	20	10-17
Tradição da Zona Leste	Circo	10	7-17
	Ballet Clássico	20	7-17
	Dança do Ventre	15	10-17
Flor de Vila Dalila	Capoeira	30	7-16
	Figurino	30	12-16
	Percussão	30	1-16
Paineiras de Sapopemba	Dança Contemporânea	15	8-17
	Percussão	15	12-17
Dom Bosco	Maquiagem Artística	10	10-17
	Captação de Recursos	15	24 +
Gaviões da Fiel	Capoeira	20	7-17
	Samba	15	7-17
	Xadrez	10	7-17
Rosas de Ouro	Ballet	20	10-17
	Percussão	20	10-17
	Cavaco	10	10-17
Mocidade Independente da Zona Leste	Percussão	20	10-17
Torcida Jovem de Santos	Capoeira	15	10-17
	Percussão	15	8-17
Valença Perus	Percussão	21	10-17
Mocidade Alegre	Capoeira	20	10-17
	Percussão	30	10-17
	Mestre-Sala	10	10-17
	Porta-Bandeira	15	10-17
	Dança	15	10-17
Mocidade Unida da Mooca	Mestre-Sala	10	10-16
	Porta-Bandeira	10	10-16

Fonte: Oficina Barracão, 2008.

Elaboração da Autora.

QUADRO 6. AÇÕES DA SOCIEDADE ROSAS DE OURO	
Cursos Gratuitos	Cursos Gratuitos
Oficina de Ballet	Palestras de formação profissional
Oficina de Bateria Mirim	Curso de cabeleireiro cosmética e manicure
Aula de Street Dance Teen	NEJA – Núcleo de Educação de Jovens e Adultos
Curso preparatório de casal de Mestre-Sala e Porta Bandeira-Mirim	Curso de panificação
Outras Ações	
Bolsas de estudos na Faculdades Integradas Tereza Martin (Primeiro semestre qualquer curso de graduação); Projeto SP Samba; Festa das crianças; Recreio nas Férias; Maranata – Movimento de orientação e apoio aos valores da família; Sala de leitura; Atendimento Psicológico; Atendimento Odontológico; Distribuição de cestas básicas e leite.	
Objetivos	
“Descrever, analisar e sintetizar os fatos e informações, saber comunicar-se, convencer, compreender e operar em nosso entorno social, reconhecendo e aceitando as diferenças, saber trabalhar em grupo de maneira participativa, com profissionais de diversas áreas, diretoria, componentes, leigos e voluntários, levando assim a um importante aprendizado social”.	

Fonte: www.sociedaderosasdeouro.com.br. Acesso em maio de 2008.

Elaboração da Autora.

QUADRO 7. AÇÕES DO G.R.C.E.S. MOCIDADE ALEGRE	
Cursos Gratuitos	Cursos Gratuitos
Aulas de Bateria e Ritmo	Oficinas de HIP-HOP (CUFA)
Aulas de Samba no Pé	Oficina da Terceira Idade
Aulas de Mestre-sala e Porta-bandeira	Oficina de Ginástica Reparatória
Aulas de Teatro	Oficina de Corte e Costura
Oficina de Inglês	Oficina de Eletricista
Oficina de Auxílio Escolar e Biblioteca	Oficina de Adereços
Outras Ações	
Dia da Beleza, Dia da Cidadania, Pastoral da Criança e Natal da Morada. Assistência Psicológica, Palestras Educativas e Preventivas (Drogas, Marginalidade e DST), Serviço de Triagem (Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia, Clínica Geral - Pressão e Diabetes, Geriatria - Catarata e Osteoporose). Assessoria Jurídica Gratuita	
Objetivos	
“(…) Oferecer atividades a crianças, adolescentes, adultos e pessoas da terceira idade, fazendo com que estes desenvolvam seus conhecimentos físicos, sociais e culturais. As Oficinas Sócio-Culturais (...) Agremiação tem como missão a inclusão social, o incentivo a cultura, a promoção humana e a valorização de talentos de nossa comunidade e fora dela”.	

Fonte: www.mocidadealegre.com.br. Acesso em maio de 2008.

Elaboração da Autora.

4.2. Unidos de Vila Maria

*Vila Maria é um bairro de tradição
Vila Maria você mora no meu coração...*

Fundada em 1954, a Escola de Samba Unidos de Vila Maria esteve presente durante todo o tempo no carnaval paulistano, mas devido a uma série de problemas relacionados à má administração e por uma incapacidade de adaptação às imposições decorrentes da oficialização em 1967, passou um longo período fora do grupo de elite circulando entre os grupos intermediários. Entre 1974 e 1998 a agremiação enfrentou uma fase de grandes dificuldades e circulou entre os grupos II e III chegando a desfilar no grupo IV em 1993. No ano de 1997, a escola corria o risco de deixar de existir, pois faltava pouco tempo para o carnaval e nada estava pronto. Diante da situação, um grupo de pessoas envolvidas ou interessadas na escola de samba, montou a escola às pressas com material reciclado e muito improvisado. Para a surpresa de todos a escola ficou em terceiro lugar do Grupo II, o que estimulou a permanência daquelas pessoas e deu grande estímulo à comunidade¹²⁰. Em 1998 a escola foi campeã do Grupo II, passando para o então grupo I A. Daí em diante, a escola passa a viver uma fase de grande ascensão, e no ano de 2002 já está de volta ao grupo de elite do carnaval paulistano, o Grupo Especial, de onde não mais saiu e passou a obter bons resultados, embora ainda não tenha sido campeã.

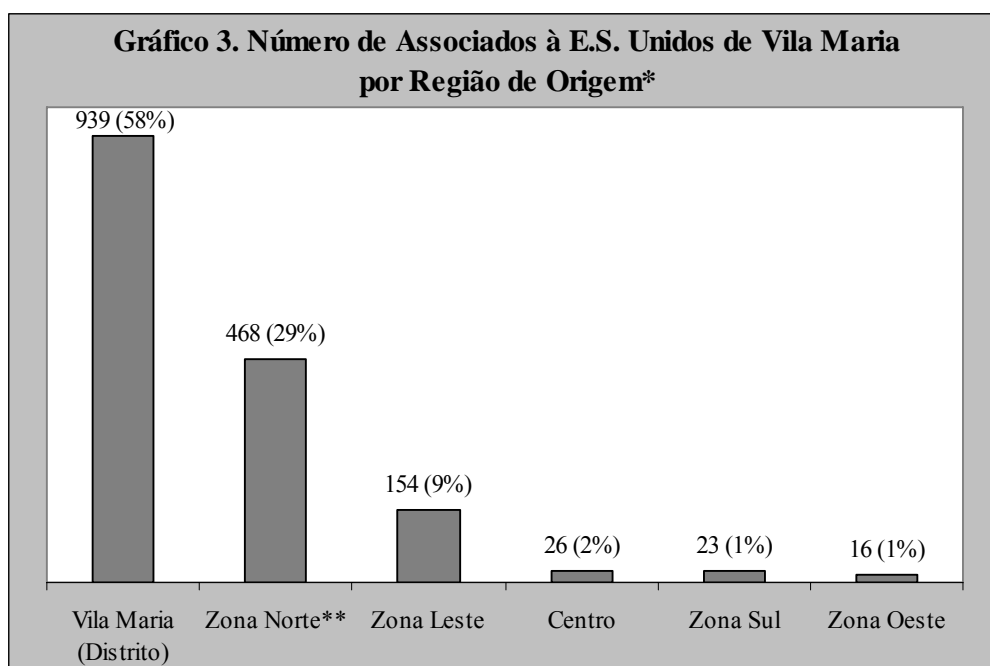
Em 2003 a agremiação inaugurou sua quadra – a maior de São Paulo – localizada em um terreno público¹²¹ concedido pela prefeitura, por cinquenta anos, onde está também seu barracão (Fotos 39). Anteriormente à sua construção, os ensaios ocorriam no estacionamento do Sacolão (Mercado Municipal) e na Rua Kaneda, onde havia uma pequena sede e, mesmo atualmente, são realizados ensaios nas ruas do bairro, com o objetivo, além de

¹²⁰ Marcelo Miller, entrevistado em dezembro de 2001, então presidente da Unidos de Vila Maria.

¹²¹ Localizado ao lado do Clube Municipal Cecília Meireles.

ensaiar numa situação mais próxima do que seria a passarela oficial, de manter a escola próxima de sua comunidade (Foto 40).

A força dessa escola de samba reside na presença e na atuação de sua comunidade que, embora não seja exclusivamente do bairro, está fortemente concentrada no distrito de Vila Maria e nos distritos vizinhos (Gráfico 3). A existência da escola de samba no distrito de Vila Maria contribui para o desenvolvimento do lugar, uma vez que gera empregos diretos e indiretos e movimentava o comércio local, além de funcionar como um espaço de lazer e cultura para a comunidade, estimulando relações de sociabilidade, pois na quadra se realizam os ensaios da escola de samba, além de diversos eventos tais com *shows*, festas, eventos, cursos de formação e capacitação para pessoas de diversas idades, entre outros eventos.



Fonte: G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria.

* Associados em dezembro de 2007. Das fichas pesquisadas, apenas 1626 continham o endereço completo do associado residente na cidade de São Paulo. Percentual aproximado.

** Exceto moradores do distrito de Vila Maria.

Pesquisa e Elaboração da Autora.

No bairro de Vila Maria e região a escola de samba não é a única instituição capaz de fomentar e fortalecer tais relações, mas uma escola de samba da forma como se

organiza e se estrutura na atualidade, apesar de seu caráter empresarial, tem um poder de atração muito forte por diversos aspectos, em especial nos lugares onde as opções de lazer barato ou gratuito são poucas, e onde há concentração de uma população com baixo poder aquisitivo, ou desempregada, pois ao mesmo tempo em que oferece lazer, cultura e entretenimento, oferece também oportunidades de trabalho.

A Escola de Samba Unidos de Vila Maria realiza um importante trabalho voltado para sua comunidade. São projetos desenvolvidos através de parcerias com as iniciativas pública e privada cujo objetivo é “melhorar a qualidade de vida da comunidade local, afastando crianças e adolescentes do envolvimento com as drogas, marginalidade, proporcionando-lhes Cultura, Educação, Saúde e Lazer”¹²². São realizados em sua quadra diversos cursos de formação e capacitação profissional voltados para as diferentes faixas etárias, atendimento médico em diversas especialidades e várias atividades de lazer e entretenimento (Quadro 8).

No primeiro momento a Escola procurou atender às crianças realizando projetos como bateria mirim e escolinha de futebol entre outros, mas constatou-se que direcionar o foco apenas para as crianças não surtia o efeito esperado, pois muitas delas tinham problemas cuja resolução estava além do que a Escola de Samba poderia oferecer. Devido às dificuldades enfrentadas pelas famílias, diversas crianças necessitavam trabalhar em detrimento dos estudos, não tinham um atendimento médico e odontológico adequado e, devido a problemas sociais e de estrutura familiar, algumas delas sofriam com problemas psicológicos. Diante disso o Departamento Social da Escola viu a necessidade de desenvolver um trabalho em conjunto com os pais, ou responsáveis, e também de direcionar aos jovens e

¹²² O objetivo do Departamento Social é “afastar crianças e adolescentes do envolvimento com as drogas, marginalidade, auxiliar jovens, adultos e a comunidade em geral. Já possuímos mais de mil pessoas cadastradas e com a divulgação devida esperamos atender a comunidade carente dos bairros adjacentes como Vila Maria baixa, Parque Novo Mundo, etc..., cuidando da formação física, psicológica e profissional, proporcionando cursos profissionalizantes para população economicamente ativa e promovendo eventos e atividades esportivas para terceira idade” (Departamento Social, www.unidosdevilamaria.com.br, acessado em janeiro de 2008).

adultos cursos de formação em diversas áreas, capacitação profissional, empreendedorismo e geração de renda, e, em alguns casos, empregá-los nos diversos afazeres da quadra e do barracão.

QUADRO 8. G.R.C.S.E.S. UNIDOS DE VILA MARIA – ATIVIDADES DIRECIONADAS À COMUNIDADE	
Cursos Gratuitos	Vagas Oferecidas
Corte e Costura	28
Eletricista	28
Depilação	25
Manicura	25
Cabeleireiro	50
Maquiagem	20
Áudio-Visual	20
Violão	45
Cavaquinho	36
Escolinha de Bateria	120
Informática	40
Turismo	20
Departamento Pessoal	30
Futebol da Campo	250
Capoeira	20
Ginástica Melhor Idade	50
Outras Ações	Pessoas Atendidas
Atendimento odontológico	2050
Atendimento clinica geral	111
Atendimento fisioterapeutico	352
Atendimento psicológico	100
Orientação Jurídica	150

Fonte: Departamento Cultural – G.R.C.S.E.S.Unidos de Vila Maria, 2007.
Elaboração da Autora.

Atualmente, a escola de samba cobra das crianças e dos adolescentes atendidos pelos projetos: freqüência, boa nota e bom comportamento na escola de ensino básico. De acordo com Márcia Cardoso Dias, coordenadora de Projetos da Escola de Samba Unidos de Vila Maria¹²³, os responsáveis pelas escolas de ensino oficial da região de Vila Maria têm ciência dos estudantes que são atendidos nos projetos da escola de samba, pois há uma comunicação entre essas instituições e os professores reconhecem a melhoria do desempenho

¹²³ Entrevistada em 09/12/2007.

escolar desses estudantes. Quando algum aluno apresenta problemas de disciplina, é comum a escola de ensino oficial entrar em contato com a escola de samba, para juntos tentarem resolver o problema, muitas vezes antes mesmo de contatar os pais. Quando se detecta problemas desse tipo, dependendo da gravidade, meninos e meninas podem ser impedidos de participar de novos projetos. Segundo a coordenadora

eles têm que trazer para a gente o boletim, e não pode tirar vermelha, não pode dar problema na escola. Quando eles dão problemas na escola os professores ligam para a Vila Maria, não ligam para os pais, ligam para a Vila Maria. As escolas têm ciência dos alunos que estão envolvidos no projeto.

Todas as crianças e adolescentes que participam dos projetos sociais da Unidos de Vila Maria são encaminhados para as especialidades médicas oferecidas na própria quadra – Clínica Geral, Odontologia, Psicologia e Fonoaudiologia – sem nenhum custo, pois o objetivo é conhecer e cuidar desses jovens de forma integral. Também é comum a formação de grupos de trabalho e discussão com os psicólogos que abordam questões como sexo e família. Eventualmente os pais são chamados a participar. Os pais de crianças atendidas nos projetos recebem constantes instruções do Departamento Social, em especial quando também participam dos cursos direcionados aos adultos.

Uma de nossas exigências quando os pais vêm fazer os cursos é que eles não ponham as crianças para trabalhar e sim para estudar, porque é cobrado nota dos meninos da escolinha de futebol e bateria, de mestre-sala e porta-bandeira, enfim, de todos os cursos¹²⁴.

Além dos cursos, a Escola oferece diversos serviços existentes em sua quadra como atendimento médico e orientação jurídica. Todos os serviços são gratuitos e de atendimento universal, exceto Fisioterapia, para o qual se cobra uma taxa de R\$5,00 por sessão para a manutenção dos equipamentos que foram adquiridos com recursos da própria entidade; e odontologia para o qual se exige a carteirinha de associado à escola. A restrição do

¹²⁴ Márcia Cardoso Dias, entrevistada em 09/12/2007.

atendimento odontológico apenas aos associados fez-se necessária devido à grande procura por esse serviço e a incapacidade de atender à demanda, pois até o final de 2007 havia apenas um consultório no qual adultos e crianças eram atendidos. Em novembro daquele ano foi inaugurado o consultório pediátrico. No entanto, qualquer pessoa pode associar-se, basta pagar a anuidade¹²⁵ e preencher a ficha cadastral.

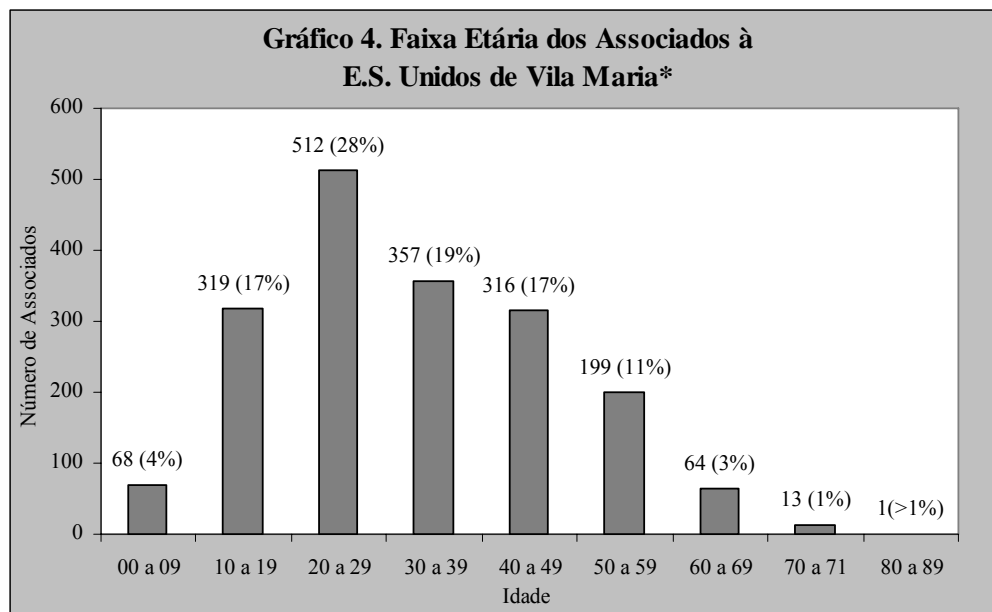
A Escola de Samba Unidos de Vila Maria é uma agremiação composta por um grande número de jovens, embora seja uma das mais antigas, fundada em 1954. A partir da análise de suas fichas cadastrais foi possível verificar que 49% dos associados têm até 29 anos, 36% de 30 a 49 anos e apenas 15% mais de 50 anos de idade¹²⁶ (Gráfico 4). Essa característica tem relação direta com a história recente da escola, que nos últimos onze anos, subiu do Grupo II, em 1997, para o Grupo Especial, em 2002, onde permanece até os dias de hoje, 2008, obtendo ótimos resultados. Além, é claro, dos diversos projetos direcionados aos jovens da região através dos departamentos social e cultural.

Vale lembrar que o número de associados não condiz com o número de freqüentadores e nem com o número de componentes do desfile. Em 2008, por exemplo, desfilaram nessa escola cinco mil pessoas, um número inédito para o carnaval de São Paulo. Interessante observar que cerca de vinte dias antes do desfile todas as fantasias já estavam vendidas e ainda havia uma grande procura¹²⁷, situação pouco comum entre as escolas paulistanas. Esse dado revela o crescente interesse relação à Escola de Samba Unidos de Vila Maria.

¹²⁵ Nos anos de 2006 e 2007 o valor da anuidade da Unidos de Vila Maria foi de vinte reais. Vale lembrar que diversos setores da escola não pagam anuidade, tais como bateria, casais de mestre-sala e porta-bandeira, baianas, interpretes, entre outros.

¹²⁶ Essas informações foram obtidas através da análise de 1849 fichas cadastrais de associados à Escola de Samba Unidos de Vila Maria. Infelizmente, não foi possível obter os dados de todas as fichas existentes, pois muitas não estavam no arquivo devido às diversas renovações que estavam sendo feitas naquele período e outras porque não continham a data de nascimento do associado.

¹²⁷ No carnaval de 2008, as fantasias de ala da Unidos de Vila Maria custavam R\$200,00, mas algumas alas cobravam mais caro, de R\$220,00 a R\$270,00, e incluíam coisas como estacionamento, ônibus mais confortável e café da manhã. Isso é possível porque os chefes de ala, responsáveis pela organização das alas e pela venda das fantasias têm certa autonomia para iniciativas como essas.



Fonte: G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria.

* Associados em dezembro de 2007. Das fichas pesquisadas apenas 1849 continham a data de nascimento do associado. Percentual aproximado.

Pesquisa e Elaboração da Autora.

Diversas pessoas que começaram a freqüentar a quadra em função dos projetos sociais passaram a se interessar pelo carnaval e se associaram com a finalidade de obter descontos nos ensaios, pois os setores que não pagam entrada são apenas aqueles que, de alguma forma, trabalham ou têm alguma função na Escola e para o carnaval, como componentes da bateria, casais de mestre-sala e porta-bandeira, harmonias, intérpretes, baianas entre outros. A receita obtida com os ensaios é revertida principalmente para a manutenção da quadra e suas despesas como água e energia elétrica.

A análise das fichas cadastrais revelou também que, embora a imensa maioria dos associados à Escola de Samba Unidos de Vila Maria seja do próprio bairro, ela apresenta uma grande abrangência, extrapolando os limites do distrito de Vila Maria e mesmo do município de São Paulo (Tabela 7 e Mapa 16), o que comprova a idéia de que o vínculo e a identidade se dá, em grande parte, a partir da agremiação. Essa abrangência, também observada em outras escolas, leva à ampliação da rede de relações e, conseqüentemente, cria novas oportunidades de ação, fortalecendo a agremiação, não apenas no que se refere ao carnaval, mas, principalmente, como entidade socialmente organizada.

TABELA 7. NÚMERO DE ASSOCIADOS POR MUNICÍPIO DE ORIGEM *			
Município	Nº de Associados	Município	Nº de Associados
São Paulo	1626	Francisco Morato	2
Guarulhos	82	Itaquaquecetuba	2
Ribeirão Pires	8	Taboão da Serra	2
Santo André	7	Campinas	1
São Caetano	7	Cubatão	1
Osasco	4	Ferraz de Vasconcelos	1
São Bernardo	4	Mauá	1
Santos	3	Mogi das Cruzes	1
Arujá	2	Mongaguá	1
Atibaia	2	Praia Grande	1
Cotia	2	Rio Grande da Serra	1

Fonte: G.R.C.S.E.S. Unidos de Vila Maria.

* Associados em dezembro de 2007. Das fichas pesquisadas apenas 1761 continham o endereço completo do associado.

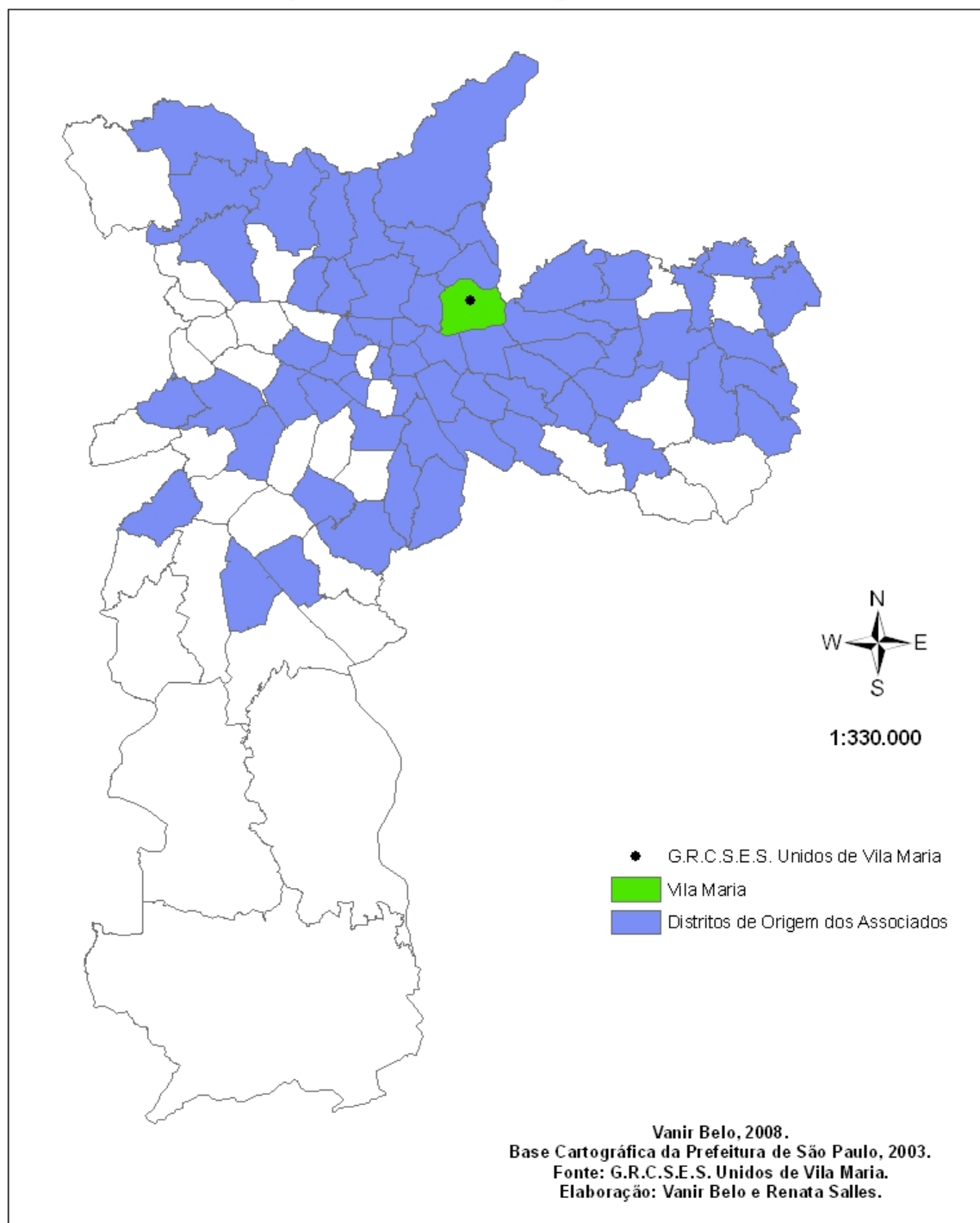
Pesquisa e elaboração da autora.

Os projetos sociais também atendem pessoas de diferentes localidades, embora nesse caso haja uma concentração maior de moradores do distrito de Vila Maria. De acordo com Márcia Cardoso Dias¹²⁸

Vila Maria, Vila Medeiros, Vila Ede, Vila Sabrina, Jardim Brasil, mas tem gente da Zona Leste, tem gente de Carapicuíba. Porque a gente é uma associação que hoje em dia não dá mais pra você falar assim: quem é da Vila Maria é só quem é do bairro. Eu mesma sou da Zona Leste e estou aqui. Então tem gente de todos os lugares, de Itaquera que vem para cá procurar serviços de atendimento, principalmente na fisioterapia e na odontologia. Tem meninos que jogam na escolinha de futebol que são do interior e vem para cá duas vezes por semana. Tem gente que pega três, quatro conduções para vir para cá... vêm de trem. Tem meninos que moram em bairros vizinhos e demoram duas horas para vir para cá de bicicleta e a gente começou a pagar o transporte deles, porque já chegavam no treino cansados. Aos poucos a gente está conseguindo dar sustentabilidade. A gente queria fazer para todos, ainda não dá, mas com o tempo, buscando novas formas e novos recursos, pretendemos alcançar.

¹²⁸ Entrevistada em 09/12/2007.

Mapa 16: Associados à Escola de Samba Unidos de Vila Maria por Distrito de Origem - 2008



Com exceção da fisioterapeuta, que é paga pela Escola, os profissionais trabalham em caráter voluntário, com base contratual, e recebem uma ajuda de custo. Ou, no caso dos projetos externos, os professores são pagos pelas instituições de origem, como no caso da ONG Cosmética e Beleza. A receita do Departamento Social, ou seja, todo o investimento feito nos projetos sociais, como o salário da fisioterapeuta, a aquisição dos equipamentos de fisioterapia e do consultório odontológico (pago em vinte e quatro vezes) entre outras coisas, é proveniente da venda realizada na lojinha da entidade que comercializa diversos produtos com sua marca, como roupas e acessórios, vendas que crescem a cada ano devido à popularidade da Escola de Samba que também cresce. Apenas o consultório odontológico pediátrico, inaugurado em novembro de 2007, foi montado com doações de empresários da região.

Em 2008 a Unidos de Vila Maria iniciou um trabalho de reciclagem em sua quadra com a finalidade, além daquelas relacionadas às questões de educação ambiental, de obter receita para os projetos sociais a partir da venda dos materiais recicláveis. Essa e outras iniciativas ocorrem para dar sustentabilidade ao projeto social da Escola, pois não é seguro depender apenas de uma fonte de renda como a loja que não tem garantia de lucro constante.

As atividades esporádicas, como festas, encontros e outros eventos relacionados ao trabalho social são realizadas com a ajuda dos parceiros, ou seja, empresários e comerciantes da região, os quais são chamados de “amigos”, pois constantemente contribuem com dinheiro ou com os mais diversos tipos de produtos. Segundo Márcia Cardoso Dias¹²⁹:

a gente tem a doação de alguns amigos para festas, quando tem festas das crianças ou de Natal também. Temos vários amigos que doam os brinquedos, nunca é valor em dinheiro é sempre doação de material, de brinquedos para serem distribuídos para as crianças, lanche. São os empresários da região. Alguns diretores da escola são ligados ao Rotary

¹²⁹ Entrevistada em 09/12/2007.

Club, que é uma associação de empresários, e eles acabam se associando e ajudando a gente de alguma forma, mandam brinquedos, fazem esse tipo de coisa. Mas boa parte da festa também é custeada por nós, pelo projeto.

O Projeto Cultura Viva, existente desde 2004, que engloba os cursos de teatro, capoeira, violão e cavaquinho, cursos de audiovisual, as sessões de cinema e o estúdio de gravação (em fase final de construção), é ligado ao projeto Teia Cultura Viva¹³⁰ do Ministério da Cultura (Foto 41). A Unidos de Vila Maria é um dos seiscentos Pontos de Cultura existentes no país. Além dela há apenas uma Escola da Samba entre esses Pontos, a Estação Primeira de Mangueira, no Rio de Janeiro¹³¹.

Todos os cursos e atividades realizadas nesse projeto foram idealizados e desenvolvidos pela Escola e financiados pelo Ministério da Cultura. Mas esse financiamento não é permanente, embora possa ser renovado, possibilitando a manutenção, a ampliação ou a elaboração de um novo plano de trabalho. No entanto, caso isso não ocorra, a Escola se considera capaz de garantir a continuidade das atividades existentes, pois tudo o que foi adquirido é patrimônio da entidade e a ajuda de custo para os profissionais envolvidos parte da receita do Departamento Social.

No cinema é realizado o projeto Programa na Vila, uma parceria com as escolas públicas de educação básica da região, cujo objetivo é justamente fortalecer essa relação, através do qual os professores levam os estudantes para assistir filmes relacionados ao conteúdo desenvolvido em sala de aula. Além desse projeto, há seções de vídeo com as mais diversas finalidades.

Em 2006 a Escola desenvolveu um projeto em parceria com a Secretaria Estadual do Trabalho, num convênio com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que

¹³⁰ Teia no sentido de diversos Pontos de Cultura popular e erudita, seiscentos no total, espalhados pelo Brasil, mas interligados.

¹³¹ De acordo com Márcia Cardoso Dias outras escolas de samba de São Paulo, mandaram projetos para o Ministério da Cultura, mas não foram aprovados. E, no contexto da Teia, a Vila Maria se destaca no que se refere à prestação de contas devido à sua boa organização.

ofereceu cursos de cabeleireiro, turismo receptivo e informática, com duração de quatro meses. Os alunos atendidos nesses cursos recebiam, além da formação, lanche e ajuda de custo para o transporte, custeados parte pela Escola e parte pela Secretaria do Trabalho, a qual se responsabilizou pela remuneração dos professores. O projeto dos cursos partiu da própria escola, o qual foi aprovado pela Secretaria, e o principal compromisso da entidade foi ceder o espaço físico e providenciar os alunos. Eram necessários noventa alunos para a realização dos cursos, mas foram atendidos cento e vinte.

Há cerca de quatro anos a ONG Cosmética e Beleza desenvolve um trabalho de formação na área de estética – depilação, manicura e cabeleireiro. Nesse caso a ONG custeia todo o curso, a Escola apenas cede o espaço físico. Porém, o Departamento Social da Escola insatisfeito com a qualidade do curso oferecido por esta entidade, providenciou um profissional, custeado pela Escola, que oferece cursos de especialização voltado para cabeleireiros. Como esses são cursos muito procurados, a Escola pretende obter recursos para ampliá-los, custeá-los e, dessa forma, atender a demanda e melhorar a qualidade. Como parte desse projeto a Escola realiza mensalmente o Dia da Beleza, quando é oferecido à comunidade corte de cabelo e manicura gratuitamente.

Houve também trabalhos em parceria com o poder público, como projeto Central de Cursos, da Prefeitura, que ofereceu cursos de eletricista, adereços e fantasias. E o Projeto Barracão, do Governo do Estado, com diversas capacitações voltadas para as diferentes especialidades do carnaval, tais como de adereços e fantasias. Atualmente a escola desenvolve com o Projeto Barracão formações em áreas artístico-culturais.

A Escola é constantemente procurada por profissionais e instituições interessadas em realizar cursos os mais diversos e, por outro lado, está sempre em busca de novas parcerias, participando de editais, e de portas abertas para as entidades sérias que

necessitam de espaço físico para realizar projetos que possam ser interessantes para a comunidade. Segundo Márcia Cardoso Dias¹³²,

há necessidade de educar os pais para que eles tenham uma profissão melhor, porque assim ajudamos também a criança, porque você está dando uma qualidade de vida melhor. Não adianta ele chegar aqui, comer o lanche da manhã e chegar a casa dele e não ter comida porque o pai e a mãe estão desempregados. Então, nosso trabalho é voltado para a família de uma forma geral. Lógico que o nosso foco, nosso objetivo são as crianças e os adolescentes, porque a educação e a cultura são o que diminui, na nossa opinião, na nossa forma de ver, do Departamento Social, a criminalidade e a violência. É o que a gente acha, que está melhorando a qualidade de vida deles.

A Subprefeitura Vila Maria/Vila Guilherme, que engloba os distritos de Vila Maria, Vila Guilherme e Vila Medeiros, localizada na Vila Maria, é uma importante parceira da Escola. Além de vários projetos realizados, a Escola cede sua quadra para diversas atividades relacionadas à Subprefeitura, como, por exemplo, as atividades dos grupos de “Terceira Idade”. As diversas ações de caráter social realizadas pela Escola de Samba vêm melhorando cada vez mais a imagem e a credibilidade dessa entidade na região, junto à população de um modo geral, aos comerciantes e empresários locais e à própria subprefeitura.

Em função do trabalho social desenvolvido, a Escola de Samba Unidos de Vila Maria foi, juntamente com outras entidades, convidada pela Subprefeitura a participar da licitação para a concessão da administração do Clube Escola¹³³. Os participantes da licitação elaboraram projetos, a partir das diretrizes do edital, e a escola de samba, compreendendo melhor a idéia do projeto que busca extrapolar a questão esportiva, obteve a concessão. Ao final de 2007, o programa Clube Escola foi iniciado no Clube Desportivo Municipal Lauro

¹³² Entrevistada em 09/12/2007.

¹³³ Programa instituído pelo Prefeito Gilberto Kassab através do Decreto N° 48.392 de 2007 com o objetivo de “oferecer ao munícipe em idade escolar a oportunidade de participar das atividades esportivas, recreativas e de lazer, fora do horário regular de aulas, direcionadas a facilitar a inclusão sócio-educativa, promover a saúde e a qualidade de vida, contribuir para o desenvolvimento local (IDH), fomentar a prática esportiva, aprimorar a integração entre as diversas faixas etárias, descobrir novos talentos, além de possibilitar a reconstrução dos vínculos familiares e comunitários” (Chamamento Público N°002/SEME/2007).

Megale, clube municipal localizado Parque Novo Mundo, no distrito de Vila Maria¹³⁴. Essa ação estimulou a entidade a preparar-se para pleitear, em 2008, outros três clubes da região, dentre eles o CDM Cecília Meireles localizado ao lado de sua quadra¹³⁵. A coordenação desse projeto fica por conta de uma componente da escola, Elaine Nunes Hubert¹³⁶ – membro do Departamento Social e formada em Educação Física – que conta com a participação de dois professores, dois estagiários e dois funcionários, todos ligados direta ou indiretamente com a escola de samba, e remunerados pela Prefeitura.

O objetivo do programa Clube Escola é extrapolar a questão esportiva e buscar desenvolver a qualidade de vida através de atividades de entretenimento, lazer e cultura (Foto 42). Embora o programa se realize no clube, atendendo cerca de duzentas e quarenta crianças em duas turmas diárias, com recreação e treinamentos de futebol, vôlei, basquete e handebol as atividades não se restringem a esse local. Diversas ações artístico-culturais são realizadas na quadra da escola; além disso, as crianças participantes são atendidas nas especialidades médicas oferecidas pela Escola de Samba.

Todos os cursos são realizados de março a novembro, pois de dezembro a fevereiro todas as atenções são voltadas para o carnaval, cuja produção se dá ao longo do ano, mas se intensifica nesse período, e quase todos os espaços físicos da quadra são utilizados em função dessa produção. Os demais serviços oferecidos param por apenas quinze dias no mês de dezembro. Dentre os diversos cursos oferecidos pela Escola estão a “Escolinha de Bateria” e “Mestre-Sala e Porta-Bandeira”, os quais são bastante procurados pelas crianças e adolescentes da comunidade que aprendem a tocar, a dançar e, ao final do curso recebem um

¹³⁴ Este clube é também conhecido como Clube Atlas, devido à empresa que o administra, a transportadora Atlas.

¹³⁵ Embora a Unidos de Vila Maria realize atividades no CDM Cecília Meireles, como a escolinha de futebol, ela não o administra, mas trabalha em parceria com sua administração.

¹³⁶ Entrevistada em 05/06/2008.

certificado de conclusão¹³⁷. A existência de cursos desse tipo em diversas escolas de samba revela uma forma de institucionalização na transmissão de um conhecimento que no passado se dava no cotidiano de forma mais lúdica. De um modo geral os alunos da Escolinha têm boa inserção na Bateria da Escola, pois trata-se de uma ala com aproximadamente duzentos e cinquenta componentes e com grande rotatividade. Já os alunos do curso de mestre-sala e porta-bandeira não têm muitas perspectivas, pois a escola conta com apenas cinco casais oficiais e, nesse caso, não há muita rotatividade.

Os diversos trabalhos culturais e sociais realizados pela Escola de Samba Unidos de Vila Maria e a sua abrangência, atraindo pessoas das mais diversas localidades, revelam a força e as possibilidades de ação uma agremiação carnavalesca quando faz uso das técnicas e políticas disponíveis em benefício do seu carnaval e de sua comunidade (Foto 43).



Foto 39

Autora: Vanir Belo
Ensaio na Quadra da E.S.
Unidos de Vila Maria.
Carnaval 2008
São Paulo – SP
Coleção Particular

¹³⁷ No ano de 2007 a Escola de Samba organizou uma festa de formatura para os alunos desses cursos, a qual contou com a presença da Bateria Mirim da Escola de Samba Unidos do Peruche. Nessa ocasião os alunos de 2007 e 2006 receberam um certificado de conclusão.

**Foto 40**

Autora: Vanir Belo
 Ensaio Geral nas ruas do
 Bairro de Vila Maria. E.S.
 Unidos de Vila Maria
 Carnaval 2008
 São Paulo – SP
 Coleção Particular

Foto 41

Autora: Vanir Belo
 Mostra Cultural promovida
 pelo Ponto de Cultura da
 E.S. Unidos de Vila Maria
 2007
 São Paulo – SP
 Coleção Particular

**Foto 42**

Autora: Vanir Belo
 Projeto Clube Escola realizado
 no CDM Lauro Megale. E.S.
 Unidos de Vila Maria
 2008
 São Paulo – SP
 Coleção Particular

Foto 43

Desfile da E.S. Unidos de
 Vila Maria na Avenida
 Guilherme Cotching, no
 bairro de Vila Maria
 2007
 São Paulo – SP
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba.



4.3. Unidos do Peruche

*Chegou a filial do samba
Aqui ninguém é bamba mas tem ideal...*

A Escola de Samba Unidos do Peruche, fundada em 1956, sempre esteve presente nos primeiros grupos do carnaval paulistano. Diversas vezes campeã, é uma escola respeitada no universo carnavalesco, mas nos últimos anos vem oscilando entre os grupos especial e de acesso. Trata-se de uma agremiação que sempre teve uma forte inserção no Parque Peruche, seu bairro de origem; e foi a partir dela que surgiram, no distrito de Casa Verde, as escolas Morro de Casa Verde (1962) e Império de Casa Verde (1994).

Embora possua uma forte relação com o Parque Peruche e conte com uma comunidade fiel, sua quadra (Foto 44) localiza-se desde 1984 no Bairro do Limão, um bairro vizinho; além de ter na Escola de Samba Império de Casa Verde uma forte concorrente, por tratar-se de uma escola grande e recentemente bicampeã. De acordo com Márcio M. Marcelino¹³⁸

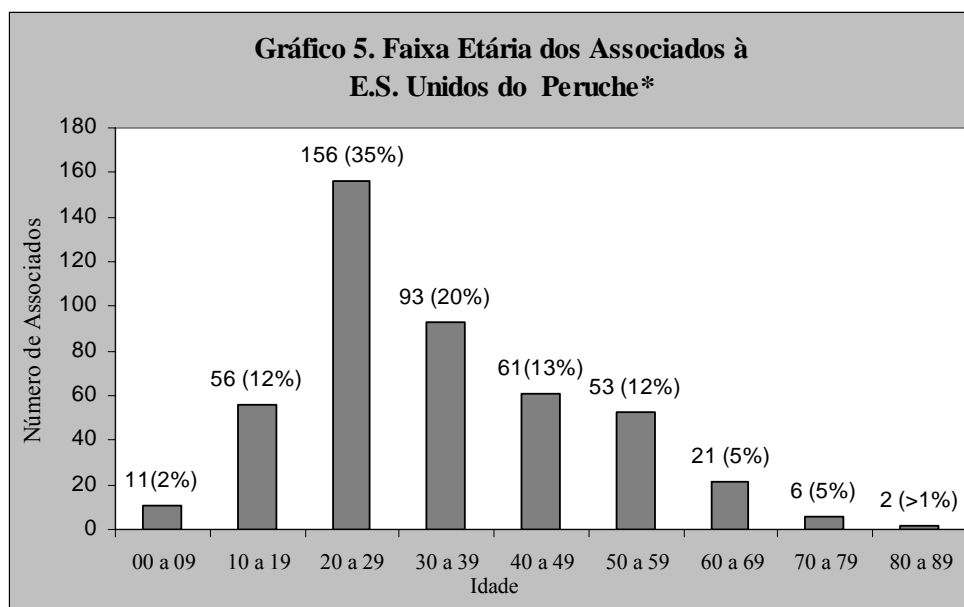
a Unidos do Peruche, por ser a escola mais antiga da região, sempre teve um diálogo com a comunidade muito forte. Mas historicamente foi se afastando fisicamente do bairro. Isso é um dado fundamental que pode explicar, talvez, até o crescimento de outras escolas na região como a Império.

Na primeira metade década de 80 quando começou a distribuição de terrenos para ocupação da Marginal por parte do poder público, a Unidos do Peruche conseguiu um terreno legal onde está a quadra hoje. Por um lado, começou a ter cada vez mais identidade, se formou como uma escola forte, importante, detentora do samba como tantas outras de São Paulo. Mas isso teve um lado meio ruim, pois apesar de estar muito próximo ao Parque Peruche, tem uma certa distância, três ou quatro quilômetros. É na ponte do Limão, e você não tem um fluxo de transporte coletivo direto para lá apesar de estar do lado.

Embora a escola vivencie esse distanciamento, ela ainda tem uma forte inserção no seu bairro e, a exemplo de outras escolas, atrai pessoas de todas as idades e

¹³⁸ Entrevistado em 18/12/2007.

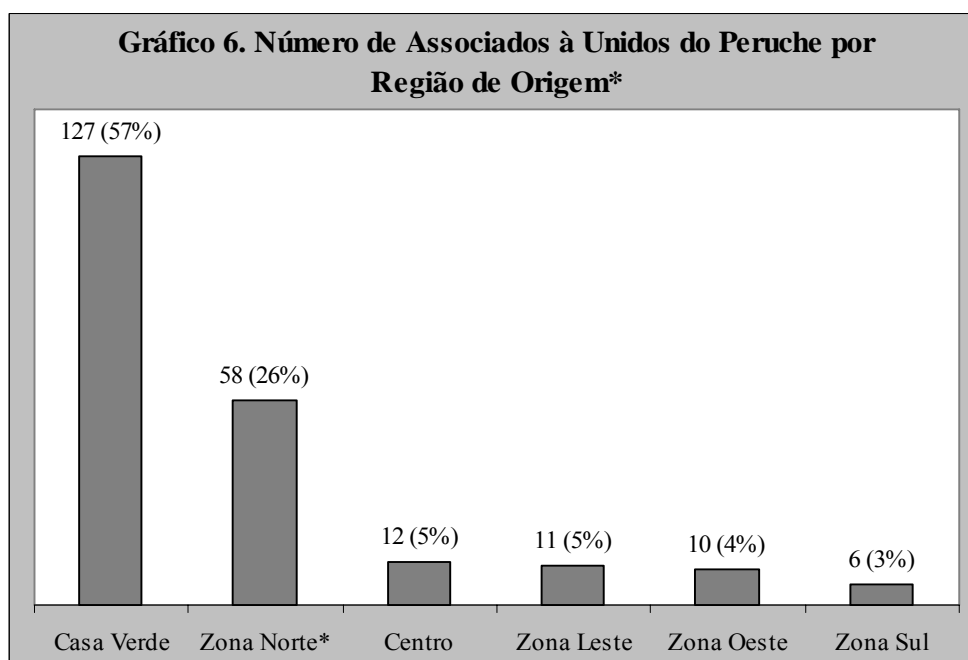
diversos pontos da cidade (Mapa 17), inclusive de outras cidades, mas a partir do levantamento entre os associados foi possível verificar a forte concentração de associados jovens (Gráfico 5) e residentes no distrito de Casa Verde (Gráfico 6).



Fonte: G.R.C.S.E.S. Unidos do Peruche.

* Associados em fevereiro de 2008. Das fichas pesquisadas apenas 463 continham a data de nascimento do associado. Percentual aproximado.

Pesquisa e Elaboração da Autora.

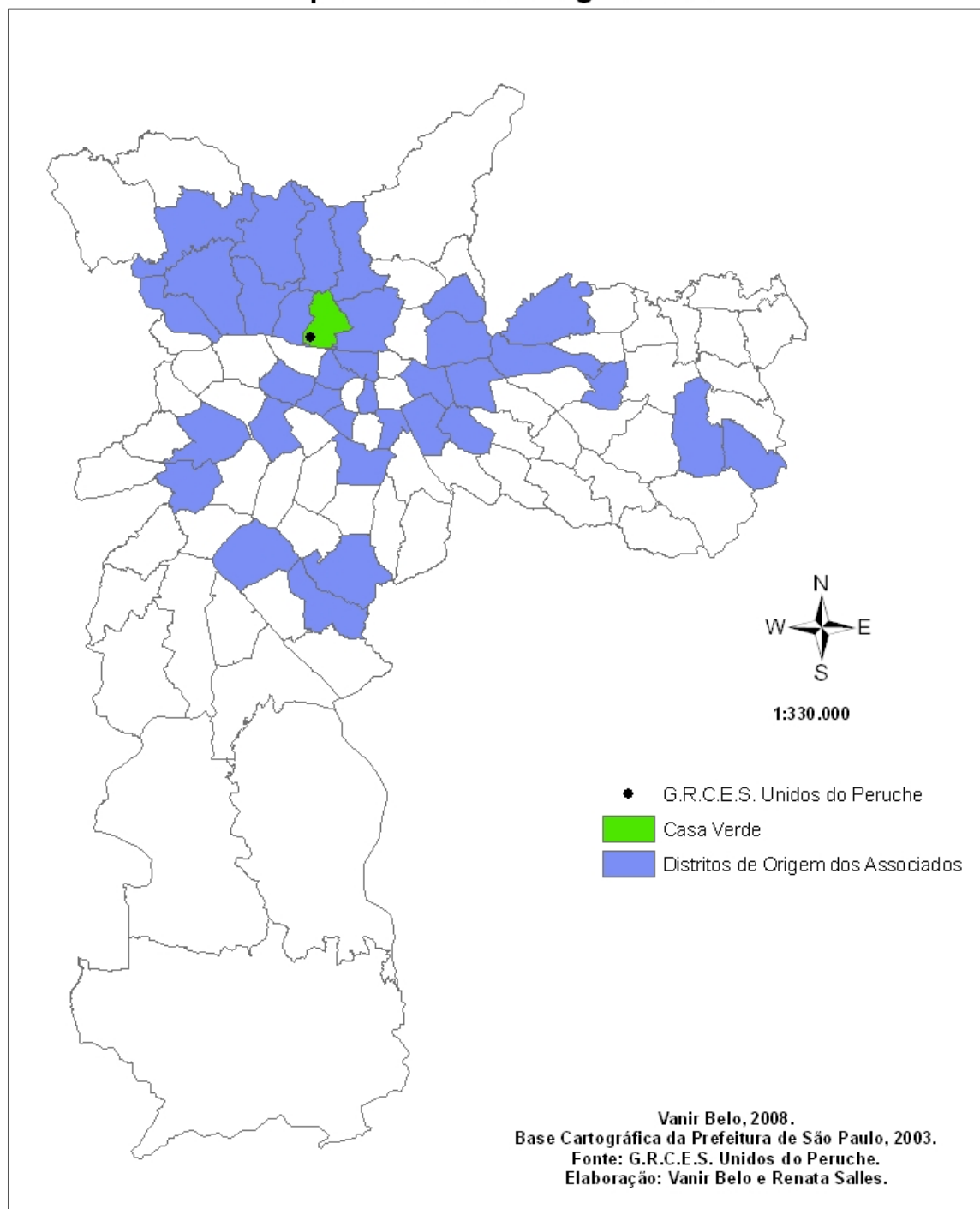


Fonte: G.R.C.S.E.S. Unidos do Peruche.

* Associados em fevereiro de 2008. Das fichas pesquisa das apenas 224 continham o endereço completo do associado. No caso da Zona Norte, exceto o distrito de Casa Verde. Percentual aproximado.

Pesquisa e Elaboração da Autora.

**Mapa 17: Associados à Escola de Samba Unidos do Peruche
por Distrito de Origem - 2008**



Apesar da forte inserção, do prestígio e do empenho da comunidade e de parte dos dirigentes, a Unidos do Peruche ainda não possui um projeto social abrangente, devido a um conflito de interesses internos, pois uma boa parte dos dirigentes, com visão empresarial e foco direcionado exclusivamente para o carnaval, ainda não atentou para a importância do desenvolvimento de ações sociais, inclusive para viabilizar o desenvolvimento da produção carnavalesca. De acordo de Waldir Romero¹³⁹, Diretor Social da escola

a maioria das escolas de samba são organizações desfilantes pela vaidade de algumas pessoas de ocuparem um posto de destaque no narcisismo social. O nosso sonho é que a gente possa vir a construir na Peruche um quilombo. O que hoje não é. A Peruche tem história, a Peruche tem chão, a Peruche tem nome, mas ela está presa no passado e não consegue se conectar com o futuro. Ela tenta ser um desfilante, mas não tem técnica para isso, a Peruche vem patinando, faz tempo, no universo do carnaval. Mas é uma escola que tem chão, que tem samba, que tem brilhantismo etc. Mas o que você precisa? Profissionalizar. Você pode citar algumas escolas que são mais profissionais. Eu diria que dessas escolas nenhuma é melhor do que a Peruche, no sentido da cultura, da arte, do valor, da estrutura, da história.

E o objetivo do grupo atento à importância dos trabalhos sociais é investir na captação de recursos através da Lei Rouanet, para o desenvolvimento de ações voltadas à formação e à capacitação profissional, ações e intervenções culturais, por acreditarem ser este o melhor caminho para as agremiações carnavalescas. Nas palavras de Waldir Romero¹⁴⁰

nós entendemos, na nossa ótica, e defendemos que para a Peruche o interessante seria a Lei Rouanet, nós não queremos outras formas de receita que tem por aí, que eu não quero nem citar. Existe um leque de receitas, mas no nosso entendimento de educadores, que pensamos na formação de uma sociedade ética, democrática, pluralista, que respeita a diferença, que pense em gestão, que pensa em formação, em geração de renda, que trabalha a igualdade, eu acho que a Lei Rouanet é um caminho. E o nosso sonho é poder vir a fazer isso.

¹³⁹ Entrevistado em 31/01/2008.

¹⁴⁰ Entrevistado em 31/01/2008.

A distância existente entre a comunidade e a sede da agremiação associada a uma administração direcionada à produção do desfile carnavalesco não impede o desenvolvimento de algumas ações que se realizam, em sua maioria, no bairro, fora do espaço físico da quadra, tais como as atividades do time de futebol, bateria mirim, esporte social (recreação, vôlei, basquete e handebol) e a Folia da Cidadania (Foto 45).

A Folia da Cidadania é um projeto idealizado pelos diretores social e cultural da Escola de Samba Unidos do Peruche, o qual envolve as escolas formais, públicas e privadas, do bairro. Participam desse projeto componentes das três escolas de samba: Unidos do Peruche, Império de Casa Verde e Morro de Casa Verde. Os alunos das escolas de educação básica, interessados em participar, reúnem-se e montam uma escola de samba nos mínimos detalhes e seguindo todo o processo de produção do carnaval. O desfile realiza-se em setembro, por ocasião da semana da pátria, nas ruas do bairro e, nas duas edições, 2005 e 2006, reuniu cerca de oitocentas crianças e adolescentes. O objetivo é promover a integração da população da Casa Verde com as comunidades das três escolas de samba. Nas palavras de Waldir Romero¹⁴¹

a gente integra a escola, o saber, a questão do conhecimento formal com a escola de samba. No caso do Garcia D'Ávila [Escola Municipal] a gente convida o bairro para fazer isso, mas nem todo mundo acredita nisso, porque isso pode parecer coisa de maluco, porque a função da escola é ensinar abc; samba é coisa de comunidade de vagabundo, de bêbado. Levando para a escola as questões relacionadas à escola de samba – enredo, samba, ala dos compositores etc. – e convidando os alunos e sua família para ir até à escola de samba a gente tenta criar essa idéia, essa identidade, que o samba faz parte da formação de atitudes e procedimentos, que faz parte da bagagem da história, e a história vai auxiliar no processo de letramento e alfabetização.

Seguindo essa idéia, em 2006, um grupo de pessoas envolvidas com a Escola Municipal Garcia D'Ávila montou uma ala da Escola de Samba Unidos do Peruche, cuja

¹⁴¹ Além de estar à frente do Departamento Social da Unidos do Peruche, Waldir Romero dirige a Escola Municipal Garcia D'Ávila, localizada no Parque Peruche. Entrevistado em 31/01/2008.

confeção foi responsabilidade dos participantes. O objetivo foi promover a reflexão sobre o processo produtivo e o significado da ala no contexto do enredo, pois muitas vezes os componentes de uma escola de samba desfilam sem ter noção do significado de sua fantasia no conjunto da escola. Os alunos e demais componentes da ala, além de confeccionar as fantasias, tiveram acesso ao enredo, à letra do samba, participaram do desfile e posteriormente o assistiram com a finalidade de fazer uma avaliação.

Essas ações revelam que, apesar das dificuldades, há um trabalho sendo desenvolvido na Escola de Samba Unidos do Peruche e no seu bairro, o qual prima pelo conhecimento e pela reflexão das questões que envolvem o carnaval.



Foto 44

Autora: Vanir Belo
Ensaio da E.S.Unidos do
Peruche.
São Paulo – SP
2008
Coleção Particular



Foto 45

Autor: Marcio M. Marcelino
Folia da Cidania
Parque Peruche
São Paulo – SP
2006
Coleção do Autor

4.4. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes

Ô ô ô... Príncipe Negro eu sou...

A Escola de Samba Príncipe Negro da Cidade Tiradentes foi fundada pela primeira vez em 1964, no bairro de Vila Prudente, com o nome Príncipe Negro de Vila Prudente, tratava-se de uma escola de base familiar e originada de um time de futebol. Devido a uma série de problemas enfrentados encerrou suas atividades e as reiniciou em 1983 no mesmo bairro. A escola sofria dificuldades devido ao aumento do preço da terra e a conseqüente mudança de boa parte de seus integrantes para outros bairros da cidade. A Vila Prudente tornou-se um bairro de classe média onde a escola não tinha espaço e não era aceita devido ao barulho que produzia.

Com a mudança da família, que se caracterizava como o núcleo duro da agremiação, para a Cohab Cidade Tiradentes, a escola começou a integrar novos componentes residentes neste bairro e, em pouco tempo, passou a ser praticamente toda formada por moradores da Cohab. No entanto, seu endereço permanecia na Vila Prudente. Após três anos nessa situação, os novos componentes passaram a cobrar a mudança do endereço da escola para a Cidade Tiradentes, o que ocorreu em 1993 quando a escola migrou definitivamente para o novo bairro, alterando seu nome para Príncipe Negro da Cidade Tiradentes. Atualmente, esse bairro conta também com a Escola de Samba Estrela Cadente, fundada em 2001 por antigos componentes do Príncipe Negro.

A Escola de Samba Príncipe Negro da Cidade Tiradentes possui apenas uma sede, o bar da família da presidenta Rossimara Aparecida Vieira Isaias (Foto 46) – conhecida como Inhana, e filha do fundador da escola em 1964 – montado na garagem do prédio onde mora. Essa agremiação, a exemplo de diversas outras, não possui uma quadra para ensaios e tampouco um barracão para construir seus carros alegóricos. Os ensaios, que chegam a contar com cerca de quinhentas a setecentas pessoas, entre componentes e espectadores, ocorrem na

pequena praça, que é também um ponto de táxi, em frente ao bar (Foto 47), na quadra poliesportiva localizada ao lado do prédio (Foto 48) e, no caso dos últimos ensaios antes do carnaval, pelas ruas do bairro.

A Escola de Samba Príncipe Negro conta com presidente, vice-presidente, secretária e mais dezesseis diretores, mas trata-se de uma agremiação que depende fortemente da comunidade, e dos moradores de seu bairro, para se realizar, por isso, procura desenvolver projetos sociais e culturais em parceria com a Prefeitura e outras entidades para atender a essas pessoas. O fato de não possuir uma quadra dificulta a realização de projetos, diante disso, a escola encaminha seus componentes para participar de atividades desenvolvidas por outras entidades, mas também desenvolve algumas atividades utilizando os espaços físicos do clube, das escolas públicas, de associações comunitárias e de outras entidades presentes no bairro. Dentre as ações desenvolvidas os componentes¹⁴² citam: o time de futebol, com várias categorias; o projeto Recreio nas Férias, em parceria com a Prefeitura, que atende cerca de quatrocentas e cinquenta crianças; um curso de adereços iniciado em 2008, em parceria com o Governo Federal, que atende trinta e cinco jovens; e diversos cursos relacionados a atividades artísticas e culturais. O objetivo desses projetos é proporcionar oportunidades para a comunidade e também melhorar a imagem perante os moradores do bairro. De acordo com Inhana¹⁴³

essa é a contrapartida, ela [escola de samba] faz um trabalho social a escola só se estrutura se ela faz um trabalho social. Com esses projetos, principalmente com os projetos que a gente fez com crianças, que a gente conseguiu mostrar, principalmente para a comunidade, que a nossa escola não é uma escola de maloqueiro de bandido e coisa e tal. A gente começou a procurar esses projetos pra mudar essa cara, pra mostrar pra comunidade esse trabalho social e a cara da escola.

¹⁴² Entrevistados em 06/05/2007.

¹⁴³ Presidente da Escola entrevistada em 06/05/2007.

A escola organiza também atividades como festa junina, comemoração ao dia de São Cosme e São Damião, com distribuição de doces para as crianças, festa do axé às sextas-feiras e confraternizações com oferecimento de canja de galinha após os ensaios; todas essas ações são realizadas com a contribuição e o trabalho voluntário de seus componentes, dentre os quais muitos líderes e membros de outras associações atuantes no bairro. Devido à sua popularidade, a escola de samba é também convidada para participar de diversos eventos que ocorrem no bairro e em bairros vizinhos, o que faz sem cobrar nada, tais como inauguração de supermercado, de sacolão, de posto de saúde, desfiles cívicos, festas realizadas nas escolas públicas, no Batalhão dos Bombeiros, casamentos comunitários entre outros, além de emprestar instrumentos, fantasias e outros objetos para realização de eventos como peças de teatro, festas e aniversários, muitos dos quais realizados na sede da escola, buscando a integração com diferentes setores do bairro. Segundo Inhana¹⁴⁴

a escola de samba, além de ter que fazer um trabalho social, agrega todo tipo de pessoa, sem preconceito, sem exceção. E consegue, o que não é fácil, agregar todo mundo. Acho que uma das poucas escolas de samba que tem corte gay é a Príncipe Negro. Nós suamos um pouquinho para fazer, mas a gente faz o concurso gay e a bateria tem que tocar (...). Como o concurso da corte das mulheres tem o concurso gay. “Ah! Mas o pessoal fica zoando”. Aí eu falo: gente, carnaval sem purpurina não é carnaval e as “bibas” são a purpurina do carnaval.

Devido a essas ações a escola ganhou a simpatia e a colaboração de diversas pessoas, mesmo aquelas que, por diferentes motivos, não gostam ou não acompanham o carnaval. O taxista do ponto da praça, que já se tornou amigo, fia corridas quando há necessidade; os evangélicos residentes no prédio onde se localiza a sede oferecem suas garagens para a escola guardar seus pertences e afirmam que a colocam em suas orações para que tudo corra bem e para que realizem um bom desfile; o dono da padaria, embora não contribua financeiramente, torce e acompanha o desempenho da escola. Nos dias de ensaio, os

¹⁴⁴ Entrevistada em 06/05/2007.

jovens que jogam basquete deixam metade da quadra livre para que os casais de mestre-sala e porta-bandeira também possam utilizá-la para ensaiar. De acordo com Cida¹⁴⁵, porta-bandeira da escola:

nós os casais ensaiamos naquela quadra. E eles adoram jogar basquete à noite, dois, três times. E nós vamos ensaiar. Eles querem jogar nessa banda da quadra [aponta] a outra banda fica vazia. A gente vai ensaiar e pergunta: posso ensaiar? E eles: claro, claro! Mas eles querem jogar perto da bateria, então a gente faz uma troca eles ficam perto da bateria e a gente do outro lado.

Durante os ensaios não é comum a ocorrência de problemas e tampouco o uso de drogas na redondeza, pois todos sabem que trata-se de um “evento familiar”, e ficam atentos para que nada ocorra, mas, de todo modo, os organizadores solicitam policiamento preventivo. Há distribuição de preservativos por parte de uma associação do bairro e eventualmente ocorrem palestras referentes à saúde, anteriormente aos ensaios. Embora não haja reclamações de vizinhos em relação ao barulho as atividades sempre terminam antes das duas horas da madrugada.

A escola também realiza romarias para a cidade de Tietê, por ocasião da Festa de São Benedito, onde encontram representantes de outras escolas, como Vai-Vai e Unidos do Peruche. Os componentes da Escola de Samba Príncipe Negro se orgulham por realizar atividades ao longo de todo o ano, por manter as tradições de uma escola de samba e por ser uma agremiação familiar e que aproxima famílias, uma vez que a convivência promove a criação de laços de compadrio e de parentesco. Como afirma Inhana¹⁴⁶

daqui a alguns anos aqui vai virar uma grande família. Aqui funciona como antigamente. Como a gente aprendeu, funciona. O carnaval, o samba é por amor, você gosta da coisa. O negócio de profissionalizar o carnaval eu acho que perde. É um lazer é um divertimento, eu faço porque eu gosto. O pessoal não tem mais camisa, não veste mais uma camisa por uma entidade, se perde

¹⁴⁵ Entrevistada em 06/05/2007.

¹⁴⁶ Entrevistada em 06/06/2007.

isso. De que escola que você é? Da que pagar mais. Não tem aquele amor. De que escola você é? Eu bato no peito, sou de coração Príncipe Negro.

A presidenta, que a princípio não aprova o processo de profissionalização da forma como ele se dá, reconhece que a escola de samba não é economicamente importante para o bairro, mas afirma que culturalmente tem uma importância fundamental, pois formou diversos sambistas, enraizou o samba na Cidade Tiradentes e levou o nome do bairro para o carnaval paulistano.

Por se tratar de uma escola de samba do Grupo II o Príncipe Negro não conta com uma verba oficial significativa para realizar seu carnaval, e não obtém patrocínio junto aos comerciantes locais, mas dispõe de uma comunidade unida e disposta a trabalhar voluntariamente. Para o carnaval de 2008 apenas o escultor foi remunerado; todos os demais trabalhos foram realizados em conjunto pela comunidade em suas próprias casas (Foto 49), pois a escola não possui um barracão; os carros alegóricos foram construídos em um terreno baldio (Foto 50). Alguns componentes como destaques de carro e de chão, mestre-sala e porta-bandeira, corte e diretores, além de contribuir para a confecção de suas fantasias, caso queiram deixá-las mais incrementadas e mais bonitas devem também arcar com os custos.

Nas palavras de Inhana:

nosso sonho é um espaço, e aqui tem tantos vazios, mas a prefeitura ainda não... Nosso barracão é em um espaço público. Tem uns prédios abandonados ali e a gente deixa lá nossos esqueletos, e próximo ao carnaval a gente começa a confeccionar ali mesmo. Temos um galpão pequeno para guardar as alegorias [e] as fantasias saem de uns três ou quatro apartamentos. É bem caseiro mesmo, quem vê não diz. Confecciona nos apartamentos, tem o meu, tem o da minha mãe e o da minha vizinha de baixo que também costura. Cada casal de mestre-sala e porta-bandeira confecciona sua fantasia, guarda, destaques a mesma coisa. Tem o Pai Jair, que tem uma casa de candomblé então próximo ao carnaval ele cede, ele é chefe de ala desde quando a escola começou aqui, então a ala dele ele guarda lá. A Ana Rita, que é diretora de uma associação cultural, faz a mesma coisa, ela tem um espaço e guarda. E é

assim que a gente vai. Garagem, quem tem garagem conforme as fantasias vão ficando prontas guardam. Nossos instrumentos são guardados numa garagem também. Aqui é solidariedade sempre. O pessoal é bem solidário, ajuda bastante.

Para baratear os custos, a escola recicla o material utilizado no ano anterior e adquire os novos materiais diretamente dos fabricantes inclusive de cidades do interior. Para aumentar a receita, vende agasalhos e camisetas da escola, e realiza rodas de samba com venda de feijoada cujos ingredientes são fornecidos pelos componentes da agremiação.

Apesar dos diversos problemas enfrentados na produção do carnaval, os componentes afirmam que estão muito bem se comparado ao que já passaram, como, por exemplo, o fato de terem usado como carro abre-alas, no início da década de 1990, um carrinho de cachorro quente e uma porta de apartamento enfeitados e com o nome da escola escrito. Hoje, pode ajudar escolas menores doando estruturas de carros antigos, prática muito comum no passado – a própria agremiação já recebeu esse tipo de ajuda – porém pouco realizada na atualidade pelas grandes escolas que costumam vender o material que não será utilizado.

Por dois anos, 1997 e 1998, o desfile oficial ocorreu na Cidade Tiradentes, o que para a agremiação foi ótimo devido a uma grande economia com o transporte dos carros alegóricos, pois embora recebam da UESP uma ajuda de custo para essa finalidade, o valor no geral não é suficiente para cobrir toda a despesa. Por diversos anos desfilou em passarelas montadas na Zona Leste o que também facilitava e possibilitava a ida dos moradores do bairro que torcem pela escola, mas nos dois últimos anos, 2007 e 2008, desfilou no autódromo de Interlagos e enfrentou muita dificuldade devido à distância, inclusive uma leve diminuição no número de componentes. Isso revela que as longas distâncias existentes entre a sede da escola e o local de desfile são um fator de desestímulo (Fotos 51 e 52). Os componentes criticam não

apenas a distância, mas também a falta de estrutura para a realização dos desfiles no autódromo por tratar-se de um lugar ermo e com uma pista inadequada.

As características da Escola de Samba Príncipe Negro da Cidade Tiradentes revelam a importância cultural e social de uma agremiação carnavalesca em um bairro periférico da cidade de São Paulo que conta com uma pequena oferta de equipamentos culturais e de lazer. Mesmo sem condições de desenvolver ações abrangentes, como fazem algumas grandes escolas, há uma preocupação por parte dessa entidade em encaminhar membros de sua comunidade, em especial jovens, para projetos desenvolvidos por outras entidades que trabalham em parceria; ou de utilizar o espaço físico de outras entidades – clubes, escolas públicas, associações etc. – com a finalidade de desenvolver as suas ações.

Nesse caso, a própria existência da escola de samba, se traduz em uma ação social, pois trata-se de uma entidade que tem grande capacidade de agregar pessoas de diferentes idades, incluindo aquelas que não têm relação com o samba e com o universo do carnaval, e possibilitar momentos de sociabilidade.



Foto 46

Autora: Vanir Belo
Sede da E.S. Príncipe Negro da Cidade Tiradentes.
São Paulo – SP
2008
Coleção Particular

**Foto 47**

Autora: Vanir Belo
 Ensaio
 E.S. Príncipe Negro da
 Cidade Tiradentes.
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

Foto 48

Autora: Vanir Belo
 Ensaio. E.S. Príncipe
 Negro da Cidade
 Tiradentes.
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

**Foto 49**

Autora: Vanir Belo
 Produção de fantasias na
 casa da presidenta. E.S.
 Príncipe Negro da Cidade
 Tiradentes.
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

**Foto 50**

Autora: Vanir Belo
 Construção de alegorias da
 E.S. Príncipe Negro da
 Cidade Tiradentes.
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

Foto 51

Desfile da E.S. Príncipe
 Negro da Cidade
 Tiradentes.
 Autódromo de Intelagos
 Carnaval 2008
 São Paulo – SP
 Centreo de Documentação
 e Memória do Samba

**Foto 52**

Desfile da E.S. Príncipe
 Negro da Cidade
 Tiradentes.
 Autódromo de Interlagos
 Carnaval 2008
 São Paulo – SP
 Centro de Documentação e
 Memória do Samba



4. 5. Paineira do Sapopemba

*Segura a pemba, segura a pemba.
Hoje o bicho vai pegar, Paineira é Sapopemba.*

A Escola de Samba Paineiras do Sapopemba, fundada em 1984, localiza-se no Jardim Tietê, um bairro pobre do distrito de Sapopemba, na Zona Leste da cidade. Após um longo período com suas atividades suspensas, essa escola de samba voltou ao carnaval paulistano em função da iniciativa de um grupo de pessoas que via na agremiação a oportunidade de desenvolver atividades culturais e de lazer. Trata-se de uma agremiação que pertence, em 2008, ao Grupo de Acesso da UESP, o qual não conta com recursos financeiros do poder público, apenas com o transporte dos componentes e eventualmente algum apoio da entidade representativa. Essa situação dificulta a realização do desfile, pois as escolas desse grupo devem, de acordo com o regulamento, desfilar com quatrocentos componentes, e um carro alegórico.

Por ser uma escola de pequeno porte, ainda em processo de estruturação a Paineira do Sapopemba tem certa dificuldade em reunir o número mínimo de componentes para o desfile, bem como de obter patrocínios ou estabelecer parcerias com comerciantes locais. Essa situação, comum entre as escolas menores, dificulta a produção das fantasias e alegorias, mas não impede a realização dos desfiles e tampouco a atuação da escola no bairro. De Paula¹⁴⁷, presidente da Escola de Samba Paineira do Sapopemba, lamenta a falta de estrutura e de recursos para as agremiações de pequeno porte e busca, juntamente com outros componentes, formas de parceria para mantê-la atuante. Uma conquista recente foi a parceria realizada com a Escola Municipal Vinícius de Moraes, onde realiza seus ensaios e outras atividades, como reuniões e o desenvolvimento de cursos de formação cultural, em parceria com o Projeto Barracão, o qual atende jovens da região.

¹⁴⁷ Entrevistado em 12/01/2008.

Os ensaios dessa agremiação, que se caracterizam como uma opção de lazer para diversas pessoas do bairro, se realizam aos finais de semana na quadra poli esportiva da Escola Municipal Vinícius de Moraes, onde a agremiação carnavalesca divide o espaço físico com crianças e jovens que a utilizam para brincar, jogar bola e andar de bicicleta (Fotos 53 a 55). Nos dias de ensaio, uma parte da quadra é utilizada pela escola de samba e outra parte pelas crianças e jovens. Embora essa situação possa não parecer a mais ideal, o fato da escola poder ensaiar em um local amplo e coberto, é uma grande vantagem, pois, dessa forma, pode garantir a periodicidade dos ensaios.

No carnaval paulistano, da forma como se realiza na atualidade, a Escola de Samba Paineira do Sapopemba é prejudicada devido a uma série de fatores, como a ausência de recursos, a distância do local de desfile e a dificuldade em cumprir as exigências do regulamento. No ensaio realizado em 12 de janeiro de 2008, faltando poucos dias para o carnaval, a escola ainda não contava com o número mínimo de componentes exigido pelo regulamento. Nesse ano o desfile oficial foi realizado na passarela montada no bairro do Butantã, e, por chegar atrasada, a Paineira do Sapopemba foi a última escola a se apresentar e não obteve pontuação (Fotos 56 a 58). Essa situação revela a imensa desigualdade existente entre as escolas de samba e a precariedade daquelas que procuram sobreviver e se enquadrar no atual e excludente modelo de organização do carnaval paulistano. Mas a ausência de recursos não impede a escola de realizar sua festa, e a produção de fantasias e alegorias se baseia fortemente no trabalho comunitário.

A grande importância dessa escola de samba talvez seja sua própria existência no bairro, onde move um grupo de pessoas com a finalidade de produzir o desfile carnavalesco e realizar a festa, além de promover ações como os cursos de percussão e dança realizados na escola de educação formal. A parceria com a Escola Municipal Vinícius de Moraes revela a inserção da agremiação carnavalesca na localidade.

Foto 53

Autora: Vanir Belo
 E.S. Paineira do Sapopemba
 Ensaio
 Sapopemba
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

**Foto 54**

Autora: Vanir Belo
 E.S. Paineira do Sapopemba
 Ensaio
 Sapopemba
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular

Foto 55

Autora: Vanir Belo
 E.S. Paineira do Sapopemba
 Ensaio
 Sapopemba
 São Paulo – SP
 2008
 Coleção Particular



**Foto 56**

Paineira do Sapopemba
Carnaval 2008
Passarela no Bairro do
Butantã
São Paulo – SP
Centro de Documentação e
Memória do Samba

Foto 57

Paineira do Sapopemba
Carnaval 2008
Passarela no Bairro do
Butantã
São Paulo – SP
Centro de Documentação e
Memória do Samba

**Foto 58**

Paineira do Sapopemba
Carnaval 2008
Passarela no Bairro do
Butantã
São Paulo – SP
Centro de Documentação e
Memória do Samba



As diversas ações aqui apresentadas, referentes à atuação das escolas de samba em seus bairros, revelam que através das agremiações as pessoas se organizam para suprir suas deficiências a partir de parcerias ora com o poder público, que se exime de investir nas áreas mais pobres cidade e busca parcerias com setores organizados da sociedade para suprir sua própria ausência, ora com a iniciativa privada que, por sua vez, cria mecanismos de ação determinantes para a consolidação da cidade corporativa, contribuindo para a segregação e para a reprodução da pobreza. Todavia, ainda ocorrem ações que independem dessas parcerias e se baseiam em trabalhos voluntários, resultantes da sociabilidade criada a partir da própria existência das agremiações nos bairros desprovidos de equipamentos básicos, o que resulta da desigualdade dos investimentos públicos¹⁴⁸. De acordo com Santos (2005b, p. 132-133),

a cidade pronta a enfrentar seu tempo a partir do seu espaço cria e recria uma cultura com a cara do seu tempo e do seu espaço e de acordo ou em oposição aos “donos do tempo” que são também os donos do espaço. É dessa forma que, na convivência com a necessidade e com o outro, se elabora uma política, uma política dos *de baixo*, constituída a partir da sua visão de mundo e dos lugares. Trata-se de uma política de novo tipo, que nada tem a ver com a política institucional. Esta última se funda na ideologia do crescimento, da globalização etc. e é conduzida pelo cálculo dos partidos e das empresas. A política dos pobres é baseada no cotidiano vivido por todos, pobres e não pobres, e é alimentada pela simples necessidade de continuar existindo.

Nas ações de algumas escolas de samba, estabelecidas no cotidiano do bairro realiza-se um movimento dialético que se traduz por um lado na necessidade de superar a escassez e por outro na necessidade de produzir o desfile carnavalesco. Necessidades que se complementam, gerando possibilidades para os agentes envolvidos nessa manifestação.

¹⁴⁸ Uma pesquisa realizada pela ONG Movimento Nossa São Paulo a partir de dados oficiais, publicada em 24/04/2008 (www.uol.com.br, acessado maio de 2008) revela que o volume de recursos que chegam aos bairros mais ricos, como Pinheiros e Jardins, chegam a ser quatro vezes maiores que os recursos destinados aos bairros mais pobres. Esses valores são desproporcionais ao tamanho dos bairros e ao número de seus habitantes.

Considerações Finais

O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo, cuja origem remonta aos cordões carnavalescos do início do século XX, sofreu diversas transformações estruturais e organizacionais muitas vezes condicionadas por fatores externos. Mas embora essas mudanças tenham provocado a extinção dos cordões, que devido às imposições estabelecidas a partir da oficialização foram condicionados a se tornar escolas de samba, as inovações foram, de certa forma, responsáveis pela manutenção da manifestação carnavalesca na metrópole, uma vez que criaram as condições necessárias para a sua reprodução. Por isso, apesar dos conflitos gerados, as inovações e suas conseqüências não devem ser desprezadas ou vistas apenas como algo negativo, pois como lembra Debord (1997, p.120, cap. 181) “a luta entre a tradição e a inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir através da vitória permanente da inovação”, e, apesar de todas as transformações, positivas ou negativas, as escolas de samba ainda agregam pessoas e promovem sociabilidade, lazer, cultura e diversas formas de solidariedade.

A oficialização do carnaval em 1967, a subvenção e a atuação do poder público na organização dos desfiles, promoveram as escolas de samba, pois potencializaram os desfiles e atraíram investimentos da iniciativa privada, e ao mesmo tempo retiraram das escolas de samba a liberdade e a autonomia que possuíam, pois embora tenham passado a organizar-se através de entidades representativas, submeteram-se às imposições do poder público devido à dependência das verbas e da estrutura cedida pela municipalidade. Por outro lado houve um significativo aumento no número de escolas, de componentes e de espectadores – revelando uma maior aceitação por parte da sociedade – fator que, associado ao crescimento da cidade que se consolidou como metrópole mundial e a compreensão do carnaval como um negócio de grande potencial turístico, criou, na década de 1990 a

necessidade de regulamentá-lo e de construir um local adequado à sua realização, o Sambódromo, o qual atende apenas a uma pequena parte das agremiações carnavalescas em época de carnaval. Juntos, o Sambódromo, as quadras e os barracões, formam um sistema de fixos que contribuem para a continuidade dos desfiles carnavalescos e revelam o interesse do poder público no seu potencial econômico.

A partir daí, o carnaval passa a se desenvolver e se estabelecer como um negócio promissor, com a ampliação dos investimentos públicos e a forte inserção da iniciativa privada, como um dos setores que contribuem para o financiamento dos desfiles carnavalescos, uma vez que a oportunidade de lucro aumentou com o início das transmissões pela Rede Globo de Televisão que, por sua vez, impõe novos conteúdos aos desfiles carnavalescos, interferindo diretamente no regulamento das escolas de samba. Neste momento há um empenho, ainda incipiente, por parte do poder público em desenvolver o potencial turístico do carnaval paulistano com a finalidade de torná-lo um evento lucrativo para a cidade tanto nos dias de festa como ao longo do ano através da implantação do turismo receptivo nas quadras das escolas de samba.

Durante todo esse processo de desenvolvimento, normatização e adaptação aos conteúdos urbanos, as escolas de samba se empenharam em potencializar a produção dos desfiles carnavalescos através da especialização da mão-de-obra, e do estreitamento e da ampliação das relações com diversos agentes dos diferentes circuitos da economia urbana que, por sua vez, se aproximam das escolas de samba com a finalidade de incrementar seus negócios, de diferentes portes.

Nesse contexto há uma multiplicação das divisões social e territorial do trabalho geradas na produção carnavalesca que, para se realizar, passa a integrar uma série de agentes criando e ampliando circuitos de produção e cooperação que extrapolam gradativamente os limites do bairro, da cidade e do país, ampliando assim a abrangência dos

fluxos e as escalas dos eventos. Essa situação que entre os agentes envolvidos é chamada de “profissionalização do carnaval” alterou a estrutura organizacional e produtiva do carnaval paulistano, com a finalidade de desenvolvê-lo e ampliar os negócios afins. Cria-se um mercado profissional que altera as relações de trabalho e a identificação com a escola de samba. Todavia, essas inovações na forma de produzir os desfiles não se difundiram de forma homogênea entre as agremiações carnavalescas, havendo uma sobreposição de divisões do trabalho geradas em diferentes momentos e coexistindo na atualidade. Sobreposição possível de ser observada inclusive no interior de uma mesma escola de samba.

O acesso aos novos conteúdos e a ampliação das formas de uso da cidade, associada a uma tomada de consciência por parte de alguns dirigentes e membros das escolas de samba, criaram possibilidades de ações sociais voltadas ao atendimento das necessidades mais imediatas das comunidades, através das entidades carnavalescas. Ações que, por outro lado, contribuem para atração de investimentos que são revertidos para a produção do desfile. Os recursos utilizados nessas ações podem ser obtidos através das mais diversas formas de parcerias e doações. Nesse contexto as escolas maiores que dispõem de recursos humanos e materiais, tais como quadra de ensaio e pessoas dispostas a trabalhar, remuneradas ou não, possuem maiores possibilidades de ação cada vez mais abrangentes. Todavia, em alguns casos, a própria existência das escolas de samba como entidades promotoras de sociabilidade, lazer e entretenimento, em lugares desprovidos de equipamentos básicos, se caracteriza como uma ação sociocultural importante. As diferentes situações das escolas analisadas nesta pesquisa mostraram as diversas possibilidades de abrangência dessas ações.

Os novos conteúdos do carnaval paulistano não se fazem presentes em todas as agremiações, ao menos não com a mesma intensidade, sendo possível verificar na atualidade, em especial nas chamadas “pequenas escolas”, diversas características comuns aos períodos anteriores à oficialização, tais como uma rede de relações e de solidariedades baseadas em

laços familiares e de vicinato, fortemente atrelada ao lugar onde elas se localizam. Ao passo que outras entidades, em especial as chamadas “grandes escolas”, embora ainda possam apresentar núcleos familiares centrais ou fortes relações com o lugar e com a comunidade ali presente, estruturam-se de forma muito próxima a uma organização empresarial e têm uma grande abrangência, atraindo pessoas de diversos lugares e se estabelecendo fisicamente em diferentes pontos da cidade, como, por exemplo, instalando barracões nas proximidades do Sambódromo com a finalidade de facilitar o acesso ao local do desfile e baratear os custos.

Há na atualidade alguns fatores que indicam a possibilidade de emergência de um novo período, são eles: a construção da Fábrica dos Sonhos para abrigar os barracões do Grupo Especial; a utilização da Lei Rouanet; e a divisão da Liga das Escolas de Samba, devido a conflitos internos, que deram origem à Superliga em abril de 2008.

O crescente interesse em desenvolver o potencial econômico do carnaval paulistano, em especial no que se refere ao atrativo turístico levou ao desenvolvimento de um projeto de criação de um local para abrigar os barracões das escolas de samba do Grupo Especial: é a chamada “Cidade do Samba” ou “Fábrica dos Sonhos” (Anexo 4). Esse projeto segue o mesmo padrão arquitetônico da Cidade do Samba do Rio de Janeiro¹⁴⁹, inaugurada em 2006, e revela que, novamente, o carnaval paulistano se inspira no carnaval carioca para direcionar suas inovações.

Esse empreendimento que ocupará um terreno de 77000 m², localizado a aproximadamente 1100 metros do Sambódromo¹⁵⁰, faz parte do plano de ampliação do Parque Anhembi e visa a construção de quatorze barracões com 5608 m² cada um, uma arena central

¹⁴⁹ A Cidade do Samba carioca, situada no Gamboa, na zona portuária, foi inaugurada em 2006 num terreno de 92 mil m² e reúne 14 “fábricas de carnaval”, um prédio administrativo e uma praça central. Visitando a Cidade do Samba carioca, em setembro de 2006, foi possível observar a grandiosidade do empreendimento e seu significado para o carnaval e para o turismo na cidade. Além da possibilidade de observar os trabalhos nos barracão ou fábricas e utilizar a praça de alimentação, há uma programação voltada para turistas com “oficinas” de samba e produção de alegorias e fantasias, e shows de samba uma vez por semana. Para a visitação é cobrado um valor para moradores do Rio de Janeiro (meia entrada) e outro para os turistas.

¹⁵⁰ Em fevereiro de 2008 a Prefeitura de São Paulo, na gestão do Prefeito Gilberto Kassab, apresentou oficialmente o projeto da “Fábrica dos Sonhos” que até o término deste trabalho estava em fase de captação de recursos e parcerias para sua realização.

para a realização de *shows*, eventos e exposições, e um edifício administrativo que contará com o Memorial do Carnaval Paulistano, loja e salas para eventos. Embora a construção da Fábrica dos Sonhos ao lado do Sambódromo seja conveniente para as escolas do Grupo Especial no que se refere ao transporte dos carros alegóricos, o objetivo de sua implantação vai muito além disso, pois trata-se de uma ação do poder público com a finalidade de incrementar o turismo cultural na cidade de São Paulo, além de diminuir os impactos causados por ocasião do transporte dos carros alegóricos.

Outro dado ainda novo, mas já significativo no carnaval paulistano, é a utilização da Lei Rouanet como fonte de receita para as escolas de samba. Poucas foram as escolas que já se utilizaram desse benefício, mas muitas já se empenham em obtê-lo. Essa lei que possibilita o abatimento do investimento cultural no imposto de renda possibilitará às escolas de samba uma maior independência em relação aos patrocínios dos enredos, uma vez que não necessariamente abordará temas dirigidos ou encomendados para a obtenção de patrocínio, podendo, com isso, abordar em seus enredos as mais variadas questões. A utilização dessa lei possibilita também uma maior autonomia em relação às ações sociais desenvolvidas.

A divisão da entidade representativa dos grupos especial e de aceso, em duas entidades, Liga e Superliga, cada uma com doze agremiações, é um dado novo da conjuntura, pois embora a Superliga já tenha inclusive um estatuto formal, existem diversas questões em aberto tais como o dia de desfile, o contrato de concessão de imagem assinado com a Rede Globo de Televisão, a possibilidade de existirem dois grupos especiais, mesmo que tenham nomes diferentes, o início de uma negociação com uma outra emissora de televisão a Rede Record, e a relação com a UESP, entidade que representa as escolas de samba dos demais grupos.

Esses três novos eventos revelam o dinamismo do carnaval paulistano e a possibilidade de emergência de um novo período. Mas ainda é cedo para especular sobre o futuro dessa manifestação, uma vez que são eventos incipientes e sem previsão de uma realização efetiva. De todo modo, a partir do que foi possível compreender do carnaval das escolas de samba, pode-se afirmar que se trata uma manifestação rica em contradições e possibilidades. Essa situação, por um lado, leva ao seu desenvolvimento como um “produto cultural” atrativo, criando uma série de oportunidades de negócios e de geração de renda, possibilitando, inclusive, o surgimento e a ampliação de ações sociais muito caras às comunidades; por outro leva a alterações profundas nas relações originais e na forma de produzir a festa. Nesse contexto muitas agremiações despontam como vanguarda ao passo que outras sucumbem em meio às inovações.

As diversas transformações pelas quais passou o carnaval paulistano são o reflexo de uma série de outros eventos que, por sua vez, são conseqüências das mudanças ocorridas no interior das escolas de samba, na sociedade, nas técnicas, nas políticas, no meio urbano e nos interesses dos mais diversos agentes envolvidos, direta e indiretamente, com essa manifestação ao longo de seu desenvolvimento. Diante disso, e do que aponta o futuro dessa manifestação, surge uma questão: as ações socioculturais desenvolvidas por uma escola de samba, ou através dela, podem vir a fortalecer a agremiação, como uma organização social, a ponto de garantir sua existência independentemente do desfile carnavalesco?

Por fim, a análise do desenvolvimento do carnaval das escolas de samba em São Paulo, desde a sua origem, revelou a crescente importância dessa manifestação e o seu dinamismo territorial, cujas ações extrapolam os limites da cidade, criando divisões do trabalho na produção dos desfiles e uma rede de relações no cotidiano das agremiações, dos bairros, dos lugares. Embora não estejam livres de contradições e interesses divergentes, as escolas de samba agem possibilitando a criação de redes de solidariedade e a ampliação de

horizontalidades capazes de construir algo novo e promover mudanças significativas, ainda que pontuais. Esse processo corrobora a idéia de que sua compreensão, bem como de outras manifestações culturais, é de fundamental importância para o entendimento da cidade.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Indústria Cultural: o esclarecimento como manifestação das massas. In: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. p. 113-156.
- ALMEIDA, Eliza Pinto de. O espaço e o cotidiano transformador. **Revista experimental**, São Paulo, nº3, p. 35-41, set. 1997.
- ALMEIDA, Eliza Pinto de. Refuncionalização da metrópole no período técnico-científico-informacional e os novos serviços. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p 389-400.
- ANDRADE, Mario de. Samba Rural Paulista. In. CARNEIRO, Edison. **Antologia do Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Globo, 1950. p.283-286
- ARAUJO FILHO, José Ribeiro de. A população Paulistana. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo** (vol. 2 – A evolução urbana). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.
- ARROYO, Mónica. Território, transição e Futuro. In. **Revista Experimental**, n. 01, São Paulo, p. 77-85, jul. 1996.
- BALBIM, Renato Nunes. **Práticas espaciais e informatização do espaço da circulação: Mobilidade cotidiana em São Paulo**. 2003. 597f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BECKER, Bertha Koiffmann; EGLER, Cláudio Antonio Gonçalves. **Brasil: uma nova potencia regional na economia mundo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 268 p.
- BELO, Vanir. **O carnaval das escolas de samba na cidade de São Paulo: da cultura popular à industria cultural**. Um estudo de caso sobre a Unidos de Vila Maria. 2004. 58f. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 434 p.
- BERNARDES, Adriana. **A contemporaneidade de São Paulo: produção de informação e novo uso do território brasileiro**. 2001. 283f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BERNARDES, Adriana. A presença do velho e do novo na cidade de São Paulo: o caso das pequenas e médias indústrias não hegemônicas. **Revista Experimental**, São Paulo, n.01, p. 13-20, jul.1996.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 404 p.

BRITTO, Iêda Marques. **Samba na Cidade de São Paulo (1900-1930)**: um exercício de resistência cultural. São Paulo: Edusp, 1986. 114p.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Casto. A cidade e o samba. **Revista USP**, São Paulo, n.32, p. 90-101, dez/jan/fev 1996-97.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, n.01, p. 19-28, 2002.

CRECIBENE, Nelson. **Convocação geral**: a folia está na rua: o carnaval de São Paulo tem história de verdade. São Paulo: O Artífice Editorial, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 224 p.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: por uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237p.

FAUSTO, Boris. Expansão do café e política cafeeira. In: FAUSTO, Boris et al. **O Brasil Republicano**, v. 1: estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 193-248

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de Samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. 172 p.

FESEC — Fundação das Escolas de Samba e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo. **Origem do Carnaval e das Escolas de Samba**, s/d.

FRANGIOTTI, Nanci. **O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo**. 2007. 120f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

HOBBSBAWN, Erick; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições** 2ª. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 316 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n. 49, jun. 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: o circo-teatro e outras formas de lazer e cultura popular. 1982. 311f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. O Lugar do bairro no mundo do samba. In. ALMEIDA, Maria Geralda de; RATS, Alessandro J. P. (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003, p.185-206.

MANZATTI, Marcelo. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro**: estudos sobre o samba de bumbo ou samba rural paulista. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

MARCELINO, Marcio Michalczuk. **Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo**. 2007. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo**: ilegalidade, desigualdade e violência. São Paulo: Hucitec, 1996.

MATOS, Odilon Nogueira de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo** (vol. 2 – A evolução urbana). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **As sonoridades paulistanas**: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funart; Editora Bienal, 1997. 196 p.

MORAES, Wilson Rodrigues de. **Escolas de Samba de São Paulo (Capital)**. São Paulo: IMESP, 1978.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Geografia do turismo na cultura carnavalesca**: o sambódromo do Anhembi. São Paulo: Paulistana, 2007. 171 p.

OLIVEIRA, Kelly Adriano de. **Entre o lúdico e a luta**: Leandro de Itaquera, uma escola de samba na cidade de São Paulo. 2002. 123f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 222 p.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 348 p.

PENTEADO, Fernando. A origem das escolas de samba paulistanas. **Revista Sampa Concentração** (Publicação Oficial da Liga Independente das Escola de Samba de São Paulo – Carnaval 2004). São Paulo, Sampa, ano III, n.3, p. 12;68-69, 2003.

PENTEADO, Fernando. O samba e sua mão de obra. **Revista Sampa Concentração** (Publicação Oficial da Liga Independente das Escola de Samba de São Paulo – Carnaval 2003). São Paulo, Sampa, ano II, n.2, p. 21, 2002.

PETRONE, Pasquale. São Paulo no século XX. In. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo** (vol. 2 – A evolução urbana). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1958.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO (Secretaria do Trabalho); MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Estudo prospectivo da cadeia produtiva do samba da Zona Norte da cidade de São Paulo. São Paulo, Secretaria Municipal do Trabalho, 2006, 115 p.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992. 237 p.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Cultura, técnica e meio. In: SANTOS, Milton et al (orgs.). **Fim de século e globalização**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997. p 151-160.

RODRIGUES, Ana Maria. **Samba negro, espoliação branca**. São Paulo: Hucitec, 1984. 143 p.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 2ª ed. São Paulo: Nobel/Fapesp, 1999. 242 p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2005. 176 p. (Coleção Milton Santos, 6).

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 12ª ed, São Paulo: Record, 2005b. 174 p.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp. 2005c. 176 p. (Coleção Milton Santos, 7).

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 474 p.

SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da geografia**: um manifesto. São Paulo: LABOPLAN – Departamento de Geografia – USP, 2000. 13 p.

SANTOS, Milton. Lazer popular e Geração de empregos. In. **Lazer numa sociedade globalizada**: *Laisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000b. p. 31-37.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3ª. ed, São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 190 p.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994. 145p.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3ª ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa e fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. 117 p.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. 345 p.

SÃO PAULO TURISMO (Diretoria de Turismo, Gerencia de Planejamento Turístico, Coordenadoria de Informação e Pesquisa). **São Paulo Carnaval 2006**. Relatório final – pesquisa de perfil e opinião do público do carnaval 2006. São Paulo: SP Turis, 2006. 27 p.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusão do progresso (Introdução). In. SEVCENKO, N. (org.) **História da vida privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCARLATO, Francisco Capuano. **Real e o imaginário no Bexiga**: autofagia e renovação urbana no bairro. 1988. 285f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. In. CARLOS, A.F.A e OLIVEIRA, A.U. de (orgs.). **Geografias de São Paulo**: representação e crises da metrópole. São Paulo, Contexto, 2004. p.271-311

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. Urbanização: Bairro e Vida de Bairro. **Revista Travessia**. s/d.

SILVEIRA, Maria Laura. São Paulo: os dinamismos da pobreza. In. CARLOS, A.F.A e OLIVEIRA, A.U. de (orgs.). **Geografias de São Paulo**: representação e crises da metrópole. São Paulo, Contexto, 2004. p. 59-71

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Branco e negro no carnaval popular paulistano, 1914-1988**. 1989. 246f., Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano: 1914-1988. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 396 p.

SINGER, Paul Israel. **Economia Política da Urbanização**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. 155 p.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. A Metrópole global? Refletindo sobre São Paulo. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de et al (orgs.). **Metrópole e globalização**: conhecendo a cidade de São Paulo. 1ª ed. São Paulo: Cedesp, 1999. Capítulo3, p 33-41.

URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & samba em evolução na cidade de São Paulo**. São Paulo: Plêiade, 2006. 282 p.

URBANO, Maria Aparecida; NABHAN, Neusa Neif; SANTOS, Yolanda Lhurer dos. **Arte em desfile**: escola de samba paulistana. São Paulo: Edicon, 1987. 96 p.

Anexos

Anexo 1

LEI N. 10.831 - DE 4 DE JANEIRO DE 1990

Oficializa o Carnaval na Cidade de São Paulo, e dá outras providências

Luiza Erundina de Sousa, Prefeita do Município de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei. Faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 13 de dezembro de 1989, decretou e eu promulgo a seguinte Lei:

Art. 1.º O Carnaval Paulistano, bem assim as manifestações artístico-populares que o compõem, constitui-se em evento oficial da Cidade, com o apoio e sob a gestão da Prefeitura.

Art. 2.º Para efeito desta Lei, são consideradas manifestações artístico-populares, entre outros, os concursos, desfiles, festas, bailes realizados no período do carnaval, com o apoio e administração da Prefeitura, e especialmente:

I - concurso de rei Momo e rainha do Carnaval;

II - desfile de escolas de samba e blocos carnavalescos;

III - desfile de bandas;

IV - desfile e carnaval de bairros.

§ 1.º As demais manifestações artístico-populares (baile oficial da Cidade, afoxés, ranchos, frevos, grandes sociedades e outras) poderão ser contempladas em planejamento, a ser elaborado anualmente, com a participação obrigatória das entidades representativas das Escolas de Samba e entidades carnavalescas do Município.

§ 2.º Os menores com mais de 5 (cinco) anos de idade até 12 (doze) anos e que participarem dos desfiles de escolas de samba e assemelhados, deverão portar crachás de identificação contendo o nome do portador, endereço de residência e agremiação a que pertencem.

Art. 3.º A responsabilidade e execução da administração do Carnaval paulistano será da Prefeitura, que poderá exercê-la através da Anhembi - Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo S/A., de seu sucessor ou substituto.

Parágrafo único. Na hipótese de contratação, as receitas e despesas relacionadas ao evento serão administradas pela contratada.

Art. 4.º (Vetado).

Parágrafo único. Excepcionalmente, para o evento carnavalesco de 1990, os recursos serão liberados, no máximo até 30 (trinta) dias após a aprovação do Orçamento-Programa daquele exercício.

Art. 5.º No prazo de 60 (sessenta) dias a contar da data da publicação desta Lei, o Executivo expedirá decreto regulamentador.

Art. 6.º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 7.º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial, a Lei n. 7.100 (1), de 29 de dezembro de 1967.

Anexo 3

EVENTOS REALIZADOS NO POLO CULTURAL E ESPORTIVO GRANDE OTELO – SAMBÓDROMO – EM 2007			
Evento	Área	Dias	Organizador
Janeiro			
Eensaios Técnicos das Escolas de Samba	Pólo Cultural	06, 07, 11, 13, 14, 18, 19, 21, 22, 27 e 28.	Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	09, 16, 23 e 30.	Matel Produções e Representações Ltda
Show do Simple Plan	Arena Skol Anhembi, Setores A e J	20	CIE Brasil Ltda
2ª Corrida e Caminhada Oral-B Prevenção do Câncer Bucal	Arena Skol Anhembi, Pista Integral	28	APCD - Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas
Fevereiro			
Eensaios Técnicos das Escolas de Samba	Pólo Cultural	01, 02, 03, 04, 05, 07, 08, 09, 10 e 11.	Liga Independente das Escolas de Samba
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	06 e 12	Matel Produções e Representações Ltda
CARNAVAL 2007	Pólo Cultural, Palácio das Convenções e Pavilhão de Exposições	16 a 24	São Paulo Turismo S/A
Março			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	06, 13, 20 e 27	Matel Produções e Representações Ltda
6º Spirit of London	Arena Skol Anhembi, Setores J, B, I, H e G, Pista Integral e Dispersão	17	Promoação e Energia 97FM
Abril			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	03, 10, 17 e 24	Matel Produções e Representações Ltda
Skol Beats 2007	Arena Skol Anhembi	03 a 30	B/Ferraz Full Promotion
Mai			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	01, 08, 15, 22 e 29	Matel Produções e Representações Ltda
Skol Beats 2007	Arena Skol Anhembi	04 e 05	B/Ferraz Full Promotion
Campeonato Anual Velocidade Máxima Motor Sports	Pista Integral	27	Kelly Pedrosa
Teste Drive Fiat	Dispersão	30 e 31	Zeta 2 Organizações de eventos

Junho			
Auto Show - Feira de Autos Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E, F, Pista Int., Dispersão	05, 12, 19 e 26	Matel Produções e Representações Ltda
25º Festival de Radio Taisso	Setores B, I e Pista Integral	17	Associação Cultural Esportiva Saude
Julho			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	03, 10, 17, 24 e 31	Matel Produções e Representações Ltda
Ministração da Banda Gospel Hillson United	Arena Skol Anhembi	28	Multiexpress Festas e Eventos
Agosto			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	07, 14, 21 e 28	Matel Produções e Representações Ltda
Setembro			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	04, 11, 18 e 25	Matel Produções e Representações Ltda
Desfile Cívico de 07 de Setembro	Arena Skol Anhembi	07	São Paulo Turismo S.A
Lançamento de Carro Vectra GT Discovery Xperience	Arena Skol Anhembi, Setor E e Dispersão	19 a 23	B2 Eventos Ltda
Outubro			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	02, 09, 16, 23 e 30	Matel Produções e Representações Ltda
7º Spirit of London	Arena Skol Anhembi, Setores J, B, I, H e G, Pista Integral e Dispersão	06	Promoação e Energia 97FM
Direção Defensiva da Fiat no Sambódromo do Anhembi	Setores I, E e F, Pista Integral e Dispersão	08 a 28	Matel Produções e Representações Ltda
Tim Festival 2007	Arena Skol Anhembi	28	Dueto Produções e Publicações Ltda
Novembro			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	06, 13, 20 e 27	Matel Produções e Representações Ltda
Programa para Seleção do Grupo High School Musical Nacional	Setores A, B, I, C, H, D, E e F, Pista Integral e Dispersão	17 e 18	Red Green & Blue Produções e Filmes Ltda
São Paulo MIX Festival	Arena Skol Anhembi	24	MIX FM
Formatura de Sargentos da PMESP	Setores A, B, I, E e Pista Integral	30	Polícia Militar do Estado de SP
Dezembro			
Auto Show - Feira de Automóveis Antigos e Especiais	Setores C, H, D, G, E e F, Pista Integral e Dispersão	04, 11, 18 e 25	Matel Produções e Representações Ltda

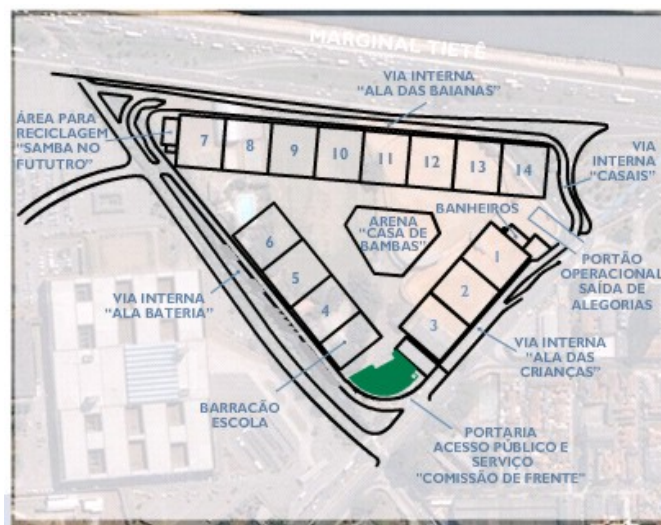
Anexo 4



Localizado a um quilômetro do Sambódromo, o acesso é bastante fácil e rápido. Basta atravessar a ponte da Casa Verde, evitando transtornos no trânsito.



Área para a construção do espaço Fábricas de Sonhos



ACESSO À PONTE DA CASA VERDE

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14

anterior